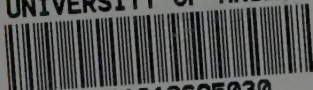


GUILHERME FIGUEIREDO

UNIVERSITY OF ARIZONA



39001012695030

14

RUE
DE
TILSITT

romance

PARIS



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

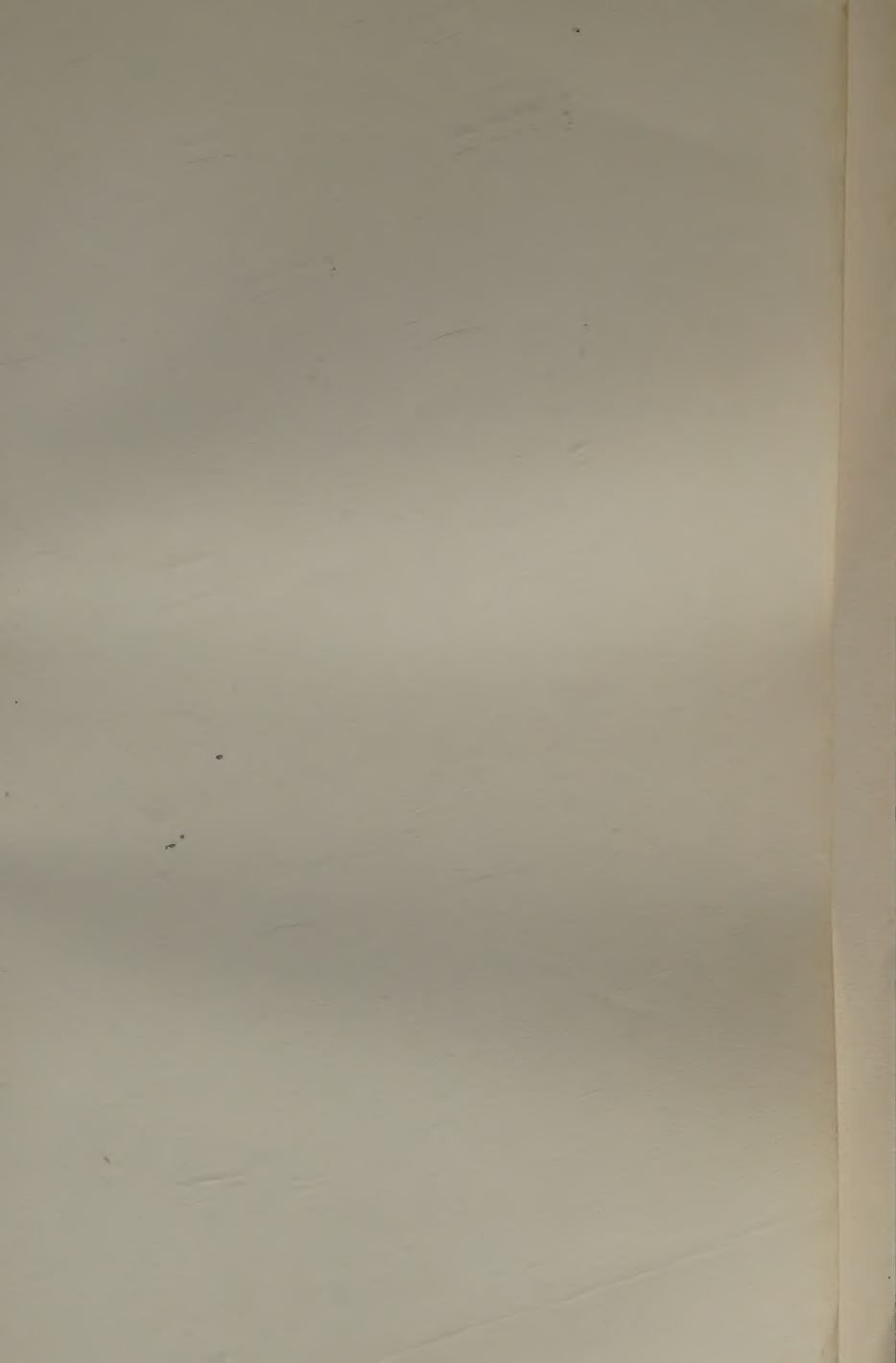
14 TILSITT, PARIS

“— Brinquinho nunca esteve em Paris!”

Ao fazer essa constatação, o Coronel Antônio Ramalho, mais conhecido como Totonho, decide proporcionar ao cãozinho, que o salvou do ataque de uma onça, um passeio pela Cidade Luz. Totonho, cuja fazenda de café, em Campinas, tem a extensão de um grão-ducado, vale-se desse insólito pretexto, disfarçado em gratidão, para matar saudades, ele mesmo, de suas anteriores estadas por Lutécia. E, assim, acompanhado da mulher e de Brinquinho, parte para a França, indo instalar-se à Rue de Tilsitt, 14, para uma nova aventura parisiense.

Esse episódio, que o folclore paulista garante ser verdadeiro, constitui a parte inicial deste novo livro de Guilherme Figueiredo. Quem narra o romance é o cão Brinquinho. Um cão a contar uma história?, haverá talvez quem estranhe. Aos que assim se espantem, convém lembrar o precedente do romance *Djumá*, do *Prix Goncourt* René Maran. Nele o narrador é um cachorro, um cachorro preocupado com os problemas do colonialismo em África.

14 TILSITT, PARIS é um romance crítico. Crítico do comportamento dos brasileiros na França e crítico, também, da conduta dos franceses em relação ao Brasil e aos nossos compatriotas. Guilherme Figueiredo, num certo sentido, atua neste livro tal



14 TILSITT, PARIS

Coleção
VERA CRUZ
(Literatura Brasileira)
Volume 184



F49q Figueiredo, Guilherme, 1915-
14 Tilsitt, Paris: romance. Rio de Janeiro, Civilização
Brasileira, 1975.
279p. 21cm (Vera Cruz, v.184)

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

75-0259

CDD — 869.93
CDU — 869.0(81)-31

PQ
9697
F44
Q3

Guilherme Figueiredo

14 TILSITT, PARIS

romance



civilização
brasileira

Exemplar Nº 2146

DO MESMO AUTOR
NESTA EDITORA:

Xantias — diálogos sobre a criação dramática; *O outro lado do rio* — romance; *Comidas, meu santo* — culinária; *Os sete pecados capitais* — conto, com outros autores; *Os dez mandamentos* — conto, com outros autores; *As excelências* — reportagem; *História para se ouvir de noite* — novela; *Tratado geral dos chatos* — humorismo; *Tragédia para rir* — teatro; *Quatro peças de assunto grego* — teatro; *A raposa e as uvas* e *Um deus dormiu lá em casa* — teatro; *Seis peças em um ato* — teatro; *Tartufo* e *O doente imaginário*, de Molière — tradução.

Montagem de capa:

DOUNÊ

sobre fotos de CARLOS ALBERTO DE SÁ MOREIRA

Diagramação:

CIVBRAS

Direitos desta edição reservados à
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua da Lapa, 120 — 12.º andar
RIO DE JANEIRO, RJ

1975

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

*O fenêtre aux étoiles sous l'Etoile
O triomphe à mes pieds o faim de gloire
O faim de faim o faim d'amour o vide
Des jours glissant sans fin sur ma peau noire!
C'est un nom de fromage et de traité
C'est un toit transpercé par des batailles
Par des noms immortels de généraux
Par le feu du soldat qui ne figure
Pas même dans les pages du botin:
Nombril du monde o rond de solitude!*

JÉRÔME BONNEFOI

Para

PAUL MOUSSET
FÉLIX LABISSE
JEAN ROCHE
RAYMOND CANTEL
FRANÇOIS SERRETTE
HENRI AUBRETON
ANTÔNIO MENDES VIANNA
JORGE MAIA
VASCO MARIZ
HÉLIO SCARABOTOLO

CAPÍTULO

1

A GORA QUE JÁ MORRI, tudo pode ser contado. Mas o terrível das autobiografias é mostrarem quantas páginas faltam para chegar a morte.

O Coronel Antônio Ramalho — Totonho, o nome com o qual se lhe abriam as portas dos bancos e do arcebisado — parou no alto da escada da varanda e olhou a paisagem verde onde pousava o sol. Verde, laranja e violeta, em longas estrias de cafezais mergulhados no horizonte, por entre as estrias de terra escura, e barradas, no alto das últimas montanhas, por um atropelar de nuvens ensangüentadas. Olhou longe, tanto quanto os olhos e as colinas o permitiam; lá, por detrás de uma delas, ainda se viam penachos dos ipês das Sete Quedas; à direita, onde a luz já não penetrava, o mar escuro do matagal desconhecido ainda, mas que as escrituras dos antepassados diziam ser seu, prolongava-se por um município inteiro. Assim havia de ter olhado o primeiro Ramalho que contemplou as costas de Cananéia, o que amou alguma descendente do cacique Arosca, pai de Essomericq, o primeiro brasileiro a pisar

terras da Europa, como Ramalho o primeiro português a divisar terras de Piratininga... Houvesse colonos e Deus lhe desse vida, Antônio Ramalho ainda plantaria ali um milhão mais de pés de café; e quando a estrada de ferro, do entroncamento de Campinas, se estendesse para aquelas bandas, a Fazenda da Samambaia sozinha despejaria os grãos na estação adormecida ao lado dos depósitos e além, em outros depósitos com os quais Totonho sonhava. As suindaras ainda não tinham saído de dentro dos grandes armazéns; mas as andorinhas, folhas de árvores descabeladas, turbilhonavam e desabavam sua chuva sonora em direção ao Largo da Matriz. Nesse instante, pensou Totonho, o Bento, no Clube Campineiro, largava o baralho e ia para a sacada, assistir ao chegar da passara; o sino batia, o som ecoava nas pedras, nos muros amarelos, nos telhados encardidos, nos primeiros odientos arranha-céus que os dominavam; Seu Salles, da Farmácia Salles, acertava o relógio de bolso e se preparava para fechar as portas; o pessoal do Bar Universo, remanescente de outra época numa cidade que se industrializava, começava a chegar, sempre os mesmos fregueses, os mesmos cumprimentos monossilábicos, os mesmos cigarros de palha. A idéia dos cigarros de palha lhe deu vontade de fumar e, mecanicamente, retirou da orelha o que já preparara, bom fumo de rolo de Jundiaí picado dentro da mortalha de milho, lentamente alisada a canivete. Catou o isqueiro de pavio, bateu, acendeu, não sem antes dar um passo à esquerda, para se colocar fora das vistas de Veva, que poderia surpreendê-lo, vinda de dentro da sombra do salão.

Devia ter ido à cidade. Mandara mesmo preparar o tîlburi. Passaria no banco, daria dois dedos de prosa com o Salles, homenagearia os fregueses do Bar Universo com a sua presença, por uns minutos, compraria os jornais vindos de São Paulo e voltaria depois de uma cerveja. Mas, no último instante, deu-lhe um desejo de solidão dentro de seu império. Com as mãos para trás, o cigarro cravado nos dentes por debaixo do nariz vermelho-azul repleto de acidentes corográficos, a gravata frouxa no pescoço de velho mastim e mergulhada no colete entreatberto, viu o sol esconder o seu mundo, dele Totonho, mundão roxo e verde que negrejava e se lentejoulava de vaga-lumes, cidade noturna boiando no ar. Os últimos quero-queros, impertinentes, ainda reclamavam a luz e assustavam os bois, no cercado. As andorinhas retardatárias flechavam, apavoradas, por-

que já era hora do vôo fofo e exato das suindaras. O Americano, touro reprodutor holandês com privilégios de sibarita, mu-
giu antes de recolher e desatou uma saraivada de protestos dos
quero-queros. Na banda norte da fazenda, onde os avós tinham
instalado a capela que ainda abençoava os colonos italianos e
batizava seus filhos, as lâmpadas das casas se acendiam uma a
uma, logo acompanhadas dum trastejo de viola ou do engasgar
duma sanfona, de mistura com o papagaiar dos aparelhos de
rádio.

Fizera bem em dizer ao Amaro que recolhesse o carro. O
ar fresco se impregnava de uma fumaça de estrume de mistura
com a murta do cercado. Debaixo da varanda, no paiol, bro-
tava uma voz confusa, uma só, entrecortada de cacarejos sono-
lentos; era o Amaro que falava com os galos de rinha e os
acomodava nas gaiolas separadas por divisões de folhas de zin-
co, para evitar que se trucidassem. Amanhã de manhã — quem
sabe? — iria à cidade, recolheria notícias e comentários, passa-
ria no banco, assentaria uma luta para domingo, com o Bento,
luta de desforra prometida, desde que o Fernão Dias, galo bran-
co de pescoço rubro e obsceno, fizera o Tião, galo do Bento,
piar de galinha. Uma vergonha. O Amaro preparara bem o
bicho! Massagens nas pernas, fricção de pimenta do reino, li-
mão nos olhos e no bico, afiar de puas pontiagudas... Quando
Bento apareceu com o Tião embrulhado num papel de jornal,
o Coronel Totonho até riu.

— Rindo de quê? Quer botar duzentão? — indagou Bento,
já com a veia da testa inchada, aproximando o rosto triste de
cão d'água.

— Quinhentão, Bento!

Em torno, os aficionados vibraram, entreapostaram. Ama-
ro e Bento soltaram os galos na rinha. Eles se mediram, con-
vulsionados, as penas do colarinho eriçadas, bico contra bico,
olho a olho. Estudavam as alturas, numa mesma linha, baten-
do os pés na poeira, agitando as coxas musculosas, recurvando
as asas para o equilíbrio. Súbito, Fernão Dias lançou-se, penas
no ar, recurvado para alcançar a crista de Tião; e, ao mesmo
tempo, suas esporas bateram nas axilas do adversário. Foi um
golpe só. Tião correu para o fundo da arena, piando e san-
grando. Bento passou ao coronel a nota de quinhentos; depois,
sacou do revólver e ali mesmo plantou uma bala na cabeça
do galo covarde.

— Quero forra! — gritou para Totonho, brandindo a arma.
— Quando tiver um galo que lute, Bento! E agora é conto de réis!

Amanhã acertaria outra peleia. Levaria o mesmo galo, só para humilhar o Bento, dono de maus galos mas senhor de um conhecimento de *poker* que arrancava dinheiro do coronel a cada rodada.

— Como é, Totonho? Não paga para ver?

Era no Clube Campineiro. Em dado momento, a rivalidade estourava; as outras mesas suspendiam o jogo, vinham sapear; os companheiros do *poker* a quatro fugiam, só ficavam os dois inimigos. Bento coçava a calva, olhando a ventarola das cartas, arrumando-as num só maço. Sabia que Totonho usava a prepotência do dinheiro: “pagar para ver” era obrigá-lo a um risco terrível, o de despejar os bolsos na mesa, tudo, numa parada só. O coronel, depois do desafio, inclinava a cadeira para trás, repimpava a barriga, cofiava o bigode amarelo. Bento fungava, sério. Anunciava:

— Dobro.

— Dobra? Você não tem dinheiro pra dobrar!

— Dobro. Completo com o relógio. Patek, de família. Aceita?

— Aceito.

O relógio ia para cima do pano verde, as notas amarfanhadas dos bolsos de Bento, as notas bem guardadas da carteira do coronel. Nem as andorinhas piavam. Bento sussurrava:

— Mostra.

Totonho revirava: trinca e par. Bento soltava as cartas com o rosto impassível de *Spaniel*: *four* de ases. Sensação.

— Você deve ter carta no punho da manga, Bento. Um dia eu te pego.

— Tenho é cabeça, Totonho.

Bento recolhia o dinheiro e o relógio — e ia ver as andorinhas na sacada.

O coronel afirmava: o adversário escondia cartas. E tantas vezes o afirmou, na ausência e na presença de Bento, que a suspeita assumiu ares de verdade.

Um dia, ainda cedo, nem todas as mesas estavam ocupadas no Clube, quando chegou o momento sempre esperado do duelo.

— Vai ou não vai, Bento?

Bento fungou, coçou a calva, assobiou para o alto, falou mansinho:

— Quanto é que você tem no bolso, Totonho?

Era um insulto de pobretão ao ricaço.

— Se faltar para a aposta, tenho livro de cheque.

— Cinquenta contos chega?

— É o que você tem no bolso? Chega.

Bento bateu: três ases, dois noves. Totonho desfiou suas cartas, uma a uma: um dez, uma dama, um valete, um rei — e pinçou adiante um ás. Tudo do mesmo naipe.

— Era o ás que você esperava, não é, Bento?

Bento levantou-se rubro, a veia da testa roxa e alta. Sacou do revólver, o grupo dispersou, em pânico, menos Totonho, que sorria:

— Atira!

O tiro partiu e furou o centro do ás traidor, o ás de espadas que não viera para a quadra salvadora. Tiro perfeito. Totonho bateu no ombro do derrotado:

— Amanhã lhe dou a desforra.

Do alto da varanda, Totonho recordava o revide e sorria, respirando o ar da noite. Deu-lhe vontade de passear, contente consigo mesmo, com a vingança por ele mesmo preparada. Eu, que nunca o acompanhei ao Clube até então, sabia do seu pensamento. Seria capaz de reproduzi-lo, a arquitetura da desforra prepotente.

— Vamos! — disse-me o coronel.

Levantei-me, saí com ele, descí a seu lado as escadas de madeira. Pôs as mãos para trás, atolou as botas na lama fresca da estrada. Mergulhou na noite, passou o jardim ericado de rosas, o curral do Americano, continuou. Recordava: no dia seguinte, Bento estava lá — e estavam todos os sócios importantes, porque a notícia correra, da Farmácia Salles ao *Diário do Povo*, dali a cada casa da Rua Barreto Leme, da Conceição, do Cambuí, da Nova Campinas. Até o Pupo, da Irmandade, avesso a freqüentar o Clube, lá foi mandado pelo vigário, para ver e contar. Surgiu gente da Hípica, mocidade do Tênis Clube. Serviam-se cafezinhos, os parceiros nas mesas se desinteressavam, Bento sapeava aqui e ali quando se ouviu o rolar do tílburí e alguém anunciou: o Coronel Ramalho chegara. De fato, subiu as escadas, soprando um hálito de cardíaco, estacou à porta, indagou:

— Quem joga conosco, Bento?

Dois voluntários se apresentaram para fazer número e complicar a lógica do baralho. Vieram cartas novas. Alguém separou-as; Bento baralhou e o seu jeito de embaralhar era quase prestidigitação, um voar das cartas, uma a uma, de uma para outra mão, seguido de um crochê de dedos e pronto — estava feito o maço. O do lado cortou. Viraram. Era o coronel a dar. Novo corte. Totonho distribuiu as cartas com a melhor perícia. Os voluntários fugiram. O coronel falou:

— Cinco contos.

— Dobro — disse Bento.

— Não vou.

Bento recolheu. Nova mão, distribuída pelo homem à direita do coronel.

— Tudo vai? Quantas?

— Uma! — disse Bento.

O voluntário da direita fugiu.

— Quantas, Totonho?

— Nada.

— Mesa — falou o voluntário ao lado de Totonho.

— Dez contos — falou Bento.

— Dobro.

— Pois eu também dobro — ladrou Bento.

— Não vejo. Leve a mesa. E o baralho.

Bento recolheu o dinheiro, embaralhou, fez cortar, distribuiu. O à sua direita falou:

— Cinco, pra experimentar.

— Que cinco! Dez! — era Totonho.

— Passo.

— Seus dez e mais dez, Totonho — falou Bento.

— Boto outros dez — disse Totonho.

Houve o silêncio. O coronel aconselhou:

— Você vai perder, como ontem. Depois não venha dar tiros.

— Riqueza não me humilha, Totonho. Se eu tivesse uma fazenda igual à Samambaia, botava aí na mesa, para apostar com a sua. Dobro!

As fichas se empilharam. Na falta delas, o dinheiro, catado dos bolsos de um e outro.

— Vejo! — bradou Bento.

Sua testa porejava suor.

O coronel baixou as cartas.

— Par de damas? — interrogou Bento. — Você quis me blefar com um par de damas?

E baixou dois pares, de valete e rei. Recolheu a mesa, pediu café, enxugou a testa.

— Uma última rodada? Com tudo que você tem?

— Dê as cartas — respondeu Bento.

Totonho deu, os voluntários bateram mesa, só para enfeitar o jogo.

— Quantas, Bento?

— Uma.

— Eu também quero uma.

Compraram.

— Baixamos ao mesmo tempo, não é? — ironizou o coronel.

— Baixamos.

Bento baixou com trinca de oitos vinda de mão. Totonho desceu um par de reis.

— Com um par de reis você pediu uma carta só, Totonho?

— Estou no meu direito. Leve a mesa. Você ganhou.

Que deliciosa vingança, essa de perder assim, de propósito, todos vendo que era de propósito, inclusive Bento... Havia de ter compreendido: ganhara porque ele, Totonho, se deixara vencer como um pexote. Uma esmola dada ao inimigo pobre! Ao redor perceberam a afronta; e Bento teve de engoli-la porque aquele era um dinheiro que não podia perder, tudo quanto tinha, pequena renda do sobrado herdado do pai... E que prazer tremendo, o de Totonho, quando passou a mão pelo ombro de Bento, afagando-o com elegância de vencido:

— Eu não sei jogar, Bento. Você é que sabe jogar *poker*.

Recordando-o, enquanto andava por entre as filas de pés de café, Antônio Ramalho sentia o frio da glória: a possibilidade de ser generoso com o adversário e a possibilidade de destruí-lo... Assim também seria na rinha; com uma diferença: levaria um galo paciente, um desses galos sem ódio, que lutam na defensiva, quase a medo; as apostas aumentariam contra o seu galo; e no fim, o animal, numa só estocada, derubaria o de Bento. E ele, Totonho, diria: "Guarde o revólver para ocasiões mais sérias. E crie galos para o *coq au vin*!" Bem que alguns amigos o aconselharam a armar-se, porque o Bento não sabia perder e, à hora da raiva, podia fazer uma

loucura!... Qual o quê! Amizade antiga, do Ginásio Culto à Ciência, de férias de criança na Samambaia, amizade envelhecida que continuaria assim, vida afora, fabricando anedotário para o pessoal do Clube... Nada de sangue, a não ser o dos galos... Imaginem, ele, Coronel Antônio Ramalho, cujos antepassados se entrelaçavam aos bandeirantes, cuja família ali se plantara, amando índias e enfrentando índios, enfrentando febres-amarelas, crises de café, revoluções, e impondo prefeitos, deputados, senadores — a armar-se de revólver por causa duma desavença amigável que servia apenas para espaiar a rotina da vida em Campinas... Armar-se? Nem quando decidiu casar-se com Genoveva, cujo pai, cujos irmãos, os Pereira Rego da Fazenda do Fundão, tão ferozes e tão paulistas quanto os Ramalhos, acharam que não, que Totonho era um estróina, um devasso!

Deveria perder aquela beldade — a jovem mais bonita de Campinas, recém-saída de Itu, bem falante de francês e bem tocante de Madame de Chaminade ao piano — por simples estroinice? Não eram também estróinas os Pereira Rego? Um deles não dançara um *can-can* com francesas, num teatro da Rua da Vala, no Rio, só para mostrar que tinha estado em Paris? Quando Totonho Ramalho, escorraçado pela família vizinha, soube que não lhe dariam Genoveva, apesar dos olhos dela desde criança nos saraus da Baronesa de Ataliba, apesar das aulas juntos, dadas por Madame Gilberte — montou a cavalo e foi ao Fundão, sozinho; galopou em direção à casa, entre os colonos atônitos que suspenderam a peneira do café à sua passagem, apeou, de chicote no pulso, invadiu a sala de jantar à hora do almoço e bradou para a gente ao redor da mesa:

— Coronel Rego, vim aqui pedir a mão de sua filha Genoveva e se alguém disser que não vai ter que jogar o meu cadáver por esta porta!

Aceitou cafezinho e mãe-benta, saiu dali noivo, partiu para o casamento, “essa mútua e cotidiana troca de vinganças”, como costumava dizer mais tarde. Mas a Fundão se incorporou à Samambaia, os descendentes do Coronel Pereira Rego, mudados para o palacete da Avenida Paulista, só apareciam, após a morte do velho, para buscar a partilha dos lucros do café. Nem mesmo quando Totonho ia a São Paulo o procuravam; a não ser quando se tratou de eleger senador um dos Pereira Rego e quando da crise de 1929. Quanto a Veva, cujo

retrato de menina-e-moça, a óleo, se destacava na parede da sala de visitas da Samambaia (uma figurinha de lírio do campo, apertada num espartilho e aureolada dum chapéu de rendas, tudo vindo de Paris), deu de engordar singularmente, da cintura para baixo, a justificar o aviso não seguido do velho Rodrigo Ramalho: “Quando escolheres esposa, olha para a futura sogra!” Ao primeiro filho, os quadris cresceram para os lados; e aquilo que era no retrato um desenho calipígio, vislumbrado através dos debruns da saia, tornou-se um par de nádegas de patacho, quase a trazer consigo a cadeira austríaca quando se levantava, e balouçando ao andar antes tão gracioso. A princípio, essa rotundidade agradou a Totonho, que não desdenhava mulheres descidas de telas de Rubens (e tampouco as de Botticelli); mas o exagero da forma acabou dando-lhe tristeza, e tentou para a esposa um regime de massagens e águas em Vichy, que se prolongavam até Poços de Caldas (enquanto ele fazia negócios em Paris e São Paulo). Em vão. Sentindo que aquelas nádegas comprometiam a opinião sobre o seu gosto estético, permitiu-se esse gênero de pilhérias que parecem pedir desculpas: certa tarde, à porta da Farmácia Salles, na roda de amigos, ao ver Veva grávida, duplamente cadeiruda, passando do outro lado da praça, à caminho da igreja do Rosário, percebeu os olhares dos companheiros; e naqueles olhares havia um riso escondido; então, para perdoá-los e perdoar-se, disse:

— Lá vai Veva, *remplie de moi-même*...

Com o êxito da frase as nádegas de Veva pareceram menores; ou melhor, chamavam atenção de maneira diferente: como se, graças ao marido, o exagero da natureza não mais o conduzisse — e a ela — ao ridículo. Veva continuou arredondando as formas, ajoelhando-se com respeitosa dificuldade diante de Nossa Senhora do Parto, esmerando-se em receitas de cozinha, iscas para ter o marido sempre em casa, e exibindo, quando possível, a pronúncia admirável do idioma francês, que lhe ensinaram as freiras de Itu e Madame Gilberte — e que recolheu cumprimentos em Vichy. Tanto assim que certa ocasião, quando uns franceses visitaram a Samambaia, um deles se espantou com a fluência do francês de Veva: e chegou a perguntar-lhe se ela era francesa, *coup de chapeau* que sempre encanta brasileiros. Veva replicou que pertencia a uma geração paulista educada em francês, com farta leitura de clássicos e românticos; e essa geração, saída de colégios católicos, não sa-

bia rezar senão em francês. Os visitantes se encantaram; um deles, envaidecido, assegurou que Deus ouve melhor as preces em francês, preferindo-as ao latim oficial do Vaticano...

— *Depuis que Rivarol a montré l'universalité de la langue française, le latin est devenu une langue morte!*

Bento, presente, aproveitou para irritar os demais, elogiando a sonoridade da língua italiana.

— Uma língua em que tudo tem que ser dito cantado! — zombou Veva, agitando as nádegas de *chow*.

— A língua do exagero — acrescentou Totonho. *La scarpa sinistra*, a gente pensa que é um precipício de folhetim e é a meia do pé esquerdo!

O hóspede francês possuía teorias:

— *Madame, le français c'est la langue pour parler à Dieu; je vous assure, c'est aussi la langue pour parler aux femmes.*

Totonho concordou com seus botões: jamais ousara murmurar coisas de amor para Veva em francês nos momentos azados: receava que ela descobrisse aí vestígios de antigas lições. Apenas colaborou vagamente:

— *Le francé a de très joli mô!*

Ao que Bento sussurrou para os ouvidos de Totonho:

— Por exemplo: *le mot de Cambronne*.

A essa altura, Veva declamava François Coppée para os visitantes. Os franceses aplaudiram. Arrastaram Veva para o piano e, em coro sem cerimônia, impulsionado pelo *cognac* de Totonho, desfilaram todo um repertório: *Pour un baiser*, *L'Amoureuse*, até rolares para *Les filles de la Rochelle*, em versão expurgada, naturalmente, e, de copos ao alto e olhos úmidos, a *Plaisir d'amour*.

Nessa noite, o francês de Veva e os índios de Totonho contribuíram para vender não pequena quantidade de café aos maravilhados visitantes. Quanto aos índios, lá chegarei.

Aquela associação Samambaia-Fundão & Totonho-Veva solidificou as fortunas, que resistiram à crise, à Revolução de 1930; porque enquanto os Pereira Rego esbanjavam, Totonho multiplicava lucros, na indústria. Teve o faro de perceber que o café, apenas, seria ter no bolso uma moeda só, como o mar-

co alemão desvalorizado depois da guerra; mas associando-se aos industriais, estaria garantido. Na época, criticaram-no:

— Imaginem: o Coronel Totonho associando-se a esses italianinhos!

“Esses italianinhos” eram os Matarazzo, os Lunardelli, os Crespi... Até Genoveva anunciou uma vez, escandalizada:

— A filha do Barão da Pedra Branca vai casar-se com um carcamano!

Um carcamano? Um Giovanetti, capaz de comprar toda a Avenida Paulista! Não, quanto a isto não tinha preconceitos: não eram poucas as italianinhas, filhas de colonos, que arrasara para dentro dos bambuzais, nos tempos de moço... Italianinhas? Pois não houve mesmo a mulata Teté, beleza do Fundão, que apareceu com um mulatinho no colo tão cara de Ramalho que ele exportou mãe e filho para os lados de Mato Grosso?... Preconceito? Bento, seu cordial inimigo, não fugiu para a Itália, quando jovem, metido numa companhia de comédias napolitanas, atrás das saias duma Magari, a lançadora de *Notte sul Mare*? E fizera muito bem: jogou dinheiro fora mas viveu bons anos entre Roma e Nápoles. E os dois filhos do coronel, Tonico e Maria Eugênia, os únicos e últimos rebentos dos Ramalho, não se casaram com italianos? Tonico, é verdade, desapareceu em Paris, até que Totonho foi buscá-lo. Quanto a Maria Eugênia, saíra aos Ramalhos: na hora do seu italianozinho, fincou o pé, brigou, ameaçou, e ameaçou tanto que, quando Totonho reuniu forças para gritar não à filha, ela já estava grávida. O casamento se realizou às pressas, “por motivo de viagem”, e o neto nasceu precisamente de sete meses. O marido recebeu um dote para desaparecer do mapa mediante anulação papal do casamento, um despesão. Depois do casamento de Tonico e da fuga para Paris, o jovem decidiu regressar lentamente, completar lentamente o curso de Direito pelos cafés do Largo de São Francisco, interessar-se numa fábrica de azeite enlatado e instalar uma francesa na Avenida Higienópolis. Maria Eugênia preferiu a Avenida Paulista, cultivou os decadentes Pereira Rego, os tios esbanjadores, frequentou salões, colunas sociais, *boîtes* e descobriu o Robertão. Casou. Lá tinham suas vidas, os filhos de Totonho, vidas em que o pai mal mergulhava, numa ou outra passagem por São Paulo. No mais, reuniam-se uma ou duas vezes por ano na fazenda, a Samambaia-Fundão, grande como um grão-ducado.

— Sólida como a Suíça! — costumava dizer Totonho, com os cofres entupidos como os bancos suíços.

Sólida como a Suíça, com um solo generoso que nem as avalanchas sacudiam e onde frutificava o dinheiro como as ações de suas indústrias paulistanas. Viu muitas fortunas desaparecerem na crise do café, enquanto a dele se multiplicava, acrescentando-lhe novos prédios no Anhangabaú, na Avenida São João, vindos por compra ou pagamento de hipotecas. E enquanto “os outros” (como ele dizia) eram obrigados a degradar-se, do vinho francês ao Chianti, do Chianti aos vinhos de Jundiaí, ele, Totonho, jamais deixara de importar caixas e caixas de *Clos* e *Châteaux*, de *Cordon Rouge* e *Dom Pérignon*, que abarrotavam as adegas dos porões da Samambaia e do solar da Alameda Pamplona. Que diabo! Não tinha do que se queixar, a não ser a falta de juízo dos filhos! E também de uma saudade que lhe vinha n’alma, vez por outra, do Chat Noir, do Moulin Rouge, do Grand Hôtel du Louvre onde suas estadas eram as de um rei. Pobre Bento, colega estróina, envelhecido no *poker* do Clube Campineiro! Só uma vez gozara a Europa, a Itália, atrás da Margari (que a ele, Totonho, custara apenas cem mil-réis no Hotel d’Oeste)! Bento jamais voltou à Itália, e até seu repertório napolitano envelheceu. Um dia, num rasgo de generosidade, lhe pagaria uma nova viagem — pensava Totonho. Assim prometeu várias vezes a si mesmo; mas quando chegava ao Clube e encontrava o amigo-adversário ganhador, tinindo bazófia, transferia o convite para o futuro, com a secreta intuição de que tal convite feriria o outro. Assim pensava, enquanto as botas mergulhavam no barro da estrada. Veva, nesse instante, já mandara acender as luzes do salão; e, não o encontrando, resignadamente se sentaria na cadeira de balanço, ordenando ao mordomo João que esperasse o coronel para servir o jantar. Os vagalumes riscavam entre os arbustos; sapos e grilos dialogavam, longe, no banhado; o luar, um cardume de facas; de vez em quando, assustada com o rumor dos passos, alguma ave batia asas, alto, e grasnava.

Amanhã diria ao Bento, no Clube, diante de todos:

— Você está convidado a ir a Paris comigo!

Ou uma volta ao mundo? Que pasmo geral! E que ódio do amigo! Pensando bem, ele próprio é que desejava rever Paris, todas as Paris que conhecera: a de Mintinguett, a das

cabeleiras à *la garçonne*, a de Damia, a de Chevalier... “É curioso, pensava, eu tenho quase a idade desse velhaco e no entanto ele está sólido e lépido!” Isto porque, força é confessá-lo para si mesmo, de vez em quando lhe vinham uns solavancos de coração, aos quais o médico da família, Dr. Mattoso, com ar de mastim tibetano, respondia com imposições atroz: nada de cigarro de palha, nada de comedorias. O médico fazia pilhéria com os clientes cardíacos:

— Já viajou de avião? Na hora de subir e descer, lembra-se? “Aperte o cinto! Não fume!” É isto que o senhor deve fazer sempre, para prolongar a descida.

Totonho jamais largaria o cigarro e o garfo!

— E sobretudo, coronel, nada de exercícios... como direi?... ejaculatórios!

Tal recomendação, embora amarga, enchia-o de orgulho.. Quantas vezes, ultimamente, para provar a Veva a castidade duma noitada entre amigos, cumpria com eficácia de fim de noite os deveres conjugais? E quantas vezes, em Paris, depois de aturar “esses cabulosos importadores, que não sabem discutir negócios sem *champagne* e licores”, não a enlaçava no enorme leito do Grand Hôtel du Louvre? E note-se que os cabulosos importadores se resumiam numa Mireille de olhos de gata, *beauté du diable* (como ele a chamou) que o obrigava a subir quatro andares de inferno até alcançar o paraíso!

As botas do coronel eram o único ruído na orla da floresta ao lado dos velhos eucaliptos. Dentro da noite borrifada de estrelas podia ver os contornos dos montes, todos seus; a casa da fazenda desaparecera, assim como as luzes elétricas. Seriam umas oito horas, quando as coisas negras começam a catar lâminas de lua e as folhas, no alto, nadam como peixes; estrelas e vagalumes chapinham no mesmo céu e há nas poças d’água um eco de luar. Os tufos de capim redescobrem a umidade perdida durante o dia, o gravatá escancara o lábio vermelho e gargareja o orvalho, que no entanto só virá depois que o crescente encontrar outras pastagens no céu. O silêncio, sem mugidos, sem martelos do sapo-ferreiro, sem gritos dos colonos, lhe dava a sensação de inteira posse daquilo que chamava o seu “grão-ducado”. Dentro desse silêncio encontrava uma afirmação de si mesmo, sentimento que talvez só as estátuas conheçam plenamente: uma certeza da eternidade, uma indife-

rença do próximo, mesmo quando as mijam. Quanto a mim, ia um pouco atrás, servo ignorado, e o deixava filosofar, perdido também nos meus devaneios e cuidando duma fidelidade que ele me retribuía com desdenhosa sobrançeria feudal. Presenti primeiro mas não a tempo de dar o alarma: os ramos se mexeram, súbito, a lua mudou-lhes o entrechocar de espadas, ouvi o ruído de rasgar e de garganta abafada avançar, primeiro suave, logo explodindo; duas manchas de fósforo acenderam e investiram. O coronel bateu a mão nas nádegas, onde trazia o facão, por luxo; a onça pousou uma só vez no chão, quase sem peso, ergueu-se encurvando o ventre elástico, abriu as garras, pousou-as no braço com que ele se protegia. O salto não fora feliz, apenas as unhas da pata direita alcançaram o antebraço que o coronel ofereceu; o animal recuciu; já era possível ver-lhe os dentes e sentir-lhe o odor de urina da boca aberta. Parti contra ele. Não parecia esperar mais de um inimigo mas, ao dar conta da minha presença, a sua mão côncava me buscou para si, agadanhando-me o corpo. Tão grande a dor que apenas gani um som; rolei com a onça irada, evitando suas unhas, suas presas; grudei-me a ela, com ela me enrodilhei como pude e via em torno de mim as suas patas, capazes de me triturar com uma simples carícia. Ouvi o coronel a gritar, e à sua voz se juntavam os rugidos da fera e os meus gemidos; e de repente o bicho parou, em cima do meu ventre: sua carne estremeceu, a enorme cabeça pendeu para um lado, quase totalmente degolada pelo facão de meu amo. Ele me retirou de debaixo do cadáver. Com o braço ensangüentado me puxou, e ao seu sangue misturava-se o da onça e o meu. Arquejando, o coração batendo contra o meu corpo, apalpou-me, abraçou-me, e eu apenas sentia as suas mãos, os seus dedos, já que nada via. Feito um louco, o coronel correu, levando-me ao ombro; seu coração batia cada vez mais; por duas ou três vezes, percebi que queria gritar sem lhe sair som da boca; por mim, eu não era capaz de emitir mais que um gemido ténue. Não sei quanto tempo demorou a caminhada até o portão do curral; só então conseguiu gritar um grito inumano, quase como o da onça; do lado das casas dos colonos agitaram-se luzes e outras tantas apareceram na varanda da fazenda. Havia vozes, muitas vozes ininteligíveis. Amparado, mas sem me largar, subiu as escadas; ouvi Dona Veva acompanhando-o aos gritos e

soluços. Ele atravessou a sala, varou pelo corredor, entrou no seu quarto, desabou na cama, em cima do linho bordado. Aí suas mãos me afrouxaram do seu corpo. Em redor, havia um rebuliço que eu não distinguia; apenas escutava os sons, os choros, as ordens atarantadas. Alguém bradava por um médico; outra voz falava do braço esquerdo do coronel, estraçalhado; outra, a de Amaro, disse:

— Brinquinho vai morrer!

Ao ouvi-la, o coronel retomou fôlego, uivou quase como costumava uivar do alto da varanda:

— Não! Chamem alguém! Chamem um médico!

Nada de extraordinário pedir médico e não veterinário: o veterinário, para a Samambaia, era homem de vir de dia, vez por outra, em serviço de rotina, para atender ao gado; de modo que, pela primeira vez na vida, senti uma espécie de promoção do meu *status*. Ninguém o percebeu: mas todos, ao ouvirem o desejo do coronel de que eu não morresse, trataram de solidarizar-se com a minha vida e de achar os meios mais rápidos de assegurá-la. Antes da chegada do médico — uma boa hora de automóvel, depois do uso do telefone, — foi preciso acudir Dona Genoveva, afinal desmaiada. E me coube a consideração de beber a mesma Água de Melissa reservada aos seus achaques. Enquanto as pessoas mais categorizadas da fazenda acudiam o coronel e verificavam que a onça lhe arrancara um punhado de carne do antebraço, outras, debruçadas pela primeira vez na cama de meu amo, retiravam o sangue que me cobria: o meu, o do coronel, o da onça. Minha orelha direita se estraçalhara assim como o olho do mesmo lado; minhas pernas traseiras, diziam, estavam quebradas. Logo que o coronel pôde articular o acontecido de maneira mais ou menos inteligível, sentou-se no leito, afagou-me com a mão direita (a outra enfaixada numa toalha que se empapava de sangue) e me disse uma palavra que eu nunca ouvira sair de sua boca:

— Obrigado...

Para mostrar mais afeição, continuou:

— Obrigado, cachorrinho...

E, atentando para a injustiça de nem ao menos haver pronunciado o nome de seu salvador, repetiu o que ouvira de um dos presentes:

— Brinquinho... Obrigado, Brinquinho.

Só nesta ocasião, algumas pessoas da fazenda souberam o nome que Luciana me deu.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Uma alegria encontrar um amigo como o Antônio Ramalho, companheiro de Faculdade e de estudantadas no Largo do Arouche, e a quem não via desde que se casou! Antônio fez questão de me convidar para o casório — e fui eu o único dos colegas a merecer tamanha distinção. Depois de tantos anos, cá está, para mostrar a cidade à esposa e para consultar médicos de Vichy.

O casamento de Antônio foi um acontecimento extraordinário: gente de Campinas, de Itu, de Jundiá, de Atibaia, de Moji, de São Paulo se movimentou para ver a aliança de dois impérios do café; meu amigo exigiu minha presença dois dias antes, porque a rapaziada campineira ia oferecer-lhe uma despedida de solteiro em grande estilo, com os primos, o Bento Bastos, os Telles, os Barbosa de Oliveira, os Penteado, os Pompeu, os Camargo, e até um Dr. Ventania, que me foi apresentado na Rua Barão de Jaguará, quando íamos do hotel para o Clube. Tinham uma casa, a da Vicentina, já aparelhada com o *champagne* e convidadas vindas de São Paulo — até mesmo francesas do Armenonville, duas das quais, Thérèse e Mimi, me encarregaram de comboiar e esconder imediatamente na pensão antes que as vissem comigo na Estação ou no Largo da Matriz.

Esse Dr. Ventania (contou-me o Bento) merece registro. Trata-se de um figurão que não é doutor de coisa alguma, é um tipo popular da cidade: suíças, sobrecasaca, polainas, *pince-nez* de aro de ouro e fita preta atando-o à lapela. O *pince-nez* vem desde que decidiu ser doutor em medicina. Porque antes se anunciara como dentista: montou consultório com placa à porta e começou a atender aos clientes, pobres-diabos dos arredores, caipiras, colonos, empregados do comércio. Realizava extrações com alicate e obturava as cáries com papel de embrulhar bombons calcados com um prego. Quando a grita

dos pacientes foi grande, o Ventania desapareceu para os lados de Amparo. Esquecido o escândalo, ressurgiu ele, anos depois, entusiasmado com os balões de Santos Dumont. Anunciou então que inventara uma máquina de voar e iria experimentá-la no Largo da Matriz. De fato, numa tarde de domingo, precedido da Banda Carlos Gomes a rebrilhar metais e surrar taróis, subiu ao alto da torre da igreja, sobraçando uma bicicleta alada; de chapéu mole e cônico à maneira de Santos Dumont, colarinho duro, a sobrecasaca abanando, o Ventania acenou para o povo, esperou o rufar sensacional dos tambores e se lançou no espaço — lançou-se à inexorabilidade da lei da gravitação universal e se estatelou nos paralelepípedos, fraturando o braço esquerdo duma senhora e quebrando ele próprio uma perna e um omoplata. Desapareceu de novo, sem que Campinas deixasse de ser a terra de Carlos Gomes para ser a do Dr. Ventania. Algum tempo mais e reapareceu, já então intitulado-se médico e instalando novo consultório. Diante dos fracassos anteriores, é claro, ninguém o procurava. Até que um dia subiu-lhe escadas acima um sujeito aflito: vinha dos lados de Vila Americana, de charrete alvoroçada, porque a mulher entrara em trabalho de parto e não havia quem a acudisse. Dr. Ventania cobriu-se com a cartola e acompanhou o futuro pai. Na casa do homem, vizinhas papagueavam e se esbarravam, atarantadas; a parturiente, na cama, gemia de tempos em tempos, com os joelhos abertos no ar, coberta por um lençol, e gritava por socorro a cada fluxo da dor. O doutor chegou-se a ela, enxugou-lhe o suor do rosto, disse duas frases de encorajamento, meteu a mão por debaixo do lençol, por entre as coxas da senhora, até encontrar um membro rijo, um pequeno braço; puxou-o, o braço cedeu, quebrou-se na sua mão. Apavorado, ele disfarçou, escondeu depressa o braço no bolso da calça, disse que ia buscar instrumentos e disparou pela rua. Não voltou mais, não teve ânimo de aparecer no consultório, ficou vagando, apavorado. E de repente esbarrou com um dos presentes à casa da parturiente; perguntou, gago:

— Que foi que houve?

— Nada. O senhor não voltou mas a criança nasceu assim mesmo.

— Normal?

— Normal.

Aliviou-se, subiu as escadas precipitadamente, abriu o consultório e meteu a mão no bolso, de onde retirou um cocô que a mulher dera à luz antes do filho.

Com tal passado, o Dr. Ventania mereceria o repúdio geral, se não houvesse aquele grupo de rapazes, decidido a cultivar sua personalidade. Era o testa-de-ferro da patuscada do adeus ao celibatário. E foi ela tão grande, violenta de libações e de sexo que alguns dos convidados não compareceram à igreja, preferindo os travesseiros da Vicentina e os carinhos de suas amigas. Eu fui à solenidade: de fraque, ouvi os comentários da corrida que o Pereira Rego dera no Antônio, anos antes, por causa duma preceptora, e das pazes feitas com a visita do jovem recém-formado, que lhe pedia a mão da filha e firmava a união das duas fazendas, para inveja dos barões campineiros. União desejada de um e outro lado da quilométrica cerca de arame farpado que separava as duas propriedades, permitiu a mistura do gado e dos exércitos de pés de café, o intercâmbio de cães e colonos, a junção das festas de São João que abalavam o município. Fui dos primeiros a cumprimentar os noivos; havia, depois da igreja, recepção no palacete dos Pereira Rego; mas os rapazes preferiram voltar ao Clube onde prolongaram, noite adentro, as celebrações nupciais, já agora em farra de homens com maliciosos comentários sobre o que Totonho estaria fazendo de segundo em segundo. Pois não é que por volta das nove horas surge Antônio, de casaco de uso diário? Ante o espanto geral, confessou:

— Enquanto Veva se prepara, vim ficar um pouco mais com vocês. E para abraçar o Ventania, que não foi ao casamento.

— Não fui porque não me convidaram: eu sou amigo de bar, não de lar.

A cerveja correu farta. Por volta de meia-noite, Antônio se despediu, equilibrando o que bebera. E se foi. Soube depois que bateu à porta da casa dos pais, o sobrado da Praça Luís de Camões. Ao barulho que fez a porta, a mãe veio atender.

— Esqueci a chave, mamãe.

— Meu filho, você casou hoje, não mora mais aqui. Vá para a casa de sua mulher!

Ele lá se foi, trôpego, bater no portão dos Pereira Rego, onde o esperava o sogro, a sogra, em descabelada indignação, e Genoveva, estirada no sofá, soluçando a dor e a vergonha de

ter sido abandonada pelo marido na noite sagrada. Mandamos o Ventania rondar a casa dos sogros e ele só voltou depois de ter a certeza de que as luzes estavam todas apagadas e, expressão sua, "Genoveva chorava diferente". O que causou indignado protesto do Bento:

— Não admito que esse pulha se refira assim à esposa dum amigo!

Por muitos anos não vi Antônio. Agora me apareceu em Paris, logo que soube que eu servia na embaixada:

— Então você é secretário diplomático? Isto deve ser bom e você está por minha conta! Largue tudo e venha!

— E sua mulher?

— Ficou passando uns dias em Portugal com os Condes de Queluz, enquanto eu termino negócios. Paris é nossa!

E começamos por estourar uma *Veuve Clicquot* que Antônio festejava:

— É a viúva de melhor partido do mundo! E continua viúva!

Depois da terceira viúva, decidimos envergar os *smokings* para uma noite inicial no Maxim's. Confesso aqui: estávamos gloriosos! E eu me senti um príncipe, porque os vencimentos de secretário de embaixada, nomeação do Barão do Rio Branco em atenção a meu pai, ainda não me permitiam grandes aventuras. As mulheres, mesmo acompanhadas, nos olhavam, ou assim pensávamos nós; confraternizamos com um grupo de ingleses, cujas esposas queriam ensinar-nos a dançar o *cake-walk*. Terminamos de aprendê-lo de madrugada, no Monte Carlo. Na noite seguinte, com a promessa da continuação da amizade anglo-brasileira, mantida graças ao meu inglês e à mímica de Antônio, novamente o levei a vestir o *smoking*. Quando abriu a porta do quarto do Hôtel du Louvre, Genoveva estava sentada à espera, chegada de Lisboa, com pacotes de ovos d'Aveiro, presente dos Queluz, e um brilho nos olhos. Tive de ajudar Antônio a explicar que andávamos às voltas com uns ingleses importadores de café e, para facilidade de encontros, eu trouxera para o hotel o meu *smoking*; e que Mr. Littlebrown e Mrs. Littlebrown e Mr. Fox e Mrs. Fox ficariam encantados de saber da chegada de Veva. Pouco a pouco ela murchou concordou, assentiu, disse que sim, mandou-me para o *foyer* enquanto se preparavam. E desceram em grande estilo, Veva ansiosa por conhecer os ingleses. Um *huissier* do hotel

surgiu com um bilhete: os Littlebrown e os Fox pediam desculpas a Mr. Ramalho e Mr. Moreira Telles: não podiam encontrar-nos, por motivo imprevisto. (Dez francos na mão dum *huissier* de hotel fazem milagres.)

— E agora? Onde vamos?

— Ao Maxim's, é claro! A nossa mesa ainda está reservada lá. Para seis pessoas.

— Para seis? — indagou Antônio, incrédulo.

— Em seu nome. Os ingleses não hão de ter suspendido a reserva. Lá o *maître* corrige.

Quando chegamos, a mesa de Monsieur Ramalô tinha seis lugares. Antônio me sussurrou:

— Você é um gênio!

— A diplomacia é isto — retruquei.

Veva se deslumbrava e esperava ver ali Cléo de Mérode, a Bela Otéro, Cécile Sorel, contanto que nenhuma olhasse para Antônio.

O Chevrolet do Dr. Mattoso freou com fúria; o médico se precipitou, escada acima, batendo as patas, a maleta preta na mão:

— Que foi? Que foi? Que desgraça!

Abriam passagem. Avançou para o coronel, tentou desembrulhar a toalha. Totonho Ramalho recuou o braço:

— Primeiro ele, doutor.

E me indicou com os olhos arregalados.

— Ele?

— O cachorro. Meu salvador.

Tentavam contar pormenores ao Dr. Mattoso. Pormenores de segunda mão, que o médico mal ouvia.

— Mas, Coronel Ramalho... Eu sou médico! Vamos ver esse braço!

Era um médico tão convicto de sua ciência e tão temeroso do coronel que, se lhe receitasse um purgante, borrava-se todo. Totonho encarou-o quase a lhe cuspir no rosto:

— Que diferença faz, animal, que você trate de outro animal?

Mattoso tratou de ser suasório:

— Está bem, está bem... Mas vamos primeiro ver esse braço...

— Primeiro o cão. Se não quiser perder a clientela.

Mattoso abriu a maleta, inclinou-se sobre mim; antes de sua mão, a mão válida de Totonho me acariciou o ventre, as costelas. E tinha lágrimas nos olhos.

— Vamos, doutor. Salve o bicho.

Meticulosamente o doutor me examinou; com punhados de gaze, retirou o sangue coagulado de meu olho, de minha cabeça; tocou na minha orelha rasgada, pendurada até o pescoço. O coronel contraía o braço ferido de encontro à barriga. O doutor procurou a agulha para costurar-me a sobrançelha. Pediu que me segurassem. Ao fisgá-la, não pude reprimir um gemido.

— Não machuquem! — gritou o coronel.

E veio ele próprio segurar-me:

— Quietos, Brinquinho, quietos!

Gemi novamente, com gozo. Dona Veva, refeita do primeiro susto, pousou a mão no ombro do marido, gesto jamais praticado em público; e ele, com palavras trêmulas, aceitou a carícia, indicando-me:

— Salvou-me a vida, Veva!

Amaro, a um canto do quarto, redesfiava pormenores para os colonos apinhados, muitos dos quais pela primeira vez deitavam os olhos naquele aposento forrado de linhos e mobiliado de jacarandás, maior que qualquer de suas casas. João, o mordomo, trouxe caixas de charuto vazias, que o doutor quebrou, usando as tábuas para entalar-me as pernas. Quando o médico, dado por acabado o curativo, voltou-se novamente para o coronel, este exigiu:

— Falta a orelha!

Faltava a orelha. O Dr. Mattoso tomou-a na mão; dela gotejava ainda sangue no colete de meu amo.

— Tem que ser cortada.

O coronel abraçou-me com mais força; Mattoso desencaovou o bisturi; a agitação cessou e Veva escondeu os olhos no lenço.

— Não se pode fazer nada, doutor?

Talvez pudessem costurar-me, não sei; mas aquele era o momento de vingança do Dr. Mattoso, contra o rebaixamento de sua ciência. Com um golpe, levou-me a orelha. Não doeu

muito. Gemi mais por luxo, por vontade de ser mimado — e também porque pela primeira vez perdia um bocado da minha integridade; consolei-me pensando que a outros, de melhor estirpe, amputam partes mais úteis: testículos, caudas, cordas vocais. A mão de Totonho me consolava. Enquanto o doutor procurava estancar o sangue, inundando-me o focinho de iodo, sugeriu:

— Talvez seja bom cortar a outra. Por uma questão de estética.

De simetria, devia dizer. Era levar longe a raiva da humilhação profissional; mas o coronel veio em meu socorro:

— Estética? Um cachorro precisa ter orelha, pelo menos uma! Para mostrar-se alerta, para chamar a atenção do dono!

Argumento pragmático. Com os outros cães da fazenda, cães caçadores, como a Borboleta, o Tufão, de *pedigree* e comida enlatada, o coronel aprendera que as orelhas são os nossos pontos de exclamação; com elas pomos o dedo nos lábios, em sinal de aviso e silêncio, com elas comunicamos a presença da cobra ou da codorniz; com elas, caídas em sossego, dizemos que tudo é azul e podemos dormir — mas dormir sempre com uma orelha levemente alçada para as surpresas. Pouparam-me a segunda orelha. João quis tomar-me dos braços do coronel e levar-me; o coronel deitou-me novamente em sua cama ensanguentada e novamente me afagou. E disse:

— Agora vamos ao braço, doutor.

Decerto, gostaria de gemer, como eu, enquanto lhe desenrolavam a toalha e o doutor lhe mexia as carnes rotas; a sua dignidade e o meu exemplo o impediam. Contraindo os músculos do rosto, aos afagos de Dona Veva, deixou que lhe cossem os molambos de carne, os empapassem de remédios e os enfaixassem. Eu gemia fino, ao ritmo da respiração, exausto e quase adormecido. O coronel circundou o olhar:

— Muito obrigado a todos. E boa noite.

Puseram-lhe o braço na tipóia. O doutor ajudou-o, por puro servilismo, a ir até o salão, onde Veva ainda contorcia os dedos diante do oratório de santos antigos.

— Traga um conhaque para o doutor, João.

Veio o conhaque, como uma jóia num decantador de cristal, e foi vertido em taças redondas, enormes, apenas umas gotas de ouro ao fundo de cada uma; Dona Veva, desfiando o terço, e o Dr. Mattoso ouviram então a história toda, que

eu também entrescrutava pela porta aberta, para lamber mentalmente os elogios do amo, a exaltação da minha bravura apesar da minha pequenez, da minha nobreza, apesar da minha plebeíce.

— Esse cachorrinho deve ter algum sangue de buldogue, de Dobermann!

Para que lembrar os maus passos de minha mãe, de minhas avós, no momento de enaltecer-me as virtudes? Eu me sentia como se sentiria o Bento se ouvisse o que dele costumava dizer Totonho: “Aquele cachorro!” Quantas vezes, de debaixo da cadeira da varanda, eu contemplava o Bento e lhe uivava mentalmente: “Então, seu cachorro?” E nesse preciso momento, o coronel contava ao amigo: “O Varela fez uma cachorrada comigo...” Semi-adormecido, dolorido, mas babando de carinho e conforto nos linhos de Veva cheirando a alfazema, ouvi o coronel perguntar:

— Não se deve dar nada ao cachorrinho, doutor? Talvez um conhaque...

Era um pedido de receita e ao mesmo tempo uma amabilidade. E Mattoso:

— Não sei se será bom... Afinal, eu não sou veterinário, é a primeira vez que me acontece tratar de um cachorro...

E Totonho, agredindo o dever profissional de Mattoso, pilheriou meio sério, porque aquilo lhe vinha atravessado na garganta:

— Você não tratou do cachorro do Varela, Mattoso?

— Que cachorro? — o doutor não entendeu.

— Que cachorro? O Varela, ele mesmo, que não me pagou trezentos contos que lhe emprestei sem papel, de mão beijada, de homem para homem!

O doutor preferiu receitar: melhor dar-me água, com um calmante.

— Água de Melissa.

Dona Veva cedeu-me um pouco mais da sua, trazida pelo João num prato de sopa. Quando Mattoso se retirou, o coronel determinou que eu dormisse no quarto de Maria Eugênia, sempre fechado e sempre à espera de alguma visita da filha. E, antes de ir até lá, chegou-se novamente à cama. Fechei os olhos, desabei minha única orelha. Ela me afagou com a mão direita:

— Obrigado, Brinquinho...

Pôs o cálice de conhaque na mesa de mármore, sentou-se na cadeira austríaca, ali ficou, olhando-me. Seu olhar, que jamais pousara em mim, aquecia-me agora e nele brilhava uma luz nova, trêmula, de estrela recentemente nascida. Pé ante pé, saiu do quarto, depois de me acolchoar com travesseiros onde se misturavam a lavanda de Veva e o sarro de Totonho. Não apagou a luz. Minha única orelha não pôde captar o que dizia para a mulher, o que ela lhe dizia no quarto ao lado. Depois de adivinhar o rumor do enxergão, o peso do casal, tive a impressão de que Totonho chorava.

De manhãzinha, quando Amaro trouxe o leite das vacas recém-ordenhado, surgiu o doutor no seu carro. Vinha com ele o veterinário. O coronel deixou-se examinar, escutando as considerações do veterinário, aliás mais a respeito da onça que dos ferimentos. Depois, vieram para mim. Dona Veva foi rezar, na capela. Examinaram-me ambos os visitantes e o doutor ouviu que tudo que fizera estava certo — o que não poderia dizer em relação ao meu amo. De São Paulo, os filhos, avisados, telefonaram; e, sabendo que nada de grave acontecera, prometeram aparecer. Depois chegou Amaro, acompanhado de dois colonos, exibindo em triunfo a pele da onça, o focinho ainda arreganhado, quase decepado no pescoço. Diante do troféu, Totonho recapitulou tudo, o rugir da onça, o salto sobre o braço, a minha investida, a minha luta, a sua inspiração de sacar o facão e degolar a fera no momento em que ia triturar-me com um só movimento de mandíbulas. A história me pareceu pormenorizada e nela surgiam comentários puramente subjetivos: o que lhe ocorrera, a ele, e a mim — a minha presença de espírito, minha habilidade de grudar-me ao bicho para lhe evitar as garras, minha esperteza de colocar-me por baixo da fera para que ele pudesse desferir o golpe decisivo. E, em toda a narrativa, eu não aparecia como “ele” ou “o cachorro”, mas com meu próprio nome, Brinquinho, pronunciado pelo coronel como parte do seu mais corrente vocabulário. Com a chegada de Bento e da turma do Clube Campineiro, a história se repetiu com minúcias, novos

entretons psicológicos, da minha psicologia e da do coronel; os ouvintes, fazendeiros experientes, interrompiam a descrição, o que impacientava Totonho — para ilustrá-la com exemplos de outras onças, de outros cães, de outros homens, antologia para onde eu ia deslizando. E essas achegas afluíam a uma só conclusão: eu cumprira o meu dever além do sacrifício canino. Só Bento, o cachorro, ganiu:

— O que o cãozinho fez foi por instinto!

Ouvi e cerrei os olhos à infâmia. Totonho me defenderia:

— Instinto uma ova! Bravura! Bravura e habilidade! E, acima de tudo, amizade, coisa que esse bicho tem mais do que muito homem!

Aceitaram ficar para o almoço. No terreiro, em homenagem à minha bravura, houve uma hecatombe de frangos, que viriam depois da salada, poema de *petits-pois* Félix Potin rolando entre fatias de ovos, alfaces picadas de açúcar, tenros palmitos e espargos. Havia o feijão branco com “tranqueira” e arroz, o queijo e as compotas de marmelo e laranja. E antes, para se esperar a arrumação da mesa e dos frangos, bateu-se um dominó e recontaram-se histórias de caçadas, de homens e bichos, iluminadas a uísque. Veva, de longe, controlava a altura da dose que Totonho se servia. Para a refeição, o coronel mandou vir da adega o seu famoso Pomerol — depois que Mattoso consentiu que o cliente não passasse de um cálice. Todos elogiaram o vinho, menos o Alípio Soares, magro, a apontar o próprio fígado:

— Vocês sabem, eu sou um freqüentador de leiterias...

— Em geral, os freqüentadores de leiterias já foram freqüentadores de bar — sentenciou Mattoso, sob o olhar aplaudidor de Veva.

Bento beijou o primeiro gole e ousou rosnar:

— Está ardido.

— Ardido?

Para o coronel, era um insulto tão grave quanto chamá-lo de covarde. Levantou-se, tomou a rolha, que fora tirada com religiosidade, cheirou-a. Não contente com o próprio faro, ergueu a garrafa à luz do sol, mirou-a para constatar um eclipse; verteu dela um gole num copo limpo, branco; fê-lo dançar, segurando-o pelo pé, para espalhar e descer o líquido nas pa-

redes do vidro, exibindo a cor e a densidade; finalmente, depois de mascar um pedaço de pão, para eliminar do palato os vestígios de gostos espúrios, provou-o no lábio, na boca, na língua, engrolou-o, bochechou-o, estalou a língua e bradou:

— *Merveilleux!* — Dizia *merveiê*.

— Que é que você entende de vinho, Bento?

— Você esquece que eu andei dois anos na Europa...

— Na Itália, bebendo vinho sem raça!

— É possível mas eu não compraria esse Pomerol de coiteira fraca.

— Fraca? Qual o quê! Veja no *Larousse Gastronomique!*

Levantou-se, atravessou o salão, voltou da biblioteca brandindo um vasto livro, que lançou diante de Bento. Afastando o braço metido na tipóia, com o outro virou as páginas, apontou:

— Está aqui, se você sabe ler francês! 1961, *millesime exceptionnelle!*

Bento deu de ombros:

— Não importa o que diz o livro; o que importa é o gosto. Está ruim, para o meu paladar, e pronto.

— Pois saiba: esse vinho foi servido para aqueles franceses que andaram por aqui. Vocês se lembram?

Gostava de contar: recebera a visita dos franceses, recomendados do *Crédit Lyonnais*. Vinham estudar possibilidades de compra de cafés (“Aliás, para uma coisa criminosa: misturá-los com chicórea e com o *robusta* das colônias africanas! Mas o que é que eu podia fazer...”). Totonho tivera de circulá-los em São Paulo, no Jockey Club, no Clube de São Paulo, na Hípica, nas adegas do Yan de Almeida Prado e do Octalles Marcondes Ferreira; os homens queriam conhecer o interior, *les forêts vierges*; talvez tivessem lido Léry ou visto estampas nos cais do Sena; queriam ver índios. Totonho recebeu-os na Samambaia; Veva exibiu-lhes o francês e a arte culinária; a cavalo, visitaram os cafezais, o extenso matagal, onde só tiveram oportunidade de ver uns joões-de-barro e uns periquitos. — *Ce sont des forêts demi-vierges!* — disse.

— Ah, se o raio dessa onça tivesse aparecido naquela ocasião! Qual nada! Os franceses estavam decepcionados; vinham com as cabeças cheias de índios, porque francês pensa que isto aqui é país de índio e fera... Nada: o João andava

de colete listrado e luvas; aqui encontraram louça de Limoges, cristais de Baccarat, tapetes persas, prataria inglesa, Veva cantando *Plaisir d'amour*, o meu Pomerol — que eles acharam igual ao do Grand Véfour, saibam vocês! Empurrei-lhes até doce de coco com queijo de Minas! Depois, junto da lareira acesa, o João serviu um Remy Martin em copos aquecidos. Parecia que estavam na França. Um deles perguntou:

— *Vous n'avez pas d'indiens dans vos domaines, Monsieur le Colonel?*

— *Uí, uí, de tan an tan les andian sont ici...*

— Veva até me botou uns olhos espantados... Mas de repente os cachorros começaram a latir, lá fora... Acho até que o Brinquinho andava entre eles... Havia gritos... Abri a janela, chamei os franceses: no meio do pátio, os índios dançavam, apontavam flechas para a janela, gritavam, pulavam.. Os franceses estavam boquiabertos!

— *Est-ce qu'ils sont féroces?*

— *Sovages, Messiê, sovages!*

— *Des cannibales?*

— *Uí, uí...*

— *Peut-être ils vont attaquer?*

— *Uí, uí...*

— Fui até o armário de armas, escolhi uma Winchester. Um deles me perguntou se Veva não tinha medo, *n'avé pá per*. Distribuí carabinas. Debrucei-me no parapeito, dei uns tiros, um dos franceses também deu, os índios se retiraram gritando. Na manhã seguinte os franceses voltaram para São Paulo, contentes, levando um cocar de plumas de um dos fujões. E eu paguei um conto de réis a cada um dos artistas do circo de Valinhos, que o Amaro tinha ido contratar para servirem de índios, enfeitados de penas de espanador.

Os comensais, apesar de já conhecerem a história, riam de novo e daí por diante acharam que o Pomerol era bom.

— O curioso é que esses franceses, em Paris, contam a história a uma porção de brasileiros que não querem acreditar. Índios em Campinas! Eles mostram o cocar. O dono do cocar me escreveu, pedindo confirmação. Veva respondeu numa carta caprichada, com uma fotografia dos índios, que me custou mais uns contos de réis para o pessoal do circo. Um sucesso!

Fora mesmo um sucesso! Quando os índios despontaram, os cães do canil deram o alarme, eu saí da varanda, corri para eles mas, de perto, vi que cheiravam a tudo menos a índio. Um chegou a ralar: “Passa daqui!” Foi nessa noite que vi o perdigueiro Tufão amar a perdigueira Borboleta, linda, linda... Gemi de ciúme e o cheiro daquele amor não me deixou dormir.

Com o braço na tipóia, erguendo a taça de *champagne* na mão direita, o coronel saudava o Mattoso, o veterinário Agripino, o Bento, os amigos; deu com a minha humilde presença, deitado numa esteira que me estenderam, à porta do salão, balouçou:

— À sua saúde, Brinquinho!

E olhou os convidados nos olhos, como um sueco à hora do *Skol!* Eles beberam à minha saúde. Veva reclamou:

— Totonho, olha o coração!

— Que coração! Depois de ontem, ficou provado, este coração está firme! Não é, doutor?

Mattoso limpou os óculos e sentenciou que o perigo era o abuso.

— Querem tomar café na varanda?

Sugestão de Veva, para afastar o coronel da garrafa.

— Que tal um poquerzinho?

O médico e o veterinário pretextaram afazeres. Cortesmente, este último disse que gostaria de dar uma olhadela no cachorrinho.

— Será que ele pode comer frango, doutor?

Não era prudente. Recomendou leite e a infecta comida enlatada dos perdigueiros. Totonho me afagou. Totonho reclamou que pusessem um colchão para o meu repouso, em vez de esteira. Minhas pernas doíam quando outra vez me examinaram.

— Será que vai ficar aleijado?

Não pensara ainda nisto. Correu-me um frio, do cangote ao rabo.

— Por enquanto nada se pode dizer. É melhor ele não andar, até a retirada das talas.

Para impedir que eu me levantasse, o homem me imobilizou, atando-me mais duas talas no corpo. O coronel assistiu a tudo. Quando o seu médico e o meu se despediram, foi para

o *poker*. Cuspei a espantar uma mosca impertinente, que insistia em pousar no meu olho recoberto de esparadrapo. Afinal, dormi.

Daí então minha vida mudou completamente. Nada de disputar os restos de comida com as galinhas; nem mesmo me ofereciam o *dog's food* servido no canil e que eu recusara; depois de dias de leite, passei a um caldo de carne; João, que me dava pontapés quando eu sujava a varanda, limpava as minhas necessidades com capricho e mudava o forro do colchão. Ganchei um cobertor, pertencente a Maria Eugênia e que servira para sua filha, Luciana, quando pequenina. Tinha o doce cheiro dela. Depois do almoço, Totonho me apanhava no colo, desajeitadamente, por causa do braço enfaixado; levava-me para a varanda, balançava-me na cadeira austríaca e eu adormecia nos seus joelhos. Percebendo que eu não gostava do odor do seu fumo, evitava o cigarro quando me acariciava. E deixava-se ficar longo tempo esfregando-me o ventre e olhando as colinas onde se desdobraram os pés de café. Instalaram um berço para mim. Alguém lembrou que o coronel devia comprar uma televisão, para distrair-se durante a convalescença.

— Televisão? — bradou ele. — Isto é uma lata de lixo que despejam em nossas salas de visita! Prefiro meus discos.

No mesmo dia em que desenfaixaram o braço do coronel, libertaram minhas pernas. Ele não podia mover o antebraço e eu não podia levantar-me — e minha situação afligiu mais a meu amo que a sua. Ambos nos submetemos a massagens, que o médico dava em Totonho e Amaro dava em mim, sob orientação do Dr. Agripino, aproveitando a técnica usada para fortificar as pernas dos galos de rinha. Passei a andar aos tropeções, o coronel passou a poder segurar o baralho. Ele impôs ao veterinário a prescrição de uma dieta especial onde se incluía tudo que eu possivelmente apreciasse, dentro daquilo que ele apreciava. Repartíamos, no almoço, um franguinho, cujos ossos me vinham ainda besuntados de molho de *champignons* ou de queijo ralado; no jantar, eram os ossos da canja seguidos de algum filé de secretos temperos. Já não havia mais o perigo de dormir na varanda, nas noites frias: puseram meu

berço na sala da biblioteca, junto da lareira. Minha perna traseira encurtou-se, o que me imprimiu um ligeiro dengue de garupa ao andar; e assim, à minha simples passagem, como ao levantar de minha única orelha, ou à mais breve mirada que eu lhe desse com meu olho torto, o coronel tinha pena de mim.

Vieram de São Paulo biscoitos americanos, com que imaginava compensar a minha tristeza, resultado de ser aleijado. Não ocorreu a Totonho que essa tristeza se desvaneceria se me deixasse uns tempos no canil da Borboleta. Nada: Borboleta já esperava filhos do Tufão. Um dia Amaro trouxe a pele da onça, curtida. Conservaram-lhe as garras, recoseram-lhe a cabeça, escovaram-lhe os pelos dourados recobertos de pastilhas negras; deram-lhe afogueados olhos de vidro, forraram-na de camurça. O coronel recebeu-a com orgulho. Dona Veva murmurou:

— Dizem que couro de onça em casa dá azar.

— Azar nada! Este dá sorte, não é, Brinquinho?

Levantei a orelha, sacudi o rabo. Colocada a pele perto da lareira, junto à mesa de rodas do serviço de bebidas, instalei-me sobre ela como sobre um leito de minha óbvia propriedade. O coronel apreciou o gesto. Eu apreciei a nova cama, de delicada maciez. E a minha atitude, reclinado no troféu, dormitando em cima dele ou brincando com as suas unhas impotentes, a sua cauda travessa, lembrava a Totonho a noite terrível e a minha façanha. Às vezes eu fingia cochilar; ele entrava, eu apontava a orelha, erguia-me nas patas traseiras; e o quadro que eu compunha deixava-o contemplativo à soleira da porta. Ficávamos assim, namorando-nos, até ele estalar os dedos — e então eu me precipitava, erguia-me, punha as patas à altura de seus joelhos e lhe lambia a mão de São Bernardo. Comovido, afagando-me, ele uma vez falou:

— Eu é que devia lambe as suas patas, Brinquinho.

Tais provas de consideração alçaram o meu prestígio, do salão à cozinha. Além do mordomo, de Amaro e de Eulália, a cozinheira, só eu podia freqüentar as dependências da casa, de onde enxotavam as galinhas mais ousadas. Bastava-me parar diante do fogão, erguer a orelha, esperar, fazer-me notado com um ganido, e Eulália escolhia o naco de suas panelas e o lançava para mim; com o coronel por perto, eu me tornava mais exigente: fitava a cozinheira e ela me punha o naco di-

retamente na boca. Dona Veva, ocupada com suas compotas, suas rezas na capela, suas visitas em Campinas uma vez por semana, também me acariciava. Um dia ousei brincar com o novelo de lã do seu tricô — e ela não reagiu, pois o coronel, na poltrona ao lado, me contemplava com ternura. Quanto a Amaro, esqueceu os pontapés a tal ponto que eu me metia entre as suas pernas pelo prazer de vê-lo desviar com cuidado. Quando chegavam visitas para Totonho — e toda a gente importante da cidade veio felicitá-lo — ele me apresentava a cada um, dizendo meu nome, recapitulando o episódio da onça, já acrescido de outros pormenores e novas considerações. Aprazia-me roer um pé de mesa, para fortalecer os dentes, e foi dada ordem para que ninguém interrompesse a depredação:

— Ele tem algum sangue de *fox terrier*!

Descobriram que eu apreciava os cubos de açúcar com que se servia o café em dias de cerimônia, quando as refeições eram “à francesa”, e me fartei deles tanto que os deixei pelos cantos, para as formigas.

Especial surpresa para o coronel foi uma visita de Bento. Depois dos cumprimentos, estendeu-lhe um jornal, o *Correio do Povo*. Ali se contava a emboscada da onça, a minha luta, a presença de espírito de Antônio Ramalho, o golpe do facão.

— Veja, Brinquinho! Seu nome no jornal!

— E parece que os jornais de São Paulo e do Rio reproduziram a notícia.

Totonho não gostou que o chamassem de “o bravo ancião”. Bravo, sim; mas ancião? Gostou do “digno descendente de uma das mais antigas famílias paulistas” e de “heróico batalhador contra a Ditadura nas trincheiras de 1932”. Quanto a mim, era “Brinquinho, cãozinho da casa, de estimação e sem raça”. Não me entusiasmei com a publicidade, que não atingia o meu mundo, o mundo dos cães. Para o coronel, entretanto, a meia lauda no jornal lembrava os seus velhos tempos de atividade revolucionária, quando deitara discursos contra Vargas e quando instituiu o Batalhão Voluntário Antônio Ramalho, à frente do qual partiu sob aplausos, da Rua da Conceição para Vila Queimada, enquanto Veva se despojava de algumas jóias obsoletas em prol da constituição.

— Veja, Brinquinho!

Queria comunicar-me o seu entusiasmo. Indagou a Bento:

— Quem deu esta notícia ao jornal?

— Eu, Totonho.

— E foi você que escreveu esse “bravo ancião”?

— Há cinqüenta anos, qualquer de nós teria escrito “bravo rapaz”. Mas agora...

— Olhe, Bento: se você se sente ancião, isto é lá com você. Eu, não. Ainda mato uma onça, ainda agüento um litro de uísque, ainda sou capaz de pôr um Ramalho no mundo. Tenho uns disparos de coração, só... Não é, Brinquinho?

Gemi alguma coisa, ele me afagou.

— A mania por este cachorro, Totonho, sabe o que é? Arteriosclerose, da boa!

— Gratidão, isto sim! Gratidão, um sentimento que você não tem nem mesmo quando eu perco de propósito no *poker* para lhe dar uma mesadinha!

— Pois enfie a sua mesadinha naquele lugar!

Bento deu meia volta e desceu a sacada. Totonho me afagou e rosnou em direção a Bento:

— Cachorro!

Durante muito tempo o coronel não foi à cidade. Recebeu visitas, folheou revistas, a coleção da *Illustration Française*, relia algum trecho mais picante do *Bel ami* ou de Eça de Queirós, fazia contas, indagava dos pastos, falava ao telefone com seus procuradores em São Paulo, arrastava Veva para um jogo de paciência e eu me instalava nos seus joelhos. Não que eu me oferecesse, isto não! Ele é que me obrigava a saltar, passava a mão na minha orelha, na cicatriz do olho, na perna capenga. Uma noite, enquanto acariciava minhas costelas, disse à mulher:

— Nunca poderei pagar o que Brinquinho fez por mim!

Que belo sentimento, a gratidão humana! Encostei a cabeça em sua coxa.

Depois do conhaque, foram para o quarto de mãos dadas. Fiquei só. Trotei até a porta, meti o focinho, as patas, raspei, gani. Ouvi a voz de Veva:

— Deixa lá o cachorro, Totonho!

Totonho arrazoou: eu estava traumatizado, não suportava o abandono aos meus próprios pensamentos, precisava de companhia, coitado de mim...

— Vou abrir a porta.

— Agora, Totonho?

A porta se abriu, ele vestia só calças de pijama, Veva estava debaixo dos lençóis. Saltei para a cama, como fazia de manhã, para acordá-lo. Ela murmurou um protesto:

— Totonho...

Ele me afagou, antes de escorregar para os lençóis. E eu vi manobram, de pernas, braços e bocas, entrechocando-se, até se tornarem inertes, taquicárdicos. Nunca me doeu tanto a solidão.

Porque minha solidão era tremenda — e isto meu amor não podia entender. Em vão eu me abraçava à sua perna, quando ele estava sentado, e me esfregava, para lhe comunicar meu pensamento. Me interpretava como se eu quisesse biscoito ou colo. Do canil vinha até dentro de casa um odor que só eu cheirava e me angustiava; às vezes, num ângulo de parede, num moirão da cerca, eu surpreendia esse odor, intenso, permanente, e sobre ele urinava, como a fecundá-lo. Que me importava o calor humano, esse desperdício de carinho ao meu redor e que entretanto não sabiam oferecer entre si? Ah, se ao menos os homens se cheirassem, se soubessem lambar-se, se adivinhassem no ar essa ternura, para a qual têm até um nome, saudade, e que não sabem colher no próximo!... Eu me sentia triste, cada vez mais triste. O próprio tresandar do couro da onça começou a me nausear, misto de produtos químicos e secreção selvagem. Um dia me surpreendi defecando em cima do meu troféu; fi-lo para mostrar o repúdio ao meu próprio heroísmo. Aquele pedaço de pele peluda tornou-se a minha latrina predileta. Freud talvez o explique. Nunca, porém, nunca urinei em cima da onça porque o urinar é o encontro de dois sentimentos iguais, o que os gregos chamavam de simpatia. Urinei, sim, na urina da filha do Amaro, como antes, muito antes, havia urinado no colo de Luciana, que me repeliu, indignada:

— Porco!

Luciana devia ter então uns doze anos; eu não tinha mais de oito meses. Vivia, desde que nasci, ao redor da casa, esquecido, invisível; Amaro levava meus dois irmãos para afogar no rio e mamãe desapareceu acompanhando o cão amestrado

duma carroça de ciganos. Não me mataram também porque Dona Veva recomendou a Amaro:

— Deixa aí um deles para Luciana brincar.

Fui o escolhido, talvez por ser o mais franzino. Não houve decisão, houve separação tácita. Daí por diante, servi para ir buscar a bola que ela lançava, para ser atirado ao ar, para fingir de boneca. Foi Luciana quem me chamou de Brinquinho, porque então eu tinha pêlos fofos e brancos. Mas quase ninguém atentou no nome, a não ser Eulália e João:

— Passa, Brinquinho!

Até que mihei em Luciana e ela não entendeu a homenagem, o que é, aliás, muito feminino. Afastou-se de mim, enojada. Terminadas as férias, voltou para São Paulo. Meus pelos se encardiram, perdi a graça adolescente, rosnei para o antipático Alípio Soares, que tinha cheiro de hemorróidas, mordi a égua do Padre Lourenço e me relegaram para o rol dos ninguéns. Dormia na varanda, com o consentimento e a proibição de ninguém. Eulália, quando deitava restos de comida no galinheiro, ainda tinha alguma consideração, me chamava pelo nome, despejava uns fundos de prato. Nesses restos cultivei gostos requintados: o do *coq au vin* macerado em *bourgogne*, o das costeletas de porco ao limão, e bocados de pão molhado em *sauce béarnaise* e hálito de sarro de Totonho, a sopa de ervilhas onde ainda achava preciosas migalhas de toucinho, o rim ao molho de *Madeira* com um ligeiro odor sensual, e — presente dos deuses dos cães! — o final do *osso bucco*, difícil peça arquitetônica de onde os dentes e a língua extraem sobras de tutano, carne e gordura. Ao lado dessas iguarias — e mais os adoráveis sorvetes, cujos sobejos vinham derretidos e quentes — aprendi o gosto de baratas caçadas, de uma ou outra lagartixa arisca e cultivei o esporte de perseguir ratos dos armazéns de café. Nunca os comi mas era divertido acuá-los, dar-lhes a sensação de liberdade, prendê-los de novo com as patas e os caninos, soltá-los e por fim estraçalhá-los. Esse esporte me conferiu certa reputação nos fundos do sobrado: eu afujentava os ratos, eu era útil. No entanto, além dessa utilidade, nenhuma outra me atribuíram.

Tornei-me personagem duma pequena história quando, por pura implicância e brincadeira, entrei na capela e roubei a almofada em que o Padre Lourenço se ajoelhava diante do altar. Ele, do confessional, viu, arregaçou a batina, disparou

atrás de mim, deixando Veva em meio dum pecado. Fugi para o pátio. Dos degraus do adro, Padre Lourenço me amaldiçoou com as piores palavras que podem sair da boca de um ministro de Deus:

— Cão dos infernos!

Escondi a almofada no fundo do jardim; desplumei-a e suas penas me lembraram o cheiro do falecido galo Vermelho, sacrificado para a elaboração de um excelente *coq au vin*, preparado aliás para o padre. Encarregaram Amaro de me dar uma surra de fivela de cinto. Deu-a sem convicção, certo de que eu nada entenderia do castigo. Gani como pude, Veva confeccionou outra almofada, logo que imolaram outro galo. Contaram a história ao coronel e ele só a lembrou ao relembrar a história da onça e ao associar o ladrão da almofada com o seu salvador, o que lhe deu ensejo de aproximar cães e almofadas para recordar que estão juntos, nos túmulos reais de St. Denis: cães de mármore sobre almofadas de mármore, aos pés das rainhas de mármore, como símbolo da fidelidade.

— Brinquinho, você é um símbolo da fidelidade! Imagine, Padre Lourenço, se o Amaro tivesse matado o Brinquinho? Que seria de mim agora?

Padre Lourenço admitiu que a Providência Divina, ausente no caso da almofada, baixara sobre mim no caso da onça; e tão bem discorreu sobre as virtudes cristãs dos cães, citando o de Ulisses, pagão, o que jaz aos pés de Berta do Pé Grande, e o ultracristão de São Bernardo, chamando-me de abençoado cãozinho, que assegurou forte esmola para os seus pobres. Mas entre o caso da almofada, que me emprestou episódica notoriedade, e o da onça, ninguém mais atentou para mim. Bem que eu me insinuava, acompanhando, a respeitosa distância, o coronel em seus passeios; mas era raro chamar-me com os dedos ou espiar-me a ver se eu estava perto. Sombra invisível, fantasma desprezado, jamais me ofereceram na mão o *dog's food* posto nas mandíbulas do Tufão, da Borboleta. A diferença entre mim e eles é que eu não existia e por isso podia ser livre, mais lobo da fábula do que cão da fábula, sem obrigação de levantar perdizes e sem o risco de apanhar uma carga de chumbo nas costelas.

Tudo mudara, depois da onça. Ascendi socialmente, mas estava triste. E desde que passei a existir, o coronel passou a verificar a existência da minha tristeza, sem saber a que atri-

buí-la. Ele me era fiel como um cão, grato como um cão. E não encontrava maneira de pagar sua dívida. Fartei-me de açúcar, de biscoitos; fartei-me da companhia de meu amo. Já nem mais ia disputar a comida às galinhas: recebia-a na boca. E estava triste.

— Brinquinho está triste, Veva. Não acha?

Veva tinha uma vida parecida com a minha, menos as carícias. Uma vida parecida com a minha antes da onça. Nunca a vi gemer nem ladrar. Nem oferecer o papo à mão de Totonho. Sombra socialmente mais categorizada, hábil na compota de marmelo, submissa a um afago bissexto, eco de uma opinião.

— Está triste, sim.

— Que é que vamos fazer para ele ficar alegre?

Eu escutava, o focinho entre as patas, tentando abocanhar a mosca importuna. A pergunta ficava sem resposta. Veva atacava mais uma vez a conta do terço ou mais um ponto do tricô.

Uma tarde, Totonho levantou os olhos do jornal, olhou-me dormitar a seus pés, ergueu a cabeça, contemplou a parede da biblioteca de onde ressaltavam, emoldurados em tranças de madeira dourada, os retratos paternos, a óleo, o grupo dos filhos e sobrinhos quando ainda se reuniam, em fotografia amarelada, a imagenzinha de Luciana nua aos seis meses de idade, de bruços no sofá, a resplendente Veva do chapéu esvoaçante. Olhou-os, olhou-me, berrou pelo João. Berro tão violento que sacudiu Veva. Ergui a orelha alerta.

— Que foi, Totonho?

— Mande chamar o Quirininho!

— O Quirininho? Pra que você quer o Quirininho?

— Faça o que estou dizendo. Mande chamar.

Veva guardava energia para polêmicas mais árduas. Obedeceu, João foi despachado, trouxe de volta o Quirininho, glória da terra, homem triste, de bigodes tristes, de cabeleira parada triste, de repolhuda gravata triste a saltar do colarinho inspirado e triste. Quirininho adivinhava sempre por que o chamavam. Não seria para o levarem para os lados do Rink ou da Ponte Preta, onde, depois das dez da noite, caçava crioulos inconfessáveis. E era este mesmo o ângulo moral de Quirininho que não o deixava ser freqüentador assíduo das salas de visita. Mas quando se tratava de sua arte, aí, não! Não fora ele o

autor do Campos Salles para a Prefeitura Municipal, do Dr. Guilherme da Silva para a Beneficência Portuguesa, e de um Carlos Gomes soberbo, de corpo inteiro, com que, no centenário do Maestro, a cidade consagrava o seu gênio, no remorso de não o ter socorrido em vida, canceroso, pobre, monarquista por gratidão numa república sem Arte? O sonho de Quirininho era pintar os pais de Ramalho; para sua tristeza, o coronel trouxera de Paris, prontos, o velho Rodrigo de cravo ao peito, e Dona Eulina de mão sobre o missal, obras horrendas na opinião de Quirininho, que dizia e redizia ser capaz de pintar coisa muito melhor! Teria chegado o momento de ao menos pintar a prima Veva?

— Quirininho, meu caro — disse o coronel passando o braço em torno do ombro do artista. — Você vai me fazer um retrato.

— Da prima Veva? Afinal, chegou o dia!

— Não, Quirininho. Do Brinquinho.

E apontou-me no chão. Ergui minha orelha. Quirininho já sabia do meu feito, não discutiria. Mas, considerando o meu olho cambaio, a falta da orelha, a perna rengue, indagou:

— Antes ou depois da onça?

Por outras palavras: se Totonho queria a obra-prima mostrando-me como eu era ou como ficara.

O coronel foi estupendo:

— Durante!

Não seria, então, um retrato; seria a gesta fixada na tela, como as caçadas de Almeida Júnior, os desenhos de Debret, as ilustrações de Biard, o tigre de Rousseau... Um vasto óleo onde, numa clareira de samambaias, de abundantes gravatás, de céu poente rosa sobre o roxo do barro, eu estaria de caninos cravados no pescoço da inimiga! E — claro, claro! — Totonho de facão em punho, sangue no braço, luz nas pupilas, prestes a assassinar a onça assassina! Quirininho, ao ouvir a encomenda, já se via a criar um retângulo de imortalidade, de brasilidade, de fidelidade canina e de bravura sertaneja... Mas passou pela lembrança de Totonho um pormenor, ao ver o entusiasmo de Quirininho: o tamanho da onça no quadro. Certamente, o pintor não a inventaria minguada como uma jaguatirica. Nem Totonho o desejava. Também não podia exigí-la maior que na realidade, ficando ele em modesto tamanho natural. Então, retirou-se da tela:

— Melhor: faça só o retrato de Brinquinho como é hoje.
O que desejo é mostrar minha gratidão.

Quirininho estudou-me, espiou-me num e outro ângulo.

— Melhor de perfil, para não aparecerem os aleijões.

— Ao contrário: de frente, como ele é!

A pedido de Quirininho, o coronel me colocou em cima do sofá. Depois, pensando melhor, mostrou o pêlo curtido do bicho:

— Que tal Brinquinho em cima do pêlo da onça?

Quirininho não achou má a idéia. O coronel novamente envolveu-o com o braço, depois de me depositar no tapete do felino:

— Olhe, Quirininho: faça o tapete um pouco maior. Você sabe, esses couros encolhem muito depois de curtidos.

Quirininho abriu a pasta enorme onde trazia seus papéis. Com um lápis, rabiscou meu esboço, o esboço da onça.

— Ponha o focinho dela mais de frente; e arreganhe-lhe os dentes.

Quirininho obedeceu, mostrou, contente:

— Não está lindo, divino?

Eu estava divino.

Dias depois voltou com a tela começada. Era o seu método. Puseram-me outra vez sobre o tapete, ele plantou um cavalete diante de mim, contemplou-me de longe, pincelou com graça, como quem esgrime, olhou o efeito. Aproximava-se e afastava-se da tela, como num minueto. Aí chegou Totonho, vindo de fora. Parou, contemplou o quadro, clangorou:

— Quirininho, você é um gênio!

Correram melados por dentro de Quirininho. Eu também estufei o peito, como se retratado por Miguel Ângelo — e como se soubesse que Quirininho seria Miguel Ângelo.

— Vem cá, Brinquinho! — chamou o coronel.

Me apanhou no colo, mostrou-me a tela e eu me vi tal como Quirininho me via, tal como Quirininho gostaria que eu fosse visto: divino. Tive ímpetos de ir até perto, cheirar o meu outro-eu para ver se tinha o cheiro do meu-eu: mas de longe mesmo verifiquei a inverdade dos retratos, o desagradável odor de óleo que os desumaniza, os descaniza, enquanto os unge.

— Você merecia ir expor em Paris!

— Ah, quem dera! Impossível! O Itamaraty só manda pra lá esses pintadores de quebra-cabeças! Bem que você me podia arranjar isto, primo, com as relações que tem...

Quem sabe? Tinha um colega de turma, o Moreira Telles, diplomata, que talvez pudesse arranjar...

— Quanto lhe devo?

À vista da promessa, Quirininho, embora sempre necessitado, foi elegante:

— Nada, Totonho. É uma honra ser o pintor das glórias de Campinas.

De qualquer modo, Totonho fez-lhe um cheque. De qualquer modo, Quirininho aceitou. Como retribuir seus amores? Mas indagou:

— E quando faço o retrato da prima?

— Vamos ver... Adeus, Quirininho. Você é um gênio!

Quirininho partiu. Meu retrato, ainda úmido, foi para a parede, em evidência, junto aos dos pais, pintados por Domergue em Paris, *d'après photos*, encomendas de Totonho. E eu já via, num futuro longínquo, o meu focinho vesgo no Louvre, debaixo duma placa dourada: "*Portrait de Brinquinho — José Quirino Junior — Brésil — 1919 —...*"

Quando o Coronel Totonho Ramalho decidiu reaparecer em Campinas, dir-se-ia esperar uma festa. E certamente a teria. Mandou preparar o tílburí, lustrar o Alazão. Por mais que lhe fosse fácil manter vários automóveis caros com *chauffeur*, fazia questão de ir à cidade no carro introduzido em Campinas pelos imigrantes americanos da Guerra da Secessão, fundadores de Vila Americana, ele próprio tomando as rédeas. O automóvel, um grande Ford azul, ficava para as andanças de Veva, dirigido pelo Amaro, que em tais ocasiões se fardava de cinza, botões de metal, grande quepe onde ele batia continências à hora de abrir a porta, requinte de cortesia e disciplina ministrados pelo serviço militar.

O Alazão piafava no terreiro, debaixo da varanda, onde Totonho surgiu de brim novo, chapéu de Panamá, gravata preta, escudinho da Revolução de 1932 à lapela. E bengala! Nunca usara bengala mas, para aquela *rentrée*, percebi-o, queria

dar-se um ar convalescente, como se a onça lhe houvesse abocanhado a coxa e não o braço. A bengala era um recado de ressurreição, uma narrativa muda de toda a luta contra a fera, vestígio da refrega, já que não ficava bem empunhar a faca. De certo, gostaria de levar o braço à tipóia, mas o Dr. Mattoso já o dera por curado. Desceu as escadas batendo o bengalão, treinando-lhe os movimentos; sentou-se na boléia, acomodou o cajado, tomou as rédeas. Do alto da varanda a minha orelha exprimia o meu pasmo.

— Vem, Brinquinho!

Ele me chamava, eu ia com ele! Disparei. Como não haver pensado? Não era eu uma peça, a mais importante, de sua história? Havia de estar com o facão por debaixo do paletó, para brandi-lo ao recontar a façanha, para não acontecer o que lhe ocorrera dias antes quando, no momento de matar a onça diante do Padre Lourenço, gritou para o João:

— João, traga o meu facão!

E enquanto o mordomo foi até o quarto e voltou, a onça da conversa ficou ali, estática, à espera do golpe, e eu por debaixo dela, e quase ela me esmigalha. No Clube, na farmácia, no Banco, ia precisar do facão muito mais do que diante da onça, porque a arma representava já um instrumento literário e teatral, acessório cujos lampejos sublinhavam os rugidos até que o meu salvador salvasse o seu salvador, e enxugasse então a testa, como Aquiles ao fim de um gesto épico e como Homero a imortalizar o gesto de Aquiles. Eu e o facão éramos imprescindíveis. Sentei-me ao lado de Totonho, ergui o focinho e a orelha. Ele acenou para Veva, com o chapéu.

— Vamos, Alazão!

E fomos passear nossas glórias.

Escolhera hora propícia. O Clube regurgitava. O porteiro, ao ver-me, sorriu com admiração e polidez. No primeiro andar, quando meu amo despontou na sala de jogo, as cartas se suspenderam no ar, cessaram as conversas, e logo as mesas foram abandonadas. Vieram os apertos de mão, as palmadas nas costas, as exclamações e, terminada a acolhida, fui apresentado:

— Aqui está o Brinquinho!

Fiz-me catita sob os olhares, encarei um a um com simpatia, como manda a boa educação. Já sabiam que eu tinha sido retratado a óleo, já tinham rido da notícia que provocou dúvidas quando ao juízo de meu amo. O gordo Pompílio, o Pompílio das cerâmicas de Piracicaba, se agachou para me afagar e para dizer, examinando-me os dentes:

— Mas é muito novo! Tem só dois anos!

O coronel nem sabia da minha idade mas achou certo. Examinaram minha orelha, meu olho, minhas pernas.

— Ele já caçou alguma vez?

Totonho não sabia.

— Porque às vezes esses viralatas são excelentes caçadores!

Viralata é a mãe! — disse com meus pêlos.

— Para caçadas tenho os meus perdigueiros. Este cachorrinho não é um cachorro: é um amigo.

Bati a cauda.

No fundo da sala, de costas, voltado para a janela, contemplando as constelações de andorinhas, Bento fingia não ter atentado para a nossa chegada. Não resistiu:

— Por que é que você está de bengala, Totonho?

— Bengala não se usa porque; se usa pra quê.

Risos. Conduziram meu amo para uma das mesas, perguntaram o que ele queria beber.

— Por enquanto, nada. Mas peçam um pedaço de presunto para o Brinquinho.

Deram ordem ao bar. Pompílio, o piracicabense, soubera de nossa história mas gostaria de ouvi-la de viva voz. O *poker* prosseguiu meio mole, porque todos queriam seguir a narrativa, que Totonho começou modestamente, falando dos cafezais, do calor da beleza da tarde, da preguiça de ir ao Clube.

— Se tivesse vindo, nada disto teria acontecido...

Continuou enquanto me traziam as fatias de presunto, num prato. O diretor social interrompeu para declarar: os estatutos proibiam a permanência de animais na sede mas abria-se para mim uma exceção. Fingi não ouvir, os outros riram, polidos, concordantes. Pela boca de Totonho surgiu a onça, bem mais crescida graças aos seus gestos. Estávamos na altura do primeiro rugido, reproduzido com maior violência — e ele aperfeiçoava o rugido de tal maneira que já começava a me fazer tremer os pêlos da garupa. Chegou a hora em que avancei para a fera:

— Que salto! Vocês precisavam ver que salto, que perfeição!

Ai de mim, eu nunca mais saltaria assim!

— No escuro?

Era Bento que voltava da contemplação e aderira ao grupo. Totonho suspendeu o meu salto e, deixando-me no ar, sem peso e sem gravidade, investiu:

— No escuro, sim! Esse bichinho vê no escuro e eu também. Se não fosse assim, não estávamos aqui! Tem alguma objeção?

— Não, nenhuma. Continue.

Totonho continuou mas a interrupção de Bento esfriara a emoção. Para retomá-la, o narrador urrou de novo, um urro extra, não dado pela onça — e tão forte que escondi o focinho entre as patas: um urro do coronel, mais que da onça.

— Teu cachorro ficou com medo, Totonho!

O coronel tirou da orelha o cigarrinho de palha, acendeu-o meticulosamente com o isqueiro de polvoreira e falou para Bento, de dentes cerrados:

— Brinquinho não tem medo de nada. É como eu.

E fixou firme os olhos do outro. Bento sorriu:

— Sou capaz de apostar como ele não agüenta brigar com um dos meus galos!

Houve ohs! de protesto, de dúvida.

— Ora, Bento! Se o cachorro está até aleijado!

Alguns se apiedaram; outros davam razão ao coronel, que ergueu o bengalão para aumentar a eloqüência:

— Pois aposto, que diabo! E é já! Não é verdade, Brinquinho?

E para Bento:

— Vá buscar o seu galo de merda! Eu espero na rinha!

Cessou o *poker*, precipitaram-se todos, contaram-se as fichas, Totonho me tomou ao colo e desceu comigo as escadas, seguido do bando de sócios. Na praça, junto da estátua de Carlos Gomes, a notícia angariou mais espectadores. Subimos no tálburi, Totonho e eu; Bento desapareceu na esquina, em busca do galo. A pé e de automóvel, os freqüentadores do Clube partiram para a rinha, no fim da Rua General Glicério. Quando chegamos, o zelador abriu as portas, acendeu as luzes. Totonho foi gritando: pagava tudo, tudo era grátis — e me acariciou com força, sobretudo as pernas, para ativar a cir-

culação. Sentado no anfiteatro, me olhou; e não sei o que lhe disse o meu olho que ele se agitou, num estremeção; abraçou-me mais, num amor incontido onde havia também despeito, ódio e remorso. Não podia recuar, seria mais covardia sua do que minha. Para mostrar o seu amor associado ao seu orgulho, ia sacrificar-me. Ao pensá-lo, tomou-me pelo focinho e me sussurrou:

— Se você afrouxar, Brinquinho, eu mato o Bento a pauladas!

Bento, que entrava com o galo embrulhado no jornal, parece que ouviu; e para que bem ouvido ficasse, Totonho brandiu a bengala em sua direção. Depois me beijou na testa.

Era um galo vermelho, horrendo, vermelho de rosto de onde saltavam olhos inchados de ébrio, vermelho de crista circuncidada; no alto do pescoço ostentava uma gola de penas rubras e assanhadas como uma flor de espinhos; erguia em ereção um pescoço priápico, congesto de veias; as asas eram curtas e terminadas por penas negras; faltavam-lhe as penas do rabo, de modo que, quando se pôs de pé na areia da rinha, lembrava um diabo mau, esguio, fremindo as coxas encordoadas, batendo os dedos roxos no chão, erguendo as esporas assassinas. Quase ninguém ousava apostar. Totonho perguntou:

— Cinco mil, Bento?

Era este o valor que me dava o homem que me devia a rica vida!

— Cinco! Até que um fuja!

Todos sabiam que Bento não possuía tal quantia. Ele próprio foi dizendo:

— Você sabe que vivo do sobrado, a minha única herança: pois vai o sobrado por duzentos mil!

— Pois dou trezentos! Vai, Brinquinho!

E me atirou na arena como a um cristão. Devia eu perder, dar a vitória ao pobre Bento, trair meu amo ingrato? Com a minha queda, o vermelhão se impertigou. Considerou-me de longe com as pupilas de fogo e sangue; para ele, eu devia ser também um animal vermelho, visto através daqueles olhos. Cocoricou para temperar a garganta, ateando as labaredas das asas com jactância. Perguntei-me se devia latir; temi que o latido, em vez de o apavorar, provocasse risos — e aumentasse a empáfia do inimigo. Bento roía as unhas, Totonho mascava o cigarro. O galo marchava em passo de ganso; se eu

o enfrentasse, saltaria sobre mim, o bico pronto para segurar minha única orelha, ou meu olho, as pernas prontas para me equitar e cravar as esporas nas costelas. Disparei junto ao tablado. Bento gritou:

— Correu! Correu!

Outros gritaram também, vaiando-me. O coronel baixou a cerviz. Corri, é verdade, com o maior esforço de minhas pernas doloridas, corri em circunferência, me lembrei de quando tinha que afugentar as galinhas no quintal para disputar-lhes os restos, bati às patas no tablado, apanhei o vermelhão pelas costas, plantei-lhe os dentes no pescoço e, antes que ele me oferecesse o peito e as puas, bati com sua cabeça nas tábuas, enfiei-lhe os caninos, sacudi aquela máscara malvada, senti seu sangue vir-me às goelas, aos olhos, às narinas. Meus dentes encontraram os ossos do seu pescoço, uns ossos que eu tinha treino de triturar com sabor de molho pardo. Ele se empurrava no chão e eu ia com ele para o alto, cavalgando-o. Quando se agachou mais uma vez para outro corcovo, empastei-lhe os olhos na areia, esfreguei-os rapidamente, como Eulália fazia à milanesa, sacudindo o focinho para um e outro lado. Não teve impulso para o salto: acorrou-se, cego, a gola do pescoço em quarta-feira de cinzas, as unhas procurando apoio no chão. Então, sim: desci de suas costas, arrastei-o como um trapo —e vinha atrás dele uma estria de riscos que o sangue empapava e borrifava. Quando o soltei, deixou-se acomodar, arfante. Sua cabeça era um prepúcio de sangue e terra. Deitou no chão a cara emasculada. Só então lancei-lhe três latidos, menos provocação do que injúria. A platéia vibrou, as mãos se ergueram. Bento, lívido, rendeu-se:

— O sobrado é seu, Totonho.

E meu amo:

— Enfie o sobrado naquele lugar.

Levantou-se, com dificuldade, pois o coração disparava, ultrapassou o tablado da arena, ergueu-me, colocou-me debaixo do seu braço:

— Acho que precisamos dum uísque. Você também, Bento.

Doía-lhe que me tivessem vaiado. O galo ficou lá, tentando piar e gorgolhando sangue. Nem ao menos Bento lhe deu um tiro.

Depois desse evento, a ternura do coronel não me deixaria correr qualquer perigo. Sentia remorsos e queria transferi-los para um sentimento de orgulho:

— Duvidar de sua valentia, hem, Brinquinho? — dizia-me, no tálburi.

E a visão de minha cabeça deformada, a outra orelha desaparecida, o que me daria um aspecto castrado, sacudiu-o num soluço. No bar do Clube fomos recebidos com algazarra e brindes. Alguém chegou a perguntar a Totonho se eu tomava uísque e ele, galantemente, assegurou que beberia por mim. E o fez, em copos seguidos, mexendo o gelo com o dedo, volta e meia rememorando o combate com o vermelhão, ao qual misturava pormenores da luta com a onça — e o seu gesto ao indicar o tamanho da fera cresceu a ponto de lhe vir a idéia de esconder o couro do animal, não coincidente com as dimensões cada vez mais esticadas de seus braços abertos e mais a bengala. Bento também foi cavalheiro: aceitou o uísque, brindou-me, não reclamou a perda do galo, alegrou-se intimamente de que o amigo não lhe cobrasse o sobrado. O porteiro veio anunciar: alguém queria falar ao Coronel Ramalho.

— Faça entrar! Hoje a festa é minha!

Chegou ao bar um mulato de cabelos desencaracolados à gordura, um tanto vexado pela presença de tanta gente. Totonho reconheceu o sujeito do circo de Valinhos, com quem contratara os índios — e deu-o a conhecer a todos. Era o Fininho, fazia de palhaço e domador.

— Então, que é que há? Não me venha dizer que agora tem índios de verdade!

— Não, Seu Coronel, não é isto... É que a onça que o senhor matou era nossa...

— Nossa? De quem? Do circo?

— E nós pensamos que o senhor podia indenizar...

— Indenizar? Por quê? Então uma onça me ataca, quase mata o meu cãozinho de estimação, e ainda tenho que indenizar? O senhor é que me devia indenizar! Veja o meu braço! Olhe o Brinquinho!

Arregaçou a manga, mostrou as cicatrizes, apontou-me.

— É que a onça fugiu mas era mansa, nunca atacou ninguém...

Os amigos, ao redor, já sorriam.

— Mansa? Quem pode dizer se uma onça surgida no meio do mato é mansa? E não foi ela que atacou?

— Provocada, talvez...

Os risos aumentaram. Pensei em ladrar ao mulato que diminuía os nossos méritos.

— O senhor compreende, aqui por estas bandas há muitos anos que não vem mais onça nenhuma...

— Meu amigo: quando uma onça surge eu não pergunto se ela é mansa; e se ela se atira em cima de mim, não há tempo para a pergunta! E agora que sei que a onça é sua, vamos à polícia ver quem paga indenizações!

— Não, coronel, eu não quero ir à polícia porque sei que não vai adiantar nada; mas perder uma onça é um grande prejuízo para o nosso circo...

— Sabe o que mais? Vá para o diabo com a sua onça!

Encabulado, o mulato ia retirar-se. Totonho bradou:

— Veja quanto custa uma onça, que eu ofereço ao circo! Eu, não: Brinquinho oferece!

Fininho desmanchou-se em agradecimentos, entre aplausos. E se foi.

— Então a onça era mansa? — perguntou Bento, sorridente.

— Mansa como o seu galo! E o fato de a onça pertencer a um circo não tira o mérito da coragem do Brinquinho!

— O filho desse mulato metia o braço dentro da boca da onça e nunca aconteceu nada!

— Pois aí está o que me aconteceu! — o coronel brandia o braço. — Vamos embora, Brinquinho!

Voltamos ao tálburi, a incrível velocidade. Chegados, nada contou a Veva; embora dentro dos vapores do álcool, tinha lucidez bastante para ocultar a malvadeza que fizera comigo, a revelação degradante da mansidão da fera. Que eu arriscasse a vida por ele, vá lá; que ele arriscasse a minha vida, a vida do seu salvador, por bravata à minha custa, não lhe parecia sentimento digno de confissão. Consertou na parede o meu quadro. E admitir que a onça era domesticada, que poderia passar-lhe o cinto como uma coleira e conduzi-la para casa, seria negar a nossa jornada heróica. O pior é que, entre a gente do clube, já pairavam desconfianças desse heroísmo, des-

confianças apenas diluídas com a derrota do vermelho... Deitado no couro da onça, eu dormitava, reproduzindo o óleo de Quirininho. O coronel me contemplou até deixar escapar um suspiro:

— Veva, Brinquinho está triste... Que é que eu posso fazer para ele ficar alegre?

Ah, se eu pudesse falar, pediria que ele me devolvesse a minha vida de cachorro, sobretudo a vida de cachorro que eu ainda não experimentara, o amor, o amor que Totonho conhecia e repetia vida afora... Apesar dos protestos tímidos de Veva, que acompanhava sua respiração arquejante, preparou novo uísque. Com passos pesados, buscou um livro na estante do fundo, voltou à poltrona. Deixou-o, levantou-se. Por entre as coleções do *Charivari*, ao puxar um dos volumes, encontrou um fascículo. Oscilante, diante da mulher, ajeitou os óculos, bradou:

— Veja, Veva!

Seria um dos folhetos colecionados pelo velho Rodrigo Ramalho, ou vindos da Fazenda do Fundão quando as duas fortunas se juntaram. Totonho leu: *Recueil des Chansonnettes de Mademoiselle Aimée, Étoile Parisienne à l'Alcazar Lyrique de Rio de Janeiro...* * A famosa Aimée!

— Essa mulher raspou um dinheirão de meio mundo, no Rio! Foi a vencedora do primeiro concurso de beleza realizado no Brasil! Quando voltou para Paris, depois de cantar no Alcazar da Rua da Vala, foi coberta de jóias, os homens choravam no cais, de um lado; e as senhoras de outro lado lhe rogavam pragas!

— Totonho, vá se deitar, você está meio tocado.

— Babavam-se por ela!

— Totonho!

— Machado de Assis escreveu sobre ela **!

— Vá deitar-se, Totonho...

* Rio de Janeiro, Typographie Thevenet & C., Rue d'Ajuda, 16, 1865.

** “Era um demoninho louro, uma figura esbelta, graciosa, meio an-gélica, uns olhos vivos, um nariz como o de Safo, uma boca amorosamente fresca, que parece ter sido formada por duas canções de Ovídio, enfim a graça parisiense *toute pure!*” (Machado de Assis, *Diário do Rio*, 1865.)

— Sabe? Foi com ela que o seu avô dançou o *can-can* no palco! E dizem que cada vez que ia vê-la, botava um anel de brilhante no bico de cada um dos seus seios!

— Totonho, não admito!

Não estava em condições de se incomodar se Veva admitia ou não. Plantou-se, trôpego, diante dela e começou a declamar, lendo do livrinho:

*La Comtesse de Patchouli
Avait un page très joli,
Un jour elle lui dit: Beau Page,
Viens près de moi sous le feuillage,
Gentil roman tu me liras
Puis ainsi me divertiras,
D'mon époux n'crains pas la colère,
Il est parti pour l'Angleterre.*

Cou! Cou!

L'oiseau des maris dit:

Cou! Cou!

Sous le feuillage il dit:

Cou! Cou!

Veva não pôde deixar de rir, inclusive da pronúncia — embora sua rigidez moral repudiasse o gênero. Recompôs-se, falou:

— Vá para o quarto, Totonho! Você bebeu demais!

— Imagine o que não teria bebido seu avô com essa Aimée!

— Totonho!

O coronel continuou, com voz pastosa e pronúncia apau- listada:

*Or, le Comte de Patchouli
Trouvant son page trop joli,
A feint de se mettre en voyage,
Mais il est là!... Sous le bocage:
Derrière nos amants il se tient,
Sans perdre un mot de l'entretien;
Non loin de lui, sous le feuillage,
Chante l'oiseau du mariage...*

Cou! Cou!

— Totonho, mais respeito!

— Ora, na nossa idade, Veva! E além disto você há de gostar de saber o que essa Aimée cantou no colo do vovô!

*Soudain le Comte se montrant,
Dit: J' pourrais vous percer le flanc,
Mais je suis doux par caractère
Et le divorce je préfère.
Or, la Comtesse il répudia
Et le beau page elle épousa;
Le page après son mariage
Entendit-il sous le feuillage:
Cou! Cou!
Messieurs, Mesdames, je n'en sais rien,
Cou! Cou!
Mais entre nous ça s' pourrait bien.*

— Ah, que patuscos!

O recitativo do coronel parou enquanto Veva o contemplava assustada — porque a alegria do marido se desvaneceu no rosto pesado de álcool. Ele andou até a vitrola, pôs um disco. Veva o espiava. Sentou-se. Veio a voz de Joséphine Baker:

*J'ai deux amours,
Mon pays et Paris...*

Um turbilhão invadia as nuvens da cabeça de Totonho... Que imbecis os amigos do Clube, que imbecil o Bento... Madame Gilberte... Mireille... Mimi... Georgette... tantas, tantas desfilavam num carrossel de fantasmas, atirando beijos, final apoteótico do Folies Bergère... O bigode amarelo deu um estremeção, a mão que marcava o compasso no ar parou, Veva saltou:

— Está se sentindo mal, Totonho?

Os olhos dela, aflitos. Não tentou acalmá-la. Olhou-me, olhou meu retrato, os olhos se iluminaram:

— Veva, Brinquinho nunca esteve em Paris!

CAPÍTULO

2

NA SUA *chambre de bonne*, sétimo andar, Jérôme Bonnefoi, poeta martinicano, leitor de Fanon e Malcolm X, compunha ao violão a canção que Rose Martine, do Caveau des Moribonds, lhe encomendou.

*Pour faire une rose, prenez
Le vide qu'elle habitera,
Versez du haut la rosée
De^s pleurs qu'on ne pleure pas;*

*Le jus des yeux verts, les vers -
Luisants des nuits étoilées
Pressez comme dans un verre
Tenu par des doigts de fée;*

*Prononcez un mot d'amant,
Un mot qui soit le premier
Auprès d'une fille à quinze ans,
Volez son fard velouté;*

*Des lèvres, le sang, la peur,
Sa bouche à jamais succée
Et de la fleur de la fleur
Les chiffons de volupté;*

*Massez tout, poudre infinie,
Avant qu' le vent n' l' efface,
Soufflez l'odeur de sa vie
Par le vide trou de glace...*

*Dès qu'elle soit apprivoisée,
Cassez l'univers autour
Et la rose, vous l'aurez
Pour les jamais des toujours.*

Essomericq, filho do cacique Arosca, dominador das terras “entre Cananéia e os lagos do sul”, no dizer da *Relation authentique* do Capitão Paulmier de Gonneville, cidadão de Honfleur, foi, até prova em contrário, o primeiro brasileiro a pôr os pés em terras de França. O documento, mais citado do que lido, substitui as anotações de bordo da viagem do capitão, perdidas nas peripécias de lutas e abandono do barco, ao seu regresso. Gonneville partiu de Honfleur no *Espoir*, levando consigo dois *Portugallois* que lhe ensinariam o caminho das Índias. Ensinaram tão bem que bateu nas costas do Brasil, onde permaneceu seis meses. No ano de 1503. Nessas costas gozou dos privilégios da crença de que os brancos seriam anjos descidos dos céus; os “pobres índios” deslumbraram-se com o tamanho do navio, a artilharia, os espelhos e outras coisas pela primeira vez contempladas; e sobretudo maravilharam-se com uma carta mandada de bordo aos tripulantes desembarcados, milagre de comunicação de vontades.

Por causa da artilharia, Arosca pediu a Gonneville que levasse o filho Essomericq, para o selvagem aprender esse requinte da civilização cristã. Os normandos plantaram uma cruz no chão, alta de mais de trinta e cinco pés; em volta, tocaram tambor e trombetas para celebrar a Páscoa, pois não havia sacerdote a bordo; deram tiros de escopeta e canhões, distribuíram presentes. E um dos tripulantes, o Dr. Nicole Le Febvre, deixou na cruz a inscrição:

HIC SACRA PAIMARIUS POSVIT
GONIVILLIA BINOTUS
GREX SOCIUS PARITER
NEUSTRAQUE PROGENES.

Ao regresso da nave, Arosca *estoit joyeux de ce qu'on vouloit amener son dit fils qui avoit à nom Essomericq*. E deu-lhe por companheiro outro índio, Namoa, morto de “febre maligna” durante o trajeto, na manhã de São Denys (10 de outubro), sem batismo, porque “o dito Senhor Nicole dizia que isto seria profanar o batismo em vão, porque o dito Namoa não sabia a crença de nossa mãe Santa Igreja como devem saber os que recebem batismo tendo a idade da razão”. Quanto a Essomericq, batizaram-no. Ministrou-lhe o sacramento o mesmo Nicole e foram padrinhos o Capitão Gonnevillle e Antoine Thiéry; e, “em lugar de madrinha, tomaram Andrieu de Mare por terceiro padrinho; e ele foi chamado Binot, do nome de batismo do dito capitão”.

Na viagem de regresso, provavelmente à altura da Bahia, os normandos enfrentaram os canibais, os quais levaram para um bosque um pajem chamado Henry Jesanne e mais Jacques *dit La Fortune*, soldado, e Nicolas Manoel, marinheiro — *et furent ces deux pauvres gens perdus, sans leur pouvoir donner confort*. Perdido também e evidentemente devorado foi o douto Le Febvre que, *par sa curiosité dont il estoit plein, s'estoit descendu à terre et fut de tretous regretté, comme méritant meilleure aventure; car il estoit prude, affable et de çavoir*. Desta escapou o nosso Essomericq, tornado Binot. Mas por perto das ilhas de Jersey e Guernesey atacou o *Espoir* o pirata Mouris Fortin, bretão, *déjà condamné par pirateries*. Pôs ele o navio a pique. Os sobreviventes alcançaram Honfleur a duras penas. Quanto ao índio, em Honfleur como em toda parte, era *bien regardé, pour n'avoir jamais eu en France personnage de si lointain pays*.

A *Relation* se produziu justamente porque se perderam os papéis de bordo e para garantia de futuros pleitos em juízo. De fato, a utilidade verificou-se. Enorme. Em 1658 o documento serviu para que os descendentes de Gonnevillle e de sua esposa, a Damoiselle Marie Collet de Boves, fossem reconhecidos como franceses e não como estrangeiros. E isto porque outra dama, a Damoiselle Simone Paulmier, viúva do Senhor Le Doux, Senhor de la Rozière, era nada mais nada menos do que filha do nosso Essomericq, o Binot. Contra ela se alegava a proveniência de pais estrangeiros; o que Luís XIV, por “carta real em forma compulsória”, invalidou, já que Binot Paulmier, *auteur de leur famille en nostre royaume*,

trazido “das Índias” por navio francês e sob promessa de regresso após certo tempo, foi vítima de inadimplemento de obrigação. Permanecendo em França por impossibilidade de voltar “a um país distante”, reconheceu-se sua cidadania francesa.

Um dos filhos de Essomericq, Senhor de Courthoyne ou Courtonne, teve vários filhos, entre os quais Simone Paulmier, casada com Le Doux, Senhor de la Rozière, e Olivier Paulmier, Senhor de Cortonne e de Pommeret, casado com Marie Collet de Boves; deste último casamento nasceu Jean Paulmier de Cortonne, cônego da catedral de São Pedro em Lisieux, sacerdote que em memória de seu antepassado propôs ao Papa o estabelecimento de uma missão de catequese *en pays sauvage*.

Imagino o nosso patrício, não sei se ainda de tanga ou plumas, ou de gibão e rendas, a flunar em Honfleur e Ruão, de onde partiriam à mesma época as mulheres “voluntárias” para povoar o Canadá, como partiriam de Dieppe as primeiras francesas encarregadas de fornecer amor na Ilha de Villegaignon, o Forte Coligny, segundo conta Jean de Léry. Imagino-o a contemplar essas normandas diante das quais, diz um relatório, os soldados que não tremiam diante dos índios iroqueses, “vendo desembarcar aquelas que lhes destinavam para esposas, recuaram apavorados”. No mesmo relatório, a descrição do pavor termina com o comentário: “O heroísmo tem seus limites”. Com uma dessas damas havia de ter casado Essomericq... Só um século depois se escolheriam “cem belas normandas” para serem remetidas às terras que Jacques Cartier deu à coroa da França. Quem consultar hoje as listas telefônicas de Honfleur e Ruão encontrará os nomes dos descendentes de Essomericq.

Em Paris não se encontrou, porém, traço da passagem, na corte de 1528, de Madame Diogo Álvares Correa, *née* Paraguaçu, batizada com o nome de Catarina, não para agradar Catarina de Médicis, mas para adquirir o nome cristão da madrinha, a Senhora Jacques Cartier. Encontrar-se-á mais tarde notícia de quatro *Toupinambours* batizados na França, hospedados nas Clarissas e ali mortos congelados porque *l'air de notre pays ne leur était pas sain*, como escreveu Malherbe. Seis outros patrícios, levados à corte por Claude d'Aberville em 1613, fizeram tal sucesso que inspiraram ao compositor Gautier uma *Sarabande des Toupinamboux*. Foram recebidos nas Tuileries e, tendo um cortesão perguntado a um deles se as mu-

lheres francesas eram mais bonitas do que as suas compatriotas, respondeu:

— Primeiro preciso vê-las nuas para julgar.

Três deles receberam do rei a cruz da Ordem de São Luís. Outros, entretanto, tiveram sorte desgraçada, servindo para serem mostrados em feiras, nus, e pintados *à la mode du pays*.

Muito se escreveu sobre a Fête Brésilienne realizada em Ruão no ano de 1550 e muito se exagerou sobre o aspecto “brasileiro” das celebrações. Eram apenas um episódio das comemorações da chegada de Henrique II à cidade. Foram parte do enorme desfile em que o rei, o delfim, os nobres eram representados por pessoas em carros alegóricos, enquanto no palanque real a corte assistia o desfilar das riquezas que a França ia buscar em seus domínios em todo o mundo.

Era o resultado do “século de ouro” de Ruão. Ressurgida da Guerra dos Cem Anos, cidade portuária e industrial cem anos após a entrada triunfal daquele Carlos VII que a Pucela jurou levar ao trono (a pobrezinha, queimada ali mesmo, na Place du Marché...), Ruão é uma jóia em que o melhor gótico cede lugar à melhor arquitetura renascentista; à famosa catedral, Georges d’Amboise, cardeal e príncipe, opõe a maravilha do castelo de Gaillon; os piratas normandos eram publicamente desautorizados por Francisco I em suas surtidas à Guiné e ao Brasil, em 1531; mas ao mesmo tempo ajudados em suas expedições. O emblema da corporação dos retroseiros em grosso da cidade constituía-se de três navios de ouro com mastros de ouro e a divisa: “Oh, Sol, nós te seguimos por toda a Terra!” Ruão é a sede de fábricas de tecidos de ouro e prata; sua opulência rivaliza com Paris; nos adornos das vigas de madeira, no exterior de algumas de suas casas, viam-se e ainda se vêem entalhes esculpidos: índios colhendo o pau-brasil. Há na Biblioteca Municipal de Ruão um precioso documento da *fête*: *Entrée de Henri II à Rouen*, poema de um bajulador anônimo, com iluminuras e desenhos capitulares de arcos e flechas, a cores, certamente para ser oferecido ao rei. O poema é apresentado ao leitor envolto em veludo verde e com mata-borrões para protegê-lo das patas do consulente. André Pottier o adquiriu em 1838, no leilão do Barão Danvin d’Hodoumont, em Paris; a aquisição foi comunicada a Ferdinand Denis, em carta que se encontra na Bibliothèque Ste. Geneviève, segundo informação prestada pelo Senhor Jean Chazelas à Biblioteca de

Ruão. No manuscrito se vê colado um recibo a Pottler, datado de 7 de abril de 1838, do valor de 1.078 francos e 60 cêntimos. O poema descreve a festança, em pomposos e arrevesados versos, onde Henrique II é comparado a César, a Aníbal, a Hércules, e onde o poeta diz o que o monarca verá no desfile:

*Vous verrez, d'un coeur au votre égal
Faire fuir l'ennemi Portugal,
Autant en fait le pays de Guinée
Pour le remous de ta grand renommée
Sire, il n'est pas jusques aux caniballes
Mais à tous pars avions des loyalles
Ou nous soyons en bonne sûreté
Pour la faveur de votre autorité.*

Segue-se a procissão, que Denis descreveu: carros alegóricos, a Fama, a Fortuna, a Família Real, os Dignitários, os Troféus, as múltiplas Riquezas. Não há, no documento quinhentista, referência ao Brasil — mas há a iluminura onde se vê uma floresta de índios sul-americanos, índios da Guiana e do Amazonas, regiões onde mais aproavam os navegadores de Ruão, Dieppe, Honfleur e Saint-Malo. Os historiadores da cidade guardaram pormenores da festa. De um deles, Henri Fouquet, na *Histoire Civile, Politique et Commerciale de Rouen*, diz: “Ao fim da calçada das Emmurées, antes de chegar ao Sena, o cortejo real encontra de início uma grande área coberta de mato, de árvores pintadas de vermelho e outras ostentando frutos nos seus ramos. A cada extremidade se elevam cabanas sustentadas por troncos de árvores e cobertas de canas. Nos galhos evoluem numerosos papagaios, trepam macacos trazidos expressamente do Brasil. Trezentos homens nus, com peles vermelhas, representam os selvagens dessa região distante, de onde o comércio ruanense faz vir as madeiras de tintura, e cinquenta desses são verdadeiramente originários das margens do Amazonas. Uns lançam suas flechas nos pássaros, outros perseguem macacos; estes balançam-se em espécies de redes suspensas nos galhos das árvores e formadas de fios de algodão; aqueles cortam madeira, levam-na a uma fortificação construída junto do rio, trocam-na com os marinheiros por machados, foices, moedas de ferro; depois, os marinheiros entram por sua vez em suas barcas e transportam-na para um grande navio ancorado em pleno rio e onde se percebem seus canhões pelas ameias

abertas. Mais longe, um outro bando, agachado nos calcanhares, escuta um sábio do país; em seguida, inflamado por suas palavras, ataca uma tribo vizinha; combate-se com o arco, com as maças, e os vencedores incendeiam as aldeias dos vencidos”. Existe na Biblioteca uma gravura onde se vê o rei e seu séquito atravessando uma ponte sobre o Sena, engalanada; a um lado da ponte estão os cinqüenta índios e mais os duzentos e cinqüenta franceses fantasiados de selvagens...

Teria Essomericq vivido o bastante para, quase meio século depois de chegar à França, ter assistido à *Festa*? Teria tomado parte nela? Seus conhecimentos teriam servido ao *metteur en scène* de tão difícil espetáculo? E qual desses cinqüenta índios teve a honra de dialogar com Montaigne e ensinar-lhe a bondade dos canibais? Nada mais se sabe dos índios brasileiros na França; sabe-se, porém, que até hoje preocupam a fantasia dos franceses a tal ponto que receio, ao chegar a Paris, ser tomado por *un chien indien*. Quanto a meu amo, jamais saberá que as gotas do sangue de Arosca e Essomericq de suas veias lusitanas são as mesmas que correm nos descendentes de Paulmier de Gonneville.

O mais difícil foram as providências depois que o Dr. Mattoso aprovou a viagem, mediante um secreto suplemento de honorários e um secreto alívio, e mais a obrigação de convencer Dona Genoveva do bem que Paris podia fazer à saúde de Antônio Ramalho: as licenças, os exames, as vacinas. Quanto ao coronel, tirou a naftalina de antigos sobretudos, com uma alegria de rejuvenescimento, que se exprimia em saltos de dança e o cofiar do bigode diante do espelho (quando Veva ausente). Veva escolheu um guarda-roupa reduzido, a ser substituído e ampliado em Paris. Seguiram cartas para o amigo Lévy, o exportador de vinhos e anjo titular dos campineiros na França: que reservasse aposentos no Hôtel du Louvre de tantas memórias; e desembaraçasse o cãozinho, à chegada, das exigências das autoridades sanitárias. Para evitar perdas de tempo, Totonho se despediu por carta, visitou apenas um ou outro amigo, embebedou uns outros no Clube. Em São Paulo, Maria Eugênia abriu-lhe as portas do palacete, e ali os avós não re-

viram Luciana, cujos quinze anos se entregavam a danças frenéticas. O primeiro marido de Maria Eugênia, o italiano precipitado, depois do casamento do filho (hoje deputado trabalhista, o que fazia o horror do coronel) dera para freqüentar a Hípica, e tanto a freqüentou que largou a mulher por uma inglesa hípica de botas amarelas e casaca vermelha. Um dinheirão para anular o casamento da abandonada, que se dedicou à canastra, às colunas do Tavares de Miranda, até aparecer um Roberto, Robertão Boavida, como era conhecido no Nick's Bar. A união da filha com esse Robertão foi o maior abalo da vida de Veva, com vasto consumo de Água de Melissa, até o nascimento de Luciana. A existência de Luciana impôs o gênero. Veva, mais do que conformada, aceitou uma temporada com eles numa casa que o Robertão tinha no Guarujá e onde as duas filhas do Robertão (de vagos casamentos anteriores) se encantaram com a irmã mais nova. Daí por diante, as alegrias de Veva eram as férias de Luciana na Samambaia. O filho Tonico viu sua italiana engordar como um panetone, dar-lhe uma ninhada de filhos, cinco, que se dividiam em várias atividades: o nascido em Paris era paredro do Santos Futebol Clube; outro, desportista e pescador na Ilha Bela; outro, funcionário da alfândega de Santos; outro, mecânico de automóveis e *playboy* em Interlagos; o caçula, Lúcio, ainda mamando mesadas e prolongando ao máximo um curso secundário no Mackenzie. Gente dispersa, nem ao menos veio despedir-se dos avós. Apareceram os remanescentes dos Pereira Rego, os da Avenida Paulista; um irmão e uma irmã de Veva, o primeiro, Gastão, nomeado em homenagem ao Conde d'Eu, com ponto nos salões do Jockey Club; a segunda, empreendedora de chás de caridade em troca de menções nas crônicas de Marcelino de Carvalho. Esta última, Isabel (em recordação a uma visita que a princesa e o Conde d'Eu fizeram aos Pereira Rego em Campinas, por ocasião da febre amarela), casara-se com um João de Freitas, cuja principal atividade consistia na recepção e conferência da parte dos Pereira Rego na associação Fundão-Samambaia, renda bastante para o campeonato permanente de chás da Avenida Paulista. A minha participação na viagem, mais a insistência do coronel de dizer que eu era o motivo dela, irritou esse clã longínquo. Quiseram conhecer-me; e Maria Eugênia, imprudente, alarmada com o meu aspecto escaleno, propôs trocar-me por um *poodle* digno de passear nos Champs-Élysées, fi-

cando eu, bem tratado, a cuidar da casa do Guarujá. O coronel explodiu, em pleno almoço oferecido pelo Robertão:

— Meus filhos me abandonaram, eu não tenho filhos! Meu filho é este cachorrinho! E se me apoquentarem com conselhos, faço um testamento deixando tudo para uma instituição canina!

A esta voz, pararam de rosnar e minha viagem consolidou-se.

Lavaram-me, escovaram-me, frisaram-me. Pela primeira vez na vida, puseram-me uma coleira com nome, nome de meu amo, número da guia de embarque. Durante o almoço, ouvi Robertão sussurrar à mulher:

— Seu pai não está bom da cabeça. Devemos tratar da interdição.

Não vi Luciana, a que me deu o nome. Tinha um programa de motocicletas, despedira-se dos avós por telefone, para desapontamento de Veva.

As viagens de Antônio Ramalho a Paris tiveram motivos vários: a primeira, aos vinte anos, viagem de moço rico, à custa do velho Rodrigo. Viagem “para desasnar”, para pôr em prática os ensinamentos de Madame Gilberte e das senhoras do Largo do Arouche. Depois outra, após a guerra, para matar as saudades, em lua-de-mel com Veva. E nessa ocasião, Totonho mostrou tais conhecimentos da cidade e tal movimentação nas duas margens do Sena que Veva jurou enjaulá-lo na Samambaia. Uma sorte porque o marido, dedicando-se à fazenda e a aplicar dinheiro nas indústrias, sobreviveu à crise do café e dilatou o império; morrera Rodrigo Ramalho, o governo sustentou o café das duas fazendas, Totonho pôde dar-se ao luxo de comprar imóveis na Avenida Paulista quando outros os vendiam por baixo preço. Com a Revolução de 1932, o perrepisismo de Totonho assanhou-se: criou um batalhão com seu nome, o batalhão mal entrou em combate porque a revolução terminou, o comandante voltou a Campinas um tanto triste e desejoso de receber o castigo do exílio. Será que Vargas se lembraria dele para tamanha homenagem? Para forçá-la, Totonho declarou repetidas vezes, alto e bom som: deixaria no queixo as barbas da trincheira enquanto o ditador estivesse no poder.

A audácia chegou ao chefe de polícia ditatorial de São Paulo e motivou o embarque do coronel, com os demais políticos e militares, para Lisboa. Uma tarde, Veva recebeu na fazenda um telegrama; estremeceu antes de abri-lo, porque pertencia a uma geração para a qual telegrama era sinônimo de má notícia; e caiu em pranto ao lê-lo. Os filhos cercaram-na. Com voz sumida de horror, revelou:

— Meus filhos, seu pai está perdido!

E mostrou o telegrama: *Estou em Paris beijos Totonho*. Paris ia devorá-lo, Veva o sabia. Passada a estupefação, Veva respondeu: *Sigo imediatamente beijos Veva*. Não foi preciso: a ameaça de um mau negócio iniciado pela besta do Gastão o obrigou a regressar às pressas, mesmo sob o risco de ser re-exportado pela Ditadura. Tal não aconteceu porque mudara o chefe de polícia. O coronel desceu em Santos a barba afrontosa. O exílio proporcionara-lhe dois meses entre Pigalle e Saint-Germain. A viagem seguinte nasceu da loucura amorosa do Tônico com a italianinha arranjada durante uma excursão de estudantes, das cartas em que dizia que não mais voltaria. Veva perdeu a discussão: Totonho embarcou para trazer os dois e mais o recém-nascido. A Segunda Guerra impediu que ele regressasse com a lentidão programada. Mal chegado o casal e o neto, a italianinha, Carmela, deu de parir como uma coelha — e Totonho voltou à Samambaia, com as malas repletas de sedas e perfumes para aplacar a cólera da esposa. Daí por diante as escapadas não iam além de São Paulo, a negócios, não mais no Hotel d'Oeste mas no Esplanada e finalmente no palacete da Rua Pamplona, mobiliado de vinhos e sob a guarda dum Ernesto, nortista, garçom-secretário-mensageiro, capaz de saber gelar um *champagne* e desaparecer discretamente.

Durante a guerra sofreu com a queda de Paris, angustiou-se com a invasão alemã, a humilhação da ocupação nazista; e quando Paris foi libertada, festejou com amigos, no Clube Campineiro, e com a nata da sociedade local, na Samambaia, em noite memorável: entouou a *Marselhesa* aos berros, distribuiu foguetes pelos colonos, preveniu o Amaro:

— Se algum desses italianinhos deixar de soltar foguetes, eu o ponho na rua!

Dançou com Veva, com as cunhadas, com os amigos, bradou o repertório de canções de que ainda se lembrava e que Veva ainda tocava ao piano; e no meio delas veio-lhe a imagem

de Mireille. Onde andaria Mireille depois daquele cataclisma? Pensou pedir que investigassem. Mas seria esse mesmo o seu nome? E se uma imprudência alertasse Veva? Melhor ficar quieto.

Nova alegria foi a queda de Vargas. Ao ouvir no rádio a notícia da deposição, saltou para o tálburi, entrou a galope na cidade, galgou as escadas do Clube, afastou os importunos, invadiu a barbearia:

— Ponha isto abaixo! Deixe o bigode!

Os amigos se juntaram para ver a ceifagem do ornamento louro e branco dos queixos de Ramalho; e o que surgiu da limpeza foi um mento vermelho e enérgico, igual ao do pai, e já marcado de um lado e outro por duas rugas. O desaparecimento dos pêlos tornou mais azuis seus olhos e realçou os cabelos grisalhos que lhe encimavam uma pele cor de tijolo lavado, herança de índio tostada ao sol. Admirou-se no espelho enquanto os amigos aplaudiam; aprovou o novo rosto com a sensação de sentir-se mais moço. E regressou à fazenda acordando os colonos aos berros da *Madelon*. Quatro anos depois, Vargas reassumiu a presidência da República; mas Totonho preferiu manter o queixo glabro pois a barba viria lamentavelmente branea. Quando o velho adversário se suicidou, trancou-se na Samambaia, murmurando apenas:

— Agora São Paulo voltou a ser São Paulo.

E no mastro da fazenda mandou hastear, a meio pau, a bandeira paulista, numa galanteria que não deixava de ter seus ares de espezinamento.

Paris rondava o coronel, nas recordações, nos sonhos, nos livros, nas revistas que assinava. “Um homem cultivado deve ser assinante de pelo menos uma revista francesa!”, já era frase do avô, de quem herdou a coleção encadernada da *Illustration* e da *Revue des deux mondes*, frase repetida pelo pai, que lhe legou os álbuns do *Charivari* e de *Paris canaille*, aos quais ele acrescentou números do *Canard enchaîné*. Gostava de repetir outra frase, ouvida de Dona Olívia Penteado: “Quando começo a gostar das vitrinas da Casa Mappin, sei que é hora de ir a Paris”. Nos livros de estampas, matava e alimentava a saudade, contemplando a Torre Eiffel embandeirada ou a Place Fürstenberg sob a neve, as luzes da Place Blanche — e ali se via enveredando pela porta dos Naturistes. Na vitrola, a coleção de velhos discos fanhosos, desde o Caruso cantando *Pour*

un baiser, acrescentara outros, a marcar cada período parisiense. Veva acomodou-se àquela paixão — e tinha apenas o prazer maldoso de, vez em quando, corrigir os erros de francês do marido, impondo a pronúncia do colégio de Itu, onde lera Lamartine (expurgado) e aprendera o plural das palavras em *ou*. Nos primeiros tempos de casada, quando o marido entrava em crise parisiense, costumava dizer-lhe:

— Você devia ter casado com uma dessas francesas do Ba-Ta-Clan, como fizeram tantos paulistas!

— Imagine seu avô casado com a Aimée!

— Talvez fosse mulher para você!

— No tempo de seu avô eu não era nascido. Mas nós todos temos um fraco pelas francesas. A primeira aventura amorosa do príncipe Dom Pedro, recém-chegado de Portugal como um galego *al primo canto*, foi com uma francesa. Houve tempo em que a Rua do Ouvidor era chamada a Rue Vivienne do Rio; de qualquer negócio atrapalhado se dizia que era um negócio “afrancesado”. E só muito depois as francesas foram substituídas pelas polacas.

O que não contava à esposa é que em sua mocidade se falava francês no Armenonville, *rendez-vous* de quartos recobertos de espelhos, e mesmo nos *rendez-vous* da Rua Guaianases. Achava graça na significação brasileira da palavra, a ponto de sorrir toda a vez que queria *prendre un rendez-vous* com um homem de negócios em Paris. O seu francês tinha muito do que Madame Gilberte lhe dera em aulas conjuntas e particulares e por isso gostava de dizer no Clube, quando a conversa chegava a tais assuntos:

— Um homem cultivado deve saber francês; e para saber francês tem que botar uma francesa no colo.

No seu entusiasmo pela ação civilizadora da França, via as francesas, nos quatro cantos do mundo, como missionárias do *savoir-faire*: ensinam como mordiscar um *marron glacé* e uma orelha, com que garfo se espeta o camarão, o que e como vestir, quando despir, que vinho vai com tal peixe e tal carne, que se deve dizer antes, durante e depois da carne. Para ilustrar a tese, terminava sempre com um fato:

— Uma vez, no Grand Véfour, eu estava lá e entrou Colette, a romancista...

Não, Veva não podia estar gostando daquela viagem, justamente porque Totonho se entusiasmava demais. Municiou-se

de vidrinhos de Coramina e Papaverina. E pediu ao Dr. Mattoso que amedrontasse Totonho. Ao contrário, o Dr. Mattoso achava excelente a idéia da viagem:

— Vai fazer-lhe um grande bem, coronel!

O avião partiu. Lá fui eu nele, dentro do meu engradado.

Jérôme Bonnefoi rimava o seu amor para Rose Martine, do Caveau des Moribonds:

*C'est difficile d'être rose
Parce que
C'est un' question sans des becauses,
Parfumée.*

*C'est bien méchant d'être une rose
Car tu vois
Que par tes ongles tu me poses
Des pourquoi.*

*C'est inutile d'être rose
Restant là
En attendant qu'on y repose
Des yeux las.*

*Un'rose gît, lèvres cryptique
Contre l'herbe
Comme une erreur typographique
De Malherbe.*

*Et du moment que, pour te plaire,
Je te soumets à ma poésie
Tu deviens rose littéraire
Fanée dans les anthologies.*

Não vou falar do odor de gasolina e inseticida por toda a noite, a bordo do avião, nem do que o aeromoço julgou ser

comida especial para cães. Quando me livreí desses odores, estávamos no aeroporto e, graças às diligências do prestimoso Lévy, facilitaram o meu desembarço e, em poucos minutos, um caleidoscópio de luzes espocava ao redor. Aos cheiros do avião substituíam-se mil cheiros indefiníveis no ar frio, e mil diálogos, mil carrinhos de bagagem se entrechocavam, e mil pernas, nuas e vestidas, quase a pisar-me, e mil olhos surpresos com o meu focinho e o meu andar de *chien etruffé*. O coronel respirava fundo, aprovava Orly; Veva queixava-se do cansaço. Lévy cometera a indiscrição de falar da chegada dos Ramalho; por isso havia também um secretário de embaixada à espera, com os cumprimentos do embaixador, transmitidos enquanto se providenciavam as malas, os passaportes, os automóveis (o de Lévy e o do secretário), no primeiro dos quais me instalei com relutância porque, antes de me agasalhar nas pernas do coronel e no seu capotão preto, atraía-me certo odor diurético vindo de um dos bancos do salão térreo. Não houve tempo para homenageá-lo: a correia que me prendia à coleira arrastou-me; mas vi, entre as pernas da multidão, uma cadeliinha branca, tosada, com gola de pêlos como um *Pierrot*, botas iguais, coberta por um *plaid*, um focinhozinho arrebitado e negro, a desaparecer longe, levada pela dona. Ama e aia desprenham o mesmo perfume, rastro de nuvens paralelas, estonteantes.

Paris se aproxima pelos odores, estranho vento de primavera. Para falar deles, me veio à lembrança uma coleção de panfletos, assinados por um Louis Veuillot, jornalista católico e realista dos tempos de Napoleão III. Eram propriedade do Cneu Pereira Rego, o pai de Veva, monarquista que sonhou um dia chegar a Barão do Fundão. Pois não havia o Barão de Campinas, o Barão de Ataliba, o Barão de Resende? A tentativa do baronato viera quando o Imperador visitou Campinas; tornou-se maior quando a Princesa Isabel e o Conde d'Eu se hospedaram no Fundão, por ocasião da febre amarela e de certos namoros do Rodrigo Ramalho com os assinantes do manifesto republicano de Itu. Data mesmo daí o início da picuinha de Regos e Ramalhos; Rodrigo, apesar dos assanhamentos republicanos, sonhara hospedar os príncipes e, depois que estes se foram, deitou falação no Clube Republicano e passou a se referir ao "Bananal do Pedro Banana", evidente alusão à Fazenda do Fundão e a Dom Pedro II. Daí por diante, Fundão e

Samambaia só faltaram cavar trincheiras, briga que mais se acirrou quando entre duas baronesas, a de Resende e a de Ataliba, houve também feia desavença que Mademoiselle Alex, a primeira poetisa pornográfica do Brasil, glória campineira, pseudônimo de Dona Alexandrina, irmã do Dr. Guilherme Alves da Silva, glosou nestes versos camonianos:

*Estava a baronesa em bom sossego,
Do seu cobre gozando o doce fruto
Naquele engano d'alma ledó e cego
Que a fortuna não deixa durar muito;
Mostrando ao seu ex-genro imenso apego,
Sem ocultar qual era o seu intuito,
Pois dizia aos parentes e às vizinhas
Que queria o rapaz pra Mariquinhas.*

*De outros belos senhores sem riquezas
Também o ex-genro os tálamos enjeita
E pra viver bem livre de despesas
A morar com a ex-sogra se sujeita.
Vendo essas requintadas gentilezas
Certo Barão sisudo, que respeita
O murmurar sem fim e a fantasia
Da esposa que ser sogra já queria,*

*Tirar o genro à outra determina,
Embora ela o tivesse já bem preso.
E sendo a esposa esperta e bem ladina,
Conseguiu ver do amor o fogo aceso!
Que furor que sentiu triste e mofina
Aquele que sofreu um tal desprezo
E, estando assim a guerra alevantada
Entre gente tão alta e afidalgada,*

*Com as armas, os Barões assinalados
Que amaram tanto o filho de Donana
Por mares nunca dantes navegados
Foram levar pra longe a trabuzana.
De perigos e enjões descuidados
Lá se foram pra terra Lusitana
E sem dó nem piedade desancaram
O ex-genro que outrora sublimaram!*

*Cessem do Luiz Albino e de seu mano
As boas graças que até aqui tiveram,
Calem da noiva e ex-genro desumano
A fama da conquista que fizeram.
Que a ex-sogra gemendo de ódio insano
Porque sabiam tudo e não disseram
Gritando espalhará por toda parte
Que foi a mãe que namorou com arte!*

Sobreveio a abolição da escravatura e Rodrigo Ramalho, por coerência republicana, festejou-a despedindo os seus negros, que partiram estrada fora, cantando, batucando, dando vivas à Liberdade e à Redentora — e voltaram à tarde, exaustos:

— Bença, coroné... Será que nós pode durmi?

— Vocês estão livres, não têm nada que fazer aqui! Podem ir-se embora!

— Mas Seu Coroné, nós já festejemo a liberdade, agora percisemo durmi e trabaiá...

Ficaram. O Coronel Pereira Rego dizia daí por diante:

— Eu é que sou o retrógrado; no entanto quem explora os negros é ele!

Não durou a zombaria: pouco depois veio a República. Rodrigo Ramalho comemorou-a com foguetes e repiques do sino da capela; Cneu Pereira Rego comemorou-a a seu modo, batizando de Isabel a primeira filha e isto depois de já ter um filho, Gastão, homenagem ao Conde francês. Quando Totonho Ramalho, apaixonado por Genoveva, a segunda filha de Pereira Rego (em homenagem à santa francesa), invadiu o solar da família inimiga e dali saiu noivo, de café e mãe-benta, Cneu se tomou de perdão e nova ternura pelo futuro genro, e lhe contava, entre outras aventuras de seu pai, a de certa conspiração de estudantes brasileiros em Paris para darem uma surra no compositor Offenbach e nos rimadores Meilhac e Halévy, autores da opereta *La vie parisienne*, que punha em ridículo os brasileiros:

— Meu pai contava que surgia no palco um pelintrote mexicanizado, coberto de jóias, a dançar o *can-can*!

A surra não saiu porque os estudantes brasileiros de Paris se dividiam entre monarquistas e republicanos, bonapartistas e victor-hugoanos, e acabaram lutando entre si, uns achando

que os autores da opereta tinham razão ao nos mostrar como *rastaquouères*, outros indignados com a afronta. O Coronel Pereira Rego também herdou do pai a mania de ler publicações que julgava esclarecedoras — para ter argumentos de discussão. Entre essas publicações estavam os opúsculos de Veuillot, dados de presente pelo sogro ao genro, quando se consolidou a união dos latifúndios. Totonho nunca os leu; mas eu muitas vezes brinquei com eles, roendo-lhes as encadernações, quando adquiri o privilégio de me divertir na Biblioteca da Samambaia. Um intitulava-se precisamente *Les odeurs de Paris*, e falava dos maus odores literários, artísticos, científicos, políticos, de gente como Victor Hugo, Murger, Augier, Courbet, Banville, Musset, Heine, Gautier, Gustave Le Bon, Renan, Fromentin, Quinet — escapando apenas o próprio Veuillot. Livro com tal título, despertaria curiosidade canina. Puro engano! Nada havia ali para me ilustrar o olfato. Assim, o primeiro contato do meu focinho com Paris foi decepcionante: não senti o odor daquelas personalidades mas o dos castanheiros de maio, os escapamentos de gás, carvão e *mazout*, de hálito de portas do Métro, de vegetais amontoados e bafio da História. No longo trajeto de Orly ao Grand Hôtel du Louvre, aspirei o campo já infectado de automóveis, o ar impregnado de fuligem em luta com os castanheiros. Pareceu-me que, em matéria de *odeurs*, a razão estava com um dos críticos de Monsieur Veuillot: “A alma do Senhor Veuillot, não tendo mais razão nem senso-moral, tornou-se semelhante ao corpo de Lázaro. Exala já odores nauseabundos do cadáver: *Jam faetet*”.

Eu ouvia as exclamações sem nada ver: Oh, o Leão de Belfort! Oh, a Torre! Oh, a Concorde! Oh, o Louvre! E o coronel constatou de repente que Paris estava limpa, lavada, sem a pátina negra sua conhecida.

— Estragaram a cidade! Quem foi capaz desta miséria?

— O ministro Malraux.

— É o cúmulo!

Se se lembravam do Coronel Ramalho? Como não? O porteiro, encanecido, despejou-se:

— *Mais c'est le Colonel Ramalô! Ça va, là bas, le Brésil!*

Ajudou Veva a descer do carro, antes que Lévy e o secretário ganhassem a corrida; e, pondo os olhos em mim:

— *Tiens!*

Monsieur Ballot, o gerente, avisado, arquiavisado, precipitou-se também, o bigode em exclamação, a sobrançelha esquerda em pasmo, o lábio em bico para o beija-mão, a careca franzida. E, enquanto nos acompanhava para mostrar os aposentos — fartamente conhecidos do coronel — não deixou de referir que a *direction* por especial deferência para com o hóspede me aceitava, como exceção — porque o Grand Hôtel du Louvre não admitia animais. Instalaram um colchão forrado para mim, na ante-sala; e Monsieur Ballot, pilheriando com intenção de prevenir, indagou se *Toto était un p'tit chien bien élevé*, isto por causa dos móveis Luís XV e dos Gobelins. E, gracioso, inclinou-se para me perguntar:

— *Comment t'appelles-tu?*

— Brinquinho — respondeu o coronel.

— *Comment? Brinquignô?*

Veva caminhou até a janela, desbruçada sobre a Rue de Rivoli e as árvores das Tuilleries.

— *On t'a fait du mal, Brinquignô?*

O gerente me olhava dissimulando a repulsa num rosto de sincera piedade.

— *Uí. Un ocelot* — explicou meu amo.

— *Ah, ça par exemple! Ça c'est le Brésil!*

Sentado, obediente, eu sacudia a cabeça para me livrar do incômodo da coleira e alçava a orelha para que Totonho me compreendesse. Em vez disto, percebendo ter agarrado um auditório — acrescido pelos dois *valets* portadores das malas e agitados na faina de lembrar a gorjeta, o secretário que mostrava coisas ao longe para Veva, através da vidraça, e de Lévy, que se instalara no sofá dourado — o coronel deu-se ao prazer de contar nossa história em primeira versão francesa. Faltavam-lhe palavras e ele as buscava com um *Coman diréje?* logo acudido pelo extenso vocabulário de Veva com achegas do secretário e de Lévy. Em Paris a onça podia aumentar meio metro; e, curiosamente, os seus urros adquiriram um sotaque nasal, para serem bem entendidos por Monsieur Ballot. Faltava o facão e o coronel não quis amesquinhá-lo tratando-o de *couteau*; brandiu na voz *une cimenterre*, que pronunciou *cimetière*, o que até hoje há de intrigar o preciso Monsieur Ballot. Após a extensa e entrecortada narrativa, o gerente decidiu: Madame e Monsieur precisavam descansar, opinião a que ade-

riram Lévy e o secretário. Lá se foram, debulhando medidas. Totonho dirigiu-se à janela, abriu-a, abriu os braços:

— *Paris, nous voilà!*

Olhava-me, convidando-me a participar; e viu a mulher sentar-se, enxugando os olhos.

— Que é isto, Veva, que é isto?

Tomava os soluços como emoção de rever Paris; Veva explicou, choramingando, engolindo o choro:

— Totonho, até aqui fiz todas as suas vontades... Agora peço, faça as minhas... Modere-se, por favor... Nada de extravagâncias... Pense na sua idade, no seu coração...

Ele riu da tolice da mulher, deu-lhe um beijo repenicado nas lágrimas, valseou ao seu redor, cantando:

— *Nous irons à Paris tous les deux...*

Vendo-me, acrescentou:

— *Tous les trois!*

Veva foi para a sala de banho e voltou com um copo d'água e um comprimido de Papaverina.

Dediquei minha primeira tarde a explorar os odores do aposento; havia o de móveis queimados pelo calor dos aparelhos de aquecimento, o de vestígios de pessoas de ambos os sexos, o de *gauloise* e o de desinfetantes da sala de banho. O do salão da titia de Proust em Cambray. Provei com os dentes um pouco do tapete, uma cena de idílio entre um pajem e uma dama, como na canção da Aimée; depois de mastigado tinha cheiro bastante agradável. Melhor ainda era o de um dos pés da poltrona dourada, forrada com motivos iguais aos do tapete. A madeira era doce ao paladar. Em seguida, descobri um jogo gracioso com um dos puxadores de cortina, que saltava e me fazia cócegas quando eu tentava alcançá-lo. Junto de uma das mesinhas-de-cabeceira uma fragrância particular me encantou a tal ponto que eu a ativei com um esguicho repousante. O telefone não deixou meus amos descansarem por muito tempo: revestiram-se às pressas, puseram-me a coleira, me levaram ao salão térreo para conhecer o Moreira Telles, embaixador aposentado que se fixara em Paris e explicava esse exílio voluntário por motivos de pesquisa histórica. Sabia-se: fora um can-

didato frustrado à Academia Brasileira de Letras. O embaixador, com ar pontudo de galgo russo, de assustadora calva vermelha, diante da qual plantava um *pince-nez* atado à lapela por uma fita preta, desabou nos braços de Totonho, beijou a mão que Veva estendeu num donaire já parisiense, quis saber notícias do Brasil, invectivou o calor dos trópicos, e contou que a Cidade, *hélas!*, não era mais a mesma... Arrastou-nos para um terraço de café diante da Comédie. Deitou erudição:

— Aqui neste lugar Jeanne d'Arc foi ferida.

O coronel reclamou *champagne* e Veva fez-lhe um sinalzinho de aviso, como quem diz: “Vai começar?” Se queriam ir à Ópera, ao Folies, às compras, ao Tour d'Argent — o embaixador estava por tudo, estava ali para acompanhar-nos. De início, lembrou, seria fundamental jantar no Maxim's, como nos bons tempos! A proposta me sacrificava, inquietei-me. Ao redor da mesa próxima uns franceses duelavam frases de espírito. O embaixador explicava que se dedicara a estudos históricos sobre França e Brasil, assunto apaixonante, para o qual convocava Totonho. Surgiu, para completar a mesa ao lado, um sujeito cuja gravata vermelha saltava de dentro do casaco de *tweed* e que trazia consigo um cão estupendo, maravilhoso dálmata branco, tauxiado de negro como um arlequim, humilhante como um vencedor de concurso de carnaval que passeasse no mundo dos mortais. Pus-me de pé, Totonho deu um esticção na coleira; mas tudo era maior que as minhas forças, um enorme desejo de provar o cheiro do meu colega me assaltou. Rumei para ele, ele para mim, aliás com afetada polidez. Rosnei, Totonho quis segurar-me. Era tarde. Saltei em direção ao intruso, que estranhou a falta da minha orelha e rosnou qualquer coisa em dálmata, cujo sentido pejorativo vislumbrei. Atirei-me, mordi-o, o *champagne* do embaixador respingou do copo em cima de seus joelhos. Veva gritou, o dono do meu inimigo gritou também:

— *Voyons, Monsieur, vous ne pouvez pas au moins tenir votre sale bête?*

O coronel impertigou-se e mostrou que em questões de honra sabia retrucar em seu francês:

— *Son chien! Savez vous avec qui vous êtes parlant?*

O outro não entendeu nada mas Veva ameaçava chlique. O embaixador pagou precipitadamente a conta; atravessamos a rua, voltamos ao hotel.

— Não há outra solução! Tem que ficar no quarto! — declarou Veva.

— Mas eu queria levá-lo ao Maxim's!

O embaixador ponderou: talvez não aceitassem cães no Maxim's. A contragosto, o coronel acalmou-se, afagou-me, recomendou à portaria que me servissem *filet mignon* e leite. Resmungando, trancou-me e se bateu para o Maxim's.

Quando voltou, com um soberbo odor de *mirabelle* no bigode, o hotel andava em polvorosa. Monsieur Ballot, que costumava retirar-se às dez da noite, esperava-o, olhando os ponteiros do relógio de pulso, que marcava onze horas. Monsieur le Colonel o perdoasse mas o cãozinho não podia ficar no hotel: quando o *garçon* me levou o jantar, deparou com um quadro contristador: as pontas dos Gobelins, o tapete, duas pernas de poltrona dourada, tudo em destroços. Além do mais, eu praticara uma *saleté* em cima do sofá. E os meus ladridos provocaram protestos de outros hóspedes. O criado tentara pôr-me a coleira e eu lhe mordera a canela...

— *Je regrette, Monsieur le Colonel, mais...*

E abria as mãos desalentadas. Eu não podia ficar no hotel. Sabia Monsieur Ballot o quanto lhe constrangia comunicar isto a um amigo da casa, uma personagem de tamanha categoria; o coronel, porém, compreendesse; o coronel decidiu compreender passando-lhe discretamente uma nota de quinhentos francos; por sua vez Monsieur Ballot não compreendeu e, fazendo desaparecer a nota no bolso, balbuciando *mercis* sempre em seus lábios em tais ocasiões, retrucou:

— *Impossible.*

Uma das reclamações vinha do Comte Baldessarini, freguês considerável. E confidenciou: o Comte recebia nessa noite uma visita importante; a visita, aos meus ladridos, correu para trás dum paravento e gritou:

— *Il mio marito!*

Não sei a semelhança que descobriu nos meus latidos; de qualquer modo a cena vaudevillesca comprometia o bom nome do hotel, como aliás Monsieur le Colonel havia de perceber, como antigo cliente, o bom nome jamais conspurcado, desde os tempos de Monsieur Édouard (que vim a saber ser o Príncipe de Gales, depois Eduardo VII). Na opinião de Monsieur Ballot e de vários hóspedes eu era um cão *trop irascible*... Talvez o coronel me quisesse internar num educandário de cães...

— Internar Brinquinho? *Jamé!*

Então *peut-être* seria mais conveniente o Coronel et Madame la Colonelle se instalarem num apartamento. A essa voz Veva indignou-se:

— Totonho, eu sou de uma família das mais antigas de São Paulo, não sou mulher de apartamento!

Suasório, o embaixador explicou: os apartamentos em Paris não tinham as implicações adquiridas na juventude de Veva, do coronel, dele próprio... A *sole meunière* não caíra bem no estômago de Totonho desacostumado a certos molhos; e ainda por cima o *Pouilly Fuissé* lhe perturbara as vísceras, de mistura com a *mirabelle* degustada com finura e saudade. Precisava de bicarbonato e sossego. O embaixador retirou-se, prometendo consultar o *Figaro* e as agências, à cata de apartamento. O coronel desabou no sofá, Veva choramingou, eu me deitei no colchão.

— Ah, Brinquinho, por que fizeste isto?

Na sua tristeza, o coronel tornava-se bíblico. Permaneceu muito tempo quieto, suspirando, arrotando a azia do *filet de sole*, contemplando os destroços do quarto, até decidir-se a vestir o pijama. Veva tentou afagá-lo, naturalmente com o pensamento de todas as damas a uma primeira noite em Paris. Mas Totonho roncava. Eu dormi sonhando com a cadelinha do aeroporto.

No dia seguinte, Veva, agastada com a idéia do apartamento, não quis procurá-lo. Declarou: qualquer coisa servia! Parecia ao coronel que minha escolha devia prevalecer. Decidiu levar-me, pois minha presença indicaria tratar-se de inquilino com cão. A mandado do embaixador, esperava-nos no saguão uma portentosa senhora, Madame Martin, de uma agência milagrosa. Essa dama avaliou, num olhar rapace, as possibilidades de meu amo, circulou-nos por dois ou três *immeubles* das proximidades, mais ou menos infectos, que eu e Totonho recusamos de comum acordo. Por fim, meteu-nos num táxi, rumo à Etoile.

— *Le taxi est à votre charge* — dizia sempre Madame Martin com precisão cartesiana.

Descemos. Fez-nos atravessar uma *porte-cochère*, subir por um elevador estranhíssimo: movia-se graças a uma corda, à qual se devia dar um vigoroso puxão, para fazer subir ou descer uma graciosa gaiola de vidro e ferro, mostruário aéreo que passeava parando não de andar em andar, mas a cada meio-andar. O coronel gostou daquele aparelho obsoleto: dava especial *cachet* à habitação, *une allure romantique*, como disse Madame Martin. Esperava-nos um sujeito também estranhíssimo, dono de um nariz introneto e torcido como se comprimido numa vitrina, e de um olho azul maior do que o outro. Agitou-se, gabou a excelência do banheiro, da cozinha, dos móveis. A sala de jantar e a de estar se juntavam, num só aspecto de loja de leiloeiro, de espelhos profusos e armários entalhados com figuras de natureza-morta, relevos de patos, faixões, cachos de uva, emoldurando as portas de vidro detrás das quais se alinhavam faianças azuis e brancas; a lareira da sala multiplicava-se nos espelhos; o estuque ostentava, por fora, os fios de eletricidade e os canos sem cerimônia. Três quartos consecutivos exibiam também um desperdício de espelhos a recordar os da Armenonville paulista: redondos, *biseautés*, encaixilhados, encravados de florezinhas brilhantes, e todos convergindo curiosamente para as camas. O proprietário abria com fúria os armários (alguns também com espelhos internos e externos), mostrava rapidamente a roupa branca, as louças, anunciando:

— *C'est propre! C'est tout à fait propre! Et pratiquement à l'Avenue Foch!*

As fimbrias dos tapetes me apeteçiam. Havia um rombo num canto de *moquette* que me convidava a exercitar os caninos; e o ar das janelas, só então abertas, levava para fora o odor de guardados e trazia alguma coisa especial, mistura de peixe, fritura, castanheiros, a amenizar o rastro das axilas de Monsieur Sven, o proprietário. Por fim, abriu ele a janela do último quarto — e o coronel estareceu. Diante dele, em ângulo, erguia-se uma fatia do Arco do Triunfo e, embaixo, um pedaço da Etoile, com os automóveis circulando e se perdendo entre os verdes ramos da Grande Armée e da Avenue Foch. Por cima dos relevos do monumento, junto às nuvens, passeavam serezinhas minúsculos, os turistas com Paris a seus pés, a prolongar o olhar pela Champs-Élysées, o obelisco da Concorde, as Tuilleries, o Carroussel, o Louvre. Num ímpeto de en-

tusiasmo, Totonho arrancou do bolso o livro de cheques; o gesto era esperado por Monsieur Sven, que arrancou do bolso o contrato; houve uma rápida troca de canetas e amabilidades, e depois Monsieur Sven e Madame Martin desapareceram, deixando as chaves nas mãos de Totonho. Eu brincava com o buraco da *moquette*. Totonho tomou o telefone, na sala de entrada e ligou para o hotel:

— *Chambre...* diabo!, espera aí!

Lentamente, compôs o número, para se fazer entendido:

— *Soixante-quinze*, tá? Diabo de língua que complica os números!... Veva? É você? Já temos apartamento! Uma beleza!

Quando regressamos do hotel para a nova morada, Veva espiou com olho atravessado e temeroso o elevador; ao entrar na sala, passou um dedo na beira da mesa, olhou-o:

— Limpo? Isto é que o homem chama limpo?

Desabou as nádegas numa das poltronas estilo *Directoire*. A poltrona gemeu, contorceu-se e o coronel teve de segurar o móvel e a mulher. Ela levantou a cabeça, viu os penachos de fuligem e teias de aranha, adornos do candelabro de cristal:

— De que época é este edifício?

— Ah, não sei! Deve ser de antes da luz elétrica. Veja: os fios estão do lado de fora do estuque... Não tem certa graça?

— Pois desde antes da luz elétrica não limpam o candelabro...

Impulsionou-a a energia de dona de casa; levantou-se, foi à sala de jantar, examinou as louças, os copos: não havia dois iguais, não havia um que não estivesse bicado. Passou à cozinha: as panelas ostentavam crostas arqueológicas; e a geladeira, também pré-histórica, ao abrir-se tomou-se de uma espécie de distúrbio do vago-simpático e começou a tremer, deitando para fora um hálito ginecológico. Dum andar de cima uma voz explodiu para o pátio, em baixo:

— *Sale macquereau, t'as pas laissé vingt francs, au moins?*

— *Merde! Tu ne vaux pas même un jéton de téléphone!*

— *Merde mon cul! Si j'appelle un flic...*

— *Fais-le, Madame la Putain, il saura qui tu es!*

— *Impuissant! Incurable!*

Mas o dono da voz masculina já tinha ido embora. Para as outras janelas, escancaradas ao vozerio, a mulher explicou, do alto:

— *Qu'il fasse ses cochonneries, très bien, c'est pour ça que j' suis là, que le Bon Dieu m'a condamnée à cette putain de vie... Mais que le brave M'sieu ne me paye pas le plaisir de son museau, ça c'est trop!*

Bateu a janela, às gargalhadas da vizinhança. Totonho tinha os olhos esgazeados:

— Você entendeu?

— Uma ou duas palavras — respondeu Veva, com dignidade.

— Onde é que fomos cair!

— Quanto é que você pagou por este apartamento?

— Três meses adiantado, mais um mês de depósito, mais um mês de comissão de agência. Vinte e cinco mil francos... E agora?

Menos para consolá-la do que para consolar-se, perguntou:

— Você viu o Arco do Triunfo?

— Por esse preço você poderia alugar o Arco do Triunfo.

Veva chorava. Quando se recuperou, preferiu sair. Fomos à Champs-Élysées, almoçamos num terraço sobre a calçada, debaixo dum guarda-sol multicolor. Eles não falavam. Contemplavam os passantes, eu contemplava um ou outro cãozinho trotante ao lado do dono, da dona, farejando as escadas do Métro, farejando-se quando se encontravam — e aí os donos esperavam polidamente até que os seus animais se apreciassem. Não latiam, não lutavam. Tão polidos quanto os amos, ou mais ainda, porque estes apenas se sorriam, em condescendente vexame. Gostei do *gigot* que o *garçon* me serviu num prato, com a mesma deferência com que servia o casal, o silencioso casal que ruminava a carne, provava o vinho e suspirava. Quando o coronel quis os queijos, Veva murmurou:

— Olha a imprudência!

Totonho queria queijos como uma compensação, um consolo. O *plateau de fromages* trouxe-me à lembrança um dos indefiníveis cheiros do apartamento. O cheiro do cigarrinho de palha do coronel incomodava os vizinhos, dominando os *gauloises*.

É o paraíso dos cães, pelo menos na opinião dos seus donos. À medida que me adapto, descubro a consideração que nos dispensam: há casas para o nosso *toilette*, para nascermos, para as nossas coleiras, as capas de lã, o alimento, os remédios, capelas mortuárias, cemitérios. Embora o coronel e Veva me roubassem os odores do apartamento, pois logo chamaram uma agência de limpeza, que desinfetou tudo e levou mil francos pelo serviço, começo a aprender e aprendo tudo como os compatriotas bisonhos o fazem: pelo ensaio-e-erro, por ouvir falar. Um cão polido não late ao ouvir a campainha: abana a cauda; um cão polido não salta nas visitas nem as fareja antes que estas o chamem; um cão polido não rói os móveis e sim um brinquedo em forma de osso, encontrado nas lojas especializadas; um cão polido sabe onde fazer suas necessidades, regra bastante relativa, a julgar pelas casas que frequentei; um cão polido não se mete debaixo das saias das damas sentadas à mesa (mas se o faz com propósito às vezes recebe um tácito consentimento).

Quase todos os médicos de Paris receitam, para certas enfermidades, um cão. Um cão serve para: acompanhar damas jovens, na rua, assentado que um cão não é acolhido em certos lugares; acompanhar senhoras, em casa, o que lhes empresta, e aos indiscretos, o significado de não estarem demasiado sós; acompanhar crianças, distraíndo-as à hora do bridge e à hora que mamãe recebe, surpresa, a visita do *cousin* chegado de longe; obrigar velhos, de ambos os sexos, ao exercício da marcha, devagar, com paradas em cada *urinoir* propício. Ao marido enganado e abandonado recomenda-se um cão. Conta-se que dois cavalheiros se encontraram no Bois de Boulogne, cada um com seu cachorrinho ao lado:

— *Cocu?*

— *Non, infarctus.*

Um cão polido só late a favor dos interesses do dono(a); só reconhece as pessoas quando a manifestação de apreço não é indiscreta; só come da mão do dono(a) ou de seus prepostos; e deve manter-se de pé, ao lado de sua perna esquerda, até ter licença para sentar-se.

No Bois de Boulogne conheci vários irmãos, alegres durante o recreio, mas estupendamente silenciosos. Dizem que os cinófilos ingleses mandam cortar as cordas vocais de seus cachorros, para que se integrem no civilizado silêncio britânico.

Em Paris, os cães aprendem a não ladrar, a não uivar. Cada casa de apartamento, cada *hôtel meublé* tem uma considerável população de cães, de várias cores, vários pêlos, várias raças, vários coloridos, vários tamanhos, várias procedências, várias utilidades. Nenhum late. É mais fácil alguém reclamar ao *concierge* ou à polícia a tosse diftérica do filho do vizinho do que o gemido de um cão. Certa vez, um morador bateu no cano do esgoto da parede (que é o telégrafo entre os co-inquilinos):

— *Silence! On ne peut pas dormir! Quel vacarme!*

— *Mais c'est du Beethoven, Madame!*

— *Même si c'était le chien!*

Porque é preciso respeitar o silêncio. Não se deve assoviar, cantar na rua, falar alto, tossir — tanto quanto ganir ou latir. Três atos enfurecem um francês: *gêner, déranger, bousculer*. Se duas pessoas caminham em direção oposta, devem desviar-se e dizer *pardon* ou *excusez-moi*, ao mesmo tempo, sem se olharem; à perdedora dessa aposta toca reconhecer a derrota, murmurando *je vous en prie*. Se se fazem acompanhar de cães, podem ambas parar, com um recíproco sorriso de complacência, enquanto nós nos cheiramos e nos aprovamos; depois, cada um segue o seu caminho mas nenhuma deve dizer *pardon*, *excusez-moi* ou *je vous en prie*. Por quê? Porque não foram apresentadas uma à outra. Cabe aos cães murmurarem *merci*, com as caudas. Um cão entra acompanhado onde não há aviso em contrário: pode freqüentar muitos restaurantes, casas de chá, bares, hotéis. Não pode entrar em padarias e casas de alimentação em geral; em tal caso, fica à porta, sentado, a menos que a dona da casa exclame:

— *Oh, le joli p'tit chien!*

A exclamação surge em seguida a compras altas. Um cão pode acompanhar o dono ou dona a uma visita, cabendo-lhe proceder com etiqueta, conforme as circunstâncias. Um marido abriu a porta do apartamento e nem viu um cãozinho que saltava pela janela; quando os populares se aglomeraram na rua, o dono do cão esgueirou-se em fantasma, porta fora. Feito o inquérito, a polícia concluiu com discrição que o cão despencara do telhado. Entregue o cadáver ao dono, também com discrição, ele o enterrou no cemitério dos cães, sob uma lápide: *Mon Sauveur*. Espanca-se uma criança, um *clochard*, uma freira: nunca se deve espancar um cão. Aqui se pode dizer que o

homem é o melhor amigo do cão, lição tirada de La Fontaine desde a infância. La Fontaine ensina a cada criança que uma raposa pode roubar um queijo ao corvo, os lobos podem beber água nos regatos dos cordeiros, os bois são necessariamente mais imponentes que as rãs, e estas devem resignar-se, as formigas não devem alimentar as cigarras, é divertido dar de beber às cegonhas em recipientes onde não possam introduzir o bico, as uvas altas não pertencem às raposas baixas, o rei dos sapos devora os súditos, só os fortes são generosos e os fracos sempre vencidos — e, em cada peripécia da vida, cabe a cada qual metamorfosear-se no animal mais conveniente e liquidar o que se metamorfoseou errado. O sonho do parisiense é ser cão. Só não o consegue porque o cão conhece a alegria sem o prazer, e o parisiense alcança o prazer sem conhecer a alegria, como ouvi do poeta Bonnefoi.

Em uma semana, retirados os períodos de exaustão de Veva (alugamos um *valet*, uma *femme de ménage* espanhola e, de vez em quando, os serviços de Monsieur Rosell, *traiteur*), conheci cafés de St.-Germain, Montparnasse, do Bois de Vincennes, e Luxemburgo, o Jardin des Plantes e as primeiras flores de Bagatelle. Descobri os perfumes dos queijos: o de Maroilles, que mereceu celebração do jesuíta Maurice Lelong, no púlpito, quando Maroilles completou mil anos, e de que Léon-Paul Fargue dizia ser *les pieds du Bon Dieu*; e que Veva, depois de fazer servir, mandou recolher murmurando: “Acho que podemos botar uma calcinha nele”. O de Munster, cheirando a ceroulas de alemão. O Livarot, dir-se-ia extraído da Cour des Miracles. O Camembert, glória dos queijos, que deve ser cutucado por todos os dedos do *quartier*, antes de servido. No Androuet, quando Totonho abriu a porta de entrada, vieram-me às narinas, em turbilhões, esses prodígios de olores que na Samambaia atrainham os urubus; atrás do balcão até as vendedoras assumiam aspectos de esculturas de caseína, brancas e rubras de vergonha de recenderem com sinceridade, porosas, de úberes capazes de explodir em pastas de Brie e bolhas de Gruyère; mas esses olores, aprendi também, nada são sem os paladares acetinados, esfarinhados, acres, almiscarados, albuminóides, urêmicos, ginecológicos, afrodisíacos; e esse casamento do olor à degustação talvez um psicanalista o explique, simbiose de prazeres, comer e defecar, amar e farejar, como fazem os cães. Aprendi a apreciar queijos, tanto quanto

aprendi a odiar os pequenos *chalets* das esquinas, onde entram homens apressados, já desabotoando-se, para emergir, aliviados. As *vespasiennes* são detestáveis logradouros masculinos, onde o bom faro nada encontra de perturbador: dali transcorre uma borra de vinho quente, macho, prazer de solitários, prazer de bêbedos. Como Veva, nunca entendi porque o coronel se comprazia em deglutir os vinhos caríssimos, datados como obeliscos e trazidos como tabernáculos, pedidos ao *sommelier* só para ver sua sobrançelha maravilhar-se (*"Romanée-Conti 37? Oh, là là!"*) para vertê-los depois no *pissoir public*.

Aos cheiros dos *pissoirs* só se igualavam os que eclodiam, lavas invisíveis, das crateras dos *Métros* e das entradas de cinemas, hálitos borrachos, axilas renitentes, cabelos aglutinados, roupas exumadas, virilhas abafadas, pés hidrófobos. É curioso como sustentam tais fragrâncias e ao mesmo tempo inventaram a indústria dos *bidets*, barcos salva-vidas! O embaixador, que gostava de desenvolver tais assuntos, repetia que em Paris duzentas mil casas não têm banheiros, que cinco milhões de parisienses se esfregam com *torchons* provavelmente aos sábados e que surpreendera em recepções o *champagne* discretamente posto a gelar dentro dos *bidets*.

— Anatole France, quando não se interessava pelos livros que lhe mandavam, atirava-os dentro da banheira. Uma vez por mês, vinha o *bouquiniste* comprá-los. Isto prova que quando muito uma vez por mês usava a banheira. Em Versailles, havia quatro mil moradores do palácio e uma só sala de banho, construída quando o médico da corte receitou um banho a Luís XIV para curar-lhe uma escrófula da perna. Visite as mais velhas casas de Paris, o número 3 da Rue Volta, o 41 da Rue Montmorency, o palácio dos arcebispos de Sens, o dos abades de Cluny, o Carnavalet, o Louvre: nada disto possuía o que os ingleses chamam de *conveniences*. Quando os romanos desapareceram daqui, as termas viraram ruínas. A Marquesa de Verneuil disse ao seu amante Henrique IV: *"Vous avez de la chance d'être roi, car, en vérité, Sire, vous puez comme une charogne"*; ao que ele respondeu: *"Effectivement, j'ai le gousset qui sent un peu fin"*. A ruiva Madeleine Béjard, amante de Molière e integrante de sua *troupe*, também tinha um sinistro *gousset*, cujo odor aplacava com pós de alumínio. Muito antes, Guiot de Provins, poeta que conheceu Luís II

de França, Henrique II de Inglaterra, Afonso II de Aragão, Ricardo Coração de Leão, Frederico Barbarroxa, e que foi monge em Clairvaux e Cluny, reclama, em sua poesia *Les médecins*, que os médicos receitam *maint oignement* e *maint baing*. Chamfort, nos *Caractères et anecdotes*, diz que o terreno ao redor do castelo de Versailles era *empuanti d'urine*. Boswell, o do Dr. Johnson, conta no seu *On the grand tour* que encontrou em Berlim o Marquês d'Argens, caído nas graças de Frederico da Prússia, e que chegou a diretor do Museu de Belas Artes da Academia de Berlim; durante quatro anos esse bravo francês usou um mesmo colete de flanela, por baixo da roupa, sem jamais tirá-lo, de medo de resfriar-se; o rei lhe disse que, se continuasse usando-o, acabaria tendo a transpiração interrompida e morreria; o marquês concordou em tirar o jaleco e, ao fazê-lo, vinham com ele pedaços de pele. Ah, meu caro! Charlotte Corday assassinou Marat porque o surpreendeu tomando banho! Napoleão anunciava a Josefina o seu regresso da Itália: "*J'arrive dans trois jours; ne te lave pas*". Frase semelhante à que o nosso Pedro I, napoleônico, escreveu à Marquesa de Santos. Pasteur era francês, inventou a pasteurização, mas os médicos franceses têm horror às feruras: recentemente, os de uma enfermaria do Hospital de Cachin travaram longa polêmica para decidir qual a temperatura mais estável do corpo humano, para os diagnósticos: a bucal ou a anal. Não sei a que conclusão chegaram mas só havia um termômetro na enfermaria; jamais foi lavado, durante toda a pesquisa, para que não se alterasse a exatidão da coluna de mercúrio. A higiene nada tem a ver com a civilização.

Antes que Totonho deixasse um cartão de visitas na Embaixada do Brasil, como tencionava, um portador levou ao apartamento um convite de Son Excellence et Madame l'Ambassatrice para um almoço, com as letras R.S.V.P. em relevo; ele retrucou com outro cartão e uma dúzia de rosas, a conselho do Moreira Telles, e cujo recebimento foi acusado em outro cartão com palavras de agradecimento e as iniciais P.M. Condenaram-me a ficar com Maria del Pilar, espanhola.

simplificada para Pilar, gorda senhora sempre afogueada, que diante de meus donos me tratava de *perrito* e em colóquio comigo me tratava de *perro*. Do almoço tive ecos pelos comentários do casal. Íntimo, porém repleto de etiquetas, porque Son Excellence gostava de receber pessoas de relevo político e misturá-las com personalidades internacionais. O embaixador, com ar de cão pastor alemão, era sexagenário eufórico, chegara a Paris por circunstâncias do jogo parlamentar, ainda deslumbrado com o trajeto de Garanhuns à Avenue Montaigne — e isto graças à felicidade de ter pronunciado em plenário, no Senado, algumas citações jurídicas em francês. Comboiava-o uma dama de mediana estatura, com os volumes esmagados em espartilhos e engolfando-se fora do decote, senhora encardida, pacífica, arrepiada como um *chien de Fo*, atordoada com as obrigações de pentear-se no Carita e envergar vestido negro e colar de três voltas de pérolas depois das seis da tarde. Logo confidenciou a Veva, com quem encontrou imediata afinidade: sofria o turbilhão de afazeres de Paris, os coquetéis, as conferências, os jantares, os *vernissages*, os teatros, os chás com as confreiras, a presença na caridade do Petits Lits Blancs... A seu lado à mesa, enxugando os lábios no guardanapo antes e depois de cada gole de vinho, alisando-se como um *greyhound*, o Marquis de Beauregard emprestava um cunho de espírito à conversa. Era um apaixonado pelo Brasil, cuja melhor sociedade conhecia, a que aporta todos os anos a Paris e volta um mês depois com as malas repletas de modelos de Dior e perfumes do Fouques, para vender. A Embaixatriz, Belinha, para os íntimos, não simpatizava muito com esse gênero de aves de arribação: o marido, no Parlamento, apresentara uma vez um projeto extinguindo certas viagens turísticas oficiais, o que lhe rendeu duas passagens de cortesia na companhia de aviação assim que discretamente reconheceu a inconstitucionalidade da medida; mais tarde, convidado a ser embaixador, teve não pequeno trabalho para que seus pares lhe aprovassem a designação. Ao chegar o casal a Orly, já os esperava o Marquis, esfuziante a cada brasileiro despontado no horizonte, quase a pular. Mas com as patas nos ombros. Era de praxe que cada amigo lhe trouxesse o último disco de samba, um pacote de carne-seca, um vidro de dendê, o último *potin* desconjugal e extraconjugal, uma lata de goiabada, coisas sem as quais, afirmava com orgulho, não podia viver.

— *Impossible!*

E cortava o ar com um gesto de mão. Como viver sem dandê, sem charque? Ah, a França tinha muito que aprender com o Brasil!

— *Votre douceur de vivre, votre chaleur humaine...*

O Marquis também não podia viver sem o calor humano dos amigos, de um e de outro lado do Atlântico, que o elegeram presidente do Grupo Pescabras, empresa fisgadora, congeladora, empacotadora e exportadora de lagostas, as melhores do mundo! Isso ele o proclamava precisamente quando serviram a *langouste Thermidor*, prato para o qual contribuíra remetendo uma dúzia de exemplares do seu produto a Son Excellence. E então, com aquele *Gewurztraminer*, quase tão claro quanto água, seco e cheirando a pomar — que preciosa aliança dos arrecifes de Pernambuco e as parreiras de Riquewihr! Porque as lagostas de Pernambuco, soubessem todos, foram feitas para nadar no vinho branco da Alsácia!

Totonho colheu o copo e provou-o, recolocando-se entre a parafernália de cristais da mesa. De fato, bom; no entanto não valia os Chablis e Sauternes de sua adega. Veva olhava os seus movimentos em direção ao copo. A Embaixatriz confessou singelamente: enfrentava dificuldades para concordar vinhos e pratos: tinha de consultar livros. Para ela nenhum prazer ultrapassava o bom tutu com couve mineira e torresmos, com uma garrafa de Caxambu. O Marquis exultou:

— *Ah, oui! Le toutou avec la Cachambou, c'est parfait!*

Para o gosto do coronel, uma cervejinha calhava bem com o tutu; talvez uma pinga de Ponte Nova. Uma vez tentou rimar um Chambertin com o virado e não deu certo. O Embaixador concordou que tutu só com cerveja, talvez uma batinha de Pitu; mas, acima do prato mineiro evocado pela esposa, colocava a gloriosa cozinha baiana, superior à pernambucana! Mas não ousava afirmar ali o que dissera um dia, ainda quando estudante, ao lhe perguntarem suas preferências: “Gosto de comida que faz cocô!” No íntimo, ainda era assim. E o Marquis, que dizia da culinária da Bahia?

— *Exquise!*

E contou o desfilar de pratos que Jorge Amado — “*Un garçon sublime! Et Zélia, quel amour!*” — lhe proporcionara no Recôncavo: acarajés, carurus, efós de folha, sarapatel, va-

tapá, tudo numa só refeição! Sabia pronunciar todos os nomes sem dobrar os “rr”.

— *Avec des sambas de Caymmi!*

Apoteose culinária que lhe permitiu entender o Brasil num só dia, preso depois do almoço, no Hotel Castro Alves, e sem ter tempo ao menos de vestir o pijama! Isto o Marquis não contava. Para Belinha, a cozinha mineira suplantava a baiana e a de Pernambuco — e isto motivava constantes choques bairristas com o Embaixador.

— *Et Paris, Madame? Aimez-vous Paris?* — o Marquis queria saber.

— Gosto, sim... Da primeira vez que estive aqui achei tudo muito escuro, as casas muito sujas. Agora, não: tudo escovado... Espero que depois dessa limpeza mandem pintar todas elas! Pra mim, o Arco do Triunfo ficaria lindo de cor-de-rosa!

O Marquis não era do mesmo alvitre:

— *En bleu, peut-être...*

— Oh, não! Azul, só o Louvre. E a Concorde, pra ligar bem com os Champs-Élysées, com as Tulhérias, de verde.

— *En vert, Madame?*

— *Oui. Vert. Vert drapeau.*

— *Pardon?*

Veva explicou: era uma cor especial, o verde da bandeira brasileira.

— *Oh, divin! Qu'est-ce que vous aimez le plus à Paris, Madame, si je ne suis pas indiscret?*

— Ah, o que eu gosto mais é sentar de tarde numa das cadeiras das calçadas dos Champs-Élysées. Parece Barbacena, não é, Oliveira?

Chamava o marido pelo sobrenome. O Embaixador armou um sorriso de porco assado. A embaixatriz adornava-se de simplicidade:

— Quando estivemos aqui pela primeira vez, Oliveira ainda era deputado estadual. Paris me decepcionou um pouco: fachadas pretas, táxis velhos... Achei que a Torre Eiffel não era tão inclinada como diziam... Vejam só minha ignorância! Depois é que Oliveira me disse que eu fazia confusões. Não faz mal, não é? É inclinada para os dois lados!

— *C'est charmant! Madame, vous avez le don de l'observation!*

— Eu bem que observo as coisas: Oliveira é que às vezes não me previne e me faz passar por cada uma... Imaginem: fomos outro dia a um banquete no Quai d'Orsay e eu comecei a conversar com um senhor a meu lado. Em francês. Ele falava francês muito mal. Perguntei se ele morava mesmo em Paris, a quanto tempo estava aqui, se já tinha ido ao Museu de Cera, ao Lido, ao Moulin Rouge. Quando terminou o jantar, perguntei a Oliveira quem era o senhor com quem eu tinha conversado. Era o embaixador dos Estados Unidos. E Oliveira nem me tinha prevenido!

Totonho lutava com a carcaça da lagosta. Olhou o Marquis, o Marquis lutava com a sua. A Marquise, com ar de *bulldog pug*, até então não fizera senão sorrir levemente, para não quebrar a maquilagem; ergueu os olhos verdes e pousou-os na embaixatriz:

— *Madame, votre petite histoire fera la joie du Général de Gaulle!*

— A senhora acha? Eu fiquei com muita pena, porque, se tivesse sabido, tinha perguntado ao embaixador americano alguma coisa sobre Greta Garbo. Eu adoro Greta Garbo.

O olhar de Totonho cruzou-se com o do Marquis; e ambos sentiram que iam ser amigos. De fato, levantados da mesa, ao ser servido o café, o Marquis, embora recusando o cigarro de palha de Totonho, mostrou saudades de São Paulo, lembrou amigos do Jockey, recordou uma caçada com os Junqueira. E quando o coronel descobriu no francês o gosto pelas caçadas, tratou de contar as suas e enveredou pela história da onça, cujos uivos chamaram a atenção dos presentes.

— E aí está, senhor marquês: por causa desse cãozinho estou eu aqui. Aqui, em Paris. Porque, se não fosse ele, onde estaria eu agora? Por isso eu trouxe Brinquinho comigo.

— *C'est extraordinaire! Et quelle est la race de votre chien?*

O coronel foi muito delicado para comigo:

— Uma raça que estamos desenvolvendo no Brasil: bandeirante.

O embaixador queria saber o que Totonho achava da política; tomou-o pelo braço, levou-o até a bandeja de licores e, servindo-lhe o *cognac*, confidenciou: possivelmente o Brasil precisaria, no futuro, de um homem moderador, espírito civil mas entrosado no contexto revolucionário, e ele, embaixador,

estava ali, havia sido sondado... Que lhe parecia isto ao Coronel Ramalho, representante das tradições e forças políticas paulistas?

— Embaixador: na Revolução de 1932 eu comandeí meu batalhão. Fomos traídos, perdemos. Jurei que só rasparia minha barba quando Vargas fosse deposto. No dia 29 de outubro de 1945, às cinco horas da tarde, entrei na barbearia do Clube Campineiro. Jurei jamais disputar cargos; sou um fazendeiro, um industrial e dou meu apoio aos que pensam comigo. Se na ocasião de sua candidatura os meus amigos de São Paulo estiverem a seu lado, eu estarei também.

O embaixador tiniu o cálice no do coronel. Um silêncio e o coronel indagou:

— E aqui como vão as coisas?

— Vou lhe fazer uma confidência, coronel. Dizem que estamos numa ditadura, no Brasil. Os jornais franceses volta e meia repetem isto. Mas eu não conheço maior ditadura do que a do General de Gaulle! Vivem reclamando a liberdade, a igualdade, a fraternidade que faltam nos outros países. Mas aqui não há nada disto: há mais militares presos na Santé do que em todo o Brasil. E no dia que o general quiser, fecha o parlamento, cala os jornais, fica doutrinando sozinho na televisão.

O Marquis aproximou-se, perguntou quando poderia conhecer o cãozinho heróico. Tomou nota do nosso endereço. As damas tinham saído antes, para fazerem compras. O embaixador, quando o Marquis se despediu, pediu-lhe:

— *Baisez votre femme pour moi!*

— *Bien sûr!* — disse o Marquis.

Já na rua, os dois chegaram à Place des États-Unis, o Marquis e o coronel.

— *Vos ambassadeurs sont des types épatants!*

Veva era absolutamente contrária à idéia de uma reunião que Totonho queria organizar, em retribuição ao almoço do embaixador:

— Neste pardieiro?

— Mas todos os parisienses moram mais ou menos assim...

— Uma casa de apartamentos? E que apartamentos!

De fato, acumulavam-se os agravos em torno de nós. Logo nas primeiras noites, depois de nove horas, subia da *porte-cochère* um zum-zum de vozes:

— *Tu viens, chéri?*

— *Si on faisait un peu d'amour?*

Junto à esquina, os automóveis diminuíam a marcha e os motoristas avaliavam, através dos pára-brisas. Havia uma Lola, farta, de olhos inundados de *rimmel* e mantilha sobre a cabeça porque o bairro conglomerava espanhóis. Havia uma pequena marroquina, tísica, também de olhos profundos na pele azeitonada: havia duas francesas que confidenciavam suas vidas mas agiam separadamente à passagem de cada possível freguês, porque cada qual se arrogava o direito de um pedaço da calçada para se venderem à *ces mètèques*. E havia Ludmilla, moradora num pequeno quarto do sexto andar e despejadora de um urinol de insultos, no melhor *argot*, quando se julgava enganada. Os moradores do quinto andar — um grupo de iugoslavos à direita e um embaixador do Congo à esquerda (o Embaixador Yoyo, como se lia na lista de inquilinos à porta do *concierge*) — não gostavam dos escândalos de Ludmilla e o comunicaram a Monsieur e Madame Dupont, os porteiros, instalados no andar térreo, ao fundo do pátio. Esses Dupont merecem apresentação: ela, minúscula, andava pelas escadas, acima e abaixo, varrendo, limpando, e empurrando a sujeira para debaixo da passadeira; com velocidade de atleta, entregava cartas, dava recados, acudia quando se queimava um fusível ou estourava um cano d'água; e impregnava os apartamentos de tão forte odor axilar que Totonho, à sua saída, esguichava no espaço uns jatos de Purodor; ele, Marcel, mal chegado da fábrica, num confortável Citroën, mudava o macacão por um terno de gravata (sempre o mesmo, e a mesma camisa, e as mesmas meias, e os mesmos sapatos de bicos agudos), ia para o bar ao lado discutir, acendendo a discussão com copos sucessivos de vinho tinto. Monsieur Dupont perdera o braço esquerdo numa engrenagem da fábrica, acidente que substituiu por um lance heróico em Arromanches, onde nunca esteve. Em lugar do braço usava um instrumento de lâmina de alumínio, terminado por uma mão enluvada de couro negro. Com aquela asa metálica e aquele gadanho guiava

o carro, aparafusava botões elétricos, desentupia esgotos, impedia as inundações e mantinha certa moralidade no prédio. Um dos aspectos dessa moralidade consistia em silenciar a voz de Ludmilla. Madame Dupont inventou despejar a croata. Impossível: ela tinha amigos no Commissariat. Pensou então em convencê-la a mudar de quarto, dando-lhe outro sem janelas para o pátio interno. Impossível: os quartos estavam alugados. Mas no entressolo moravam duas velhinhas vergadas ao peso de dois camafeus iguais, e iguais elas também, de preto, da altura das bengalas em que se apoiavam. Um dia em que passei na escada vi, pela porta entreaberta, um retrato de Nicolau da Rússia na parede da sala, ao fundo. Dias depois, Totonho, para argumentar contra Veva, cada vez mais horrorizada com os horrores do prédio, revelou:

— As duas senhoras daqui de baixo são grã-duquesas, fugidas de São Petersburgo em 1917!

Eram. De manhã, uma delas saía, comprava meia *baguette* de pão, apresentava-a à leiteria para receber uma besuntação de manteiga, e levava-a à irmã. As duas comiam o pão com um copo de tisana. Aos domingos iam juntas à Igreja Ortodoxa na Rue de Néva. E na Páscoa russa, só na Páscoa, punham à mesa uma garrafa de vodca; chegavam velhos motoristas de táxi, de recheados bigodes, batiam calcanhares, beijavam as mãos das duas damas, enredadas em *mitaines*; a mais velha fazia sinal com o leque, eles cantavam, com os copos e os olhos erguidos para o retrato do czar, quebravam os copos no chão e se retiravam com lágrimas escorrendo pelos bigodes. Depois era preciso fazer nova provisão de copos, para o ano seguinte: Foi aí que Marcel Dupont teve sua idéia: transferiu a iugoslava Ludmilla, portanto prima racial, para o apartamento das grã-duquesas Teodora e Olga. Madame Dupont não concordou mas escolheu mal o momento de dizê-lo, quando o marido, de volta do bar, equilibrava o vinho bebido. Parecia a Madame Dupont uma indignidade instalar uma *putain* na casa de *dames de la haute noblesse russe*.

— Elas não vão saber! Estão completamente caducas!

— Mas eu não quero essa mulher aqui perto de nós! E você sabe porquê!

— *T'es jalouse, v'là!*

— *Jalouse mon cul!* Uma questão de respeito!

Nesse momento entrou no saguão a própria Ludmilla, aliás sobraçando um acompanhante — mas o acompanhante tratou de desaparecer.

— Aí está, Ludmilla! Minha mulher não quer você morando na casa das russas!

— Quer saber por quê? Ela não gosta que eu espie quando vai limpar o quarto de Monsieur Bonnefoi!

— *Quoi?*

— *Oui*, pergunte-lhe, *demandez-lui* quanto tempo ela demora para limpar um quarto de nove metros quadrados! *T'es cocu, mon cher, normalement cocu!*

A indignação de Monsieur Dupont era maior que a de Madame Dupont: levantou a asa metálica e, manobrando-a como uma foice, desancou-a em cima da esposa. Aos gritos, logo as janelas se abriram, correram pés pela escada, vieram os seis iugoslavos; mas chegou primeiro o Embaixador Yoyo, enorme vulto negro enrolado na bata de baiana com que comparecia às solenidades da UNESCO. Marcel continuava a esgrimir o aparelho; as mulheres esbravejavam; o Embaixador Yoyo atirou-se contra Monsieur Dupont certamente como costumava fazer contra a tribo inimiga. Com uma cabeçada pôs o porteiro fora de combate. Chamado o Commissariat, desfilaram depoimentos, depois que os guardas, os *gardiens de la paix*, ao saberem que o homem da bata multicolor era uma Excellence, bateram-lhe continências. Ninguém apresentou queixa contra o embaixador, é claro. Madame Dupont, com um enorme corte no rosto, decidiu partir para a *province*:

— *Tu ne me verras jamais plus, espèce de couillon!* — ladrou para o marido, com seu jeitinho de *cocker spaniel*.

Isto não era certo: muitas vezes Madame Dupont partira para a província depois de levar uma surra da alavanca metálica do marido; mas, passadas as equimoses, enxugadas as lágrimas e as lembranças, voltava e lhe trazia um pote de geléia de framboesas. Esses potes, comido o conteúdo, iam parar no parapeito da janela interna dos Dupont, com gerânios neles plantados. Conteí oito potes, oito surras e oito reconciliações. Positivamente, os Dupont se amavam.

À última surra, que proporcionaria futuramente o nono pote e o nono gerânio, Monsieur Dupont aproveitou a ausência da esposa para instalar Ludmilla no apartamento das grã-duquesas, apartamento igual ao nosso, com três quartos, dois sa-

ções, e de onde subia um odor de urina e cadáveres de virgens. A ele Ludmilla acrescentou seu odor de axilas felpudas, pó-de-arroz e jasmim. Daí por diante, a partir de certa hora da tarde, soava a campainha das grã-duquesas; uma delas se levantava, abria a porta, tentava divisar o vulto plantado diante do seu *pince-nez* e exclamava:

— *Ah, c'est le cousin de Mademoiselle!*

O cousin de Mademoiselle cumprimentava, ora magro, ora gordo, ora barbudo, ora glabro, entrava e sumia no quarto de Ludmilla, e se retirava pouco antes da chegada de outro cousin. Graças a esses primos o Tzar Nicolau II teve, na Páscoa, nova cantoria ao vodka e novo quebrar de cálices comemorativos.

Ora, um dos cousins — eu o percebi pelo faro — era o próprio Monsieur Dupont. Quando Ludmilla morava no sexto andar não lhe era fácil explicar a Madame Dupont a razão de galgar tantas escadas. Fazia-o a própria madame, pois a ela incumbia varrer as *chambres de bonne*, para gáudio de Bonnefoi, o poeta martinicano. Com a mudança de Ludmilla para o entressolo, ficava ela mais acessível a Monsieur Dupont, e afinal Monsieur Bonnefoi se tornou menos vigiado por Ludmilla. Com isto, desapareceu do prédio uma razão de desavenças, tanto assim que, uma tarde, quando Totonho apertou a campainha do *entresol* e a grã-duquesa Olga gritou para dentro que um cousin chegara, veio de lá de dentro, enfiando o casaco, nada mais nada menos que cousin Dupont, o qual, ao dar com Monsieur le Coronel, recuou. O coronel recuou fingindo evitar um esbarção e deitando um polido:

— *Pardon...*

E Dupont, a própria cortesia, sabujo:

— *Je vous en prie!*

E, com um salamaleque da asa metálica, indicou ao cousin Totonho o caminho de Ludmilla.

E havia as damas da porta, que se abrigavam no umbral e debandavam ao passar o *panier à salade*, o carro da polícia. Uma vez, no momento da debandada, entrávamos, o coronel e eu; a marroquina tísica deitou para ele os grandes olhos afogados nas olheiras e pediu que Monsieur fingisse estar em sua companhia, *en famille*. O coronel gostou, o polícia pediu-lhe os documentos, ele os exibiu com arrogância; ganhamos uma continência e quando o *agent* se retirou a marroquina deitou a meu amo os lábios em bico:

— *Tu veux bien venir avec moi, papa?*

Ao apelo da voz, fomos ao Hôtel Moderne, Rue de l'Etoile, onde me trancaram no banheiro. Alguns dias depois, quando chegavam Veva e o coronel, a dona, no seu ponto de espera, reconheceu-o e deixou escapar um:

— *Bonsoir, m'sieu!*

Mas completou:

— *Bonsoir, madame!*

E logo:

— *Oh, le beau p'tit chien!*

Ao que Veva rosou, no elevador de corda:

— O cachorro está ficando muito íntimo dessas vagabundas! Temos que sair deste bordel!

Não falei ainda das meninas do quarto andar, *gauche*. Um apartamento silencioso, o mais quieto, o dia inteiro. Da janela da cozinha do nosso não se via uma sombra por detrás das janelas fronteiras. A porta de entrada, ao lado da nossa, permanecia fechada, exalando pela fresta de baixo um cheiro peculiar de pomadas e biscoitos. Depois percebemos: quatro louras, de corpos estatuários, heráldicas, valquiriescas, de pupilas azuis e bochechas pintalgadas como ovos de codornas e damas inglesas. Eram australianas. Surgiam sempre às quatro da manhã. Não faziam ruído. Nem riam. Certa madrugada, Totonho sentiu uma dessas sedes urgentes, resultado dum excesso de *mira-belles*; foi à geladeira da cozinha, eu o acompanhei, ele me pôs no colo; as janelas do lado oposto do pátio estavam acesas e — oh, deslumbramento! — as quatro cariátides, igualmente nuas, esfregavam-se umas às outras com cremes de grandes potes de vidro. Cumpriram esse ritual, meticulosamente, alisando-se no melhor de suas topografias, como grandes focas brancas que se acariciassem; em seguida, ergueram as mãos ao alto e se flexionaram, contorceram os troncos, empinaram os seios em tamanha oblação que o coronel plantou o nariz no vidro gelado da janela e ali ficou, estalando os chinelos e a aorta, grudado como um garoto a uma vitrina de confeitaria. Dessa noite em diante o coronel deu para ter sede às quatro da manhã e lá ia grudar o nariz no vidro, levando-me ao colo, para eu também ver e para eu não grunhir. Imaginem as *Baigneuses* de Ingres em movimento, num ofício religioso, ensaboando-se de pastas brancas, apalpando-se, erguendo os braços, curvando-se até o soalho, reverenciando-se e desaparecendo uma a uma...

O coronel bebia mais um copo d'água gelada e esperava o reaparecimento das deusas lavadas, os cabelos presos ao alto, em camisolões esvoaçantes. Metiam-se em camas de dois quartos e as luzes se apagavam. Uma vez, antes de se apagarem, volta-mo-nos à minha suspeita de gente: Veva estava atrás de nós, de *chambre* e papelotes plásticos:

— Que indecência é esta?

— Não sei... Devem ser sacerdotisas de algum culto... Não é esquisito?

Essa espionagem provocou-lhe um resfriado; por uma semana, por ordem médica, teve de sugar supositórios, porque o médico, Docteur Trick, não acreditava em sulfas, penicilinas, *ces trucs américains*... Quando Totonho deixou a cama, uma semana depois, Veva tinha mandado cobrir os vidros da cozinha com papéis foscos. As ninfas eram bailarinas acrobáticas do Lido. Como receber gente fina num apartamento daqueles?

O poeta Bonnefoi rimava para a sua ingrata Rose:

*Pendant que tu t'endormais
Je t'ai composé ma rose
Et tout' rose elle s'habillait
De mes vers et de ma prose.*

*Hélas! tout ce qu'elle avait —
Couleur, parfum, air et pose —
N'était qu'un peu l'à-peu-près
De ton corps qui se declose.*

*Tu n'es faite que de toi,
On ne peut pas t'imiter —
Malheur à celui qui l'ose!*

*Si je te tiens dans mes bras
Et si j'ai su bien l'oser,
Quel besoin ai-je d'une rose?*

Moreira Telles tornara-se assíduo. Surgia com a *Semaine de Paris* no bolso, anotada, e propunha o teatro, o restaurante, o concerto. Veva alegrou-se quando a Embaixatriz Oliveira a associou aos seus convites para desfiles de modas e as compras. Pouco a pouco, um dos quartos do apartamento se enchia de caixotes, pacotes e malas. Tinham decidido dar uns toques na decoração da Samambaia e do palacete de São Paulo; e ao mesmo tempo o coronel abastecia-se de vinhos para a adega e para zombar dos conhecimentos enológicos do Bento.

Nas Caves Pétrissans, da Avenue Niel, Moreira Telles queria homenagear o amigo com uma revelação: ali fizera ponto Tristan Bernard, como o provam as fotos nas paredes; e o coronel, velho leitor do *Poulailler* e de *Les jumeaux de Brighton* nas páginas do suplemento da *Illustration*, tomou-se de ternura, aumentada com uma garrafa de *Chigny-des-Roses* acompanhada de caviar e salmão. Quanto a mim, deram-me presunto, por debaixo da mesa. Já iam para a segunda garrafa quando o *garçon* não resistiu e perguntou que diabo de língua falavam.

— *Portugais. Nous sommes brésiliens.*

— *Tiens!*

Para o *garçon*, português era o de Portugal, isto é, da gente que quebra pedras nas ruas durante a semana e desfila aos sábados na Avenue Wagram, de mistura com espanhóis, entre o Monte Carlo e o Savoie; mas, já que ali estavam, não custava nada alongar a conversa:

— *J'ai un oncle à Montevideo. Dubois. Pierre Dubois. Vous ne le connaissez pas? Il est charcutier là-bas.*

— Aí está — explodiu Moreira Telles, ignorando a presença do *garçon*. — O que esse rapaz acaba de dizer é capaz de ser dito por Pompidou ou pelo Chefe da Cátedra de Geografia da Sorbonne! É uma banalidade afirmar-se que o francês perde guerras porque não sabe geografia. E o faz com muito orgulho: desenvolveu enormes esforços para conquistar umas abas de costa, *là-bas*; e perdeu-as todas pela incapacidade de manter-se longe de seu Camenbert.

Moreira Telles indignava-se com o desconhecimento dos franceses a respeito do Brasil — e porque pretendia envolver o amigo na publicação de uma *Révue franco-brésilienne*, com o programa de corrigir “essas centenárias tolices antropológicas, sociológicas, históricas” que os franceses “lêem e repetem por puro jacobinismo”. Queria repor nos devidos termos a auto-

suficiência com que professores ilustres, depois de alimentados e condecorados por nós, “passavam a bradar asneiras a nosso respeito”. O coronel era do mesmo alvitre: não lhe ficaria mau financiar uma publicação de tão patrióticos propósitos. O embaixador continuou:

— Volta e meia sabe-se de missões religiosas, pedagógicas, filosóficas, mandadas por franceses. Nunca encontrei um só índio brasileiro, um só caboclo, um só tabaréu, um só negro ou mulato que tivesse sido civilizado por um francês.

Já aí Totonho não concordava: Veva, digna discípula de Itu, sabia o seu Lamartine e todo o “Sonho” da *Athalie*; ele próprio era capaz de declamar o soneto de Arvers e a cena dos narizes do *Cyrano*... Então? E Madame Gilberte?...

— Então? Isto não tem nada que ver com a ação civilizadora da França: isto se deve à nossa vontade de nos civilizarmos. Se a França nos tivesse ocupado, hoje não seríamos mais que outra prisão para um outro Dreyfus... Quem, nos Estados Unidos, na África, na Ásia, sabe o Soneto de Arvers ou a Tirada dos Narizes?

Ao coronel o argumento pareceu ponderável.

— A França como mestra é um perigo! Depois de 1918, recebemos a Missão Militar Francesa, em certa época chefiada por Gamelin. Imagine se tivéssemos aprendido a nos defender atrás de uma Linha Maginot! Estávamos desgraçados! No entanto, foram os nossos pracinhas, na Itália, que libertaram a França do domínio alemão.

— Acho que você está exagerando!

— Exagerando, nada! Sabe quantos soldados franceses tinha De Gaulle, quando desembarcou na Normandia? Uns vinte mil. Sabe quantos soldados tinha o Brasil na Itália? Mais do que isto! E lutando, não apenas ocupando cidades já libertadas pelos americanos!

O coronel não estava pelos autos. Estrilou:

— Afinal, Moreira, se você não gosta deste país, por que vive nele?

— Para estudá-lo, para escrever a minha *História do imperialismo francês no Brasil*, de Villegaignon à Guerra das Lagostas, para mostrar que os franceses se apoderam do melhor que temos...

— Que é que temos de melhor, por exemplo?

— Santos Dumont! Oswaldo Cruz! É preciso mostrar aos franceses que eles eram brasileiros, como se deve mostrar que César Franck era belga, Honneger era suíço, Moréas era grego, Van Gogh era holandês, Picasso é espanhol... Mazarino era italiano, Napoleão também, e...

— Aí está, Moreira: ser francês é um ato de vontade!

A segunda garrafa deixara o coronel com arrebatador jacobinismo francês; e tal foi o murro que deu na mesa que Monsieur Pétrissans deixou a caixa e se aproximou. O coronel tratou de encomendar-lhe duas dúzias do famoso *Chigny*. Quanto ao *garçon*, maravilhou-se com os cem francos de gorjeta e se precipitou para ajudar a vestir os sobretudos. Moreira Telles, ainda irado, murmurou:

— É o país da gorjeta!

Plantou o *pince-nez* para admirar um par de pernas que seguia na calçada.

— Isto é civilização! — exclamou.

Resumiu sua tese:

— No Brasil, repelimos sempre invasões de franceses, nunca de francesas.

Totonho suspirou:

— Precisamos de mulheres, Moreira.

— No Brasil?

— Não, agora.

Mireille... Foi quando procurava o inencontrável Tónico, com sua italiana, desaparecidos, de *hôtel meublé* em *hôtel meublé*, rodopiando em Paris como numa valsa e obrigando o pai a despesas com detetives e gorjetas nos diversos Commisariats, a peregrinações no La Coupole e no Mikado, em vão... Haviam-lhe dito que o filho aparecia às vezes num barzinho da Rue Delambre — e para lá se bateu Totonho. Ninguém conhecia o jovem Ramalho por ali. Súbito a porta se abriu, entrou Mireille, com o seu nariz aristocrático, os cabelos negros repartidos ao meio, à moda das bailarinas. Apenas um tanto marcada num ricto que a maquilagem não escondia, nos cantos da boca. Totonho não resistiu:

— Mireille!

— *M'sieu... Mais, c'est Totogno!*

Bastante gentil, da parte de Mireille, reconhecê-lo depois de tantos anos e ainda por cima escondido atrás de barbas constitucionalistas. Porque antes tudo não passara de um punhado de confusões e contratempos. Em Paris com Veva, Mireille os serviu, numa *boutique* da Rue de la Paix. Totonho, para deixar marcada a admiração por aqueles olhos e aquele nariz de rainha, emitiu alguns pigarros, reclamou um *courant d'air* inexistente, insistiu em que a esposa preferisse o *foulard* mais caro. E, no dia seguinte, pretextando uma visita aborrecida a uns importadores, deixou Veva no hotel, bateu-se a namorar a *vendeuse*. Convidou-a para um aperitivo, deslumbrou-a mostrando-lhe os salões do Ritz, levou-a até a estação de Grenelle, onde morava a francezinha. Na outra tarde — que maçada, Veva! — nova ida aos importadores, e chegou ao hotel às duas da madrugada, depois de galgar os quatro andares do apartamento de Mireille. Noite curiosa, começada com um passeio de mãos dadas no Sacré Coeur e acabada em Grenelle. No Grand Hôtel du Louvre, teve de afirmar a forma física e a disposição amorosa para acalmar Veva. Daí por diante, continuou o enfadonho turismo: Suíça, Itália, com Mireille no pensamento e Veva a dar sinais de uma tremenda certeza: o marido encontrara em Paris prazeres inconfessáveis. E não é que, anos depois, naquele barzinho da Rue Delambre, surgiu Mireille, apenas com os olhos mais apagados, mas tão bela!

— *Totogno!*

A exclamação indicava: não fora ele uma aventura tão passageira... Pudera: no dia de embarcar para a Suíça ainda conseguira uns minutos, o tempo suficiente para disparar até o Boucheron, comprar um bracelete e dá-lo a Mireille...

Totonho desfilava as confidências para o Moreira Telles, que as ouvia de olho pendurado para a taça de *champagne*. O *garçon* afastara-se, discreto, embora ambos falassem em português.

Totonho recordava: a orquestra distante atacou o *Pour un baiser* e Totonho desatou a chorar dentro da mão espalmada de Mireille, quando ela lhe disse que *non*, não aceitaria ir para o Brasil para viver num palacete paulista. Uns americanos alegres, diante de tão emocionante cena, ergueram seus copos, saudaram o casal, mais para se fazerem notados pela mulher. Isto irritou Totonho, que pretendeu dizer-lhes coisas em bom

francês campineiro; Mireille evitou-o, transformou tudo num intercâmbio de pequenas frases de espírito. E um dos americanos, destacando-se do grupo, chegou-se à mesa de Totonho, inclinou-se e murmurou num mau francês brincalhão:

— *Monsieur*, estou *amoureux* de sua mulher e acho que nos devemos bater em duelo: aqui está o meu cartão, mande-me as suas testemunhas. Minhas armas são uma *Nabuccho* e três taças!

O *garçon* trouxe a enorme garrafa, fê-la explodir no ar, borbulhou o líquido nas taças, generosamente. Terminada a garrafa, estavam terminadas as faculdades mentais de Totonho. Os americanos meteram-no num táxi e o despacharam para o Grande Hôtel du Louvre. E Mireille incorporou-se aos ruidosos celebradores do seu amor. O tempo rolou, com as saudades: anos depois, num cinema de São Paulo, Totonho e Veva leram, ele com ar intrigado, de quem reconhece o nome, ela com absoluta indiferença, as letras que se projetavam na tela: *Argument by F. Scott Fitzgerald*. E, tantos anos após a despedida, Mireille reaparecia, no barzinho da Rue Delambre:

— *Toujours marié?*

Hélas! Como terminara aquela noite? — Totonho queria saber. Passado o tempo, Mireille podia contar sem provocar ciúmes e apenas pelo prazer do pitoresco: o americano gaiato arrastara-a para a mesa, apresentara-a a outros, um bando mais preocupado com a bebida do que com as mulheres...

— *Monsieur Fitzgerald a été très chic. Il m'a accompagné Rue de Grenelle.*

Com que então, aquele atrevido...?

— *Un type épatant. Il m'a dit qu'il se prostituait, comme moi: il écrivait pour le cinéma.*

Ah, o nome, sim... Perguntaria ao filho, maníaco de cinema, se conhecia o nome. E contou a história do filho estróina, que fugira de São Paulo para a Europa nos braços duma italianinha... Você tem inveja, Totonho! — dizia Mireille.

— *Tout seul?*

Sim, só. Filhos. O tal fujão e mais a filha, que ficara em São Paulo. E já que não encontrava o filho, por que não iniciar um outro gênero de vida parisiense sob os cuidados de Mireille? E Mireille também raciocinava: daí poderia resultar outro bracelete.

Nessa mesma noite, Monsieur Ballot se inclinou discretamente diante de Monsieur le Colonel et Madame, que subiam o elevador. Às vinte e três horas pediram *champagne* no quarto. De manhã, dois *cafés au lait* e *croissants*. Nos dias subsequentes, a camareira guardou no armário alguma roupa branca de Mireille, incorporou uma *robe de chambre* feminina aos haveres de Totonho no banheiro, viu pouco a pouco chegarem pacotes dos Trois Quartiers. A criadagem referia-se a Monsieur et Madame Ramalô; por isso não pôde evitar quando Tónico, de dinheiro curto, veio ele próprio pedir socorro — e invadiu o quarto, aos gritos:

— Papai! Mamãe!

Tudo porque o imbecil do porteiro lhe havia respondido que *oui, Monsieur, votre papa et votre maman sont là*. Diante dum Tónico exultante no umbral da porta estava um Totonho estupefato, de pijama azul, com a chávena de café a meio caminho; e, no leito *capitoné*, uma beldade branca, de louros cabelos soltos e nariz aristocrático, tratava de cobrir, num pudor sestroso, um naco de seio escapado da camisola. Daí por diante Totonho perdeu a força moral, concordou com o casamento, abençoou o neto, pagou as contas de viagens para todos e obrigou Tónico a jurar que jamais vira no leito paterno outra pessoa senão Veva. Mireille novamente disse adeus, recebendo mais um bracelete.

Valeria a pena procurá-la? — indagava-se Totonho. Tantos anos depois da lua-de-mel na ponte de Grenelle, tantos anos depois da aventura do Grand Hôtel... E tinha havido a guerra... Que lhe teria feito a guerra?

— Se quer um conselho — falou Moreira Telles, com voz pastosa — não a procure. Quando você a conheceu, era uma *demoiselle de Paris*; no segundo encontro, talvez ainda fosse digna de uma pequena aventura, mas não de casa montada em São Paulo. Provavelmente as jóias serviram para ela sobreviver durante a guerra. Mas, meu caro, as amantes, decorridos tantos anos, têm a fraqueza de envelhecerem como as esposas. Fique com a recordação e trate de encontrar *outra* Mireille.

— Na minha idade?

— Aí está uma das vantagens de Paris: os parisienses temem o ridículo mais do que tudo, mas ninguém aqui acha ridículo que um homem de setenta anos conduza pelo braço uma jovem de dezoito. É a nossa salvação!

— E Veva?

— Faça-a subir e descer as escadas dos *métros*, da Samaritaine, dos museus, da Notre-Dame, da Butte, dos Invalides, da Torre Eiffel, do *donjon* de Vincennes, das catacumbas: às seis da tarde, quererá um chá e um escalda-pés. O único problema seu é agüentar também a maratona e ainda ter fôlego para o que vier.

Tudo correu melhor do que se esperava: a Embaixatriz Belinha e Dona Veva ataram uma generosa aliança de compras diárias, de desfiles de modas, de chás na Marquise de Sevigné, de vesperais de teatros — enquanto o Coronel Ramalho, convertido por Moreira Telles, dedicava-se a pesquisas nos Archives Nationales. Às duas aliou-se uma Madame Teixeira, Magui para os íntimos, farta como uma *collie*, que se dizia parenta do coronel e por isso se arrogava o direito de aconselhar as *toilettes* de Veva. E as três se entregaram ao esnobismo das compras, o esnobismo do estrangeiro em Paris, o comprar para ser visto comprando, o comprar *em* Paris, o mergulhar na enorme feira parisiense, onde se atiram todos os que têm alguma coisa para mostrar e vender, talento, palavra, borrão, solfa, naquela disputa de se exibirem como *connaisseurs*. A *Révue franco-brésilienne* talvez se tornasse realidade, para a qual Totonho já contribuía com cheques consideráveis. Moreira Telles inaugurou um casaco de *tweed*, novo.

Eu me sentia bastante esquecido pelo meu amo. Já não mostrava paciência quando eu farejava, aqui e ali; chamava-me se eu estava solto, puxava-me pela correia, se eu estava preso. E deu de me prender mais do que seria justo, para evitar minhas andanças longe de seus passos. Havia em casa uma atmosfera estranha, frieza conjugal apenas quebrada pelos pedidos de cheques de Veva e pelas suas recriminações: Totonho não tomava os remédios, Totonho experimentava restaurantes, Totonho descobria vinhos e queijos, Totonho andava quase sempre de copo na mão (quando Veva estava longe).

O Marquis não esperou convite de meu amo: telefonou-lhe, falou que se arrebatara com a idéia da *Révue*, propôs um jantar na cidade, *en garçons*, para o qual Totonho se dignou

levar-me, porque Veva fora visitar a prima Teixeira. Fui perfeito. Beauregard nos esperava com a melhor gravata azul-turquesa a fugir do colete cinzento, no balcão do Jeanne de Cancalle!

— *Ah, c'est le fameux chien!*

Abanei a cauda, deixei-me acariciar na cabeça. Os dois homens puseram-se diante de copos de *kir*, o bom *chablis* com gotas de *crème de cassis*, invenção diabólica do Chanoine Kir, de Dijon, também conhecido como Chanoine Rouge, com a qual esse padre comunista ganhou o reino do céu. A *patronne* multiplicava-se em gentilezas para o Marquis e renovou-as para Monsieur le Colonel ao saber que ele era de *là-bas*, isto é, do país de onde provinham as lagostas por ela servidas e que o Marquis vendia.

No segundo *kir* o Marquis aplaudiu furiosamente o projeto: estudos sobre as afinidades franco-brasileiras — nas artes, na história, em tudo — cuidadosamente escritos por *des grand noms des deux pays*.

— Que nomes? — queria saber o coronel.

— *Les Amado, évidemment... D'abord pas notre Jorge, trop rouge, mais les autres... Athayde, le catholique...*

— Há dois católicos.

— *L'académicien.*

— Há dois acadêmicos.

— *Eh bén, il y a un qui écrit long, l'autre qui écrit court, un de gauche qui était de droite, l'autre de droite qui était du centre...*

— Nunca li.

— *Je vous en félicite mais il faut avoir tous les deux.*

— Tem um Josué...

— *Deux aussi. Il y a celui qui vit de la faim et celui qui a faim de vivre.*

— E os Freire?

— *Bien sur, celui de l'y grec et celui qui n'a pas de grec.*

— É preciso convidar Chateaubriand.

— *René?*

— *Non. Assis.*

— *Pourquoi assis? Il n'écrit pas debout?*

— *C'est son nom.*

— *Il y a aussi un académicien Junior.*

— Vários. Peregrino, Magalhães, Viana, Chagas (*non, Chagas n'y est pas encore...*).

— *Les Hollanda, celui de l'histoire, celui du vocabulaire, celui de la Banda; les Silveira, de gauche et de droite; les Konder, de gauche et de droite; les deux Limas, Mercure et Neveu; les Coteaux, le Coteau poète, le Coteau grimaceur, le Petit Coteau; les deus Calmons, celui qui parle et celui qui écrit; les deux Camaras, le Petit Savonarole et le Grand Torquemada. Ah, Monsieur, que votre pays est doué! C'est bien vrai ce que le croniquer a dit: "Dès qu'on y plante, ça pousse!" Vous avez des Charlemagnes, des Homères, des Demosthènes, des Virgiles, des Dantes, des Tasses, des...*

— *Uí. Nus avon bocu de noms.*

— *De pré noms, surtout. L'Ambassadeur Moreira Telles s'appelle Pancrácio, c'est à dire le Tout-Puissant. Et il n'a pas été élu académicien...*

— *E os colaboradores franceses?*

— *Sartre? Il écrira sur l'anti-semitisme chez les indiens. Lévi-Strauss, sur le traitement des professeurs aux tropiques; Morazé, sur la liberté chez les bororos; le petit Bastide, sur la macumba dans les salons de San Paolo; le grand Bastide, sur le cave de chez M. Almeida Prado; Jean Roche...*

— *Le professeur?*

— *Nous sommes riches aussi. Il y a deux.*

— *Celui qui a été décoré par notre gouvernement?*

— *Les deux ont reçu la Croix du Sud. Ils ont le même nom, l'ambassadeur ne savait pas qui avait rendu des services au Brésil, alors on a flanqué la Croix sur Jean de Toulouse et Jean de la Sorbonne. Faut pas oublier Michel Simon.*

— *L'acteur?*

— *Hélas, non. Et Pierre Monbeig, qui connaît presque autant d'argot brésilien que le Général Buchalet. Et Germain Bazin, qui écrira sur les origines viennoises du barroque de l'Aleijadinho, sans savoir que ses prophètes sortirent des illustrations des livres religieux imprimés à Prague par les jésuites. Et Aubreton, de Rouen, qui conserve chez lui une cuisinière de Sergipe. Et Cantel, de Poitiers, qui écrira sur la littérature des chanteurs populaires du Nordeste, très émouvant. Et Mazza, qui écrira sur Machado de Assis, pour épater les académiciens. Et Paul Mousset, président des Gens de Lettres, que vos diplomates ont oublié à l'aéroport de Rio; et Maurois, qu'on*

a presque assassiné à coups de sottises et à qui un de vos journalistes a demandé pourquoi capitaine est masculin avec une "e" et putain est féminin sans "e"...

Com os vapores do álcool, a *Révue* tornava-se fundamental no pensamento do coronel...

— *Si on allait chez Moreira Tellès?*

Era o que o coronel ia propor. Um táxi nos levou à Rue de Seine. Dois lanços de escada, galgados meio aos tropeços, conduziram os dois homens, já de braços dados, ao apartamento do embaixador, que abriu a porta ao som da campainha, exibindo a dentadura estudada e encastoando no nariz o *pince-nez*. Que entrassem, eram todos amigos, e não reparassem na *pagaille*! Entrei também, fossando os cheiros de Sua Excelência, os restos de Tabac Blond evolados do lenço e impregnados no roupão azul, os cheiros transeuntes de diversas colônias e essências de mistura com o de *omelette* recentemente preparada. Moreira Telles vivia num celibato de curta aposentadoria; mas os périplos de diplomata lhe permitiram juntar um *Marché aux Puces* de objetos indicadores de sua trajetória pelo mundo: máscaras bolivianas, tapetes persas, porcelanas da Índia, retratos de chefes e confrades com dedicatórias, mesa de escrínio para as condecorações, mobiliário estilo Luís XIII, estatuetas de nus da Belle Epoque, gravuras travessas de decotes e pernas. E livros, a despencar do alto dos armários, a invadir os vãos sob as cadeiras, a se misturarem com os cristais do aparador e a se prolongarem até o quarto de cortinas vermelhas em volta dum leito de dossel.

Moreira Telles destampou o *cognac* e verteu-o em globos de cristal, distribuindo-os com jovialidade. Quando o Marquis falou na revista, agitou-se: o Marquis o perdoasse (o Marquis perdoava), era preciso corrigir o juízo que os franceses faziam de nós...

— *C'est bien ça!* — concordou o Marquis brasilófilo.

— Querem ver? Vocês já leram Arago, Jacques Arago? Visitou o Brasil várias vezes, umas quatro. As duas primeiras por volta da Independência. Vou ler para vocês minhas notas sobre ele. Com uns retoques, podem ir para a revista. Vão se servindo sem cerimônia, enquanto eu leio. Jacques Arago era natural de Estagel, no Roussillon. E, como seus irmãos François, Jean e Etienne, homem de aventuras e curiosidades. François, o mais famoso, foi membro titular da Academia de

Ciências aos vinte e três anos, dirigiu o Observatório de Paris durante vinte anos, foi eleito por aclamação popular membro do governo provisório de 1848, dirigiu então os ministérios da Marinha e da Guerra, aboliu a escravidão nas colônias francesas. Em 1852, recusou-se a tomar parte no governo do príncipe Luís Napoleão. Seus trabalhos científicos são extensos e conhecidos: a medida da refração no ar e em diversos gases, junto com Biot; a difusão da teoria ondulatória, a polarização rotatória dos cristais de quartzo, a polarização cromática, a explicação da cintilação das estrelas, a medida do diâmetro dos planetas, a descoberta da cromosfera solar; mediu a densidade de vários gases, descobriu a imantação do ferro colocado junto a uma corrente elétrica, o fenômeno do magnetismo de indução, etc. O irmão Jean, general, colocou-se a serviço do México nas guerras da independência, governou províncias no novo país e morreu em Ciudad de Mexico em 1836. Jacques seria o escritor da família, embora o irmão Etienne também fosse autor teatral, além de político. Etienne terminou seus dias como arquivista da Escola de Belas Artes de Paris e conservador do Museu do Luxemburgo. De suas viagens, Jacques deixou vários livros, *Promenades autour du monde*, *Voyage autour du monde*, de 1838-40, e *Souvenirs d'un aveugle*, de 1838, este último resumo dos outros, com várias edições. A quarta edição é de 1860, com prefácio de Jules Janin, publicado no *Journal des débats*, e notas científicas do irmão François. A obra é responsável por muitas tolices que se repetem em livros franceses sobre o Brasil.

Ele chegou pela primeira vez ao Rio quando nascia o Império. É mais um dos entusiastas da beleza da entrada da barra: “Que espetáculo encantador! Nem a soberba Gênova com suas águas límpidas, seu Vesúvio e suas vilas tão frescas; nem Veneza, a rica, com sua arquitetura mourisca e seus recortes de cinzel; nem mesmo o Bósforo com seus imensos domos, seus quiosques e minaretes até as nuvens oferecem aos olhos espantados panorama tão magnífico”. E enumera “as árvores de surpreendente estatura, as ilhas alegres, as borboletas de todas as cores, os elegantes periquitos, os papagaios, os beija-flores, as deliciosas habitações esparsas aqui e ali, semiveladas de algum modo pelas plantações de palmeiras e pelos largos guarda-sóis de bananeiras”. Mastros com bandeiras de todos os países do mundo, pirogas, centos de negros,

“uma cidade grande e bela, um soberbo aqueduto que a domina e alimenta”. “Aí está pois o Brasil, terra fecunda entre as mais fecundas do globo; dir-se-ia uma natureza à parte, uma natureza privilegiada. Para enriquecer, a cupidez não tem que fazer mais do que esgravatar o solo; para viver, o homem não tem que fazer mais que respirar, porque a brisa marinha, que sopra de manhã, dá forças para o calor do dia; e o vento da terra, que atravessou as altas montanhas do interior, faz esquecer à noite a temperatura duma zona esmagadora”. Os frutos, os peixes, os pássaros são “em demasia”, como “os regatos onde rolam pepitas de ouro”. E nada de epidemias... “Se amais uma vida indolente e tranqüila, se para vós o repouso é a felicidade, suspendei vossa rede entre dois escamosos troncos de palmeiras; ou procurai uma doce habitação perto da praia batida pela onda preguiçosa...”

No Brasil, “a riqueza desencoraja a palheta do pintor”; “no Brasil é preciso não amar absolutamente as artes, se não se quiser ser devorado a cada instante pela nostalgia de sua própria impotência. Gudin, Isabey, Roqueplan, Dupret, Cabat quebrariam as palhetas de vergonha e de desespero”.

Arago sai a passeio e se vê diante duma pequena casa, cuja porta abriu porque tinha sede; e lá se depara com o retrato de um veterano das campanhas napoleônicas, retrato colérico e desdenhoso. Um cidadão tocou-lhe o ombro:

— *Que voulez-vous?*

Espanto! Palavras francesas!

— Este é o retrato de um general covardemente caluniado; foi ajudante-de-ordens do Imperador e governador nos dois hemisférios... Foi o probo defensor duma cidade opulenta, confiada à guarda de sua honra e de sua fiel espada, que ali vê, enferrujada, inútil. Este retrato, penhor da amizade de Napoleão, é o de um homem que quis viver sua vida para proteger a memória do Imperador; é o General Hogendorp, sou eu!

Hogendorp, exilado no Rio depois de Waterloo, tornou-se negociante de laranja e carvoeiro em Botafogo. Contou como o caluniaram; disseram que havia roubado um banco, que era proprietário de terras imensas, com trezentos negros. No entanto, só possuía aquela casa, por ele mesmo construída.

— Se calço sapatos é porque levo carvão à cidade e porque o comércio é a troca do supérfluo pelo necessário... Peça-me,

pois, senhor, vinho ruim, laranjas e bananas, mas não me peça pão, porque o general francês não o tem hoje.

O general entrega ao viajante suas *Memórias*, e pede que as publique na França, se julgar necessário.

De volta à cidade, Arago falou com o primeiro escravo encontrado, que vendia bolos na rua e seria espancado se não vendesse o suficiente. O primeiro contato com a escravatura o apavora e indigna. Não seria esse quadro e outros subsequentes, trazidos ao irmão François, que lhe serviram como argumentos para a abolição da escravatura nas colônias francesas?

E o general? Um brasileiro confiou a Arago: considerava o general “um tolo, porque não aceitou um posto oferecido nos exércitos do nosso gracioso imperador”. O motivo era que podia dar-se o caso de a França e o Brasil entrarem em guerra... (Hogendorp teria tido esperanças de arrancar Napoleão de Santa Helena e trazê-lo para o Brasil; dessa conspiração não seria alheio o próprio Príncipe Dom Pedro, bonapartista que ingressara na maçonaria onde se tramava a independência; a morte de Napoleão teria provavelmente levado o jovem príncipe a aceitar, ele próprio, o papel napoleônico semelhante ao de outros libertadores sul-americanos, Sucre, Miranda, Bolívar, San Martín...)

Regressando ao Brasil, Arago encontra novamente o general:

- General, publicarei suas memórias, com uma condição.
- Qual?
- A de que o alto personagem que o senhor acusa possa defender-se.
- É justo.
- E se ele tiver morrido?
- Queime então os papéis, e que as cinzas dos caluniadores não sejam aviltadas.

“Não publiquei as memórias do General Hogendorp”, escreveu Arago. E assim, o general napoleônico, embaixador na Rússia, governador de Java, embaixador em Viena e na Espanha, governador da Prússia, da Lituânia e de Hamburgo, falecido no Rio e, enterrado nas encostas do Corcovado, não viu seus escritos editados. Foram-no em 1852, na Holanda, seu país natal. Quanto ao túmulo, até hoje o procuram em vão.

Jacques Arago resume a história do Brasil *à sa façon*:

“A História do Brasil, desde sua descoberta, pode resumir-se em duas épocas, a dos primeiros estabelecimentos pelos especuladores mediante pagamento de imposto aos portugueses, e a chegada de Dom João VI ao Rio, fugido de Lisboa diante dos exércitos franceses vitoriosos. Construíram-se nesta terra fecunda algumas cidades e aldeias, erigiu-se aqui uma cidade real. A nobreza portuguesa para aqui acompanhou a família dos Bragança. Desde então, uma atividade maior se faz sentir na procura do ouro, das pedras preciosas que aqui rolam nos rios e regatos. Mas a agricultura, a indústria, as artes e as ciências aí ficaram estacionárias, e nada anuncia ainda que o Brasil queira regenerar-se num batismo de civilização, de glória e de liberdade”. Curioso é que o Abade Delaporte, divulgador de viagens, sem nunca ter estado no Brasil, assim encerra a segunda de suas duas cartas sobre a colônia portuguesa, publicadas em seu livro *Le Voyageur François*, em Paris, em 1771, cinqüenta e um anos antes, portanto, do que disse Arago...

Moreira Telles foi à estante, catou o livro. leu: “Mas, para voltar às colônias do Brasil, eu o repito, Madame, que não se dedicando senão à procura do ouro, elas empobrecem a metrópole. Não há riquezas reais a não ser as que dependem da indústria duma nação, do número de seus habitantes, da cultura de suas terras. Os tesouros dos portugueses não fazem mais que passar de suas mãos às dos estrangeiros. Esse povo abandona a riquezas naturais pelas riquezas de ficção, que diminuem de preço à medida que se multiplicam; ao passo que os gêneros alimentícios, dos quais não são que a representação, tornando-se mais raros, aumentam de valor. Lembrai-vos daquele rei insensato, que pedia que tudo que tocasse se convertesse em ouro, e que acabou na mais horrorosa miséria. É a imagem dos Portugueses”. A carta desse viajante sem viagens é datada de “Salvador, 12 de março de 1752”. Existem, nos Arquivos Navais de França, planos para uma invasão ao Brasil, a realizar-se por volta dessa época, provavelmente com o auxílio dos jesuítas. O Abade Delaporte era jesuíta, entusiasta da catequese jesuítica no Paraguai. O plano parece ter sido abandonado quando os jesuítas foram expulsos de Portugal e do Brasil, pelo Marquês de Pombal. Mas voltemos ao nosso Arago.

“O caráter dos brasileiros — diz ele — sendo de algum modo o de não tê-lo, pouco lhes importa bem viver, contanto que vivam. Evitar a dor é tudo para eles. Não querem ser agi-

tados; o movimento não lhes convém; acordai-os e caem, e não creio que um cidadão condenado a fazer num dia uma estirada de quatro ou cinco léguas seja mais cruelmente punido que o que deve sofrer uma pena de oito dias de prisão. O único caso em que saem de sua espécie de letargia é quando lha censuram. Não desesperemos dos brasileiros.”

“Esse jardim público totalmente deserto, esse belo passeio no aqueduto completamente abandonado, essas florestas vastas, magníficas, silenciosas, que escondem tantos tesouros que uma mão ativa teria tão pouco trabalho em decuplicar; essas águas límpidas, tão piscosas, que rolam hoje tristes e inúteis sobre regiões semi-selvagens; esses milhares de animais nocivos que assaltam as populações e que seria tão fácil destruir ou afastar; esses povos nômades e cruéis que lançam o terror até às partes das principais cidades; tudo isto não indica a culposa apatia dos brasileiros? Pois bem: indicai-lhes os resultados de sua mole despreocupação, e rirão de vós; sua memória preguiçosa (“preguiçosa” é também a palavra usada por outro viajante, de poucos anos antes, Tollenare...) acordará para vos mostrar num passado pouco distante o que era o Brasil antes da conquista; e sua fronte, de ordinário descolorida, se cobrirá de um certo rubor de modéstia, como se a glória dos Dias, dos Cabral, dos Albuquerque lhes fosse própria; como se as conquistas de seus antepassados fossem fruto dos trabalhos e fadigas de hoje”. Em todas as direções desta vasta parte do Novo Mundo, nas planícies, no centro das montanhas, nas bordas do mar, dizia-me um dia um brasileiro, possuímos cidades florescentes, burgos populosos, portos de mar amplos e seguros que arrastam a nós os especuladores da Europa. Acreditam chegar entre selvagens e não encontram, em toda parte, senão homens civilizados; espantam-se, estupefatos, com a riqueza do país, o comércio de nossas cidades, e partem com o sentimento de nossa glória e nossa prosperidade.

“Todos os brasileiros usam hoje a mesma linguagem; e, a escutá-los, crer-se-ia que o Brasil não tem outras riquezas senão as que trouxeram.”

“Amarga irrisão! Fingem ignorar que a melhor parte deste vasto país é apenas conhecida e que se, a grandes distâncias, alguns estabelecimentos indicam aos viajantes os fracos traços duma civilização nascente, o espaço imenso que os separa está totalmente abandonado; esquecem, esses homens cegos e sono-

lentos, que as comunicações entre duas províncias são sempre difíceis e algumas vezes impossíveis, por causa das torrentes que assolam os campos e derrubam as frágeis barreiras que lhes haviam oposto. Recusam-se a nos fazer saber que de Bahia ao Rio, as duas cidades principais do Brasil, não se pode viajar senão a pé ou em lombo de burro e que uma grande estrada para viaturas está apenas começada. Não nos falam da obrigação de o viajante trazer consigo seus víveres necessários ao trajeto; do cuidado de trazer escravos, muitas vezes pouco fiéis, que lhes sirvam de guias no meio das florestas e das vastas solidões.

“Como o Brasil será, segundo toda a probabilidade, o nosso último descanso após tantos percursos aventureiros (— Esta frase, como se verá, é uma involuntária profecia — comentou Moreira Telles), falar-vos-ei agora dessa família errante dos Bragança, que seria injusto julgar no meio das revoluções e catástrofes que a perseguiram nos dois hemisférios. Dir-vos-ei do caráter tão singularmente bom e fraco de João VI, que olha, como ele próprio me disse um dia, a construção de um pára-raio sobre um edifício como um ataque ao poder de Deus. Falar-vos-ei dessa juventude ardente de Dom Miguel e do fogo impetuoso e guerreiro de Dom Pedro, seu irmão, cuja partida enriqueceu o Brasil de um pouco mais de liberdade e de um despota a menos. Contar-vos-ei então a vida desolada e sofredora de Leopoldina, irmã de Maria Luíza, mulher superior pelo caráter e pela educação, que morreu tão miseravelmente desdenhada e esquecida pelo seu real esposo. Traçar-vos-ei ainda um quadro fiel dos costumes dessa corte abastardada, onde a libertinagem ia muitas vezes ao cinismo, e na qual os senhores davam o exemplo do aviltamento e da depravação. Tenho pressa de acabar hoje com essa cidade real onde os vícios da Europa transbordam em toda parte.”

A volta ao mundo o traz de novo ao Rio: “Então? Nada mudará nessa grande capital que atrai os navios viajantes do universo? Verei todos os dias essas ruas sem calçamento, a guardar as águas das chuvas e das casas, tão pobremente saneadas? Encontrarei nos meus passos, cada noite, esse bando de hediondas criaturas enroladas num grande manto preto, dizendo baixinho, de longe, alto ou perto, coisas que sou obrigado a escutar e que me envergonharia de haver compreendido?”

“Passo junto da prisão ao pé da qual fustigam tão rudemente os escravos contra os quais se apresentaram queixas; depois, lá está o mesmo poste que vi uma vez; um pouco mais usado, mas o sangue o cobre e enche o vazio feito pela corda. Das grades onde os prisioneiros se abafam desce ainda uma bolsa onde o transeunte joga às vezes uma moeda. Evito cair na armadilha porque a sentinela, vigilante, que passeia ao pé do muro decrépito, lá está, para vigiar a partida do benfeitor, e é a mesma que um dia, já lá se vão três anos, desatou a escudela do infeliz para se apropriar da magra esmola que eu ali havia jogado. Quanto tempo faltará então aos legisladores, aos príncipes, para abafar os abusos, para castigar a corrupção e proteger a infelicidade?”

Ao descrever sua entrada na baía da Guanabara, Arago se detém para contar, a seu modo, a história de Villegaignon.

“Uma vez franqueada a barra, está-se diante do Forte de Villegaignon, que deve o nome a uma ação heróica de um jovem basco, ousado o bastante para ter tentado enfrentar um grande ato de crueldade... Em consequência de algumas altercações com os brasileiros, a equipagem de um navio de Baiona chegada ao Rio poucos dias antes se viu subitamente cercada, feita prisioneira e conduzida à pequena ilha onde se encontra hoje construído o forte. Instruiu-se um processo, todos os marinheiros bascos foram enforcados, ‘não como franceses’, diz a sentença, ‘mas como heréticos’.

“À notícia dessa barbaridade, Villegaignon, gentil-homem de Baiona, dirigiu-se ao rei de França para pedir vingança. Mas os reis são em geral muito esquecidos das injúrias e ultrajes públicos. Cansado de solicitar sem nada obter, Villegaignon reúne em sua casa um certo número de amigos com os quais compartilha sua generosa indignação.

— Desejais ser dos meus? — disse-lhes. — É o sangue de nossos irmãos que nos chama ao Brasil. Estais dispostos? Tenho um brigue, parto.

— Partiremos contigo! — gritam os camaradas.

— Até amanhã, meus amigos!

— Até amanhã!”

É uma cena de juramento como no mau teatro e na má ópera — que são sempre péssimos veículos da História.

“Villegaignon atravessa o Atlântico, chega diante do Rio como um lobo faminto à procura da presa, penetra na enseada,

e responde cortesmente à saudação da barra, tiro por tiro. Depois, atento e impaciente, deita ferros a uma das amarras da ilha onde havia ocorrido o sacrifício dos compatriotas. A noite vem.

— As armas! — diz aos bravos e devotados companheiros.
— As armas! Ali está um brigue de guerra brasileiro, sua tripulação é sem dúvida numerosa; mas nós temos coragem. Ao mar os escaleres e à abordagem do brigue!

— A abordagem!

E ei-los vogando à força de remos em direção ao navio brasileiro.

— Ao largo! — gritam-lhe.

— Ainda não! — responde Villegaignon de pé na proa da primeira embarcação.

— Ao largo!

Mas Villegaignon e seus amigos já abordaram, precipitaram-se em silêncio pelas escotilhas e cordames; as pistolas estão mudas; eles batem, derrubam, matam a golpes de sabre, a lanças, a machadadas; é mais um massacre que um combate.

— Que não os liquidem todos! — grita Villegaignon todo coberto de sangue. — Degolai os que restam e partamos para terra!

A ordem é executada. Dez marinheiros são conduzidos à ilha, julgados e enforcados. Villegaignon faz pregar nas forcas esta simples inscrição: “Enforcados, não como heréticos, mas como assassinos.”

Dir-se-ia o roteiro de um filme de Fantomas, ou um folhetim de Zevaco. Mas a narrativa prossegue: o navio de Villegaignon é cercado por mil embarcações brasileiras de guerra, o brigue é intimado a render-se. Villegaignon responde a fuzil e metralha; mas “o número leva a melhor sobre a bravura”. Todos foram enforcados na ponte do navio, exceto o comandante: “trancaram-no numa fétida masmorra, onde morreu em meio aos mais horríveis tormentos”. E Arago termina: “O Forte de Villegaignon tomou o nome do bravo gentil-homem baionês, que a corte de França nem mesmo pensou vingar”.

Onde teria Jacques Arago ido buscar esse estranho capítulo, incrível paixão e morte do “rei da América”, o “Caim da América”? Nem se diga que fizera alguma confusão com Duclerc e Duguay-Trouin, pois logo adiante conta: “Duguay-Trouin, entrando como inimigo, com todas as velas, na enseada

do Rio de Janeiro, praticou uma ação brilhante de que os anais de nossa Marinha guardam preciosamente a gloriosa lembrança. O massacre da tripulação do Capitão Duclerc foi vingado e o grande almirante trouxe para a França vinte e sete milhões que impusera à cidade. Ouro contra sangue, assim se fazem muitas vezes os negócios entre soberanos”.

Não estimava os padres. Espantou-se com o número de jovens sacerdotes que encontrou: “No Brasil, um monge ou um padre tem sempre dezoito anos”. Um desses jovens monges era o diretor da Biblioteca Imperial e mostrou ao francês os volumes que a compunham, falando “com o mais profundo desgosto” de Rousseau, Montaigne, Voltaire, Pascal, D’Alembert, Diderot. Ao lado havia a biblioteca do “nosso gracioso filho Dom Miguel, futuro soberano do Brasil”:

— Ele vem aqui muitas vezes?

— Nunca.

— Que saberá então esse jovem príncipe?

— Que é filho de rei.

— É pouco.

— É muito. Tantos outros o esqueceram!

Viu os primeiros resultados da Missão Le Breton: visitou o museu embrionário, os dois Taunay, um já desencorajado, “como São João no deserto”. Quanto ao escultor Taunay, informa: “No Brasil apreciam suas estátuas por causa do volume e eu o vi prestes a quebrar a marteladas um magnífico busto de Camões porque, fiel à História, fez o poeta caolho e exigiam dele que desenhasse os dois olhos em harmonia”.

“O Instituto do Rio jamais se reuniu em sessão e tudo é morto no Brasil para os homens de talento, que se sentiam lisonjeados de levar uma nova religião de letras, de ciências, de belas-artes. Os brasileiros não compreenderão jamais que só nesta religião reside a verdadeira glória das nações?” “No Rio não se encontra uma só coleção de quadros, nem nas casas dos antigos nobres, nem nas dos ricos senhores; apenas, aqui e ali, algumas gravuras *decoram* os vastos salões dos hotéis; e que gravuras, Deus do céu! Romeu, Paulo e Virgínia, Cora, Amazil, Atala e Chactas... Tudo isto dá muitas vezes desejo de deixar a cidade e fugir para as florestas eternas que a circundam”. Sua visita às vendas de escravos do Valongo o horroriza: mais ainda quando vê um negro com uma açaima; e mais

ainda com os crimes praticados pelos escravos como vingança contra os maus senhores.

E o teatro em 1822? O futuro autor de *L'Éclat de rire* conta-nos: "Meus passeios do dia me conduziram à Praça do Rocio, onde está situado o teatro real; Leio o anúncio: *Zaïra*, uma comédia, três entremeses, e *Psyché*, balé em três atos de grande espetáculo. Ainda bem! Vou fazer valer o meu dinheiro... Oh, Voltaire! Perdoa o teu sacrílego tradutor!... Orosmane está coberto com um turbante encimado por vinte ou trinta plumas de diversas cores, e duas enormes correntes de relógio passeiam monstruosos berloques até o meio das coxas, com um choalhar semelhante ao de um molho de chaves de guardião de torre em inspeção. Gigantescos braceletes ornarn seus braços nervosos e encantadoras e trêfegas suíças adornam suas têmporas e vêm acariciar os cantos de sua boca. A peça de tecido que pesa sobre seus ombros não é nem manto, nem casaca, nem *houppelande*, nem redingote; mas junta as quatro espécies de vestimenta duma vez e não pode ser descrita em língua alguma. É de apavorar o pincel do mais ousado dos caricaturistas. Orosmane fala e gesticula. Que o levem às galeras!

"Aqui estão *Zaïra*, *Nérestan*, *Chantillon*, *Lusignan*: todos juram ultrajar o grande homem... Mas os camarotes aplaudrem... Não peço melhor e faço como os camarotes. Bravo! Bravíssimo! Depois da tragédia, a comédia e as farsas... Quanto a mim, pensei que já tinham representado a farsa.

"Monsieur e Madame de Toussaint, bailarinos de Paris, escapados da Porte St. Martin, são os primeiros artistas: gozam de merecido favor e a mulher principalmente tem direito a grandes elogios. Mas há lá também uma jovem espanhola de rosto severo, cabelos de ébano, olhares de fogo, talhe esbelto e flexível como um bambu, da qual Paris se sentiria orgulhosa e invejosa, juro. Dizem que é dum bom comportamento à prova de todas as seduçõs: de não se maravilhar com nenhum diadema. A Señora Dolores não vem da Ópera de Paris.

O segundo ato de *Psyché* se passa na garganta de Cérbero e vos asseguro que isto é muito curioso de se ver. Pouco importa, prefiro os Funâmbulos.

"Os nomes de Ésquilo, de Sófocles, de Eurípides estão escritos no pano de boca; é tudo que há de Ésquilo, Sófocles e Eurípides no teatro do Rio. (O elogio vai direto a Debret, que pintou o pano de boca.)

“Resumindo, há no Brasil duas classes de homens: os que espancam e os que são espancados”. “Há no Brasil ao menos duas vezes mais sacerdotes do que na Espanha e em Portugal. São quase todos de uma coqueteria no vestir, de maravilhar os olhares: e vós os vereis, sedutores covardes, a deslizar nas famílias e a lançar em toda parte a desordem e a corrupção.

Impressionou-o a escravatura. As cenas de brutalidade que viu ou de que teve notícia decerto haveriam de influenciar seu irmão François para a apresentação da proposta da abolição do trabalho servil nas colônias francesas em 1848 — tanto mais que coube a esse político e homem de ciência a revisão e as notas da obra de Jacques.

Conta ele ter encontrado um negro de ganho esforçando-se para vender bolos e que lhe disse que, se não o fizesse e não esgotasse a mercadoria, seria espancado por seus donos. Descreve também a magnanimidade de Dom João VI ao intervir pessoalmente, mais de uma vez, para que o número das chicotadas diminuísse. Registra o seguinte diálogo com um negro que alugou para o seu serviço:

- Por que não cantas?
- Nosso dono gosta de rir.
- Não, canta.
- Eu canto dentro de mim, não fora. Meu dono me proibiu: ele quer que a gente não pense nunca no país da gente...
- Mas eu permito. De onde és?
- De Angola.
- Há muito que vives no Brasil?
- Muito, muito tempo.
- Que idade tens?
- Vinte e dois.
- Gostarias de voltar a Angola?
- Longe demais; não posso nadar até lá.
- Tu mesmo te vendeste?
- Meu pai.
- Caro?
- Um barril de aguardente, cheio.
- Tinhas uma irmã, um irmão?
- Sim, uma irmã, vendida como eu, por duas peças de pano azul.
- Onde está tua irmã?
- Nas nuvens.

— Como?

— Eu estrangulei ela, quando chegamos.

— Estrangulaste tua irmã? Por quê?

— Eu gostava dela e nós íamos casar. Irmão e irmã se casam em Angola. Quando chegamos ao Brasil, nos separaram. Fui vendido a um rico e ela a um monge. Um dia encontrei minha irmã na fonte, vi nas suas costas as marcas das chicotadas que recebeu na véspera. Apertei a mão dela, perguntei se era feliz; ela me mostrou as costas lanhadas. ‘Amanhã você não sofrerá mais.’ No dia seguinte, esperei no canto da Rua da Alfândega o dono e minha irmã. Quatro outros padres iam também. Eu não era tão forte que pudesse matar todos. Entrei na casa... e minha irmã não sofreu mais.

— Mas isto é um crime que tu praticaste! Posso denunciar-te!

— Não importa. Ficarei junto de minha irmã.

O prefaciador de Arago, Jules Janin, também colabora na pintura dos quadros do autor: “Mas as damas! Oh, as damas do Brasil!” São, em sua opinião, fogo debaixo de um belo invólucro de carne morena, leve e ulzidia. Andam totalmente carregadas de pérolas, de rubis, de diamantes, de cadeias de ouro; belas escravas seguram as caudas de seus vestidos que se arrastam. “Elas vivem uma vida horizontal. O lazer, o sono e o amor, eis sua vida. Se têm um pouco de lazer, chamam um escravo: ‘Deita-te aí’. O escravo obedece e então, armadas dum chicote de cabo de marfim cinzelado, essas belas damas procuram, com uma crueldade sorridente, os lugares mais sensíveis dessa criatura humana prostrada a seus pés. A que arranca, com a ponta da correia ensangüentada, a mais bela fatia de carne negra, é a vencedora. Acrescentai a esse amável conjunto os horrorosos monges de todas as cores, as igrejas profanas cheias noite e dia de toda espécie de encontros galantes, os antropófagos nas florestas. E no entanto o nosso feliz personagem, nas florestas de antropófagos, encontra verdadeiras parisienses de Paris, tão belas e tão frescamente ataviadas, com tão lindas fitas e olho tão fino, e dentes tão brancos. Elas iam a seu lado para ver como os selvagens podiam comer um homem completamente assado”. E por aí vai esse Janin, autor do romance *Anne morte et la femme guillotinée* e outros folhetins de horror, a colaborar com as cenas que Arago descreveu cheio de horror pelo Brasil. Depois de sua volta ao mundo,

Jacques Arago volta a Paris, torna-se autor teatral; sua peça *L'Éclat de rire* é traduzida em Portugal por Émile Doux. João Caetano, de visita a Lisboa, traz peça e tradutor para o Brasil. Tão grande é o sucesso de Caetano em *A gargalhada*, onde a personagem enlouquece e dá uma gargalhada de dez minutos, que ele paga a viagem do autor, para vir ser aplaudido também. Jacques Arago chega. Cego. Ouve seu drama numa língua que não conhece; recebe os aplausos da platéia que injuriou. Regressa a Paris. O êxito do Rio o chama outra vez. Volta, desta vez acompanhado da sobrinha. E morre no Rio, glorioso, pranteado, com grande enterro.

Moreira Telles, ante a atenção com que o ouviam Totonho e o Marquis, achava-se estupendo:

— Se você for, Totonho, à cidade natal de Villegaignon, Provins, lá o verás consagrado como fundador do Rio de Janeiro. Os franceses tiveram sempre uma fixação pelo Brasil, o Brasil como território francês... Leia D'Abeville e Yves d'Evreux, esses nostálgicos do Maragnon; veja a invasão de Duclerc e em seguida a pilhagem de Duguay-Trouin, sob os auspícios de Luís XIV: Trouin não podia saber que Duclerc tinha sido assassinado no Rio, pois a partida de sua expedição é anterior à chegada da notícia do assassinato; no entanto, os manuais franceses afirmam que um veio vingar o outro; Arago chega a dizer que Trouin veio vingar o massacre dos franceses de Villegaignon — vingança de um massacre inexistente e praticada dois séculos após a expulsão dos franceses da Guanabara... Na opinião do francês médio, somos uma terra de índios e de bichos; Issomericq, Paraguaçu, *La perle du Brésil*, Los Indios Tabajaras, as fotos de Jean Manzon, os desenhos de Debret, os documentos de Ruão, as viagens de Saint-Hilaire, até as crioulas dos conjuntos folclóricos, tudo serve para convencer o francês de que somos um país de índios, de macacos, de mulatos, e que toda essa fauna deve ser francesa. Não houve um só francês que, visitando-nos, não quisesse ver índios (o coronel pensava nos seus visitantes franceses e nos índios campineiros...), e que não contasse aos compatriotas o horror das cobras, sapos, leões, macacos que viu por lá. Jean Lorrain, que nunca esteve no Rio, falou na existência de zebras em plena Copacabana, em 1922; ao que o nosso Antônio Torres retrucou em crônica não serem zebras, mas ministros!

— *Ça, c'est bien!* — comentou o Marquis.

— *Terre de sauvages!* — exclama Gobineau. — *Terre de sauvages!* — exclama Sarah Bernhardt meio século depois. O francês tem a volúpia da nossa selvageria. Quando Clemenceau visitou o Brasil, queria ver macacos. Embrenhou-se nas terras dos Teixeira Soares, em Petrópolis, derreado no lombo de um burro. Não viu nada. No Louvre, a Imperatriz Eugênia gostava de dizer, quando aparecia a Princesa de Joinville, Dona Chiquinha, irmã de Pedro II: "*Voilà la Cousine Chiquigna, qui vient prendre sa soupe aux perroquets!*"

— *C'est tordant!* — comentou o Marquis.

Moreira Telles voltou-se para o francês, como se o acusasse:

— Vocês, franceses, nunca nos compreenderam, e acreditam, mais do que os portugueses, que somos apenas uns súditos travessos e indisciplinados, que um dia voltarão ao bom aprisco, loucos para sermos angolenses, martinicanos, indochineses ou moçambiquenses.

— *Je n'y suis pour rien, mon vieux!*

— Você não, você é um bom amigo... Mas veja o Lévi-Strauss quanta besteira escreveu sobre os brasileiros — e até hoje vive a explorar os bororo, que visitou durante uns poucos dias! E sabe o que escreveu o seu Embaixador Soubillou, num relatório secreto ao Quai d'Orsay, quando deixou o Brasil? Que somos um povo tão ausente de amor à liberdade que expulsamos Pedro II porque o Imperador libertou os escravos!

— *C'est dégoûtant, tout de même...* — comentou o Marquis.

— Vivo aqui a imaginar que o vosso Général, na próxima visita ao Brasil, vá gritar: "*Vive le Brésil libre!*"

O coronel-cochilava, depois da segunda dose de *cognac*; mas acordou ao último brado, a ponto de entrescrutá-lo e comentar:

— No que será secundado em coro por Dom Helder Câmara e Luís Carlos Prestes, e mais Plínio Salgado!

— *Voilà ce que j'appellerais un emmerdement!*

— *Eh bén, mes amis:* a nossa revista servirá para repor as coisas em seus lugares e esclarecerá esta esclarecida nação!

Proclamação feita, com o aplauso do Marquis, serviu-se nova rodada. Esfreguei-me nas pernas de Totonho, para alertá-lo da hora tardia. Totonho passeava pelos livros o olhar opaco. Tomou uma brochura, disse ao embaixador:

— Telles, me empreste isto.

Era o *Paris est une fête* de Hemingway. O coronel meteu-o no bolso e se encaminhou para o capote deixado em cima duma das cadeiras.

Um odor novo, matinal e campestre precedeu o soar da campainha. Moreira Telles abriu a porta, que emoldurou os lábios, o rosto de Rina.

Quantas vezes Totonho diria esse nome, para si mesmo, quantas vezes o murmuraria, quantas vezes tentaria ouvi-lo como pronunciado por ela própria, com um “r” inicial mole de mediterrânea?

— *Appelez-moi Rina, monsieur, s'il vous plaît...*

Ela o disse depois das apresentações, depois de aconchegar-se a um canto de sofá, íntima, pondo as pernas por debaixo das coxas e seguindo a conversa, ou melhor, contemplando-a como a uma partida de tênis, e respondendo a uma e outra pergunta, ora com um assentimento rápido de cabeça e vários “v’oui, v’oui, v’oui” risonhos, ora apenas acendendo os olhos, como asas de borboleta que se abrem. Moreira Telles exultava de exhibir a amiga, depois de beijar-lhe sofregamente a mão; sua amiga Rina, flor de Paris, presença para encantar qualquer *gala*, qualquer *vernissage*, qualquer *dîner*; suas linhas eram as duma estátua à espera de escultores que se chamavam Chanel, Givenchy, Dior, Balenciaga; seus cabelos, a matéria para os dedos do *coiffeur* Antoine; suas sobrancelhas em curva fina, os olhos longos, as narinas perscrutadoras e ariscas de caçadora, o lábio ligeiramente entreaberto à espera duma surpresa e como a causá-la, e uma voz grave e quieta, que parecia dirigir-se a cada ouvido e a todos, milagre de colóquio e de comício...

— Vocês precisavam ver Rina descendo comigo as escadas do Bar Anglais, uma tarde!

Verdade: os copos ficaram a meio caminho, as pupilas todas numa só direção, o ruído da coqueteleira cessou nas mãos do *barman*.

— Rina contemplou os freqüentadores estáticos e murmurou: *Merci*. Ao seu ouvido, eu também disse: *Merci*. Foi minha tarde de glória.

— *Tu exagères, mon cher. C’est mon tour de te dire: merci.*

Aquele tutear doeu no coronel — e ele tratou de chamar atenção sobre si, indagando se Mademoiselle, dona de tão linda voz, era cantora. E, para Moreira Telles:

— Se eu tivesse a voz dela, cantava todo o mundo.

Os franceses, claro, não entenderam. E Totonho gastou inutilmente o madrigal.

— *Appelez-moi Rina, monsieur, s'il vous plaît...*

Quando o disse, seus olhos se dignaram a baixar, e:

— *Tiens, le drôle de p'tit chien!*

Sem fazer caso do meu olho, de minha orelha, de minha perna, estendeu-me os dedos e me afagou com as pontas das unhas, com tão perturbadora carícia que emborqueei, as coxas para o ar, a pedir-lhe um cafuné mais íntimo. Rina continuou coçando-me os pêlos e informando ao coronel: adorava cães. Tinha uma cadelinha, sua melhor amiga. Não queria, porém, interromper o assunto dos homens; viera só dizer *un p'tit bonsoir* a seus amigo Tellès, saber de sua saúde, e pedia que continuássemos. Interessou-se pela revista, pasmou para o coronel que a financiaria, para os conhecimentos de coisas do Brasil demonstrados por Beauregard, reclamou que não lhe tinham oferecido *une toute p'tite goutte de cognac* — que apenas beijou na orla do copo. Levantou-se, remexeu livros aqui e ali, passeando com as pernas vagarosas, que os homens contemplavam entre uma e outra frase, com baços olhares de álcool. Acomodou-se novamente no sofá, chamou-me com um *Viens, toi!* Eu me atirei ao lado dela, ofereci-lhe a cabeça para um novo agrado e ela a comprimiu contra si. Senti no ar a inveja do meu dono, uma inveja capaz de esmagar-me, ele, o Homem que me devia a vida! E me lembrei de uma frase um dia ouvida de Totonho, num de seus momentos autobiográficos: “Sempre senti mais inveja do que ciúme”. Pobre Totonho! Minha orelha esquerda pousava pouco abaixo do decote de Rina e eu sentia o seu seio e ouvia o seu coração; minhas narinas bebiam o perfume de através do vestido, meus pêlos se entranhavam dele; e ousei lambe-lhe os dedos, tão de leve quanto suas unhas me afagavam a testa. Se existe momento chamado felicidade é este, igual para homens e cães, porém muito mais requintado para o cão, que não precisa desdobrar-se em esforços de palavras para ganhá-lo, e pode ganhá-lo à vista de todos, sem esconder-se. Totonho já não falava mais nem seguia o diálogo dos outros; buscava talvez alguma nova frase, já que

Rina ignorava o galanteio da pergunta. Ele insistiu, repetiu; Rina respondeu enquanto me acariciava e o coronel olhava seus dedos a circular no meu dorso, com tanta intensidade que perdeu a resposta: não, não era cantora; gostaria de sê-lo, menos pela alegria da arte do que pela vaidade de saber-se olhada, ouvida:

— *Moi, j'aime qu'on m'admire.*

O coronel regressou da inveja que sentia:

— *Vous devez chanter très bien.*

As pálpebras de Rina agradeceram. Curioso é que Totonho lançava contra mim sua cólera, quando devia fazê-lo contra Moreira Telles. Como se teriam conhecido, que teria havido entre eles? O embaixador conversava com Beauregard, quase alheio àquela presença, ou melhor, tão seguro dela como dos móveis, dos livros de sua propriedade. Sua propriedade! Quando me assaltou esta noção, eu é que senti doer por dentro, dor de cão à espera do abandono e da privação de carícias logo que os seres humanos iniciam as que reservaram para si... Eu previa esse abandono e Rina o adivinhou porque, subitamente, talvez num sestro para chamar atenção sobre si, começou a me falar:

— *Et toi, pauvre p'tit? Veux-tu connaitre ma p'tite Brigitte?*

Ela me tuteava, me falava de sua Brigitte — e explicava a Totonho:

— *Brigitte, ma caniche. Un hommage à Brigitte Bardot.*

Entre os vapores do *cognac*, os sentimentos de Totonho se dividiam: o ciúme e ao mesmo tempo um vislumbre de aceno, de estalo de seus dedos, já que Rina me convidava a conhecer sua cadelinha. Decerto, era um convite a ele, sim, a ele; logo, eu não era o rival. Um aliado, que ele precisaria usar! O rival estava ali, o pedante Moreira Telles, novamente engajado a explicar a Beauregard a necessidade de maior intercâmbio entre o Brasil e a França, sério, cultural, artístico, e nada dessas coisas de folclore, que acabam sempre em exibição de negras e mulatas, como as do Senegal e da Costa do Marfim, a badalar as tetas no Théâtre des Nations... *Les ensembles affreux-brésiliens!*

Mais verde-e-amarelo que o brasileiro, o francês proclamava a grandeza do que os portugueses souberam fazer e os

franceses ignoraram: a colonização fálica, a posse da terra pela fecundação do sêmen!

— Escreva isto, meu caro! E você será condecorado pelo governo brasileiro! — exclamou Moreira Telles.

O Marquis babava-se ante a possibilidade. Afinal, tinham-no esquecido! Consultando o relógio, preferiu confessar, antes de proclamar que era tarde:

— Cabe a vocês, brasileiros, recomendarem o meu nome. . .

La Croix du Sud, ça va bien à côté de la Légion d'Honneur!

E, para Totonho:

— *Vous l'avez déjà, mon colonel?*

O coronel saiu da ionosfera de Rina:

— O quê?

— *La Légion d'Honneur*. — Pois ele acreditava ter pres-tígio para consegui-la do governo francês.

Nada mais justo, pensou para si mesmo Totonho. Por que não? Afinal, um brasileiro mergulhado nas coisas da França, cultura, cozinha, vinhos, música, mulheres, glória, tradição, honra, queijos, perfumes. . . E que lindo, chegar ao Clube Campineiro com um botãozinho vermelho à lapela, em vez do dos Veteranos de 1932, e fazer o pessoal do *poker* pasmar, fazer o Bento ridicularizar a vaidade por despeito! Olhou-me e concluiu que eu também merecia ser condecorado, porque salvara a vida dum amigo da França. Logo, a condecoração seria também minha. Perguntou, em voz alta:

— Que é que você acha, Brinquinho?

Abanei o rabo, sem levantar a cabeça das maciezas de Rina. Eu *já estava* condecorado, por ela, pela França, Rina com um barrete frágio a dar-me a sua *accolade* dos dois lados do focinho e a me sussurrar que eu era *un p'tit amour de chien*. O coronel divertia-se sinceramente com a idéia da condecoração e nem viu que Rina me beijava. A revista seria uma razão para a comenda — e para a condecoração de Beauregard. Moreira que se danasse; nem faria caso, já tinha a *Légion*, como todo diplomata. E então, para brilhar aos olhos de Rina, para justificar a *Légion* como se a recebesse diante de tropas formadas, aos ósculos de um general bigodudo e de cenhos franzidos, perguntou:

— *Savez vous, Mademoiselle, que vous avez un héros sur vos genoux?*

Balouçante, o coronel se levantou para a sua melhor apresentação. Contou, com vocabulário melhorado, o meu heroísmo, isto é, o seu, face-a-face com uma onça do tamanho de seus dois braços abertos, grande como o tigre abraçado ao cavalo branco na pintura de Rousseau, tão espaçosa e violenta que ameaçava os *bibelots* de Moreira Telles. Lancei-me a ela (na narrativa do coronel) qual um Bayard, depois de Totonho lhe haver cravado a certa *dague* no fero coração. Os olhos de Rina brilhavam, seus lábios tremiam como saboreando uma gota de sangue, suas unhas cravaram-se nas minhas costas e de repente sua mão inteira, suave e crispada, protegeu-me da onça, no seu regaço maternal, protegeu-me do coronel, do mundo... Diante dela, facão invisível em riste como um Siegfried de ópera, Totonho acabava de estraçalhar o monstro e me retirava de sob os seus despojos, salvando-me de ser esmagado, achatado; e eu, sofredor, combalido, abandonava-me ao braço indômito de Totonho, isto é, ao braço langue e perfumado de Rina, como um Cristo de *Pietà*. A narrativa, repetida em francês, em diversas circunstâncias, adquiria novos coloridos vocabulares, imagens catadas nos comentários de circunstâncias, precisões de verbos, de adjetivos, e uma pronúncia bastante razoável. Rina foi generosa:

— *Et surtout, Monsieur, vous le racontez d'une façon épatante!*

— *C'est vrai* — concordou Beauregard.

Ah, se Bento o ouvisse, e Veva, e o pessoal do Clube! Isto, sim, é uma condecoração! Humildemente, Rina perguntou se não gostaria de levar o cãozinho heróico ao Bois de Boulogne, na manhã seguinte, *pour prendre un peu d'air*. Totonho e eu procuramos algum vislumbre de desgosto nos olhos de Moreira Telles. No entanto, ele aplaudia a sugestão e indagava, garrafa em punho, se aceitariam mais uma dose. Não, era tarde, na opinião do Marquis. Rina deixara o seu pequeno Renault na rua, poderia levar-nos. Saímos todos, envoltos em sua nuvem de perfume e nossas nuvens de *cognac*. Menos o embaixador, que ajudou a vestir os capotes. Depois de depositado Beauregard, Rina pediu o endereço do coronel.

— *Rue de Tilsitt? J'y passe toujours! J'aime aller au Cinéma Napoléon, voir des films d'épouvante.*

Cruzamos a via-láctea do Sena, em silêncio. Totonho arfava, da emoção da narrativa, do *cognac*, da emoção de estar

ao lado de Rina, o que também me punha a língua de fora, taquicárdico.

Amanhã. No Bois. Diante dos portões de Bagatelle.

No céu, por entre as árvores, Deus plagiava Corot.

Um frio fino corria na relva, baixava dos castanheiros, bailava com a luz e apressava os passos da gente a procurar, aqui e ali, algum sol incidindo sobre alguma cadeira vazia. Os cães, polidos, galopavam e se entrefarejavam sob o pasmo contente dos donos. Do outro lado dos gradis encimados de lanças douradas, as rosas inauguravam a primavera, ainda timidamente, mas já em constelações de cores, a ostentar didascálias ilustres, nomes de Ladies, de Rainhas, de Príncipes, de novos-ricos, nomes de autores de rosas, datas da invenção das rosas. Na longa várzea ousei apenas admirar a civilidade canina, de irmãos com impecáveis genealogias, cães que acompanharam dinastias epípcias, que seguiram os romanos à Escócia, que atravessaram estepes durante milênios, que lamberam as mãos de Nefertítis e os pés de Ulisses. Cães de pêlos escovados e empoados, focinhos premiados de beijos, coleiras caras como colares, redingotes macias, mais nobres que seus proprietários... Cheiravam-se com donaire e respeito, avaliando-se, retribuindo-se tremores de cauda e depois lá se iam em disparadas livres, sem pecado, sem sexo e sem cio. Ah, quem não galopou no Bois de Boulogne não sabe o que é felicidade!

Totonho já o teria feito antes, atrás de Mireille ou de algum outro dos seus pecados; fê-lo, porém, arfante, ao lado de Rina, quando ela desceu da Renault, esguia, em pantalonas de veludo verde e suéter negra enrolada no pescoço, cabelos soltos protegidos por um *foulard*, descalçando as luvas de motorista, e tendo ao lado — oh, céus! — a mais preciosa criatura que o Deus dos Cães já conseguiu criar. Totonho aplaudiu-a com exclamações. Nela eu vi a Ninette de Madame Dubarry, retratada na estátua de Clodion cuja *maquette* se encontra no Museu Cognac-Jay: um pequeno ser composto de caracóis de seda prateada, retroses e novelos agarrados à pele perturbadoramente cor-de-rosa; por sobre os olhos afogueados e quase azuis, mechas do mesmo cabelo se tresmalhavam até

ao redor das orelhas alertas, quase escondendo um par de narinas provocantes e rubras. Esse precioso fantasma trotava sobre pezinhos repenicantes, nunca pousados, nunca no mesmo lugar, tão ágeis como a cauda que lhe deixaram, penacho inquieto a exhibir — oh, Senhor! — o próprio Paraíso Canino! Amei-a. Amei-a à primeira vista, ao primeiro sorvo de seu ar, de longe, ao primeiro sacudir de seus olhos, de sua cabeça, ao primeiro franzir de seu focinho! Amei-a bestialmente, como um cão! E meu amor foi desde logo tão humilde e desesperado que não me trouxe à garganta mais que um gemido, suspiro de abandono, de desgraça ante tão impossível ventura. Mais discreta que a dona, já de braço com o coronel, Brigitte afastou-se, guardou distância suficiente para marcar sua aristocracia e meu plebeísmo. Eu, porém, passado o primeiro instante de dor, ousei acercar-me e gani como um poeta, até que ela condescendeu em deixar-me aspirar o seu perfume, um perfume de sexo e de Rina. Seguimos, quatro felizes, cada qual com seu jeito de felicidade, o coronel e Rina naturalmente tecendo a deles, eu sonhando a minha, Brigitte exibindo sua solitária felicidade. Mas aquela felicidade merecia ser partilhada e isto acharam outros cães, alguns majestosos, peludos, outros de olhos e orelhas penduradas com ar invejoso, outros insidiosos e malfeitores, outros de ouvidos e caudas pontiagudos, mirada certa e dentes sanguinários. Havia lebreiros de largo galope em direção ao focinho; e subservientes cães pastores, pardos e negros, que amam a delação, como os homens; e grandes dinamarqueses, altos como *ponies*, de olhar sincero e comissuras babonas; rafeiros *spaniels*, quase arrastando os ventres e as malcheirosas orelhas desabadas, escuros, zainos, alazões, mesclados, arrepiados e lisos; trêfegos *pinschers*, quase alados e de olhos hipertiroideus como abelhas; e implicantes *terriers*, que ao latirem recuam como armas de fogo, e quase sempre mordem os calcanhares; e galgos elegantemente dietéticos, conscientes de suas linhas de modelo e linhagem asiática, e os dálmatas, arlequinais, e os *chows*, carnavalescos, os *bulldogs* negróides e os *collies* efeminados; mastins tibetanos, de caratona boçal, gordos são-bernardos, os abades da espécie, e cômicos pêlos-de-aramé, caricaturas ao lado de donos à procura de riso fácil. Eu, pobre de mim, para não me tomarem por parente bastardo, criado por piedade, trotei ao lado de Brigitte, rosnei como pude à aproximação dos rivais, intimidei-os com minha falta

de educação e minha catadura de mutilado. Seus donos, vendo-me, trataram de afastar meus contendores, naturalmente enojados de meu aspecto de *gueule cassée*; e nem eu poderia alegar ter sido minha desgraça adquirida em Verdun ou nas praias da Normandia. Brigitte, conhecendo o amoroso atrevimento dos compatriotas, tratou de aproximar-se da dona, que seguia ao lado de Totonho pelas aléias menos concorridas. Em dado momento, Rina sentou-se na relva, para espanto do coronel. Não possuía ele tais hábitos bucólicos; ou melhor, sabia de experiência própria não ser o chão brasileiro propício ao gênero de amores que celebrizou Dafne e Cloé, Paulo e Virgínia; lá, nas terras roxas dos cafezais, um idílio campestre é sempre interrompido por saúvas e cascavéis, a tal ponto que jamais aceitou a verossimilhança de *Inocência* de Taunay, livro de francês que nunca levou uma dentada de bicho na bunda. Na Europa, não: as terras bem plantadas e varridas, com relvas de primavera, macias e folhas louras de outono acolchoando o chão, com fofos montes de feno e meigos *coquelicots*, eram cama igual para o amor e preliminares. Sabia também Totonho que seria imprudente avançar em carga sobre uma dama francesa, o que apenas comprovaria a opinião sobre *ces sud-américains écharnés, ces brésiliens sauvages*. Por isso, apenas cedeu o braço, com enorme desejo de calcá-lo contra o próprio corpo; ajudou-a a sentar-se e vergou-se a seu lado, convocando para tanto toda a elasticidade dos músculos. Aguçou o ouvido, para não perder um só som do murmurar ronronante da voz de Rina; e seus olhos me pediam que eu seduzisse Brigitte, que exhibisse dotes ainda adormecidos nos meus instintos.

Rina contava, em ensolarada alegria, seu prazer de ver o Bois, porque a primavera a tornava primaveril; festejava-a passeando com Brigitte, a recuperar o ar da natureza, depois do ar poluído das *boîtes* e dos restaurantes. Amava o céu aberto, flores, árvores, mas tudo depois de uma hora razoável, *c'est à dire* depois das onze da manhã, como aperitivo para o cabeleireiro, a modista, a primeira visita às vitrinas.

— Quem sabe seria mesmo ocasião para um aperitivo? — aventurou o coronel, subitamente deslumbrado com a idéia de deslumbrá-la no Armenonville ou no Cascade, ao pedir ao *garçon* uma *Dom Pérignon* de ano célebre...

— *Je ne bois jamais avant le coucher du soleil.*

— Então, quando poderíamos fazer isto?

— *Vraiment?*

Quando ele quisesse, *voyons!*

— *V'oui, v'oui, v'oui.*

Ela se encarregaria de levá-lo a um dos milhares de lugares de Paris onde caibam duas pessoas e duas taças de *cham-pagne*. Ah, a conspiração me condenava, só e desprezado, a numa noite ao lado de Veva; e me dispus a cortejar Brigitte com a mais despuddorada falta de maneiras, plantando o nariz nas suas madeixas, saltando-lhe sofregamente na garupa, rodando-lhe em torno, mordiscando-lhe o cangote. A princípio, Rina não vetou minha impertinência, apesar dos protestos da cadelinha. Totonho abanava, ele próprio, a sua cauda invisível. Quando procuraram por nós, Brigitte se fizera menos arisca, atrasava-se um pouco, sestrosa, em vez de subtrair-se às minhas avançadas mais arroçadas. Nossos donos concordaram em que estávamos fora de qualquer compostura e seria preciso recolher-nos. De volta ao carro, Brigitte saltou para o lugar que lhe era destinado; fiquei eu à espera de que o coronel me tomasse ao colo e se aboletasse ao lado de Rina. Gani suave, para a bem-amada me ouvir. Ela correspondeu. Totonho e eu chegamos à casa alegres, repletos de futuro e devaneios, que Veva tratou de interromper: estava assustada e tinha um encontro com a embaixatriz. Depois das compras, Totonho podia encontrá-las (sem Brinquinho) para um chá, no Rond Point.

Eu cochilava, depois do almoço, com a cabeça na *moquette*; Totonho, enlevado, após a saída de Veva, se esticava no sofá e entrelia, de olhos pesados à espera do sono, as páginas esparsas do *Paris est une fête*. De repente, deu um grito que me pôs de pé, de orelha em ponta:

— Veja isto, Brinquinho! O Scott Fitzgerald morou aqui!

Era o que afirmava Hemingway, nas suas recordações de perdido da geração perdida de Paris... Engraçado é que Totonho só sabia de Fitzgerald do encontro da Closierie des Lilas e do nome lido na tela do cinema. Mas a coincidência e a evidência de se tratar de um nome tão ilustre que merecia referências de Hemingway o entusiasmavam. Correu para o telefone, discou para Moreira Telles, arrancou-o dos lençóis, comunicou-lhe o achado. Do outro lado do fio, Moreira Telles

pasmou e se congratulou com o feliz ardo morador dum apartamento que abrigava um fantasma literário. A alegria de Totonho era também uma vitória sobre Veva e seu horror ao apartamento. Era preciso contar-lhe, mostrar a importância da descoberta.

— As seis da tarde, no Rond Point, Moreira?

E às seis, diante da Embaixatriz Belinha que revirava um canudo num refrigerante e de Veva diante de seu chá, Totonho anunciou:

— Adivinhem quem morava no nosso apartamento?

— ?

— Scott Fitzgerald, o escritor!

Nas duas senhoras a notícia não provocou o menor alvoroço cultural.

Perguntado por Belinha, Totonho engrolou que se tratava de um sujeito célebre, citado por outro célebre, autor do *Por quem os sinos dobram*, uma beleza, não se lembram, no cinema, com Ingrid Bergman... E aí parava. Veio-lhe em socorro o Moreira Telles: antes de sair de casa para o encontro, tivera a prudência de consultar livros e refrescar a memória. Plantou uma vasta palmada nas costas de Totonho:

— Então Fitzgerald, hem? Saiba, embaixatriz, os nossos Ramalho moram em lugar importante, onde morou o autor de *The Great Gatsby*, de...

E desfilou o que lera... Acrescentou que Fitzgerald ali reunia amigos consideráveis: Gertrude Stein, Hemingway...

— Quem sabe Paul Fort? E Picasso, amigo de Gertrude Stein! Até pintou seu retrato...

E Saint-John Perse, "aliás embaixador, além de Prêmio Nobel"... Já então, continuou Moreira Telles, o pobre Fitzgerald bebia muito, afligia-se com os ataques de loucura da mulher, dizem que lindíssima... Brigava com ele e bebia...

— Deve ser o fantasma dele que mexe nas garrafas, de noite... Da cama eu escuto...

— Oh, não! O tremor é do *métro* quando passa...

— Mas o uísque desce de nível... Se não é o fantasma, só pode ser você, Totonho, com as suas insônias!

— Isto é Paris, onde cada pedaço de chão e de teto está carregado de passado! — exclamava Moreira Telles para valorizar a descoberta.

Mas Veva preferiu falar de insônias, contou a história das bailarinas australianas. A embaixatriz ria, Moreira Telles ria, Totonho sorria amarelo. Quando as senhoras retomaram seu diálogo e esqueceram um instante os dois homens, Telles indagou no ouvido do coronel:

— E então? Rina?

E sorriu com a felicidade do amigo.

A felicidade de Totonho aconteceu às sete horas da noite do dia seguinte, depois de um *demi de champagne* tomado a dois, num barzinho da Rue Penthievre. O coronel não sabia se diante da juventude brejeira de Rina devia assumir um ar paternal, ou pelo menos de parente próximo. As unhas de Rina tamborilavam na mesa, ele sentia ímpetos de tomar aquela mão e, com ela presa à sua, despejar a torrente de palavras que lhe esclerosavam o sangue grosso. Mas o colesterol e a escassez vocabular não o deixavam ser eloqüente. E também os ocupantes das outras mesas do bar, embora nenhum prestasse atenção ao casal de idades tão distantes. Rina percebeu a timidez e sugeriu um *champagne* em seu apartamento. Disse-o com simplicidade, como quem oferece um cigarro. E meu coração de cão abandonado debaixo da mesa bateu tanto quanto o de Totonho, quando na véspera Rina lhe disse:

— *Alors, mon cher, je vous donne un rendez-vous demain soir.*

Para Totonho, apesar das viagens a Paris, a palavra *rendez-vous* guardava conotações paulistas. Rina precisou:

— *Au Cap Horn. C'est un bar, Rue de Penthievre...*

No bar, ao propor a ida ao apartamento, levantei-me antes deles; o coronel pagou sem esperar o troco, ajudou às pressas Rina a vestir o *manteau*, meteu-se no capote atabalhoadamente e atabalhoadamente andamos na calçada até o carro. Ela não mostrava pressa: acendeu um cigarro antes de rodar a chave de ignição; retocou os cabelos olhando-se no espelho retrovisor; e levou-nos, a Totonho para os seus braços, a mim para a garupa de Brigitte. Ao abrir-se a porta do apartamento, eu parecia um velho amigo, tanto me latiu, tanto nos sorvemos pelas narinas e nos encaramos, de orelhas tesas.

Enquanto nos festejávamos, Totonho percorria os quadros, paisagens de árvores e caminhos ensolarados, charnecas ao pôr do sol, rios e salgueiros entrebanhando-se; olhou os móveis do salão minúsculo atopejado de lustres, cortinas, consolos, estatuetas de Sèvres, cristais por cima da lareira, recipientes de prata. Rina pedia que não reparassem: tinham chegado coisas de sua casa de campo, que vendera; e tudo estava ainda ali, sem arrumação e à espera de destino, quadros e discos no chão, livros nos sofás e, solene no alto da anarquia, um relógio erguido no ar por pastoras e pajens de louça a estalar de quando em quando um som longo e perdido. Panos adamacados forravam o largo portal, ao fundo; por eles enveredou Rina, desembaraçando-se novamente das luvas e dizendo a Totonho que estivesse *comme chez toi*. Segui direto atrás de Brigitte, que disparara por outra porta, a do jardim de inverno mobiliado de vime branco e almofadas verdes por entre verdes de plantas. Tudo que eu vira de Borboleta e do Tufão, aqueles lascivos, me veio à lembrança, como às narinas me veio o odor de capim gordura, de café estendido no pátio da fazenda, aromas albuminóides de pecado de vacas e touros, de cães, de colonos em suas camas toscas, de saias da cozinha e da sala de visitas; e ao mesmo tempo a fragrância da pele de Rina e dos pêlos de Brigitte. Esqueceram-nos. Lancei-me, mais bravo do que diante da onça; ela me recebeu recurva, trêmula como minhas pernas desiguais e perturbadas. No quarto ao lado, Totonho não esperou o *champagne* prometido: desabou aos beijos na nuca de Rina, que murmurava, risonha:

— *Mon colonel, mon colonel...*

E se deixava arrastar para o leito ainda desarrumado, montanhas de *édredons*, rendas e pelúcias. Ambos ali naufragaram, Totonho em luta com suas roupas e as de Rina; e ela, precisa de gestos, desabotoava onde os dedos dele eram inábeis e grossos; entre alegre e dominadora, oferecia trechos de si mesma à medida que os desbravava; seus sons vinham até mim como um estímulo aos meus movimentos, côncavos sobre a concavidade submissa de Brigitte, rápidos, arfantes com os cabelos misturados nos meus dentes, enquanto os cabelos de Rina, revoltos em espuma, recebiam o bigode voraz do coronel. Por entre as falripas amarelas do bigode escapavam fonemas, primeiro ainda franceses mas de escassa pronúncia e depois em endechas de bom português amoroso.

— *Mon colonel, mon colonel...*

Num faiscar de memória, Totonho se viu no coro da capela do Fundão, longe na distância e no tempo, quando ia acompanhar as lições de canto de Madame Gilberte, justamente no dia em que a preceptora despontou no alto da escada e, aberta num riso de vontade de ensinar tudo, tudo, a ele sozinho, agarrou-o pelos cabelos, pelas orelhas, forçou-o entre as coxas, arrepanhando a saia, desabotoando as ligas, mordiscando-lhe as orelhas e dizendo dentro delas:

— *Mon petit Totogno, mon petit Totogno...*

Aí começara a suprema lição de Antônio Ramalho, aos quinze anos de idade, com a preceptora importada de Paris pelos Pereira Rego e oferecida para ensinar também à meninada das famílias amigas. Inclusive lições de canto, no coro da capela. Madame Gilberte, viúva, aceitara civilizar aqueles brasileiros. Era perfeita: Veva, Geneviève para ela, aprendera logo a entrar na sala dizendo *Bonjour, maman, bonjour, papa*, a recitar François Coppée nas noites de recepção, a tocar ao piano os romances de Madame de Chaminade, a cantar *Pour un baiser* e a *Berceuse de Jocelin*; enquanto ele, Totonho, ia conseguindo ler Jules Verne no original e vislumbrar algumas belezas nos enredos de Balzac e Maupassant. Durante esse tempo, sob os olhares aprovadores dos donos das duas fazendas, Totonho apressava cada vez mais o cavalo à hora das aulas de Madame Gilberte. Gostava de ver seus braços brancos, de formas redondas, virar as páginas dos livros, e de ouvir sua pequenina boca de gorduchota insistir na pronúncia dos “uu” e dos “ou ou”. Para os Ramalho e os Pereira Rego aquelas aulas providenciais eliminariam as antigas desavenças políticas das duas famílias, querela de republicanos e monarquistas impossível de transmitir a filhos e netos; e mudariam os rancores ainda velados por um outro sentimento capaz de levar os dois jovens ao altar da Matriz e — quem sabe? — capaz de apagar a cerca de arame farpado entre as duas terras. Seria assim, desejavam todos; ao redor todos conspiravam para que a tímida Veva e o estabanado Totonho fossem rebentos de Capuletos e Montéquios tropicais num final feliz. Enquanto prosseguia a conspiração, naquelas férias repletas de caçadas, pescarias, danças, enquanto não chegava a hora da menina regressar ao Colégio de Itu e do rapaz ser despachado para a Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, os olhos azuis

de Madame Gilberte e sua boquinha de retrato de Nattier passavam discretamente para o *jeune Monsieur Ramalô*; com meticuloso carinho despercebido dos outros, insistia nos segredos de um verbo irregular, no aperfeiçoamento dos sons nasais, na mudez dos “*ee*” mudos. O aluno era difícil, tornava-se preciso maior insistência — tanto mais que o pai de Ramalho já prometera, para o fim do curso jurídico, uma viagem à França, para desasnar, para tornar o filho, como ele, um verdadeiro aristocrata do café. O ronronar dos seus sons nasais passou a se exercitar mais longamente enquanto os outros rapazes e moças partiam em recreio após a aula de canto; e tão perfeita foi Madame Gilberte na pronúncia que acabou arrastando Totonho a ronronar no seu colo leitoso, nas suas axilas de odores guardados, no seu ventre viúvo ávido de saudades do marido, de todos os maridos, casados e solteiros. Foi a mais gloriosa lição de Madame Gilberte Duvernier, lição de francesa, começada com monossílabos pontilhados pelos lábios, sobre a pele, prolongada por exaustos silêncios a dois, desde o primeiro, que ela própria interrompeu exclamando mais para si mesma:

— *Mon Dieu, qu'est-ce que j'ai fait?!*

Totonho não estava apto a responder: sonhava, a cabeça pousada em seus seios. Quem poderia responder era a imagem do Capitaine Rodolphe Duvernier, se pudesse vê-la assim, no ato flagrante de tornar *cocu* um herói das lutas da Argélia. Mas o capitaine jazia, numa nuvem de pó, em pleno deserto, cercado de bérberes que o traspassaram de baionetas e lanças. Justamente por isso, Gilberte, recebida a medalha póstuma e a magra pensão dos heróis, decidira tornar-se Madame Gilberte e ir ensinar boas maneiras a alguns *sauvages de lâ-bas*. Para saber onde era o *lâ-bas* que a contratava, teve de correr o dedo nos mapas de Vidal-Lablache. E partiu, chorosa, a *faire l'Amérique* a seu modo, a ensinar a *Marseillaise* e *Le lac*, a boa reverência aos mais velhos, o requinte do *pâté de foie*, um pouco de Crémieux, um pouco de conversação espirituosa, dos *jeux de mots*, *calembours* e ironias que são o segredo da *causerie*. Isto: introduzir, pela pregação, todo o encanto da *Patrie* que as hostes de Villegaignon, de Duclerc, de Duguay-Trouin não conseguiram implantar. Ia ensinar graça, cavalheirismo e amor. Amor. Ali estava. O amor adolescente de Totonho, pousado sobre ela como uma borboleta de recente

casulo numa flor mais que desabrochada. Antes, as experiências do rapaz não tinham passado de sôfregos atracões nalguma filha de colono e na negrinha Clementina, safada e arisca. Daquela tarde em diante, as lições se tornaram outras e mais extensas. Do estabaneamento dos primeiros ímpetos, Totonho partiu para as pormenorizadas descobertas do mapa do amor, as minúsculas orografias, o sopro quente das narinas, a laboriosa cegueira das mãos e da língua, página a página e letra a letra do grande livro prático que era o corpo da preceptora, folheado apressadamente, lido com um primeiro deslumbramento e relido com demorado e perito prazer. Da lição que deixara na Terra o bravo Capitaine Duvernier, Totonho recebia a sua lição, como numa estafeta, um *relais* de amores. Bravo, generoso e fecundo país cujos guerreiros, mesmo depois de mortos, continuam a catequizar o gentio, a “levar avante a bandeira, como dizia Moreira Telles em horas de francofilia, a bandeira rubra de Amor, branca de Carne e azul do Céu do Sexo”. Madame Gilberte ensinava, Totonho aprendia. Já não era mais o mesmo do primeiro ato de amor, estúpido e desperdiçado, com uma das negrinhas da colheita; era um Totonho seguro de si como o violoncelista quando empunha o violoncelo, hábil de dedilhados e carícias, de adágios e alegros, e cada vez mais amplo de palavras francesas, não para serem recitadas no salão ou à mesa de jantar; palavras coloquiais, quase sem som ao ar mas cheias de ressonâncias no côncavo das carnes. Doces aulas, nas tábuas do coro, junto ao velho harmônio onde o Padre Antero, aos domingos, trauteava o *Jesus, alegria dos homens* para se exercitar, depois da missa; doces aulas, que pareciam receber o bafio dos turíbulos e das flores emurchecidas do altar-mor, aulas cada vez mais longas à medida que se aproximava o fim das férias. Até uma tarde quando, dentro da nave da capelinha, explodiram as palavras mais suscetíveis de serem ouvidas em tal recinto:

— *Grand Dieu!*

Ditas por Madame Gilberte de grandes olhos azuis esgazeados para a porta, e tentando desvencilhar-se do corpo frenético de Totonho. Diante deles estava Pereira Rego, lívido, a calva luzindo de ira:

— Ponham-se daqui para fora!

Para Totonho:

— Seu devasso!

Para Madame Gilberte:

— Sua puta! Puta francesa!

Subiu-lhe à calva o horror de ter a filha educada por aquela Messalina tão hábil de afetos quanto a Aimée, do Alcazar do Rio, que levava de seu pai, em uma semana, vinte contos de réis e quase lhe destruíra o lar (como a centenas de brasileiros). Genoveva, a sua Veva, a aprender o que Madame Gilberte estava ensinando àquele rapazelho sem-vergonha com quem queriam casar sua filha! Totonho, mais desconcertado que medroso, disparou, arregaçando as calças, escada abaixo, quase empurrando por ela o indignado Pereira Rego. E deixou, enfrentando-se, a preceptora dos verbos irregulares e o fazendeiro dos procedimentos regulares. Dentro, Pereira Rego fervia: isto era a República, dos Ramalho: a promiscuidade, a lição de desrespeito fornecida pelos próprios professores, em contraposição à virtuosa Monarquia... Trinta ou quarenta anos antes, tal cena seria impossível: um jovem paulista profanar a Igreja com uma estrangeira despudorada! Não disse uma só palavra mais a Madame Gilberte, que se entrescondia nas vestes desfeitas. A governanta trancou-se no quarto, na casa da fazenda, onde a criada lhe entregou um envelope com o pagamento de um ano de funções e um bilhete sem assinatura: “O tílburí estará à sua espera amanhã às seis da manhã, para levá-la à estação, onde a Senhora tomará o trem para São Paulo. Meu procurador está recebendo ordens para lhe comprar a passagem de regresso, no primeiro navio”.

Todo o idílio com Madame Gilberte lhe veio à lembrança, nos braços de Rina. Não porque repetisse antigas lições, sabidas e ressabidas, talvez tão sabidas de um quanto de outro; surgiam-lhe as lembranças porque dentro da pele de Rina, como um fumo a desprender-se dela, de dentro de seus cabelos, desatava-se um odor ao qual só faltava o incenso do Fundão; e, acolchoada a essa nuvem de perfume, de travesseiro pecaminoso, desprendia-se uma revoada de palavras, de sílabas, de vogais, quase nem mesmo ditas mas apenas suspiradas. Por ela, por ele, por ambos, repetidas insistentemente; eu já não precisava mais delas, apenas me embaraçara em Brigitte que ganhava em agradecida surdina. Totonho desenovelou o mundo de colchas e *édredons* onde submergira e permaneceu resfolegante, com a cabeça da mulher despejada no ombro. Ficaram assim até ele voltar à calma, enquanto Rina lhe aca-

riciaava o peito, como certamente fazia com Brigitte para adormecê-la. Eu dormia com a cabeça repousada em Brigitte. O relógio da pequena sala estalou uns sons intermináveis; de um salto, Totonho procurou o Patek na calça atirada em cima da poltrona!

— *Onze heures!*

Vestiu-se como pôde, engrolando desculpas que Rina não ouvia, semi-adormecida; e prometendo encontrá-la no dia seguinte. Contemplou-a comovido, iniciou um gesto para sacar a carteira de dinheiro; e raciocinou que não ficaria elegante deixar-lhe uns retratos de Voltaire à mesinha de cabeceira. Poderia ofendê-la. Preferiu abrir o livro de cheques, autografar uma soma polpuda, deixar o papelzinho debaixo das chaves do carro de Rina. Amanhã perguntaria ao Moreira Telles se fizera bem. Ou melhor: não perguntaria nada. Saímos juntos, recebendo nos focinhos enlambuzados o ar da noite, frio e tonificante. Ao abrir a porta do apartamento, ao aspirar o honesto perfume de Veva, ouviu-lhe a voz, vinda do quarto:

— Com efeito, Totonho!

Corri para o meu colchão da cozinha à espera da tempestade. Veio:

— Qualquer hora você arrebenta de tanto beber!

— Você sabe, o trabalho da revista...

— Que revista coisa nenhuma! O Moreira Telles telefonou à sua procura!

O imbecil do Moreira Telles!

Amarrou o cenho, irado caprichadamente.

— Não estive com ele. Estive com uns franceses interessados em colaborar.

Mostrou contrariedade:

— Tudo é difícil nesta terra!

Deixou a mulher falar, desenvolver razões: a pressão alta, o colesterol alto, o álcool, os queijos... Meteu-se no pijama, deitou-se em silêncio, porque, segundo a fórmula do Totozão, campineiro de longas chopadas, "Raio não dá em pau deitado". E dormiu ao som do esbravejar de Veva e dos últimos gemidos de Rina ao seu ouvido. Eu dormi dentro duma nuvem de Brigitte.

Na manhã seguinte, o Boucheron despachou da Place Vendôme para o apartamento de Rina um bracelete melhor que o do adeus a Mireille. De tarde, à hora do *apéritif*, Rina

apareceu com ele no braço; o que não a impediu de, depois de um *merci* em forma de beijo nos lábios, abrir a bolsa, tirar o cheque de Totonho e metê-lo com um gesto breve no bolsinho do lenço do coronel:

— *Moi, j'ai aussi l'habitude de gratifier mon plaisir. Nous sommes quittes.*

Totonho teve um sobressalto: tê-la-ia magoado? Tê-la-ia perdido? Ela percebeu:

— *Voyons, pas de drames! Un bijou, c'est bien; pas de monnaie comptante. Les femmes bien sont comme vos indiens: pas d'argent dans le commerce; nous sommes des troqueuses.*

A revista consumia o tempo de Totonho e o meu, a sonhar com Brigitte, a esperar cada nova escapada do amo. Aprendi as delícias do Bois, o orgulho de trotar ao lado da-quele serzinho feito de caracóis brancos, femeazinha sestrosa, ora me aceitando e ora me repelindo com dentadas que eram o supra-sumo do meu masoquismo. Disparei com ela nas Arènes de Lutèce, nos restaurantes fronteiros ao Château de Vincennes, no bosque de St. Cloud, programas turístico-amorosos enquanto Veva e a embaixatriz chafurdavam nas compras. Jóias, opalinas, flores processionavam em direção ao apartamento de Rina; ante a prodigalidade do coronel, ela confessava ser *une mante religieuse*, e explicava a Totonho tratar-se de um inseto cuja fêmea devora o macho; com a ajuda da ilustração do Larousse, ele pôde contar-lhe que no Brasil essa besta sinistra tem o delicado nome de louva-deus.

Moreira Telles de vez em quando convocava meu amo para confabulações: deu-lhe para usar como material provável para a revista os seus cadernos de anotações desordenadas, repositório dos impulsos de escritor frustrado, destruído pela diplomacia como em geral ocorre aos escritores.

— Então? Já leu minhas notas?

Envergonhado, Totonho confessou: não encontrara tempo ainda.

— Que diabo! Temos de tocar a revista para frente!

Lá tinha ânimo de pensar na revista?! Totonho queria apenas pretextos para sair: pesquisas inexistentes na Biblioteca

Ste. Geneviève, nas estampas do Carnavalet, nos Archives (ai de mim, em lugares onde eu não entrava, em passeios que me condenavam à solidão ou à horrenda companhia da Pilar...), e por fim ao Marché aux Puces.

— Que é que você vai fazer no Marché, Totonho?

Totonho explicava:

— Ali a gente descobre coisas incríveis! Há dias um brasileiro desencavou um desenho de Portinari, por vinte dólares. Os franceses nem sabem quem é Portinari! É verdade que vendem também muita intrujice: já venderam um prato com retrato de Balzac a um escritor como sendo raridade. O sujeito pendurou-o na parede e o mostra às visitas. Trata-se de uma faiança de *souvenir* para turistas... Mas veja no *L'Express*: dois rapazes compraram lá um quadrinho, limparam, remexeram e, no verso da tela estava um Fragonard!

— E você espera encontrar essas coisas?

— Não, não... Mas sempre se acham coisas sobre o Brasil, material para artigos, livros, mapas... A França é uma mina de assuntos inéditos para nós! Em cada loja de antiguidades, em cada sebo, em cada mercado de velharias se acha alguma coisa... Um catador de documentos encontrou uma gravura inédita da “Festa Brasileira” de Ruão, na biblioteca da cidade, onde há mais de um século o historiador Ferdinand Denis pensou que já tinha descoberto tudo. Um outro desencavou um mapa antigo numa loja em frente à catedral de Chartres!

Tais informações, Veva sabia, provinham do Moreira Telles. Moreira Telles se irritava à chegada de cada novo brasileiro comissionado pelo Governo, ou pelo jornalista Chateaubriand, para realizar pesquisas históricas: esses pesquisadores queriam mesmo é sentar-se no Café de Flore e olhar o desfile do mundo. Os comissionados por Chateaubriand para examinar livros e objetos do Castelo d’Eu nem ao menos ficavam por lá: iam um dia, olhavam o palácio, visitavam a igreja, e tomavam o primeiro trem de volta ao Café de Flore... O próprio Moreira Telles andou por lá uma vez e contou:

— Quando cheguei vi logo que o castelo tinha sido lentamente pilhado: pelo Département de la Seine Maritime, que o comprara de Chateaubriand; pelos emissários de Chateaubriand, que regressavam sempre com uma lembrancinha, um livro da biblioteca da Princesa Isabel, uma louça, uns restos

de tudo o que o Conde de Paris não quis levar por ocasião da venda. Até uns copos de cristal, com a efígie do Rei Luís Felipe, comprados por Chateaubriand, sumiram. Quando fui ao castelo, o guarda tinha acabado de queimar a cadeira de rodas da Princesa Isabel, porque achava aquilo uma *quincaillerie*. Almocei com o *maire*, o prefeito: ele me contou que o pessoal da administração de Rouen encostava caminhões no castelo e carregava os móveis antigos brasileiros, que nunca reapareceram no museu da cidade. Aliás, o prefeito, vasto normando degustador de javalis — que a própria esposa costumava caçar nas Ardenne — me contou depois de duas garrafas de Grand Echézeaux que Assis Chateaubriand gostava de dizer que tinha sangue normando nas veias, o sangue dos normandos que os índios da Paraíba comiam quando esses piratas desembarcavam na costa brasileira. Esse prefeito se confessava extremamente infeliz: julgava o seu título aviltante: "*Je suis le maire d'Eu...*". Sofria com o trocadilho e com o cartão-postal de vistas da cidade, que se vendia em todas as tabacarias locais, onde havia impressa a letra duma canção, *La chanson du maire d'Eu*, cujos versos confessavam:

... moi, je préfère d'être
Maire d'ici que maire d'ailleurs.

Moreira Telles guardara de cor uma cópia e recitava:

*L'ambition c'est des bêtises
Ça nous rend toujours soucieux
Mais dans le vieux manoir des Guises
Qui ne serait ambitieux?
Tourmenté du besoin de faire
Quelque chose dans ces beaux lieux
J'ai brigué le bonheur d'être maire
Et le roi m'a fait maire d'Eu.*

Não, Veva não queria ir ao Marché aux Puces. Patrioticamente, Totonho se dispôs a ir, pois, apesar de tantas viagens a Paris, jamais ali pusera os pés. Descemos do carro de Rina, Brigitte e eu, alegres, aspirando os odores da Place de Clignancourt. Atrás, também amorosos, vinham nossos donos. Nem

ou nem Totonho tínhamos qualquer sentimento de tristeza quando alguém me olhava e exclamava: "*Tiens, le vilain chien!*" Totonho porque sobraçava Rina, os olhos de Rina, o corpo de Rina; eu porque meu focinho seguia direto atrás da cauda de Brigitte. Experimentamos em comum os odores das tendas de tapetes, louças e vidros, de ferragens e móveis, de opalinas, de lampadários; assustamos velhas vendedoras com a ameaça das nossas mijadas; elas nos perdoavam porque afinal também tinham seus cães, alguns em cestinhas de vime, como parte do mostruário; crianças riram para os meus aleijões, gente piedosa se apiedou, gente irônica zombou — mas eu desfilei impertérito, com o orgulho com que um *gueule cassée* crivado de medalhas ronda o Arco do Triunfo nos aniversários do Armistício. Rina gostou de uma caixinha de prata, velha jóia de guardar rapé que poderia servir de *boîte à pilules*; Totonho comprou-a sem refletir que pílulas ela guardaria ali. Rina quis *pralines*, Totonho preferiu castanhas, e ambos correram por entre as aléias como crianças gulosas. Rina passou diante de uma *étagère* espanhola incrustada de rosetas de marfim e entalhada de cenas do *Don Quijote*; Totonho teve um movimento para depositar a obra de arte aos pés de seu amor; mas aquilo era uma catedral de carpintaria, grande demais para o minúsculo apartamento, e Rina o convenceu a decidir-se por um *guéridon* feito de esguios dourados entrelaçando o tampo de mármore. Difícil foi quando Brigitte, seguindo um fio de perfume, deparou-se com uma tenda dedicada a cães: coleiras, canis, gamelas, capotes, laços, biscoitos, objetos de toalete, tudo no meio de dezenas de retratos de bichos ilustres, glabros, hirsutos, agressivos, efeminados, machos acadelados, multicores... Brigitte estacou, o focinho trêmulo, as pernas ariscas; deu-me uma dor dentro, no peito, de ciúme, de ódio daquele harém de beleza e conforto. Invadi o bazar como um herói de *far-west*, ladrando para a cainçalha; Totonho agarrou-me, levou-me ao colo; e a horrenda dona da loja convenceu-o, para humilhação minha, a comprar-me uma coleira. Nunca pensei que meu dono fosse capaz disto! Pela primeira vez fui amarrado, como o cão da fábula; e sofri a liberdade de Brigitte, ao meu redor, sestrosa como nunca, fugindo até que minha correia se esticava e doía, voltando em acenos do penachinho do rabo, uivando-me suspiros fininhos no ouvido, oferecendo-me as cócegas de seus

caracóis. Desesperei-me, Totonho começara a irritar-me, Rina ainda mais porque talvez admitisse continuar o lucrativo passeio. Gostaria de ladrar-lhes palavrões, os palavrões que os brasileiros soltos nas ruas de Paris gostam de gritar, por puro prazer de estragar com *grafitti* verbais os muros respeitáveis. Do fundo da aléia surgiu o letreiro do *Chez Louise*, de onde explodiam sons agressivos de vozes e de *accordéon*. Totonho sentia fome. E nós, cães, podíamos entrar. A *patronne*, gorda e rubra, desdentada e de buço eriçado, deixou de urrar *Les filles de la Rochelle* para saudar o *beau m'sieu* meu amo e estalar-lhe um beijo na bochecha. Fomos conduzidos, às cotoveladas, a uma das mesas; os olhares convergiram sobre Rina quando, ajudada por Totonho, se desvencilhou do *manteau* e ofereceu um pouco de suas formas aos circunstantes. No balcão, alguém chegou a erguer um copo de vinho em sincera homenagem. O *accordéon* e o violão atacaram a *Mademoiselle de Paris*, que Louise tratou de berrar, incitando os fregueses; o chão era uma delícia de fragrâncias inesperadas, de restos de salsichões, ossos de galinha, fritas, pães roídos, couros de sapatos e seus conteúdos. Juntos, Brigitte e eu saímos, por debaixo das mesas, respeitosamente, mas saboreando as migalhas com que os homens fazem a felicidade dos cães. Com os olhos nos olhos, Totonho e Rina se bebiam e bebiam o *beau-jolais*; sem consultar o *menu* e sem olhar a *garçonette* aceitaram suas sugestões, o *pâté maison*, o *salsichon d'Arles*, a *tarte aux fraises*. Também para nós, concordaram que merecíamos o *gigot* sangrento, servido num prato, no chão, com o mesmo cumprimento da *garçonette*: "*Voilà!*" A sala se aqueceu a novas músicas, um e outro comensal ousava reforçar o estribilho, um e outro turista pretendia sabê-lo, gente da aléia se apinhava e entrava direto para o balcão onde os copos se multiplicavam. E quando Louise arrancou da cadeira um freqüentador, repuxou-o para si, os músicos atacaram a *java*; outros pares se animaram, levantaram-se, enrolaram-se com os braços e rodopiaram; os quadros das paredes rodopiaram, os chapéus e capotes dos cabides, os copos nas mãos e nas mesas, as bocas perfumadas e envinhadas, as axilas ativas, tudo rodava como em homenagem a Brigitte e a mim, e de tal maneira que completei a homenagem, lambi a minha querida como um sorvete quente, salgado e trepidante. Vi quando Totonho buscou de novo a mesa, afogueado, e quando Rina o ajudou a

sentar-se. Em vez do vinho, pediu uma Perrier e enxugou a testa. Rina achou que era bastante, precisavam de ar. A gorgjeta arregalou as pupilas da *garçonette* que correu a abrir a porta repetindo o seu "*Au revoir, m'sieu et dame!*" Fora, Totonho não queria ir para casa; e Rina também não pretendia acolhê-lo naquele estado. Convenceu-o de que deviam andar um pouco, repousar em lugar quieto e arejado. Teve uma idéia:

— *Tiens, viens!*

Fomos para o carro; ela dirigiu veloz, olhando com preocupação o meu amo perlado de suor. Eu me recostava em Brigitte. Voltamos para junto do Sena, cortamos a Champs-Élysées, a Île St. Louis, até que Rina parou o carro e nos fez descer. Totonho se deixou conduzir, cruzamos um gradeado encimado de ouro, a arcada sombria, marchamos por umas pedras solenes. Um novo gradil, onde Rina adquiriu ingressos. O porteiro, distraído, nem reparou em nós. Seguimos os donos. As paredes rosadas, tauxiadas de flores-de-lis, a curva das abóbadas, as finas colunas de pedra, o sereno brilhar de algum ouro velho, tudo guardava enorme paz. Totonho contemplava ao redor, pasmo. Nunca estivera ali. Rina sabia:

— *Tu n'as rien vu. Viens.*

Ajudou-o a subir a escada de caracol. Ao chegar ao último degrau, obrigou-o a parar. Esperou que sua respiração serenasse.

— *Ferme les yeux.*

Ele obedeceu. Ela o tomou pela mão e o conduziu. Seguimos atrás.

— *Ouvre!*

Totonho obedeceu como uma criança. Um caleidoscópio de luzes explodiu em sua retina. Tantas vezes em Paris, e nunca estivera ali! De um lado, o sol da tarde infiltrava-se por entre o *puzzle* de vidros coloridos; de outro, as sombras esmaeciam as formas dos vitrais; ao fundo, imensa como a própria retina do Todo-Poderoso, a rosácea guardava, baralho sagrado, as páginas da Bíblia. Do alto do escrínio, caixa de jóias à espera de cada turista, de cada pasmo, descia um vento frio. O aquário de azuis, de verdes, vermelhos, amarelos esperava a surpresa de cada um. Totonho rodou o corpo, embebeu-se de cores, voltou-se para Rina e só encontrou uma palavra, a mais galante de sua vida:

— *Merci.*

Rina sorria, certa de o ter emocionado. A Sainte Chapelle trouxe a Totonho a lembrança da capela do Fundão: em ambas uma mulher lhe revelara o grito de cores que se incendia no orgasmo e no êxtase. Ele não podia mais falar. Rina o conduziu para a porta.

— *Par ici. Par ici Saint Louis venait à la messe.*

Do lado externo, ornamentando a passagem, a pedra guardava, como numa história em quadrinhos, as primeiras páginas do *Genesis*: a Luz fazendo-se, o Mundo, as plantas, os animais, o Homem, a Mulher, a Serpente, o Anjo Irado, o decovarde do Homem delatando a Companheira.

— *Tu vois? Ce sont toujours les femmes qu'on accuse...*

Uma onda de ternura envolveu Totonho, vasta e boa; abraçou Rina, tomou-lhe os cabelos e beijou-a longamente diante do tabernáculo onde o Santo guardara a Coroa de Cristo. Ela sentiu a homenagem, deixou-se beijar, séria. Beije também Brigitte que ganiu fininho e doce.

— *Allons. Tu dois te reposer.*

Totonho não se sentia em estado de argumentar. De certo preferia o apartamento de Rina — e eu também. Ela, porém, tinha medo. Deixou-nos à porta de casa. Subimos pelo elevador de corda. Totonho custou a introduzir a chave na fechadura. Entrou, desembaraçou-se do capote, chamou para dentro:

— Veva!

A voz saiu muito torta. Corrigiu:

— Veva!

Entrou pelo corredor, até o quarto. Pela janela, por cima do Arco do Triunfo, a última claridade iluminava a cama onde Veva se recostava, a boca aberta, olhando fixo, longe, um fio de baba pendurado no queixo até a camisola, as mãos como duas aranhas gadanhando o *édredon*.

— Veva! — Totonho gritou com toda a força.

Os olhos dela o buscaram com dificuldade e dureza. Ele sacudiu-a pelos ombros. Da boca de Veva, misturadas à baba, saíram estas palavras, moles, pigarrentas, repetidas como uma lição de criança:

— Eu quero morrer... Eu quero morrer... Eu quero morrer...

Pus a pata na cama em tentativa de solidariedade. Afogueado, bracejando como um cego, o coração batendo dentro do pescoço, Totonho correu para o telefone e discou para Mo-

reira Telles. Chamou-o, que viesse depressa, o mais depressa possível. E desabou no sofá. O sol desaparecera da Avenida Wagram.

No Caveau des Moribonds, Rosa Martine cantou pela primeira vez, para uma dúzia de nostálgicos bebedores de *cerisettes*, a canção de Jérôme Bonnefoi, poeta à espera do sucesso:

*Tant on m'a dit: "La vie, hélas..."
Que j'ai eu peur de sa grimace,
Je l'ai croisée la tête basse,
Elle est passée, ombre fugace...
Tant on m'a dit: "Le monde, hélas..."
Que j'ai remis une cuirasse
Pour me garder de sa disgrâce,
Mais de son poids je me sens lasse.*

*Le monde, hélas, la vie, hélas,
Voilà des mots qui me dépassent...
Puis à quoi bon remplir l'espace
De ces syllabes qui nous glacent?
Le monde est las, la vie est lasse...*

*Tant on m'a dit: "L'amour, hélas..."
Que je l'ai cru par contumace
En attendant que l'on m'aimasse
Comme on écoute des menaces...
Tant on m'a dit: "La mort, hélas..."
Que, j'en suis sûre, elle m'enlace,
Je sens sa bouche et son audace,
Ce sont ses lèvres qui m'embrassent.*

*L'amour, hélas, la mort, hélas,
Voilà des mots qui me dépassent...
Puis à quoi bon remplir l'espace
De ces syllabes qui nous glacent?
L'amour est las, la mort est lasse.*

Daí por diante foi a prisão, pelo menos nos primeiros dias, na clínica do Dr. Garraud, em Neuilly, para onde transportaram Veva na mesma noite do derrame. Ao redor de seus olhos emparedados e estatelados, de suas mãos inertes no lençol, de seus seios pendidos dentro da camisola, enxamearam médicos que se entreolhavam. Depois iam para a sala ao lado e consumiam ciência e *gauloises* à volta do cinzeiro, consultando-se, decidindo e voltando a Totonho e a Moreira Telles para comunicar o resultado das decisões. Veva foi operada para lhe extraírem o coágulo; o esposo não suportou ver quando lhe raspavam a cabeça e quando a levaram, rolando a maca pelos corredores, com os braços emurchecidos crivados de agulhas e ligados às empolas de plasma. Durante dois dias, depois da operação, Totonho ficou ao lado da operada, segurando-lhe a mão, à espera de que seus olhos se reacendessem e escutando, angustiado, o rouco da respiração vinda pelo tubo da traqueotomia. Houve uma certa agitação na colônia brasileira quando se soube da enfermidade de Madame Antônio Ramalho, de abastada família paulista. Houve quem mandasse flores. Moreira Telles, prestimoso, atendia ao telefone, no corredor da clínica, e anotava nomes dos que perguntavam notícias e desejavam melhoras. Evitou, apenas, escrever o nome de Rina, mas disse ao amigo que ela telefonara. Trouxe também, do apartamento de Tilsitt, um bilhete de Monsieur Dupont, formulando votos de pronto restabelecimento de Madame e lembrando delicadamente o aluguel vencido. A embaixatriz compareceu mas preferiu ficar na sala, sem olhar a amiga prostrada. Ofereceu préstimos, depois de estar segura de que já tinham sido contratadas as enfermeiras diurnas e noturnas. Seguiram telegramas e telefonemas para São Paulo, outros tantos se cruzaram, dos parentes a mostrar uma aflição transatlântica. O Dr. Garraud estabeleceu afinal um prognóstico quase seguro: a recuperação, se ocorresse, seria lentíssima. Totonho, levado à janela do fundo do corredor por Moreira Telles, enquanto acendia um cigarro, balançava a cabeça num desalento:

— Você sabe em quanto vai ficar essa brincadeira?

E já que a mulher não percebia a sua solicitude, decidiu regressar ao apartamento e vir diariamente visitá-la, confiando nos cuidados das enfermeiras que ali se plantavam, medindo a pressão arterial, a temperatura, de meia em meia hora, e rependurando os frascos de plasma depois de devidamente gra-

duados, intermináveis conta-gotas alimentados de outros tantos conta-gotas. Às vezes os lábios de Veva tremiam num engugar quase imperceptível que o doutor achava de bom sinal, mas onde Totonho lia a frase ouvida antes:

— Eu quero morrer...

Sussurrava ao ouvido dela:

— Veva, está me ouvindo?

Os olhos de Veva continuavam imóveis, olhando além das coisas e através das pessoas. E assim ficaram quando Totonho deixou de ser a presença permanente e rumou para casa onde Pilar o recebeu com uma saraivada de espanholices chorosas das quais ele fugiu para desabar na poltrona do quarto, afaçando-me a cabeça. Pesou e repesou a situação, Moreira Telles indagou pelo telefone se ele estava bem, se precisava de alguma coisa. Ao recolocar o fone no gancho, a mão ali ficou sem ousar exprimir o desejo que sentia. Discou, ouviu, perguntou com voz sofredora:

— *C'est toi?*

Suplicou:

— *Viens me voir.*

Como houvesse do outro lado um rumor de estranheza, insistiu:

— *Ici, oui.*

E desligou.

Viria com Brigitte? Claro que não, pelo menos nesta primeira vez. E assim foi. Pilar, alarmada, anunciou que *estaba afuera una señora muy guapa* e Totonho a encontrou dentro de sua auréola de perfume. Um pouco por vaidade, lancei-me em direção a Rina, o rabo alegre, para mostrar meu prestígio e receber seu afago, causa de novo espanto de Pilar. Logo que a empregada desapareceu nos fundos do corredor, Rina e Totonho deram-se as mãos, olharam-se sérios, como a desejar que algum fluido lhes comunicasse seus sentimentos, a solidariedade, o educado pesar — o que se transformou num mútuo sorriso, de triste para grato e contente, e um beijo dos bigodes na mão dela e um murmurar compungido de *merci*. Sentaram-se no grande sofá, Totonho tartamudeou, resumindo muito, a enfermidade, a operação, o prognóstico, repetindo a palavra dos médicos. Tomou-lhe de novo a mão, conduziu-a a ver o Arco do Triunfo pela janela aberta do quarto, por onde en-

trava a brisa vinda do Bois; abraçou-a, enlaçou-a, procurando inspirar piedade, ao que Rina comentou, séria:

— *Ta femme a le talent de te rendre malheureux.*

Levou-a para o leito enorme, liso.

— *Tu es fou!* — exclamou ela num sestro pecaminoso.

Totonho fechou a porta no meu focinho. De dentro do bolso tirou um estojo do Boucheron, que Rina recebeu com outro *Tu es fou!*

Sempre alarmada, Pilar se conformou com servir almoços e jantares aos dois e às vezes a Moreira Telles, que celebrava os vinhos da casa, lamentava consternado o sucedido a Veva e, juntamente com o amigo, insistia em dizer à empregada que Rina era uma amiga queridíssima, dedicadíssima, que volta e meia ia à clínica, fazer companhia à senhora. Às vezes Totonho e Rina chegavam juntos. Outras, lá vinha Moreira Telles com idéias para a revista, recortes de jornais, cópias de velhos artigos e notas. Trazia visitantes franceses e nessas ocasiões Rina se promovia a *hostess* e dava instruções a Pilar, na qualidade de *gran amiga de la señora*. A *gran amiga* esqueceu minha *petite amie* e só quando havia um passeio no Bois tinha eu o direito de farejar um pouco os caracóis de Brigitte, sem passar disto; enquanto nossos proprietários, egoístas, se fartavam de amor. Para Madame Dupont, de profissional descrição, Rina era a *secrétaire de Monsieur*, pois recolhia na porta da *concierge* os pacotes de livros e as cartas endereçadas aos Ramalho. Houve um interregno de rotina, no qual a vida consistia, para meu dono, em ir à clínica pela manhã, apenas para verificar se os lábios de Veva se moviam mais do que para a imperceptível mímica do eu-quero-morrer; depois, um preguiçar entre livros e revistas, o esperar a vinda ou o telefonema de Rina, uma e outra investida a restaurantes, quando os dois sozinhos, ou a *vernissages* e conferências quando em companhia de Moreira Telles. Uma e outra visita de agradecimento, o distanciar-se dos brasileiros tão solícitos no primeiro susto... Eu roía as pontas do tapete enquanto Moreira Telles externava sua experiência:

— Nesta cidade nenhum compatriota quer perder tempo com o que não seja a aventura de viver em Paris. Ir a um hospital, a um enterro, a uma despedida, tudo isso é perder Paris: cada um tem aqui seu plano de vida, mesmo que consista em não ter plano algum. Quando eu era secretário de embaixada, vi de tudo. Havia os que chegavam certos de que as mulheres estavam à espera, dos dois lados dos Champs-Élysées, prontas para serem seduzidas; e sei mesmo de um sedutor que, convidado a entrar no automóvel duma dona, esta o levou ao seu apartamento, serviu licores e, de repente, despiu-se do travesti, intimando o devasso à devassidão. Outro, quando partia a caçar livros nos *bouquinistes*, a mulher saía do Plaza-Athenée a fazer um *trottoir* de amadora, até que uma verdadeira profissional, indignada com a concorrência, esbofeteou-a em plena Madeleine. Há a invasão de pianistas, quase sempre oficialmente recomendadas: sonham tocar na Sala Pleyel mas acabam se contentando com um recitalzinho no auditório da Schola Cantorum, importante ao tempo de Vincent d'Indy, mas que agora qualquer pessoa pode alugar por duzentos francos. A fórmula era sempre a mesma — e ainda é: convites à colônia, aos franceses ligados por quaisquer interesses à embaixada, fotógrafo profissional para tirar o retrato da artista ao lado do embaixador, envio do dito retrato aos jornais brasileiros com nota já pronta: “Sucesso da grande pianista Chiquinha em Paris!”, mencionando o pequeno porém seletto público. O mesmo para pintores e pintoras, cujos quadros são unicamente vendidos aos brasileiros abonados de dólares, que os revenderão no Brasil com lucro resultante do mercado inflacionário de arte. O importante é noticiar que todos estão fazendo sucesso em Paris, o pintor, o escultor, o escritor (cujo livro o Itamaraty paga para o Pierre Seghers editar — e o editado trata logo de escrever aos amigos da imprensa brasileira para que noticiem o êxito, e até o elogio do idioma francês puríssimo de que é dotado, idioma que não é mais que a tradução feita pelas eficientes funcionárias da Embaixada). Todos os dias a Europa se curva ante o Brasil. Aqui certa vez iniciou uma notável carreira uma jovem Miss Qualquer Coisa: a mãe despachou-a para cá, para completar sua educação; na verdade, queria livrar-se da filha, cujos amigos *playboys* perturbavam as noites de canastra; a menina acabou integrada num grupo de árabes maconheiros e foi cam-

peã juvenil de abortos. Quando um figurão quer livrar-se de uma aventura no Brasil, despacha-a como turista, bolsista ou funcionária para Paris. Uma gloriosa figura entre os vivedores da fauna brasílio-parisiense é o pintor Cavallaro. Sua técnica é esperar brasileiros importantes no bar do Plaza. Antes, trata de saber, no escritório da Panair, se chegou algum ministro, senador ou deputado com boa ajuda de custo. Chama-o pelo telefone, o visitante se encanta por ser assim tão popular em Paris; desce ao bar, Cavallaro já está no segundo uísque e propõe ao neófito mostrar-lhe os encantos da cidade. Leva-o a jantar onde haja violinos e pernas nuas. Oferece-lhe um quadro de sua autoria por duzentos dólares, bom emprego de capital, isto é, da ajuda de custo, já que no Brasil o homem poderá vendê-lo por muito mais. Súbito, Cavallaro se lembra de ter faltado a um encontro com uma estudentezinha brasileira, coitada! Vai ao telefone, chama-a, convida-a para jantar com o ilustre patricio. A menina vem da Cité Universitaire ou da Alliance Française, um tanto famélica e prelibando um bom *menu*. Apresentações, vinho, e de repente Cavallaro bate na testa: esqueceu outro compromisso, tem que partir... Mas não faz mal: deixa o ilustre viajante entregue à jovem e brilhante patricia. O ilustre viajante se porta como imagina que se deve portar todo o sujeito recém-chegado a Paris. A menina reclama. Ou não reclama. No primeiro caso, Cavallaro explica no dia seguinte: também não é assim, que diabo... No segundo caso, dá felicitações e consegue vender um segundo quadro... Há o estudante que já nem estuda mais, eterno enamorado de Paris, renovador de bolsas de estudo e assaltante da bolsa paterna, tudo pela glória de perambular no Boul' Mich'. Um destes o governo francês expulsou por ter assinado não sei que manifesto contra De Gaulle. A polícia prendeu-o, conduziu-o ao Havre; na hora do embarque o rapaz não resistiu ao horror de viver fora de Paris. Suicidou-se. Convenhamos, isto é que é amor à vida! Vi aqui gente importante que comete furtos nas Galeries Lafayette, gente a se prostituir de um momento para outro por uma quinquilharia de Dior, gente que todas as tardes se senta na mesma cadeira e contempla os mesmos transeuntes, e gente a bracejar na sofreguidão de mostrar a Paris o que sabe fazer e o que pensa que sabe fazer... Gente que suplica artigos de jornalistas, que vende a mãe por uma linha do *Figaro*... Como me disse uma patricia, a me explicar como

podia manter-se numa cidade tão cara: “Paris vale bem uma pissa!” Essa gente não pode perder tempo com visitas à nossa querida Veva, a menos que você ofereça algum prêmio em dinheiro.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Lévi-Strauss, fundador da antropologia estrutural, catedrático do Collège de France, autor de vários volumes, *Les Structures élémentaires de la Parenté*, *Race and history*, *Anthropologie structurale*, *La pensée sauvage*, andou pelo Brasil na juventude quando, a convite de George Dumas, foi ensinar na Universidade de São Paulo. De suas experiências resultou um livro de indignação, *Tristes tropiques*. Lévi-Strauss é um sábio ranzinza, aborrecido de ter de fazer antropologia no desconforto e sempre a lamentar-se das condições primitivas em que viajou para conhecer os caduveu e os nambiquara. Tudo isto pouco seria se houvesse olhado para trás do nosso presente e, com generosidade sociológica, vislumbrando o nosso futuro. Para o autor de *Tristes tropiques* somos tristes tropicais. Até onde vai seu acerto ou desacerto pode ser avaliado pelo que diz da cidade de São Paulo, a São Paulo de 1935.

Para o professor, uma das características das cidades do Novo Mundo (e isto observou em São Paulo como em Chicago e New York), é que passam da juventude para a decrepitude sem estágio intermediário: “Uma das minhas estudantes brasileiras voltou em lágrimas de sua primeira visita à França: ‘brancura e limpeza eram os critérios pelos quais julgava uma cidade, e Paris, com seus edifícios enegrecidos, pareceu-lhe malcheirosa e repugnante’”. Aí está o efêmero das observações, apoiadas no prestígio da fuligem do Arco do Triunfo e da Place Vendôme, fuligem ilustre que os parisienses ensinaram o mundo a amar e fotografar. Que diria das linhas do professor Lévi-Strauss um outro professor, o ministro Malraux, que submete Paris inteira a uma faxina de fachadas como nunca sofreu desde os tempos de Haussmann? Ah, as paredes da Place de La Concorde, as colunas da Madeleine, da Assemblée, do Instituto de França, as gárgulas da Notre-Dame, tudo posto em banhos de detergentes e esmerilhantes, jatos de areia e

espumas, para que vejamos Paris como nem Napoleão viu! Comparada a São Paulo, é a rejuvenescência da pedra contra a deterioração do estuque e do cimento armado... Os franceses acostumam-se a olhar os edifícios *monstrueux et atroces* como o da Radiotélévision, diante do qual o Palais Chaillot (que também despertou indignações ao ser construído em 1937) é pinto! No entanto, Lévi-Strauss, contemplando as cidades do Novo Mundo e São Paulo exclama: "Acho difícil perdoar-lhes o não permanecerem novas para sempre". E compara tais cidades à brancura e limpeza dos edifícios das exposições internacionais, "que no entanto são feitos para serem postos abaixo quando as exposições terminam". Por exemplo: os prédios do Ministério da Agricultura, do Tribunal de Recursos, do Monroe, e da Academia Brasileira, por sinal presente da França, todos para a Exposição de 1922.

Ao retratar-nos. Lévi-Strauss deixa evidente a má vontade com que viveu entre nós. Compara os granfinos da sociedade paulista às raras espécies de orquídeas, de que existe apenas um número limitadíssimo: "os papéis disponíveis são distribuídos por uma sociedade que não era absolutamente bastante numerosa para eles. Cada ocupação, cada gosto, cada forma de curiosidade permitida pela moderna civilização poderia ser encontrada em São Paulo, mas cada qual se representava por uma única pessoa. Os nossos amigos não eram tão gente quanto funções e o papel destinado a eles pertencia-lhes não por sua importância intrínseca, mas porque ocorria estar vago. Havia, por exemplo, o Católico, o Liberal, o Legitimista, o Comunista; em outro nível havia o Gourmet, o Bibliófilo, o Amador de Criação (cavalos ou cães), o Amante dos Clássicos, da Arte Moderna; e o Sábio Local, o Musicólogo Local, o Artista, o Poeta Surrealista. Nenhuma dessas pessoas queria levar seus estudos muito longe: o posto vago era o que contava e se quaisquer duas pessoas disputavam um deles tratavam de destruir-se com uma ferocidade e uma persistência realmente notáveis. Havia, por outro lado, certo número de "intercâmbios intelectuais" e um desejo geral, não de que cada um se mantivesse dentro de suas próprias preocupações, mas de aperfeiçoar a coletiva execução do que parecia ser um minueto sociológico extremamente divertido".

Certos papéis, no dizer de Lévi-Strauss, eram representados mediante meios herdados, encanto inato; uma polidez es-

pecial, adquirida com mestria, tornava os salões de São Paulo enormemente divertidos e, afinal, frustrados. “A necessidade de ostentar um modelo completo, embora em pequena escala, do grande mundo, obrigava os atores a admitir certos paradoxos: o Comunista, por exemplo, era também o mais rico dos herdeiros do sistema feudal local, e o poeta de vanguarda tinha permissão de apresentar sua jovem amante até mesmo na mais circunspecta sala de visitas”. O autor de *Tristes tropiques* observou que os mais ilustrados brasileiros escolhiam seus mestres universitários pela capacidade que estes tivessem de exibir descobertas e soluções de maneira acessível a todos, e não de modo altamente científico.

Descobriu que tínhamos homens ilustres, mas poucos em número: Euclides da Cunha, Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Villa-Lobos, e que o papel da Universidade de São Paulo seria o de criar um público informado, independente da “influência tradicional do Exército e da Igreja”. “Quando cheguei ao Brasil para ensinar em sua nova Universidade, tive pena dos meus colegas brasileiros. Parcamente pagos, podiam sobreviver somente graças a trabalhos extras, de algum modo humildes. Sentia-me orgulhoso de pertencer a um país onde o exercício duma profissão liberal tivera seu prestígio e seus privilégios por muitas gerações. O que eu não podia prever era que, vinte anos depois, meus pobres estudantes estariam ocupando cátedras universitárias mais numerosas e muitas vezes mais bem equipadas do que as nossas, com bibliotecas à sua disposição como raras podemos ter na França”. Para o estudante daquela época o importante era não ser tomado como caipira, o tipo satirizado no teatro de *boulevard*: e não desejava querer saber tudo, mas apenas “o mais novo”: “aprendizado era alguma coisa para o que não tinham gosto nem métodos; mas de qualquer modo achavam de incluir em seus ensaios, pouco importando o assunto, um apanhado da evolução humana, do antropóide aos dias de hoje. Citações de Platão, de Aristóteles e de Augusto Comte seguiam-se de uma peroração parafraseada de algum egrégio gênio — quanto mais obscuro melhor, para tal finalidade — desde que seus rivais dificilmente o descobrissem”.

“Chegamos a julgar nossa influência pelo tamanho e qualidade dos pequenos grupos crescidos à nossa volta. cada qual ansioso de sobrepujar o outro. ‘Homenagens’ — manifestações em honra de um professor preferido — tomavam a forma de

almoços e chás, que achávamos tanto mais comoventes quanto representavam verdadeira privação dos nossos homenageantes. A nossa posição e a posição dos métodos que ensinávamos iam acima e abaixo como cotações do mercado, de acordo com o prestígio do estabelecimento a que diziam respeito, o número de pessoas que reunia e a posição social ou oficial das “personalidades” que consentiam em comparecer. Como cada uma das nações mais importantes tinha a sua “embaixada” em São Paulo — o salão de chá inglês, as confeitarias francesa e viennense, a brasserie alemã — a escolha do lugar possuía várias arresvadas significações.”

Quando Totonho terminou a leitura, vibrou no braço da poltrona um murro de tal indignação paulista que saltei, orelha em pé, na expectativa do inimigo. Irado, o coronel achou mais que sábia a criação da revista, “para desmascarar esses pedantes”, como disse logo pelo telefone ao Moreira Telles. Serenou os ânimos com um cálice de *cognac* e um banho perfumado, prelibando Rina. E saiu trancando-me, deixando-me a arrastar a porta e a chorar fino pela frincha, o ingrato.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Os espetáculos de *Son et Lumière* invadem a Europa. Dramatizações sonoras e luminosas de um recinto artístico e histórico, palácio, castelo, parque, igreja... Hoje pode-se ver o fantasma de Hamlet passear nos muros de Elsinore, ouvir um coro de anjos por entre os pombos da Notre-Dame, ver a Pucelle ir ao encontro do seu Delfim, pode-se encontrar Mozart saindo de sua casa em Praga para ir reger a Sinfonia de Praga. Descobriu-se o efeito da luz elétrica sobre a pedra vetusta. E o efeito emocional do som por entre as ameias, as gárgulas e as rosetas. Uma associação de idéias torna presente o passado. É o domínio da *madeleine* de Proust. Trincado o bolinho, o passado ver à tona. Apenas, trata-se de um passado cinematográfico, em que o rei é Kirk Douglas e a rainha Gina Lollobrigida. Mas serve. A humanidade está cada vez mais ansiosa por aceitar que o maior historiador foi mesmo Cecil B. de Mille.

Mas o *Son et Lumière* invadiu outros domínios. O *Guide Juilliard*, o mais preciso manual das coisas de Paris (por ele se pode saber onde comprar um gato, onde comer gafanhotos, onde alugar uma armadura medieval e outras necessidades prementes, que vão dos endereços de jóias aos *pissoirs publics*) diz isto:

“Todos os homens sabem que para seduzir uma mulher é preciso espantá-la. Vamos dar-lhe um meio no qual você ainda não pensou.

“Aí está. Você se encontra na Place de la Concorde, digamos à meia-noite menos um minuto, ao braço da dama de seus pensamentos. A praça está iluminada apenas pelo clarão dos revérberos. Você olha o seu relógio e, com ar misterioso, diz:

— Tenho para você uma surpresa. Em sessenta segundos, você vai ver...

“Ao soar a meia-noite, a praça inteira se ilumina, as fontes se acendem, é uma *féerie*. E então você diz, modesto:

— Encomendei isto para você.

“Se a dama não cai nos seus braços, é sinal de que a sua causa é sem esperança.

“Esse presente de príncipe oriental está ao alcance de qualquer pessoa. A qualquer hora da noite você pode fazer iluminar um monumento ou todos os monumentos de Paris se o coração assim aconselha. Basta escrever, quarenta e oito horas antes, ao Gabinete do Chefe de Polícia do Sena, atenção de Monsieur Coursault.”

O *Guide* dá as tarifas: Arco do Triunfo, 76,20 francos; Torre Eiffel, a mais cara, 160 francos; Place Vendôme, 48; o Sacré-Coeur, 27,20... E assim por diante. A mais barata é a estátua de Clemenceau: 4 francos. Mas, diz o *Guide*: “O chato é que não se percebe bem a quem tentar seduzir diante da estátua do Tigre”.

Conheço um espertalhão que tentou dar o golpe da iluminação em dois presidentes da república, oferecendo-lhes espetáculos especiais. Hoje, como esses presidentes são decaídos, anda de tocaia para encontrar novas personalidades. Que tal, por exemplo, um *son et lumière* celebrando as lutas ferozes entre franceses e portugueses no aterro do Flamengo, com holofotes da Marinha iluminando um Morro do Castelo feito de papelão, com crianças das escolas cantando uma obra coral,

o Rio em peso assistindo à sua própria fundação no seu quarto centenário? Só que propunha a homenagem a Nicolas de Ville-gaignon, *fondateur de la ville de Rio*.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

De todas as ferramentas que encantam os franceses (é o povo que mais adora trincos, tramelas, campainhas, molas e fios), uma que causaria a alegria pelo menos dos cariocas é o chuveiro. Chuveiro com água, bem entendido.

Um chuveiro francês, não os instalados em casa americana e sem cor local, é uma obra-prima de invenção. Merece o nome de *douche* e quando um francês informa que *vient de prendre une douche*, algo de considerável aconteceu em sua vida. Porque uma *douche* não é um chuveiro comum, dos que despejam água de alto a baixo: consiste num cano de metal flexível, feito de uma tira metálica em cerrada espiral, tendo por dentro um tubo de borracha; cano e tubo se ligam a um telefone de um lado e a um foguetão de lata, colocado em cima da banheira, espécie de estação experimental de Cabo Canaveral ou de trecho de refinaria de petróleo. Os chuveiros franceses são invenção anterior aos foguetes balísticos e à gasolina.

Para se tomar uma *douche* é necessário haver água, lapalissada do conhecimento geral. Para haver água — quente, bem entendido — liga-se pela manhã ou na noite anterior uma alavanca que comanda um circuito elétrico, e o Cabo Canaveral começa a armazenar água quente. Espera-se, então, durante doze horas.

Ao fim delas, a *douche* está pronta para ser utilizada. O paciente, posto em trajes idílicos, senta-se na banheira, como se fosse remar. Essas banheiras não têm mais de um metro e permitem ao indivíduo encolher-se em posição de frango assado; são de ferro e possuem, parte decorativa extraordinária, quatro pés de leão. (Convém observar que o francês adora leão, não se sabe porquê.) Toma-se então um volante ali instalado e sobre o qual se lê *chaud*, torce-se, e o telefone começa a espirrar um gracioso jato de água fria, oscilante e intermitente,

que há de ter inspirado a Debussy os *Jets d'eau*. Toma-se o volante *froid* e o chuveirinho acrescenta ao jato um outro de água morna. Com ambos, o banhista procurará besuntar o próprio corpo, e isto lhe oferece curiosa sensação, pois cada jato possui personalidade própria e não se mistura com o confrade: um passa a definitivamente gelado, o *chaud*, o outro se torna fervente, o *froid*.

Quando o pretendente ao banho começa a habituar-se ao jogo dos jatos, a entendê-los e até a lhes achar certa graça, o telefone, em sua mão, tem um engasgo; dir-se-ia que vai falar alguma coisa. E realmente fala. Deve ser francês muito antigo, porque até hoje não entendi nada. E deve ser um aviso de precaução, porque de súbito a serpente de metal engrossa, enraivece, salta como uma cascavel, desenrosca-se — e o chuveiro escarra uma cusparada final, constelação de gotas frias e quentes, enquanto o Cabo Canaveral dá um tiro, um repelão e tudo volta ao silêncio.

Tentei humilhar um francês que ironizava a falta d'água de quando andou pelo Rio. Lancei-lhe ao rosto a precariedade do banho gaulês e ele me retrucou, com a lógica imortalizadora de Descartes:

— *Mais c'est nous qui fabriquons les parfums. Et nous avons inventé le bidet.*

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Eu estava na Chancelaria. O cavalheiro entrou precedido do contínuo que trouxera o seu nome, num lacônico e enigmático papelinho, onde afirmava desejar falar com o Senhor Secretário encarregado de assuntos culturais. Fui todo ouvidos. Em vez, o homem desembainhou uma carta ou bilhete. O bilhete assim dizia: “Aí vai o amigo Fulano, acompanhado da esposa, Dona Fulana. Vão conhecer Paris, e quem melhor do que você etc., etc.?”

Saibam quantos pretendem conhecer Paris que, para conhecê-la, procede-se como em qualquer outra cidade: toma-se uma Geografia, uma Enciclopédia, um Mapa, um Guia — e

tem-se o cuidado de manobrar umas tinturas de verbo *avoir* ou outro pertinente, da língua local.

Em vez, o Fulano me falou da amizade do signatário, de quem eu nem mesmo me lembrava com vigor. O medo de ser ingrato venceu:

- Muito bem. Que deseja?
- Comprar perfumes.
- Como é que vai o seu francês?
- Esquecido...

Esquecido é apelido. Quem sabe francês não esquece: há sempre mais um volume da *Comédie humaine* onde recordar.

Auxiliou:

— Há o Fouques, o Cambray, o Trebel. Todos falam nosso gentil idioma.

— Mas andar nas ruas é complicado.

— Táxi.

— Já experimentei. Não me entendem. E é caro pra burro!

— Metrô?

— Difícil. Me perco.

— Aqui está um mapa.

— Não pode ir comigo? É mais seguro. Posso combinar com a patroa?

— Pode dispor do telefone.

— Não sei discar em francês. E depois, quem atender no hotel não me entende. Sabe como é: estou no quarto noventa e nove. Só quem sabe as quatro operações em francês é que sabe dizer.

Ri da própria piada. Disco. Pergunto o nome da patroa. Januarina. Lógico. E vi quando nos encontramos. Dona Januarina queria saber:

— Dior é caro? Assim como a Canadá de Luxo ou mais pra baixo?

Duas horas a trote no Faubourg St. Honoré para chegarmos à conclusão, dita por Dona Januarina:

— Muita coisa daqui a gente encontra na Rua da Alfândega, bem mais em conta. Não é verdade, doutor?

Sejamos patriotas, sobretudo patriotas sírios!

— Me recomendaram um restaurante muito bom. Se chama Turdarjan. Vamos lá: mas fica entendido: eu pago.

Deixei que nos conduzissem, apenas traduzindo para os amigos:

— A adega...

— Eu, por mim, antes da bóia sou duma batida. Terá batida?

Explico que esses incivilizados franceses ainda não alcançaram a glória da batida.

— Bravo, doutor! Vejo que a França ainda não destruiu o seu civismo!

Somado o *champagne* ("No Brasil já temos muito bom!"), informa Fulano) ao *canard numéroté* ("O pato de tia Ambrósia é melhor, não, Alfredo?"), à *mousse* ("Isto é mingau, não me venham com conversas!"), deu tudo oitenta dólares, *service compris*.

— Vou protestar!

— Por favor, deputado, não proteste! Pague quieto. Ou não pague: deixe que eu pague.

— Está bem. O amigo, além de trouxa, ganha em dólares, não é como eu, pobre político de Casa Azul... Mas de agora em diante quem paga sou eu! Entendido?

Depois de provar um *alcool* por cima dos queijos e da *mousse* ("Se tivesse uma goiabada pra esse queijinho, hem?!") Sua Excelência se tornou loquaz:

— *Paris, je t'émé!*

De cálice erguido para a Notre-Dame. E quando Dona Januarina se atreveu a pedir licença e ir lá dentro, o marido me confidenciou:

— Meu caro, eu preciso é fazer umas besteiras por aí... Afinal, estou em Paris! O amigo não dá um jeito?

— Que jeito?

— Invente uma sessão noturna duma comissão qualquer, para discutir o caso das lagostas com esses franceses... Qualquer coisa assim. Olhe: depois deste almoço, a patroa ainda quer fazer umas compras. A gente dá no pé...

— Mas Excelência...

— Não me venha dizer que o amigo não conhece os mactes aqui...

— Pra falar com franqueza, não.

— Então que diabo está fazendo nesta cidade?

— Trabalhando.

— Isto é lá cidade pra se trabalhar! Que tal irmos ao Lido?

— O amigo pode levar sua Senhora. Não há nada de mal...

— Eu sei como são essas coisas: com a mulher, perde a graça.

Acabou levando aos arrastões Dona Januarina para comprar presentinhos para o pessoal de casa.

— Quem sabe querem ir à Sala Pleyel?

— Que é isso?

— Concerto de piano.

— Deus me livre! Januarina, vamos ao Lido!

Pela primeira vez dizia Lidô.

Fomos. Fez a conversão:

— Dez dólares por cabeça!

— Só pra entrar. Fora o *champagne*. E o jantar...

— Qual! O Brasil precisa fazer um acordo cultural com a França para essas coisas. Vou propor na Câmara.

— O Senhor conhece a Vivianne Romance, doutor?

— Só de celulóide, minha Senhora.

— Se eu fosse a França, botava essa mulher na cadeia.

— É uma das maiores rendas do Estado francês, minha Senhora. Se pusessem essa atriz na cadeia, os hotéis, o turismo, tudo abria falência.

As cortinas do Lido, após a *ouverture*, começaram a despejar, escadaria abaixo, estátuas de carne e plumas, lentejoulandas nos bicos dos seios.

— Alfredo, veja como se comporta!

E, para mim:

— Até quando foi ver a Vênus de Milho ele ficou inconveniente. Nem parece membro do Centro Dom Vital!

Os últimos leques se afastaram: agora as estátuas surgiam inteiras, apenas cravejadas, em sítio óbvio, de joiazinhas de brilhantes.

— Vamos embora! Alfredo, vamos embora!

— Quem sabe a Senhora prefere Les Naturistes? Ou La Nouvelle Eve? Ou o Madame Arthur?

— Este mundo, Dr. Moreira Telles, está perdido. E o senhor também. E se o Alfredo quiser fazer alguma coisa decente, deve apresentar é um protesto na Câmara.

De dentro das brumas do *champagne* do deputado nasceu esta pergunta:

— Na França há divórcio, doutor?

Como reconhecer o brasileiro recém-chegado? De minha experiência resultaram observações úteis para quem queira descobri-los, evitá-los, identificá-los ao longe, marcar encontros com desconhecidos, etc. Muito provavelmente, essas observações já são, de longa data, matéria sabida pelas autoridades francesas.

No aeroporto, à chegada do avião:

Sobretudo ou capote visivelmente emprestado. Uso do mesmo, e mais cachecol e suéter à temperatura de quinze graus. Malas desapareiradas.

Valise, saco, cesta de vime, contendo uma ou várias das seguintes mercadorias: feijão preto, carne-seca, farinha, garrafa de cachaça, pimenta, goiabada, queijo de Minas.

Senhoras de chapéu (em geral fora de moda).

Senhoras com capas de pele (envergando-as mesmo a quinze graus).

Senhoras com *slack*, calça Lee, calça de veludo.

Homens com camisa La Coste.

Escudinho de clube de futebol na lapela. Idem da ADESG (Vips.).

Abraços festivos, umbigadas. Senhoras: duplo beijinho nas faces.

Falar alto. Piada masculina: "Mulheres, cheguei!" Exclamação feminina: "Sá cé Parri!"

Agitação diante da polícia, autoridades alfandegárias. Gesto indeciso de gratificá-las.

Nos restaurantes, bistrots, etc.

Falar alto em método Berlitz.

Olhares constantes para o cabide, de medo de que desapareça o sobretudo (do parente viajado).

Modo sobranceiro de tratar os *garçons*, *mâitres d'hotel*, etc. Chamá-los com estalos dos dedos.

Medo de entregar os agasalhos à moça do vestiário.

Surpresa diante da gorjeta. Gorjeta demasiada, para causar efeito ou por desconhecer o valor do dinheiro. Espanto ao saber que tem de pagar um franco para cada objeto guardado.

Espanto ao saber que tem de dar gorjeta no *toilette* (o mesmo espanto ante a gorjeta em cinemas e teatros).

Inquéritos em voz alta ao *sommelier* para mostrar-se conhecedor de vinhos e até dos *bons millesimes*.

Piada sobre o odor dos queijos.

Suspeita quanto à masculinidade dos demais fregueses.

Cortar aspargos com a faca. Repudiar o *escargot* e o *faisandé*.

Pedir gelo para o vinho.

Pedir palito ou procurá-lo à mesa.

Incapacidade de dizer certos números: 70, 80, 90 e suas unidades.

Na rua:

Salivação.

Mão no bolso da calça.

Falar alto bradando palavrões em vernáculo.

Achar graça nas *vespasiennes* até ter coragem de usá-las.

Indisposição de estômago (água, vinhos, condimentos, queijos).

Pneumonia (adquirida antes de, afinal, vestir o sobretudo ao sair à rua.)

Desobediência aos sinais do tráfego e indiferença aos gritos dos motoristas: (“*Pédale! Tapette! Con des cons!* etc.”)

Nas compras:

Delírio feminino no Marché St. Pierre, Galeries Lafayette, Dior etc.

Tentar entrar nos vestidos exibidos por modelos.

Pânico e impaciência ao atravessar as ruas. (“*Eh bien, ça va, sale garcel!*”).

No “sight-seeing”, museu etc:

— Não troco nada disto por Copacabana!

A piada do “ir ao Louvre”.

Diante dum Picasso: “Queria ver se ele pintava a mãe dele assim!”

Onde fatalmente encontrá-los:

Plaza Athenée; Panair (às quatro, para ler os jornais brasileiros); sala de espera da Embaixada (cartas, cafezinhos); Trebel, Fouques, Cambray; Folies Bergère, Hôtel Madison-Elysée, Casa do Brasil (estudantes, concertos de músicos que não podem alugar a Pleyel), Serviço Cultural (“O cheque já chegou?”), bar do Hôtel Bellman, Maison de l’Amérique Latine (feijoada, sábados).

Aeroporto, regresso:

Sobretudo ou capote novo (com o qual descerá no Rio, 35 graus).

Excesso de bagagem (“Me empresta uns dólares aí que do Brasil eu mando de volta...” Mas manda, hem!; “Você acha que a Alfândega lá está muito apertada?”: “Já escrevi para um primo, que é amigo do ministro...”)

— O pessoal do Jockey vai ficar besta!

— Você avisou mesmo ao Carlos Swan que eu estou de volta?

— Louco por uma praia!

— Vou entrar numa feijoada!

— Afinal, onde é que estão essas famosas francesas? Só andei com brasileiras!

O coronel anotou à margem: “Estas notas não podem ir para a revista”.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Fui apresentado a uma parisiense das que mais o são. E ser parisiense hoje não é como antigamente: é frequentar o melhor, conhecer quem mora na Avenue Foch e quem tem casa em Cannes, fugir aos sábados para um castelo e frequentar príncipes exilados. Rina parece hipnotizada pela aristocracia, como todos os burgueses depois de derrubarem a Bastilha, como todos os Dubois que esclarecem não serem quaisquer Dubois mas descendentes de um Du Bois, de Auvergne, que

esteve nas Cruzadas. Rina é um abreviativo de Catherine. Como toda parisiense elegante, adora a sociedade exilada (ao contrário da parisiense da Primeira República, da Comuna, etc.), contanto que essa sociedade seja a dos Reis da Romênia, da Bulgária, do Estanho, e não a de Bakunine, Lênin, de espanhóis de sapatos rotos e gregos dançadores de copo à cabeça.

— *C'est quelqu'un qui paie en dollars!* — disse de alguém de quem se falava.

— *Il a été au mariage de Constantin* — contou.

Constantin, assim íntimo, é o Rei da Grécia.

— *Connais Serge? Serge Tolstoi? Un amour, Serge!*

Serge é o neto do romancista.

— *Elle s'habille encore chez Worth.*

Foi a maneira de destruir uma dama caída em desuso.

— *Pourtant, elle a connu la Princesse Bibesco, dans son temps!*

Foi o que disse como elogio póstumo.

— *Proust aurait fait son portrait en deux cent pages.*

Modo de situar uma dama no côté *Guermantès*.

— *Les Bourbons, c'est encore un espoir!*

Perguntou-me de chofre:

— *Est-ce que tu connais par hasard le Prince Don Juan?*

O Prince Don Juan é o nosso Príncipe Dom João. O grave da pergunta foi aquele “*par hasard*”, a admitir que só um esbarrão na rua, uma linha cruzada, um atropelamento me levariam a conhecer um príncipe.

— *Moi, ne me parle pas de ces gens du Plaza-Athenée. Ils ont toujours l'air d'être arrivés à Orly une demi-heure avant.*

Quando lhe perguntei como conhecera brasileiros, retrucou:

— *Oh, ne me le demande pas.*

Este trecho de Moreira Telles deu uma punhalada no coração de Totonho. Rina, a aristocrática Rina, conhecia brasileiros de passagem? Teve ímpetos de indagar ao amigo. Preferiu, porém, sofrer sozinho o ciúme retroativo e perguntar di-

retamente ao outro. Perguntou, com as mãos dela nas suas, os olhos nos dela. E o tom apaixonado da pergunta, meditada e composta, já indicava o perdão, além da curiosidade de saber e o temor do ridículo. Rina gargarejou para o alto um sorriso inocente:

— *Pauvre Tonton! Tu souffres? J'connais les brésiliens parce qu'on en parle, ils sont un drôle de sujet de conversation, voilà!*

Totonho mergulhou no seu ombro, feliz. Eu não poderia perguntar coisa semelhante a Brigitte: jamais conheceu antes de mim um cão brasileiro. O que havia dentro de mim era uma outra desconfiança: depois que passaram a se encontrar no 14 Tilsitt, eu estava esquecido: Rina não me traria Brigitte, Totonho não me levaria a ela...

Totonho levantou a cabeça, numa outra suspeita, também doída:

— *E Moreira? O Telles? Tu le tutoies?*

— *Qui? Tellès? Mais, voyons, mon ami...*

Porque Totonho possuía a noção, vinda do *vaudeville*: se um homem e uma mulher *se tutoient*, é sinal de que já foram para a cama — e a platéia tem a obrigação de suspeitar e rir a um *tutoiement* involuntário, como tem obrigação de rir quando um personagem exclama: *Nom de Dieu!* Rir do *cocu* é zombar do *ridicule*, isto é, do aspecto humano que o francês mais teme — e que faz a glória dos comediógrafos de amante-escondido-no-armário.

— *Rien qu'un ami! Après tout, tu ne m'as pas connu vierge!*

O passado desconhecido de Rina esmagava o coração de Totonho. Ela o percebeu e o apagou com um beijo. Mas ficou dentro dele o desejo de prosseguir na leitura de notas de Moreira Telles, já não para catar material para a revista mas para encontrar algum outro traço de Rina — ou a felicidade de não encontrar traço algum, como se ela fosse dele, só dele, não apenas desde a noite em que surgiu no apartamento do amigo, mas para sempre, por toda a vida, como Veva, pobre Veva...

No dia seguinte, não resistiu: perguntou de chofre ao amigo se alguma vez possuía Rina. Moreira Telles sorriu do ciúme do amigo e plagiou-o:

— Como é bom quando se pode sentir ciúme! Em toda a minha vida, nunca senti ciúmes: sempre senti inveja.

Confesso: sou racista. Não em relação aos cães, é claro — e sobretudo em relação às cadelas (e a esse respeito muito menos racista é Brigitte, que acolheu minha plebeíce e minha fealdade; e mais racista é Rina que, depois de minha aventura com Brigitte faz tudo para evitar nossos encontros). Sou racista em relação aos homens. Não em relação à raça humana em sua generalidade — mas em relação às raças humanas. Não tenho preconceitos propriamente étnicos, mas de pigmento e olfato. Por exemplo: jamais me irritaram os Graviolli, colonos italianos, uivadores de canções e que sempre me reservavam seus restos de polenta com ossos de frango; nem os Iakamoto, japoneses, cujos filhinhos, uma ninhada, eu consentia que puxassem meu rabo e me fustigassem com bambus. Não sou racista em relação aos judeus, como o Isaac, portador de papéis do banco para meu dono ou aos árabes, como o Ibraim, mascate que surge na Samambaia uma vez por mês de caixa às costas e riso de se fazer simpático. Jamais ladrei atrás deles: sempre me trataram bem, para poderem chegar até meu amo e até a vila dos colonos. Sou racista em relação aos negros. Em relação a Eulália, a cozinheira, não porque me maltratasse mas porque uma vez, quando eu ainda criança, ao entrar na despensa farejando ratos, deparei com ela, as pernas abertas no ar por cima das sacas de batatas, gemebunda e de mãos crispadas, enquanto o Amaro, o que me dava pontapés, avançava-lhe coxas a dentro, refocilando os bigodes e os maus dentes no seu pescoço dengoso. Lati para eles, de raiva, e nem ligaram. Sabiam que ninguém estava por ali. Odiei Eulália porque se entregava àquele branco malvado. Não tiveram o mesmo sabor para mim, durante muito tempo, os seus restos de comida. E quando, após a minha luta com a onça, ela também passou a me tratar melhor, olhei-a sempre com desprezo, mesmo quando, ao abaixar-se para pôr o meu prato no chão da cozinha, mostrava os negros abacates dos seios no vão do decote. Via-os e me lembrava das mãos do Amaro, as mãos que me batiam, a amassá-los como broas. E também

como fez depois o João, mordomo: tirando-os de dentro do cabecão e sugando-os com afeto esganado, enquanto Eulália se debatia de prazer. Eulália era uma vaca. Uma cadela. Mas como cozinhasse bem! Como as suas panelas em cima do enorme fogão de lenha exalavam odores perigosos que me iam chamar na varanda e se misturavam com o cheiro de suas odiosas axilas, cheiro vegetal, de goiaba madura!

Por causa desse meu preconceito, que sempre me levou a ranger os dentes à aproximação de um negro ou negra, mostrei-os ao cruzar na escada do apartamento, pela primeira vez, com o poeta Jérôme Bonnefoi, martinicano metido a libertário, de cabelo encarapinhado em estilo afro, embora ao chegar a Paris ainda usasse brilhantinas alisadoras. Bonnefoi sorria sempre, riso de piano por cima dum nariz de *boxeur* em nocaute, o rosto acolchoado num rala barbinha pernóstica. O riso desenvolto pertencia à sua personalidade, de uma atitude menos vitoriosa do que desafiante: para impor a sua negritude iluminada pelo alvor da simpatia dentária. Gostava de tonitruar seu *Bonjour!* para os Dupont, para Ludmilla, para as velhinhas (que jamais retrucavam), para os iugoslavos que desabavam em equipe escada abaixo, para as australianas do Lido. E para Yoyo, a quem gritava um *Bonjour, Excellence!*, que deleitava o congolês. Quando se encontrou comigo pela primeira vez (eu vinha ao lado de Totonho, que arfava na escada), estendeu-me a mão de dorso negro e palma cor-de-rosa, para um afago. Espetei a orelha e mostrei-lhe os caninos; o poeta se afastou, não sem dedicar um *Bonjour!* ao coronel — o qual, tendo à frente um negro, não se deu ao luxo de responder em francês mas lascou um *Como tem passado?* a situar o preto em distância verde-amarela. Ah, se o velho Ramalho o visse, ele, abolicionista e, como tal, sedizente anti-racista! Mas Totonho guardava aquela distância de todos os negros da fazenda, os quais, como a entender a repulsa, o chamavam sempre de Coronel e nunca de Doutor. Ouvindo o *Como tem passado?* apreciei meu dono.

Qual não foi minha surpresa quando, ao soar a campainha da porta e ir Pilar atendê-la, voltou ao salão para anunciar, meio em surdina, que *estaba afuera el señor de arriba*.

— Que senhor?

— *El negro* — sussurrou Pilar, para não ser ouvida da ante-sala.

Totonho e Moreira Telles bebericavam o *cognac*; suspenderam olhares e cálices enquanto eu suspendia a orelha.

— Ora esta! Faça entrar!

O teclado risonho de Jérôme Bonnefoi despontou do adomado da cortina, precedido de uma Pilar intrigada, que recusou a contragosto, louca para ouvir e ver. O poeta apresentou-se, sentou-se, cruzou as pernas metidas em calças de xadrez, procurou no casaco um papelzinho que estendeu ao coronel. Este leu e, surpreso, passou o papelzinho a Moreira Telles. Aquilo era coisa do próprio Moreira Telles: uma nota do *Nouvel observateur* anunciando que Totonho, *riche intellectuel brésilien*, pretendia editar uma revista de assuntos franco-brasileiros. O jornal acrescentava uma alfinetada: *Pour ou contre? D'ailleurs, l'écrivain Ramalho est colonel, lui aussi*. Não era isto o que o risonho Bonnefoi queria saber e sim se haveria, por acaso, lugar na revista para ele, poeta martinicano vegetando em Paris, com alguma coisa já publicada e vários recitativos em *caves* sofisticadas. Moreira Telles raciocinou: afinal de contas, não era mau ter um poeta negro na redação; sua presença daria à publicação um aspecto de congratamento racial, simpático. Mas como soube Bonnefoi que Antônio Ramalho morava ali? *Très simple*: Bonnefoi lera seu nome no *concierge*, nos envelopes que chegavam. Associou-o imediatamente ao do vizinho, que via sempre subir e descer. E tomou a liberdade de oferecer seus préstimos. Capaz de ler português-brasileiro, graças a amizades com os bolsistas da Rive Gauche, conhecedor de intelectuais franceses disponíveis, homem de boas idéias... Totonho ia pensar. Pediu que Bonnefoi aparecesse na semana seguinte. Acompanhei-o à porta, rosnando, e Totonho me aquietava. Quando voltou, indagou do amigo:

— Que lhe parece?

Não era má a idéia, segundo Moreira Telles:

— Você pensa que negro só faz trabalho manual? Ou trabalha com os pés, no futebol? A sociedade senhoril brasileira repudiava trabalhar com as mãos. Mão era instrumento de escravo. Para a mulher, havia exceções: doce, bordado, piano. Quando, depois da abolição, o negro e o mulato quiseram mostrar-se livres no recreio do trabalho, adotaram um esporte que se joga com os pés, afirmação de liberdade. O futebol é o nosso esporte preferido. Nada de esporte manual. Se você

olhar os retratos dos times de futebol, na história do nosso esporte, verá quase sempre dez negros e mulatos, em torno de um jogador quase sempre branco, o que joga com as mãos, o goleiro, aristocrata da equipe. Na Martinica isto não aconteceu: negros e mulatos martinicanos são muito mais cultores de literatura do que de esportes.

— Mas será que existe isto, poeta martinicano, Telles?

— Se existe? A Martinica já deu à França até uma Imperatriz!

Ante a solidez do argumento, a colocar a *créole Josephine* como crioula, Totonho decidiu contratar Jérôme Bonnefoi, autor dos *Chants de sueur*, colaborador em jornais menores, panfletos estudantis, recitador na Cave des Moribonds e cantor ao violão no Rhum à Gogo, paixão secreta de Madame Dupont e *cousin* de Ludmilla quando dispunha de cem francos, visita que as grã-duquesas sempre estranhavam por causa da cor da pele, e isto lhe foi dito pela iugoslava, ao que o vate retrucou:

— *Dis à ces dames que Pouchkin était demi-noir lui aussi.*

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Afonso de Escragnoille Taunay, autor de uma obra sobre visitantes do Brasil durante o Império, teria gostado de acrescentar-lhe um capítulo, para falar sobre um dos primeiros livros europeus sobre o Brasil após a queda de Pedro II: *Brésil et Argentine, notes et impressions de voyage*, de Edouard Montet, professor da Universidade de Genebra. Trata-se de generosa preciosidade, principalmente porque o professor nos visitou nos anos de 1892-1893 e nem mesmo se assustou com a revolta de Custódio José de Melo e com o bombardeio do Rio.

Orientalista, autor de uma *Grammaire Minima de l'Hébreu et de l'Araméen Bibliques* publicada em Viena, chega a arriscar palpites sobre a língua portuguesa do Brasil. O fim de sua viagem, entretanto, embora não explicitamente revelado no livro, parece ser o de constatar as possibilidades da igre-

ja presbiteriana entre nós depois de estabelecida a República, depois de passarmos do estado laico ao da liberdade dos cultos. A primeira edição do livro recebeu, em 1896, um elogio do *Jornal do Commercio* do Rio: “O Brasil deve ser-lhe grato por seu livro. *Brésil et Argentine* fala muito claramente e sem pretensão desses países, e sempre com tal correção que, quando da pena do escritor surgem amargas verdades, que não devem ser absolutamente esquecidas porque são verdades, o Sr. Montet exerce sua crítica de um modo tão cortês, tão delicado e muitas vezes tão espiritual, que isto não dá lugar a qualquer ressentimento”.

Isto posto, vejamos como éramos através dos olhos do viajante. O professor Montet deixou Bordéus rumo ao Brasil e logo se encantou com Lisboa:

“Quem não tem visto Lisboa
Não tem visto coisa boa”.

Logo, está apto a admirar a Bahia, não sem antes degustar os abacaxis e sapotis de Pernambuco e perturbar-se com “a vegetação poderosa e estranha das regiões tropicais”. Os coqueiros, as palmeiras, as jangadas, o elevador de Salvador, tudo lhe enche os olhos. E a população: “É talvez o único ponto do Brasil onde se encontram negros que tenham conservado o costume africano das colônias portuguesas e falando ainda dialetos do país de origem”.

A entrada do Rio deixa-o fora de si: “De onde vem a admiração entusiástica de que somos tomados, cada vez que a contemplamos? Dessa mistura de natureza alpestre e marítima, enriquecida de um elemento novo, a natureza tropical”. O mar, as montanhas (que ele compara às da Suíça), a natureza dos trópicos entontecem o professor. Mas logo ao descer do navio decepçiona-se: “A primeira impressão que sente o viajante é, a bem dizer, aborrecida. Como? Isto é a capital federal, a cidade para onde se acorre de todos os pontos desse vasto país quinze vezes maior do que a França?” Conta que logo deparou com as ruas estreitas, mal construídas e pior pavimentadas, ruazinhas tortuosas e sujas, onde o odor dos desinfetantes evoca a imagem das febres endêmicas. “A maior parte das casas é baixa, mal cuidada, muitas vezes pintada de cores vivas e cruas e recobertas de ornamentos de mau gosto.”

E o povo “fluminense”? Descalço na poeira e na lama, sempre esfarrapado; nos bairros populares, no meio das imundícies, as crianças brancas e negras, inteiramente nuas e em tal estado de sujeira que é fácil imaginar... Mas tudo isto, explica, são falsas impressões, enganadoras: e volta ao entusiasmo pelos morros, pelos bairros “meio cidade meio campo” do Flamengo, Botafogo, Laranjeiras, Tijuca... Tudo se mistura “de modo tão íntimo às ruas e às construções que nos é permitido perguntar se o Rio não é uma cidade das mil e uma noites, langorosamente adormecida num berço de verdura exótica”.

E passa a descrever os jardins, as praças, até chegar à Rua do Ouvidor, “ponto de encontro de todas as ociosidades e de todas as mundanidades do Rio”. Desde as dez da manhã, a circulação de veículos é ali proibida. Em certas horas, todos ali se acotovelam. “Os senhores não aparecem ali senão de cartola e, como se faz questão no Rio de mostrar que se seguem as modas de Paris, as belas damas ali vão exibir suas vestimentas à volta de cada estação. Lembramo-nos de ter encontrado em janeiro, quer dizer, no auge da estação quente, duas elegantes ostentando vestidos de veludo. Em julho, isto é, no inverno, com temperaturas de que nos contentamos na Europa ao fim da primavera e ao começo do verão, ali vimos passeadoras metidas em peles, um boá ao redor do pescoço, enquanto nós, mal desembarcado, suportávamos resmungando as roupas ligeiras que nos apressamos em vestir”. É a tirania da moda, explica o autor, “um gênero de loucura que se propagou até o centro da República, de modo que em Cuiabá, por exemplo, capital do Estado de Mato Grosso, as pessoas se vestem de um modo igualmente ridículo, embora esteja a cidade situada perto do décimo-quinto grau!”

O autor vai então entusiasmando-se com a limpeza dos *bondes*, com o uso permanente que deles se faz, mesmo para transpor um quarteirão, a ponto de se olhar com estranheza para quem anda a pé. Na Tijuca, encontrou pela primeira vez uma “sensitiva”; e, do outro lado da Baía, em São Domingos, uma negra explicou-lhe que aquela planta se chamava “malícia de mulher”. Adorou as barcas da Guanabara, os passeios marítimos. “Em resumo, apesar da má reputação do Rio do ponto de vista sanitário, reputação que nada tem de exagerado, embora certos trabalhos de saneamento ali tenham sido

executados e embora aí se beba excelente água trazida das montanhas vizinhas pelo aqueduto da Carioca, apesar da febre amarela e dos acessos perniciosos, de alguma impressão desagradável que tivéssemos guardado do bombardeio (da revolta da esquadra)... guardamos uma boa lembrança da capital federal. Aí está uma capital que não é como as outras, absolutamente, e nisto reside em nossa opinião um mérito pouco comum”.

No capítulo dedicado a “São Paulo e as cafeterias”, vai logo dizendo que no Brasil tudo fica para amanhã... “Paciência! Espera um pouco! Amanhã” são as fórmulas que registra: e que cada serviço será executado “amanhã cedo”. Conta que a expressão é tão usada que certo relojoeiro paulista ficou com o apelido de Amanhã Cedo. O fenômeno do “amanhã” será reencontrado pelo professor, mais adiante, no Uruguai e na Argentina, o que o leva a concluir que é um traço sul-americano. No entanto, desconhece outra fórmula, “Calma, no Brasil!”

Impressionaram-no entre nós a inexactidão dos horários de estrada de ferro, a precariedade dos meios de transporte, as queimadas a destruir a floresta para as plantações de café... Mas São Paulo, com suas cento e cinquenta mil almas, nada lhe traz de novo: “É uma cidade européia e portanto sem originalidade. Quando aí chega, depois de uma estada no Rio, o estrangeiro tem quase a sensação de estar em casa. As ruas, as próprias casas recordam, mais que no Rio, as do sul e centro da Europa, e os costumes dos habitantes sentem mais ainda a vizinhança de numerosos portugueses, italianos, franceses, suíços, alemães e ingleses que se fixaram aí”.

Parte para as fazendas, onde constata a obra de devastação das queimadas: “No período do ano em que tocam fogo assim às regiões de bosques, o espesso fumo que daí se desprende empesta a atmosfera e obscurece o céu; durante várias semanas, a paisagem parece triste, apesar do esplendor da vegetação tropical: é que o desbravamento completa a sua obra de devastação.” Assim atravessou a cavalo terras onde jaziam “Titãs abatidos” tão grossos que os animais se recusavam a saltá-los. Achou também desolador o aspecto das novas plantações, onde os pés de café, pequenos, desaparecem no negro dos troncos queimados, “árvores de essências preciosas”. Descreve como plantar café, “de cinco em cinco metros”, como

colhê-lo, como livrá-lo de parasitas, como se faz, pelos colonos, o emprego do facão, como secá-lo e ensacá-lo. Explica: deles existem três qualidades, das quais a primeira é o *moka*; e conta que o café é transportado das fazendas às estradas de ferro, em “carros de boi”, pelos “caminhos em estado deplorável”, onde se encontram os “urubus”, únicos encarregados de limpá-los. Visitou fazendas enormes, cujos donos pediam em altos brados a imigração de chineses para substituir o braço escravo perdido em 1888. Conta que, com a abolição, muitas fazendas ficaram abandonadas: “É fácil compreender que, em semelhantes condições, a capatazia era confiada a qualquer um, e que tais funções exigem qualidades especiais, não encontradas no primeiro que chegue. Os casos de rebelião não são, aliás, assim tão raros nas grandes aglomerações de trabalhadores: a polícia e o Exército intervêm muitas vezes nessas insurreições privadas”. A isto, diz o autor, acrescenta-se o risco de roubo por parte dos colonos que não se sabe de onde vêm, o desejo destes de ceder ao *far niente* tropical, o desconforto... Conta: numa dessas fazendas, colonos novos, quando viram a cabana do dono, tomaram-na pelo abrigo que lhes era destinado — e se recusaram a ali ficar. E volta-lhe a obsessão do mato, o “mato virgem” e a “capoeira” que descreve para citar um provérbio lá aprendido: “Deus é grande mas o mato é maior”, provérbio cujo verdadeiro sentido parece não ter alcançado.

E não faltaria a um viajante europeu tão minucioso o prazer de falar dos “bichos”, a começar pelo “bicho-de-pé”, o berne, o “bicho da vareja”, os “carrapatos”, as moscas, as aranhas, as formigas de todos os tamanhos, as baratas, “todos os insetos, grandes e pequenos, que martirizam a gente brasileira”.

Édouard Montet afirma ter distinguido três grupos de habitantes do Brasil: os brasileiros, os negros e os colonos estrangeiros, sendo que o elemento indígena já se achava, em 1892, completamente desaparecido e havendo deixado apenas, como vestígio real de existência, uma larga contribuição no vocabulário brasileiro.

Verifica que o brasileiro já nada mais tem de semelhante ao homem português. Os portugueses, aliás, que “tiveram muitas vezes uma predileção muito marcada pelas negras que a escravidão trazia aos seus domínios”, se transformaram numa

população de mulatos. “A se considerar apenas do ponto de vista da saúde, esses últimos cruzamentos foram favoráveis aos conquistadores, cuja raça se fortificou assim e adquiriu maior capacidade de resistência ao clima mortal dos trópicos”. Sobre-tudo nas regiões costeiras, o brasileiro dá a impressão de um ser fraco e doentio mas, quando há rebelião, quando a política aí se mete, o convalescente “remexe-se como o diabo numa pia de água benta”. Quanto ao brasileiro do interior, principalmente o de São Paulo, “parece-se muito ao europeu dos grandes centros; tem atitudes e, até certo ponto, o espírito, mas antes, antes de tudo, as pretensões e defeitos”. Neles descobre a benevolência, a generosidade, a hospitalidade na extensão mais larga da palavra... “Que bons momentos aí passamos!” Confessa que a conversação era *parfois languissante*, “porque muitos fazendeiros, quando param de falar sobre o café, não dizem nada mais”... “Mas havia tal amabilidade, tal acolhida, tal franqueza e uma sem-cerimônia tão encantadora na maneira de receber, que a gente esquecia bem depressa a sua falta de instrução para gozar somente de sua naturalidade”.

“Se o fazendeiro brasileiro tem defeitos, e graves defeitos de que falaremos mais longe, tem também raras qualidades. Uma das mais notáveis é a sobriedade”. E descreve a mesa da fazenda: à falta de trigo, vinham o arroz, a farinha e o feijão, a farinha de mandioca e o milho. E — coisa espantosa — elogia a *savoureuse feijoada*, a mesma que outros europeus julgam execrável. Fala, com babada saudade, da carne seca, do bacalhau, da carne de porco e de galinha, das laranjas e bananas, das jabuticabas, do café, da cachaça, “e sobretudo não se esqueçam do palito, limpa-dentes de madeira, utilizado tanto quanto o garfo”. O professor provou a paçoca, o cará; elogia o ensopado e o picadinho, descreve o virado “ou revirado”, a “canja d’arroz”, a galinha ensopada, os “excelentes cremes, compotas e doces de massa feitos com coco, com laranjas amargas, etc.” O “etc.” é também do comovido professor. Quanto à hospitalidade, conta que ela vai a ponto de nada se poder elogiar em casa do anfitrião sem que ele diga logo: “Às suas ordens” e faça questão de regalar o objeto elogiado.

Quanto ao negro, considera-o um negro especial, diferente do da África. Vê em cada um deles um perito no seu ofício, detestando fazer qualquer outra coisa. Teve um criado

negro que o deixou porque não queria engraxar-lhe as botinas: “Sempre achei que se sentia humilhado de botar negro nas botas de um branco”. Encontrou no negro brasileiro uma “imperturbável alegria”: “Que companheiro alegre é o negro, embora grosseiro, e nós lhe devemos alguns dos espetáculos mais divertidos da nossa estada na América!”

Mesmo sob a escravidão, afirma, o negro não se cansava de dançar e cantar. “Não sei se me engano, mas a lei da liberdade e da responsabilidade tornou-o mais preocupado e menos jovial e escuto ainda ressoar em meus ouvidos esta exclamação de um velho negro, antigo escravo de um excelente senhor, que conheci nos últimos anos de sua vida: “Ah, nós éramos mais felizes no tempo da escravidão!” E, acrescenta o autor, numa nota, que os negros brasileiros eram os mais bem-tratados da América, embora conhecesse um caso em que certa fazendeira, para subjugar seus escravos recalcitrantes, ministrou-lhes um clister de pimenta.

“O negro vive de pouco e, no que respeita à frugalidade, só o colono italiano realiza proezas superiores; mas o negro vence na limpeza”. E conta: nas regiões brasileiras que visitou, verificou que o negro cuidava de sua pessoa, lavava os pés antes de deitar-se, “higiene elementar num país onde se anda descalço”. “Depois da liberdade, o negro só está obcecado por uma idéia: imitar o branco de que por lei se tornou igual. Domingo, passeia de casaco, gravata, como um cavalheiro, todo vestido de linho branco; sua felicidade é completa se o chapéu de seda lhe cobre a carapinha. Passeia assim, muitas vezes descalço, ele que durante a semana estava apenas vestido... Nada mais divertido do que escutar a conversa dos criados negros, quando se encontram na rua, a saudar-se como seus patrões: “Bom dia, doutor... Bom dia, doutor...” Mas de repente o professor Montet se enterra: quando diz que a raça negra nenhum vestígio deixará no Brasil.

Totonho anotou à margem: “Boa matéria para a revista”. E ainda: “É preciso introduzir a culinária brasileira em Paris”. Mas depois, imaginando Rina a comer uma feijoada, coisa impossível, riscou a anotação.

E levantou-se. Era a hora do que já chamava, no íntimo, a sua “seca”: visitar Veva, a olhá-lo com os mesmos olhos de não ver, parados e úmidos. Ele costumava chegar, perguntar pela temperatura, a pressão, espiar o boletim pendurado no

espaldar da cama, beijar na testa a estátua quieta da mulher, de cuja boca se escapava um sopro de estribilho: “Eu quero morrer... Eu quero morrer...” Às vezes o carro ficava no portão da clínica e eu dentro dele. *Entrée défendue aux chiens*. Felizmente. Totonho reaparecia, respirando forte, aliviado, enxugando a testa. E dava ao motorista o endereço do restaurante onde Rina o esperava, o Cascade, o L’Orée du Bois.

— *Madame va mieux?* — indagava o motorista.

— *Uí, uí, merci.*

E me afagava a cabeça. Para minha decepção, Rina deixara de trazer Brigitte. Eu contemplava com melancolia os cães felizes do Bois.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

As três mulheres mais famosas de Paris habitam o mesmo palácio. Uma quarta, de igual fama, e talvez a mais casta, vive na rua. A Vitória de Samotrácia, a Vênus de Milo e a Mona Lisa estão no Louvre e é preciso levar brasileiros recém-chegados diante delas, para que digam o que lhes vem à cabeça. Quanto à Pucela, faz o *trottoir* na Place des Pyramides e na Saint Augustin.

Mais de uma vez visitei a Bela. Visitei-a num domingo, dia grátis no Louvre, dia de burgueses franceses, sumíticos: economizam um franco e não pagam o guia. Nesses dias o Louvre é quase totalmente francês. Enveredo pela velha porta, dobro à esquerda, espio a gente a desfilar entre bustos que nos contemplam sem os contemplarmos: o filósofo Carnéades, o orador Ésquines, os efebos, os deuses. Lá no fundo, em solitário cabotinismo, está a Bela. Os queixos caem.

Para meu gosto, digo logo: Vênus é grande demais. Se eu subir no soco, bato-lhe no ombro. Não me vexa isto de não ter braços. Prefiro-a até à hipótese de que a mão esquerda encontrada junto ao seu corpo, segurando a maçã, seja a sua. Seria demasiado bíblico, embora Vênus também se visse envolvida em intriga de maçãs.

Não é bonita: é boa. Aí reside o seu êxito. Mutilada, com escrófulas no dorso, com um feio rachado na região púgia —

o que possivelmente terá tornado outra Vênus a Calipígia — com uma barriguinha suspeita, há de ter surpreendido o camponês de Milo, que a achou espatifada no chão. Como boa, não como bonita, embasbacou o cônsul da França junto aos dominadores turcos da Grécia. Mandada a Luís XVIII, este a colocou no palácio em 1820. Foi uma das raras preciosidades que não entraram ali por pilhagem napoleônica. Napoleão, então em Santa Helena, provavelmente nunca teve notícia da Bela.

A Bela possui uma didascália grudada na parede, onde se lê, entre informações biográficas, uma frase poética: *Nous ne savons pas quel était le geste des bras de la Vénus de Milo*. Das outras Belas, sim: com o ímpeto das asas da Vitória, com o repouso de mãos sob o ambíguo sorriso da Gioconda, com a cruz da espada da Pucela... Tomara que o mistério de Vênus se prolongue pelo fio dos séculos. Aquela ausência de braços dá ao contemplador a possibilidade de completar o gesto, na imaginação. Foi um acidente, a estátua rolou, bateu aqui, ali, seccionou-se no meio, mutilou-se, partiu o traseiro, arranhou o torso, a espádua. Conservou a expressão talvez triste, de expectativa, a expressão que também se vê nas *korês* das lápides funerárias. A oferta de um abraço, invisível, pontilhada no espaço, como nas histórias em quadrinhos. Talvez nessa sua generosidade esteja o segredo de sua sedução.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Poder-se-ia organizar toda uma livraria de histórias de gente que compra um quadro e fica rica e de gente que não compra porque não acreditou que se tornaria rica. Os quadros, já disse alguém, são os objetos que escutam o maior número de asneiras. Por eles desfilam quem conhece e quem não conhece pintura; por eles passam pessoas interessadas em multiplicar o dinheiro do bolso. De todas as artes, a pintura é a que mais aumenta a riqueza dos ricos: não toma ao milionário o tempo de uma sinfonia ou de um noturno; não exige que ninguém fique quieto, sentado. Bernard Buffet chegou a escrever que um quadro se vê em menos de um segundo. Isto é: menos do tempo necessário para assinar o cheque.

O mundo está cheio de gente que emprega dinheiro em quadros; quase ninguém o emprega para possuir uma música ou um romance só para si. A pintura se guarda na caixa forte dos bancos, segurada em grandes companhias. Ninguém até hoje trancou num banco um poema.

E há quem jogue quadros fora, ou deles desdenhe, porque a vida não os iluminou naquele momento — o momento em que o Doutor que tratou de Van Gogh podia ter sabido do talento de Van Gogh e evitado usar seu retrato feito por Vincent para fechar um buraco do galinheiro, o momento em que André Gide, leitor da Gallimard, recusou os originais de Proust. O momento em que o protetor do menino prodígio avisa: “Este menino vai longe!”

Há em Paris um Senhor Harry Lachman, americano, nome talvez lembrado por quem assistiu a alguns filmes de Jean Gabin, de Noël-Noël. Há quem o conheça porque dirigiu filmes com Gertrude Lawrence e John Gielgud, na Inglaterra. Ou o *Baby take a bow* com Shirley Temple, em Hollywood, quando a menina tinha seis anos. Lachman tem hoje quase oitenta. Ninguém sabia que ele era pintor de paisagens — porque não quis aprender anatomia. Lachman também teve a sua história do dia de azar no faro da obra de arte: estava sentado no Café du Dôme quando um sujeito o aborreceu para lhe vender um quadro por um franco. Lachman repeliu o importuno e sua obra, um retrato de desconhecido, com um longo pescoço. Dias depois, viu num barbeiro vários quadros daqueles, mostrando sempre gente de pescoço alto. O pintor costumava pagar as barbas com os quadros. Chamava-se Modigliani; morreu sem ter comido o suficiente, como acontece aos pintores que se prezam; e hoje um de seus quadros daria para alimentar todos os pintores de Montparnasse.

Lachman, entretanto, aproximou-se de outros colegas. Conheceu Picasso, que considerou “antipático”; Bonnard, seu amigo mais querido. Foi vizinho de Matisse, que vinha almoçar em sua casa de pijama listrado e tentou pintar o retrato de Mrs. Lachman, uma chinesa cujo rosto redondo não dava muita chance aos pintores. Um amigo de Lachman, o pintor menor Cotet, introduziu-o no círculo de artistas, a gente do Bateau Lavoir e da Place du Tertre; apresentou-o a Signac, que o levou a Pissarro, cujo filho o levou a Monet. De Monet ouviu, enquanto o pintor contemplava a paisagem de Giverny:

“A natureza é terrível, eu não faço senão porcarias”. O diretor cinematográfico Rex Ingram convidou Lachman a ajudá-lo a procurar um lugar para filmagens e Lachman se transformou em diretor cinematográfico. Em 1927 deixou a pintura, que agora recomeçou, tendo guardado uma porção enorme de suas produções na mansão que o dinheiro do cinema lhe deu em Beverly Hills. Esse homem, que conheceu uns maltrapilhos que não rezavam com palavras mas com o arco-íris, e andou metido dentro da mais revolucionária revolução estética sem o perceber, conseguiu ter casas em Paris, em Hollywood, na Côte d’Azur. Jamais comprou um quadro. “Fui uma besta!”, confessa.

Fui uma besta, também eu. Robert Heyman, judeu-brasileiro que vendeu os Debret a Raymundo de Castro Maia, me ofereceu um óleo da praia de Icarai, de assinatura ilegível e com dedicatória a Sarah Bernhardt, descoberto no Hôtel Drouot. Temi cair numa esparrela, não comprei o quadrinho. Hoje sei que o autor era Antônio Parreiras e o quadro provavelmente oferecido à atriz da última vez que visitou o Brasil, em 1906. Parreiras estudou em Paris, casou-se com uma francesa e muito naturalmente teria homenageado a Divina, cujos herdeiros, agora, desbaratam as coisas de bom e mau gosto que ela acumulou. Tudo ao correr do martelo, uma pechincha!

Uma vez descobri uns cento e cinquenta desenhos inéditos de Debret e de seus discípulos brasileiros, numas pastas encontradas num desses mágicos *greniers* franceses. Recomendei ao Itamaraty que os comprasse. Nada se decidiu. Quando passou por Paris o Ministro das Relações Exteriores, insisti no pedido. O ministro prometeu que examinaria o caso e, enquanto o prometia, cortesmente, batendo-me no ombro, senti: ele imaginava ser Debret um jovem pintor que eu queria ajudar. E com isto o Itamaraty não comprou os desenhos do meu protegido.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

A cidade de Bordeaux reverencia, como tantas outras em França, a memória de seus beneméritos; entre eles Jean Nicot,

cujos nomes se encontram numa velha rua, a lembrar o embaixador francês em Portugal em 1560. Nicot cultivava em seu jardim uma árvore americana e, segundo conta um memorialista bordelês, Roger Galy, nas suas *Promenades dans Bordeaux*, “teve ocasião de constatar pessoalmente que o suco das folhas, aplicado sobre úlceras, escrófulas, feridas, agia como um miraculoso unguento”. A rainha-mãe Catarina de Médicis sofria de rebeldes dores de cabeça e Nicot teve a idéia de lhe aconselhar essa medicação, que deu resultado. Foi assim que Catarina de Médicis se livrou de suas enxaquecas. Sua camarilha, na corte, e logo toda a pobreza, a imitaram. A panacéia real, batizada como “erva da rainha”, ou “nicotiane”, divulgou-se rapidamente. Obras sábias elogiaram o remédio a ponto de mostrarem inveja de suas virtudes medicinais.

Com a aplicação do unguento de nicotina estava feita a celebridade de Jean Nicot. Conta ainda Galy que “essa glória de Nicot suscitou protestos de um certo André Thevet”. “Esse monge gascão, um tanto flibusteiro, parece ter sido, com efeito, o primeiro na França a cultivar a planta de que trouxera uma semente de uma viagem feita ao Brasil, lá por 1556. Mas como se contentara com distribuí-la aos camponeses, à volta do seu mosteiro em Clairac, foi-lhe impossível disputar a Jean Nicot a honra de representar o principal papel no “lançamento”. Enquanto fumamos, as municipalidades desejosas de guardar a gloriosa memória de Nicot, que em suma faz entrar tanto dinheiro para as caixas do Estado graças ao monopólio, inscreveram seu nome sobre as placas azuis”.

O “certo André Thevet” foi uma constante vítima de furtos. Jean de Léry furtou-lhe idéias, e o acusa, sem citar-lhe o nome, de haver-lhe roubado um grande número de penas de papagaio que trouxera para a Europa. Esmoler de Catarina de Médicis, historiógrafo e cosmógrafo do rei, Thevet tantas vezes protestou contra os assaltos à sua *Cosmographie universelle* e às *Singularités de la France antartique*, que acabou cansando e até mesmo desdenhando dos ataques que Léry lhe fez no prefácio da segunda edição da *Histoire d'un voyage fait au Brésil*. Preferiu a companhia ilustre de Ronsard e de Du Bellay, que cantaram suas aventuras no melhor verso do tempo. Entretanto, na *Cosmographie universelle*, não deixou de protestar contra o furto praticado por Jean Nicot de Villemain: “Eu posso vangloriar-me de ter sido o primeiro na Fran-

ça a ter trazido a semente dessa planta, e de a ter semeado, e de a ter chamado de erva Angoumoisine. Depois, um sujeito que nunca fez a viagem, alguns anos após o meu regresso a este país, lhe deu o seu nome". Vão protesto, que Paul Gaffarel repetiu no prefácio das *Singularitez*, mais de dois séculos depois: "Que nos seja ao menos permitido... proclamar que foi a Thevet, e a ninguém mais que a Thevet, que o tesouro público deve a mais magnífica das rendas, e a maioria dos nossos leitores um prazer cotidiano".

Pobre Thevet!... Até hoje não lhe traduziram as excelentes *Singularitez*; de sua *Cosmographie* surgiu também a *Cosmographie moscovite*. E nem ao menos deram seu nome a uma marca de cigarros ou charutos, como fizemos com o café, que ostenta os nomes de Palheta e D'Orvilliers. Restar-lhe-á o consolo de não ser oficialmente responsável pela introdução na França do câncer do pulmão; da difusão do mal se encarrega hoje a *Régie française du tabac*, órgão estatal.

Voltando a pilhagens, sofremo-las tantas que as de Thevet e Léry nem têm graça! Em 1917 era Ministro da França no Brasil o poeta Paul Claudel, *cher collègue* que só se lembrou de copiar o nosso abraço, o tapa nas costas *à la manière brésilienne*, a que se refere numa rubrica do drama *Le partage de midi*. Nada mais viu do Brasil que merecesse a pena, uma pena tão ágil que em breve espaço de tempo escreveu uma *Ode au maréchal* (Pétain) e uma *Ode au général* (De Gaulle). Entretanto, o seu jovem secretário de embaixada, Darius Milhaud, músico esperto, gostava de ouvir os chorões que tocavam na sala de espera do Cinema Odeon, do Rio, e que encantavam também o Conselheiro Rui Barbosa. Ouviu-os tanto, e mais as músicas de rancho e da Praça Tiradentes que, de regresso a Paris, meteu tudo em picadinhos numa rapsódia destinada a acompanhar um filme de Charles Chaplin. Falhou a idéia, partiu para outra, utilizando a composição num balé com texto de Jean Cocteau, *bang-bang de far-west* dançado no Théâtre des Champs-Élysées, com o nome de *Le boeuf sur le toit*. O título era o de uma música popular brasileira e de um letreiro de bar, que Milhaud lera ao visitar o interior do Paraná em companhia de Claudel que tratava de negócios de café. *Le boeuf sur le toit* deu o nome a um cabaré-restaurant famoso da Rue Boissy d'Anglas, onde se reuniam os *six* renovadores da música francesa. Paris já dançava *la maxixe*, que

Van Dongen pintava em quadro; mas nenhum francês descobriu os maxixes que Milhaud levou do Brasil. O *Boeuf* inclui, sem qualquer protesto da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, fundada em 1917, os sucessos da música popular brasileira, de autores como Marcelo Tupinambá, Ernesto Nazaré, Chiquinha Gonzaga, A. Sandim, e até o *Tango brasileiro* de Alexandre Levi, que data de 1869.

Milhaud, nas suas *Notes sans musique*, autobiografia publicada muitos anos depois do sucesso do *Boeuf*, conta que foi amigo de Nazaré, Tupinambá, Villa-Lobos e muitos outros músicos que conheceu no Rio; mas diz que o seu balé famoso foi composto *sur des airs sud-américains*. Em outras composições, *Saudades do Brasil*, *Scaramouche*, apenas imita de longe o que ouviu nas nossas ruas, no nosso teatro, nos nossos carnavais.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Há pessoas que deviam desaparecer do nosso horizonte, ao menos para limpá-lo. De vez em quando deve-se sacudir a árvore das amizades, para colher as maduras e deixar no chão as podres. Por mais que assim se faça, sempre caem algumas destas últimas na nossa cabeça.

Estava eu posto em sossego, soa a campainha, abro a porta e pronto!

— Aqui estamos!

Brasileiros em percurso estival, vindos de assistir a não sei que Campeonato Mundial que perdemos e assim adotam o pretexto de visitar os banhos de Caracala, o Moulin Rouge e Londres. (Come-se lá muito mal, sabe?)

— Puxa, como você perdeu o cabelo!

Primeira constatação do amigo há muito invisível. Trouxe-me logo a desgraçada notícia do meu flagrante envelhecimento, coisa com que não me importava — ou não me importava porque pensava não ser flagrante. Segunda exclamação:

— Você é quem brilha, hem?!

Morar em Paris, aposentado, é brilho. Na opinião dos simples, as pessoas em Paris brilham; as que chegam passam a

brilhar. Apaguei discretamente o meu brilho num riso modesto. Meu visitante, isto é, meu contendor, foi logo dizendo que “fez” Portugal, a Espanha (Portugal é bonitinho, Madri não é lá essas coisas...), Roma (Que velharia, meu caro!), passou por Liverpool (Chato pra burro!). Pretende ir a Estrasburgo, por causa da cerveja, a Munique, a Viena (Que é que há de bom pra ver lá, me diga?!), a Cortina...

— De Ferro?

— Não, d’Ampezzo! Eu lá sou besta!

Alugou um carro, traçou todos os itinerários, com uma perícia de Estado-Maior. Sabe o número de quilômetros entre uma e outra cidade. Tem o prazer da quilometragem. Para esse viajante, viajar é cobrir uma quantidade considerável de estradas (Péssimas as da Espanha, fraquinhas as da França, colossais as da Itália!). Diverte-se decifrando *menus* e com as tolices das empregadas que não o entendem.

— Em que língua você fala?

— Eu meto a cara. Um pouquinho de inglês aqui, alemão ali, francês, italiano, espanhol, vai tudo. Estou até impressionado: não pensei que falasse essas línguas. Quem não é burro me entende. Bom, agora vamos ao caso...

Já estava eu a conjecturar se a visita merecia café ou *champagne*, uísque ou licor de Piqui, quando o cidadão (ela, gorda, exausta de trotar no Faubourg St. Honoré, achara a *mini-jupe* simplesmente indecente, no que concordei, olhando-a; tirara os sapatos e articulava os dedos dos pés: “Sou de casa, vocês não repararam!”), desembainhou uma lista. Queriam saber onde se comprem tais troços, com tais abatimentos. Anotou as informações, explicou: tratava-se de encomendas, de dezenas de parentes, mais uns presentinhos.

— A alfândega é que é um caso sério! Você não sabe algum jeito?

Suspendeu o lápis:

— Olha: eu deixo a lista com você, você compra tudo, eu vou até a Cortina, você despacha tudo para o Brasil e de lá eu mando o dinheiro.

— Você não vai ver a pinacoteca de Munique?

— Eu? Tenho horror a coleção de selos.

De todos os viajantes e imigrantes do século passado que deixaram livros sobre o Brasil, nenhum é nosso maior detrator do que Charles Expilly, vagamente homem de letras ou pelo menos interessado nelas, decidido a tentar fortuna no Rio de Janeiro. Não sei se seria descendente daquele Expilly, músico do século XVIII, ou parente dos dois Expilly, o geógrafo e o convencional girondino guilhotinado. Sabe-se, por seu livro *Le Brésil tel qu'il est* (A. Dentu Éditeur, Libraire de la Société des Gens de Lettres, 13 et 17 Galerie d'Orléans, Palais Royal, Paris, 1862), e pela novela *Manoela, la quitandeira*, publicado em folhetim pelo *Journal illustré des voyages et des voyageurs*, números de 4 de outubro e 20 de dezembro de 1857, que o homenzinho tinha algum dinheiro, decidiu aplicá-lo no Brasil por intermédio de um sócio e amigo, a quem dá um nome suposto. Recém-casado, partiu para o Rio e teve o desapontamento de verificar que o sócio o tornara proprietário de uma manufatura de fósforos, profissão que, no seu entender e no da esposa, era degradante para um francês intelectual, pois o tomariam por *marchand d'allumettes*. Perdeu no negócio dois terços do que tinha, enfrentou as dificuldades de cuidar de uma filha brasileira e voltou desesperado para Paris. O seu volume autobiográfico tem como epígrafe uma frase do deputado Moura, pronunciada na Câmara no dia 3 de outubro de 1857: "No Brasil o sistema representativo está uma mistificação... a educação está péssima... o país está desmoralizado".

Não sei se Affonso Taunay examinou o livro de Expilly, quando tratou de vários volumes novecentistas sobre o Brasil, na série escrita para o *Jornal do Commercio*. Se o abordou, não lhe há de ter escapado a distinção que apresenta Expilly de sua independência em comparação com os "viajantes oficiais ou turistas principescos" como Maximiliano von Wied Neuwied, Lindley, Walsh, Freycinet, Saint-Hilaire, John Armitage e Ferdinand Denis, todos "pagos por seus governos, acolhidos pelo imperador Dom Pedro e seus ministros, recomendados aos presidentes das províncias, vivendo desde então no seio da abundância, no meio do luxo e das honras" e que por isso "não puderam encontrar nas suas excursões senão assuntos de admiração. Isto se explica naturalmente: não viram o Brasil senão de um lado, o do belo". Seria talvez também o

caso de François Biard, apresentado ao imperador pela Condessa de Barral, pintor retratista da família imperial e cujo volume *Deux années au Brésil* possui pelo menos a simpatia dos olhos que vêem o inesperado... Expilly não vai nessa conversa. Ou melhor: foi, antes talvez embaído pelos escritos e pela propaganda em favor da imigração, que fazia na Europa o Príncipe de Joinville. Viajou acreditando que se tornaria rico e que sua presença no Brasil seria de certo modo civilizadora. O Brasil era então mostrado, na Alemanha, na França, na Suíça, na Itália, graças a “publicações subvencionadas” e logo em jornais e revistas, como “uma espécie de paraíso onde seria demasiado feliz de obter admissão”. A propaganda e o contraste com a realidade inspiraram até uma curiosa narrativa para crianças, da alemã Amélia Schoppe, história muito lida na França de então sob o título *Les émigrants au Brésil* (Paris, I. Langlumé et Peltier, Rue du Foin. St. Jacques n.º II, s. d.), onde se contam as desventuras, bem no estilo da *Cabana do Pai Tomás*, de uma família atraída ao Brasil pelas *flatteuses promesses* do governo e onde não falta, para contrastar com a crueldade dos brancos, a solicitude milagrosa de um negro bom.

Quanto à missão civilizadora de Expilly, ele a deixa entrever quando escuta de seu amigo o Dr. Pacheco e Silva, no Rio de Janeiro, os sonhos de grandeza do país, colocado como líder de uma América do Sul confederada e pacificada. “Que belo sonho, Doutor, que belo sonho! E como deve o senhor acreditar, em razão de nossa expedição ao México, em sua próxima realização!” Que teria exclamado Expilly alguns anos depois, ao saber das derrotas de Bazaine e do fuzilamento do Imperador Maximiliano? Que o México, tal como o Brasil, permaneceria nas trevas da selvageria, por falta de tutores que o salvassem...

Para Expilly, o horror desse “país novo” provinha da escravidão, que a França generosamente abolira em suas colônias anos antes; esqueceu apenas que o autor dessa abolição Victor Schoelcher, pagava então no exílio, na Inglaterra, as culpas de não ser a favor de Napoleão III e da expedição civilizadora no México.

Ao chegar ao Rio, Expilly nada mais viu que uma cidade calamitosa, capital de um país calamitoso. Em seu livro defende-se de ser tomado como “inimigo do Brasil”; no entanto, o

anecdótico da vida brasileira e principalmente da escravidão não deixam muita possibilidade de lhe conferirem outro título, nem mesmo quando, no fim do volume, tece alguns elogios à organização da Casa de Correção, cuja construção visitou. De volta a Paris, para completar o capítulo sobre a Casa Penitenciária, e depois de cartas irritadas na imprensa francesa sobre o que vira entre nós, solicitou do ministro Marques Lisboa resposta às seguintes perguntas: “A Casa Penitenciária está pronta? Já cessou a derrama do lixo no Campo da Aclamação? Já passou a lei sobre os casamentos inter-religiosos, reclamada pelo Deputado Octaviano e prometida pelo Senhor Vasconcellos?” O ministro brasileiro “não quis ou não pôde apreciar a lealdade de minha iniciativa. Diante do seu orgulhoso patriotismo eu era um *inimigo* do seu país; em consequência, recusou-se a ler a nota que eu lhe apresentava e de cujo assunto acabava de informá-lo. Retirei-me então, mas deplorando sinceramente que os interesses do Brasil fossem tão mal compreendidos”. Expilly já era conhecido na Legação do Brasil, por causa dum artigo publicado na França sobre casamentos mistos, onde comentava o escândalo provocado pela união entre uma protestante e um católico, artigo esse traduzido no Rio de Janeiro. Assim, não deixa de haver certa ingenuidade, ou arrogância, nessa visita de Expilly ao Ministro do Brasil; e a acolhida do ministro o induziu a carregar ainda mais no negror das tintas do livro.

As histórias que conta de nossos bisavós, senhores de escravos, são as que fariam a felicidade de qualquer romancista de folhetim: horrores de assassinio e adultério, de crueldades e injustiças. Denuncia os costumes da Corte: “moças que se divertem muito com as correspondências amorosas, e que namoravam de olhos gostosamente durante as missas, e assim transformavam a casa de Deus em sucursal da Ópera”. Mas isto era a Tosca quem o fazia, e quem o contava era Sardou! Ou que “as mulheres se entregavam por dinheiro”. . . Mas é a *Dama das Camélias*, é Dumas Filho. . . Para Expilly, tudo é o resultado da escravidão. E como resultado da escravidão, alguma coisa a apodrecer na alma fluminense: o mau cheiro do Campo da Aclamação. Tal mau cheiro, diz o autor, está impregnado na alma do povo, o cheiro dos resíduos lançados ao Campo, em certas horas, quando se hasteava, para avisar do serviço, uma bandeira negra. Sobre tal odor, conta que um

brasileiro adoecido em Paris curou-se graças à providência do médico francês que receitou deixassem em seu quarto *l'air du pays*. A anedota lhe foi transmitida por um inglês, que lhe oferece toda uma teoria: “Hoje, à força de experiência adquirida por estudos perseverantes, eu acho que os odores exercem grande influência não somente sobre o corpo do homem mas ainda sobre sua organização inteira, assim como sobre os costumes e os hábitos de um povo”. Expilly adota logo a teoria, e chama-a de “teoria da analogia”; por ela conclui provir do Campo da Aclamação o hábito, dos parlamentares do império, de se tratarem de *ladrão* e de usarem expressões grosseiras em suas réplicas e apartes”, gente que “vai muitas vezes buscar suas inspirações oratórias no Campo da Aclamação”. Sua preocupação é a sujeira, o “bicho-de-pé”, o “piolho” que as negras catavam na cabeça dos filhos e comiam, a “catanga” — mais isto não o impede de, embora condenando a escravidão e insistindo em que jamais compraria um escravo —, alugar escravas negras para servirem como amas-de-leite da filha, e tratá-las bem para o leite não desandar...

Nem mesmo os franceses radicados no Brasil escaparam ao malévolo visitante: são todos de baixo nível, a ponto de a Rua do Ouvidor não passar de “alguma coisa como a Rue St. Denis” e a ponto de os brasileiros dizerem, de qualquer negócio menos limpo, ser um “negócio afrancesado”. Os mosquitos, gafanhotos, caranguejos, os ratos, os cupins são outros tantos horrores da terra, assim como o bacalhau, a feijoada, únicos pratos que as negras sabiam fazer. Mas conta com horror que um escravo negro serviu carne mastigada por ele próprio num jantar que preparou para os senhores brancos; e que o café foi feito com “a água do banho do senhor”. E exclama: “Oh, Brillat-Savarin, esconde a tua face indignada!” Ao fim, declara tomar como divisa: “Nem panfletário nem turiferário”; mas é bem certo que seu livro seria outro se o seu negócio tivesse prosperado.

O folhetim *Manoela la quitandeira*, com o subtítulo *Scènes de la vie brésilienne*, repete os horrores de *Le Brésil tel qu'il est* de mistura com as aventuras de um francês apaixonado por uma quitandeira do Largo do Paço; e os repete de tal maneira que a redação do *Journal* achou de estampar uma nota para prevenir os leitores contra “o que poderíamos chamar um *parti pris*”. A nota lembra que o Brasil tem então trinta e dois

anos de idade, que as comunicações com o novo país aumentam a ponto de se esperar que a França "*y aura infusé son génie progressiste et initiateur*", e que afinal de contas Orbigny olhou a cidade do Rio com olhos pacientes e saudou-a como "*la reine de l'Amérique méridionale*". Expilly danou-se! Mandou uma carta ao proprietário do *Journal*, afirmando que contava o que tinha visto, sem *parti pris*, e se indignava com certa opinião, "que me prejudicou em alguns lugares, no exercício da minha profissão" e que "consiste em apresentar-me como o inimigo do Brasil". O *Journal* não publica na íntegra a carta de Expilly, "porque contém apreciações políticas e religiosas que nem a feição do nosso jornal nem as leis que regem a imprensa nos permitiriam reproduzir". E com isto ficamos sem receber mais uns desaforos do romancista, cujo *Manoela la quitandeira* termina assim:

"Quando ele soube que não havia qualquer notícia de sua companheira, o negociante (o francês) não quis mais ficar na cabana. Foi por ele, agora se lembra, que Manoela tentou um esforço sobre-humano e que se arrastou por dentro da floresta a fim de lhe trazer algumas gotas d'água. Sua fraqueza tê-la-ia forçado a parar na realização desse ato que as circunstâncias tornavam heróico; ela caiu por sua vez, e, durante a noite, os jaguares, os répteis, os urubus... Horror!

"Foi preciso transportarem nosso amigo na floresta onde se embrenhara a negra. A busca não durou muito. Encontraram Manoela, mas fria, ensangüentada, esfaqueada, mutilada. Os jaguares tinham feito repasto de seu corpo, e um bando de urubus, o mesmo sem dúvida que se abateu sobre o cadáver ainda quente de Bonifácio (o bom negro), tomava sua parte daqueles destroços humanos.

"Fruchot (o francês) ajoelhou-se e chorou todas as lágrimas de seu coração.

"Antes de se deixar conduzir, retirou do dedo de Manoela o anel que lhe tinha dado havia tanto tempo, em troca de um pêssego.

"O último desejo da negra se cumprira. Estava morta, vítima de sua dedicação para salvar aquele a quem amava!"

A literatura de Charles Expilly está impregnada dos ares do Campo da Aclamação.

O Lido, o Folies Bergère, o Cassino de Paris são os sustos do recém-chegado. Depois, vai até o Crazy Horse. O *Guide Julliard* diz: "Os turistas americanos que têm vinte e quatro horas em Paris vão ao Sacre-Coeur, ao túmulo de Napoleão e ao Lido. Para os parisienses, este é um lugar bem cômodo para levar os primos da província". Do Casino: "Os parisienses falam dele com divertido desprezo, abandonando o Casino aos provincianos e aos estrangeiros". Quanto ao Folies: "Seu passado é prestigioso. Seu presente se compõe de revistas despidas, que atraem sempre os turistas". Há aqui de comum o nu, que a geração de Totonho chamava de "nu artístico" e a geração cabeluda conhece como *strip-tease*. Com uma diferença: este, o nome o diz, busca a emoção no jogo de *poker* da nudez: filasse o nu como uma carta de baralho, chuleando-o em leques e peças íntimas despidas devagar. O nu artístico nada tem a ver com sua contrafacção da Fifty Second Street de New York: é franco e desabusado. Só o esconde alguma luz cambiante, algum confete dourado em sítios convenientes da anatomia feminina, algumas plumas no estilo de antepassados tupis: é o lugar onde o requinte da civilização reencontra a inocência do primitivo. Tudo tão de propósito que lá diz de novo a Bíblia turística: "As mulheres nuas são de tal modo decentes que podem ser mostradas às crianças. Vão de lá para cá, em cena, com a alma pura e o seio firme". Do Casino: "As atrações são muitas vezes excelentes e os velhos cavalheiros que compram os lugares nas primeiras filas são bastante divertidos de se ver. Dito isto, pode-se ir com a família. Não há nada mais decente que essas damas que mostram os seios". De fato, algumas são honestas mães de família, que amamentam a imaginação dos adultos "com o mesmo amor maternal com que dão leite aos filhos."

O *Guide* é um livro sério: fala com isenção dos "bons" e "maus" lugares, assegura que não recebe dinheiro para fazer publicidade. Quando recomenda tal restaurante para degustar ostras e outro para comprar antiguidades, fala exato. Logo, assim deve ser em relação à indústria e comércio que eram parisienses e vão perdendo terreno para Copenhague e Estocolmo, o comércio das *montreuses*, como classifica Maurice Chevalier (*danseuses*, *chanteuses* e *montreuses*). Trata-se de senhoras puras. Vi uma depois do espetáculo, com dois filhos estremunhados e o marido cioso, num restaurantezinho da Rue de

Berry. Os frequentadores identificaram-na; mas quando lhe sorriam o marido mostrava os dentes. E ela amamentava um dos meninos com o mesmo seio que era o seu pão de cada noite.

O espetáculo do Lido é feito por tais senhoras. A platéia, gente circunspecta, junta maridos e esposas numa honesta travessura que terminará no leito conjugal, como aconteceu a Veva e Totonho quando ali foram. Primeiro se olham como quem olha a Maja Desnuda ou o Suplício de Santa Catarina, bebendo o *champagne* com certa sofreguidão inadvertida. E assim precisamente o desejam os dois Messieurs Clerico, donos do estabelecimento. Sabem que a vista dos decotes provoca uma espantosa sede, reflexo de Pavlov a acompanhar a Humanidade do berço ao túmulo.

Tais atrações — e a palavra assume o seu sentido mais imantante — são envoltas em plumas caríssimas, panos estupendos, flores, lentejoulas, *pailletés*, porque há mulheres com particular vocação para aves do paraíso e distribuidoras de beijos do alto de carros alegóricos. Gostam dos penachos, dos vidrilhos, vestígio ancestral da época de suas subdesenvolvidas avós. Até hoje não desdenham desses cacos encontrados no Van Cleef et Arpels ou no Burma, segundo as possibilidades do acompanhante e o mérito da acompanhada. Entre tais damas circulam, além da fauna masculina um tanto herbívora do palco, uns sujeitos perturbadores, os mágicos. Assim como as *montreuses* provocam sede, os mágicos provocam estranhos sentimentos na parte macha da platéia: basta surgir um desses cavalheiros responsáveis pelo desaparecimento de relógios, pombos, lenços, mulheres, começa-se a observar um movimento de inquietação entre os maridos acompanhados. Todos, que emprestaram seus pertences para os desaparecimentos e os recuperaram, danam-se a olhar suas esposas. Adivinha-se neles o desejo de que os mágicos as convidem para *partenaires* da exibição. De fato certo mago assim entendeu: olhou o marido, a mulher, tirou-a para colaborar. Meteu-a numa caixa (a senhora era fornida de carnes e já lhe despontava um bigode, que ela alourava), pinchou-lhe uns passes, abriu a caixa. A mulher se evolara. Nesse exato momento, o marido, cidadão do Texas, sacou de um revólver e empacotou o mágico. Muitos louvaram o desespero do texano ao ver a esposa esfumar-se. Viram-no depois no Berkeley's. Fazia-se acompanhar da segunda dama da terceira fila das *montreuses*, a que mais lhe provocara a sede de *champagne*;

ali a ensinava a comer *escargots* com *ketchup*. Quanto ao má-gico, recuperado, casou-se com a desaparecida.

Rina já ostentava mais um *cabochon* comprado na Place Vendôme quando Totonho a levou ao Lido. Ela lhe disse nunca ter entrado lá, como boa parisiense; e Totonho sonhava matar umas saudades do tempo de farândola de paulistas ricos e *midinettes* para *améliorer l'ordinaire*, quando as valsas não tinham sido expulsas a trombonadas de *jazz*; e depois, uma vez com Veva escandalizada e excitada. Totonho divertiu-se ao ver com Rina as australianas do apartamento vizinho, pouco mais vestidas do que através da janela, a mexerem as longas pernas de meias negras, a girar bengalas e saltar por elas, valquírias mudadas em *majorettes*. Uma, ao desfilar junto à passarela, reconheceu o vizinho e sorriu-lhe com a educação de educada australiana. E Rina:

— *Tu la connais, la poule?*

Oh, não! Totonho explicou como pôde, levantando a voz e temendo os psius de censura das outras mesas, enquanto Rina tamborilava as jóias vermelhas das unhas num acesso de ciúme que ele se sentia orgulhoso de provocar — e bem gostaria que as pessoas ao redor presenciassem. Rina levantou-se, comandou:

— *Allons!*

Totonho remexeu os bolsos, despejou notas na mão do chefe dos *garçons* cuja apreensão desapareceu à vista delas. No frio da rua, Rina desatou a fumaça da respiração num *p'tit salaud!* que deu ao companheiro um frio a mais, delicioso, na espinha, por dentro do capote, o orgulho de ser tomado por capaz de outras seduições, na sua idade, e logo por quem, por aquela mulher que o dominava e ali demonstrava uma intensidade de amor desconhecida, ou melhor, a intensidade de amor só vista nos *vaudevilles*, quando as brigas de amantes se manifestam por insultos apaixonados, em batalhas de objetos, em pancada e pranto, e afinal numa reconciliação bela só em francês, repleta de frasezinhas, de olhares, de *fausses sorties* e regressos, de meias promessas e silêncios dadivosos como árvores de Natal, até que Ele e Ela, perdido o amor-próprio e vitorioso o Amor, se lançam um contra o outro, enroscam-se, beijam-se, encetam um movimento em direção à cama ou à porta do quarto, e o pano cai em reticência pudica e carregada de imaginação diante dos olhos dos espectadores, com tal per-

versidade de excitação e tais devaneios de que são interlocutores Yvonne Printemps, Jacqueline Delubac, Annie Girardot, Magali Noël, que o felizardo nem escuta o chamado à realidade: "*Demandez Esquimau Gervais!*".

Tomou-a pela mão, arrastou-a para o táxi (ela assim preferia, quando saíam à noite, para evitar problemas de estacionamento), olhou-a, suplicou:

— *Chez moi!*

Era mais perto o 14 Tilsitt e para lá seguiram, Rina ameaçando-o com palavras docemente cruéis, mas risonha entre os lampejos de cólera, ele já senhor de si e vaidoso de tentar re-freá-la:

— *Voyons, chérie, sois sage!*

Falava alto, para o motorista acompanhar sua macheza pelo espelho e aprovar a sua felicidade. Novo pagamento sem troco e nem esperaram o lerdo elevador: lançaram-se escada acima, Rina em alegria de ninfa perseguida, Totonho com ar-quejos de velho fauno. Os degraus aceleraram seu pulso, as veias da testa, e ele custou a encontrar a chave da porta. Abriu-a violentamente, a luz da sala atingiu-lhe os olhos, os candelabros ofuscavam e se reproduziam em estilhaços nos espelhos; eu levantei a cabeça do regaço onde pousava; a mão que me acariciava molemente se levantou. Rina viu primeiro e exclamou:

— *Tiens!*

E logo:

— *Ça alors!*

O *ça alors* era para o broto que me alisava, sentadinha no grande sofá:

— Não me conhece mais, vovô?

Eu também não a tinha reconhecido, quando surgiu à porta, uma hora antes, ao abri-la Pilar estremunhada e a deparar com o narizinho de Luciana:

— Vovô está aí?

A cena de mal-entendido e reconhecimento não se prolongou porque eu, o meu faro e a minha alegria saltamos juntos, aos latidos; e ela me tomou no colo, um colo redondo sob o suéter, e me beijou, íntima, para evitar longas explicações:

— Brinquinho!

Explicaram-se, Pilar resignada levou-lhe as malas para o quarto de hóspedes, perguntou em que nodia servi-la e deixou

Luciana em paz. Luciana, abraçando-me, passeou pela sala grande, depois pela sala de jantar, o escritório, a biblioteca transformada em depósito de papéis e máquinas de escrever, o quarto de furioso e ensolarado *édredon* dourado por cima da cama, os perfumes de Veva no toucador, enquanto eu a lambia no rosto, nos cabelos. Depois de andar olhando um e outro pormenor, sentou-se, estirou as pernas vestidas num *blue jean*, colocou-me no tapete:

— Você lembra de mim, Brinquinho!

Se me lembro! Beijou-me, lambi-a. Fosse-a como fazia quando criança, ela riu, acomodou-me, sentiu o meu tremor enquanto eu saboreava a recuperação do cheiro adolescente de sua carne cor de mate, cheirando a pecado e talco. Gemi a tentar explicar-lhe que a tinha traído e que ela me perdoasse. Impossível explicá-lo a um primeiro amor; ela, porém, me perdoou com as unhas, pois as mulheres perdoam sempre assim, raspando-as nos pêlos do perdoado. E pôs-se a contemplar o chispar dos espelhos, os dourados frisos da *boiserie*, as poltronas de brocados, as pratas a fulgirem do fundo do armário e do alto da lareira. Foi quando entrou vovô a perseguir a ninfa.

— Não me conhece mais, vovô?

Agora, sim, era o *vaudeville*: Totonho a procurar na memória o nome de Rina, titubeando entre Mademoiselle e Madame mas sem lhe vir à lembrança o sobrenome; Rina de olhar interrogativo e divertido, imaginando que a jovem era uma conquista, uma das estudantes em fácil presa do compatriota de bolsa cheia; e Luciana a passear os olhos de um para outro enquanto eu latia, festivo. Luciana por fim pôs a mãozinha na boca, fingindo escândalo:

— Vovô, você é o máximo!

Num assomo de presença de espírito, estendeu a mão para Rina:

— *Je suis la petite-fille du colonel. Je m'appelle Luciana. Votre nom, s'il vous plaît?*

— *Catherine Bourdillon. Enchantée.*

Luciana contemplou-a, do alto dos cabelos aos sapatos de *chez Jourdan*, com passagem de olhos pelo *cabochon*.

— Parabéns pelo gosto, vovô!

— Luciana!

— *Qu'est-ce qu'elle dit, Tonton?*

— Tonton? Vovô, você é Tonton!

Um filho já o surpreendera assim, e agora a neta! O riso de Luciana tremelicava os cristais. Voltando a uma meia seriedade, continuou:

— Vamos, vovô: não sou nenhuma nenen, e muito menos você! Está tudo entendido, a moça é um amor e pronto! Vovó como vai?

Antônio Ramalho assumiu a severidade dos Ramalho e explicou pormenorizadamente que vovó ia bem num sentido geral e mal porque talvez não se recuperasse. Durante a explicação Rina se sentou, um tanto afastada, em inútil discrição. O avô, insistindo em estar contente de ver a neta, quis saber a razão de seu aparecimento; a família reunida em São Paulo tinha decidido despachar Luciana para Paris, para ajudá-lo no hospital, para frequentar algum curso, para impedir as extravagâncias do velho, para cuidar de suas coraminas e papaverinas, para fazer-lhe companhia. E, borboleteando na sala enquanto dizia tudo isto em português, enganchou-se no braço de Totonho e perguntou a Rina:

— *Il est beau, non?*

Totonho, meticulosamente, meticulosamente demais, disse que Madame Bourdillon era sua colaboradora, trabalhava na revista, e nessa noite se dispusera a levá-lo ao... ao teatro, para distraí-lo, depois de tantos sustos e tristezas com Veva, coitada...

— *Bon, je vous quitte* — anunciou Rina.

— *Je te... je vous accompagne* — anunciou Totonho, polido e mostrando-se à vontade.

— *Non, restez en famille. Vous avez beaucoup à causer, les deux. Au revoir.*

Atravessou a ante-sala, abriu a porta, saiu, deixando atrás de si o rastro de perfume.

— Banquei a empata, não é, vovô?

— Luciana!

— Ora, vovô, vamos botar de lado o papinho furado. Parabéns, a dona é uma uva!

Correu para ele, beijou-o na testa rubra de vergonha:

— Esquece, vovô. Ninguém tem nada com as suas trepadinhas. Me sirva uma coisa gostosa. *Champagne*, por exemplo. A do Brasil é o fim. A do avião não tem graça, parece que a gente está bebendo no banheiro.

Totonho abriu o *champagne* que esperava, no balde de prata, entre cubos de gelo, pela noite com Rina. Luciana afa-gou-lhe a cabeça, puxou-o para o sofá, sentou-o:

— Que situação embananada, hem? Vovó paralítica, Ma-dame Bourdillon, o pessoal querendo interditar você...

— O quê?

— Não precisa se zangar. Você não sabia? Mamãe, titio, os Pereira Rego, o pessoal todo diz que você está gagá e botan-do nosso dinheiro fora! Beba o seu *champagne*.

Totonho bebeu. Fui para junto das pernas dele, ele me afagou com indiferença.

— Tem nada não. Se pensam que vim aqui dedurar, es-tão enganados. Estou farta de grã-finagem provinciana. Agora é minha vez de você me mostrar Paris. Como fez com Brin-quinho.

Beijou-o no rosto, onde lhe corria uma lágrima quente.

— Vou dormir. Boa noite, vovô. Vamos, abençoe sua neta. Uma noite dessas você me leva num desses lugares de mulher pelada. O pessoal em volta vai nos olhar e dizer: “Velhinho de sorte!”

Totonho não dormiu. Ouvi-o remexer-se entre as molas do colchão e o *édredon*, pigarrear e respirar fundo, levantar-se para ingerir um comprimido com água. Que maçada a vinda de Luciana! Teria de fazer de avô, ciceroneá-la através de um turismo decente, tomar conta dela... e ela tomando conta dele. E Rina? Não poderia mais recebê-la no apartamento, a não ser como “colaboradora da revista”, em horas razoáveis. Quanto ao mais, complicavam-se os encontros gastronômicos, enológicos, amorosos. Poderia talvez inventar de vez em quan-do a mentira de um poquerzinho, no clube de jogo da Rue de Presbourg, do outro lado da Étoile, ao qual se associara mas onde nunca fora... E aquela tolice de interdição? Quem con-seguiria pôr a mão em sua fortuna acumulada nos bancos suíços? As fazendas, os negócios no Brasil que se danassem! Tinha na Europa o bastante para viver o resto de seus dias, amando Rina, divertindo-se com a revista, mergulhando nos prazeres de Paris, sem que juiz algum conseguisse alcançá-lo

com uma interdição que haveria sempre de depender de cartas rogatórias, cumprimento internacional de exames médicos, de despesas que os parentes, para fazer, teriam de pedir a quem? A ele mesmo, ora! Com um cabograma ou um telefonema poderia suspender as mesadas daqueles parasitas! Daria a Luciana uma educação e uma vida parisiense, como ele gostaria de ter tido. Quanto a mim, via meu futuro melhorar, com a chegada de meu primeiro amor: Totonho precisaria de mim, para o pretexto de passear-me e de fazer seu exercício de andar a pé... Ele iria ver Rina e me levaria para os pêlos encaracolados de Brigitte. Não, não seria de todo má para mim a mudança de vida de Totonho...

Ouvi-o quando discou o telefone e falou surdo:

— *C'est moi. Tu es là?*

Ah, felizmente atendera, porque também lhe tirava o sono o medo de que ela houvesse decidido continuar por dentro da noite parisiense, a buscar os amigos no New Jimmy's, no Chez Castel.

— *Tu es là?*

Baixando a voz para não ser ouvido do outro quarto, Totonho contou seu desapontamento: não esperava a neta, sua presença seria uma complicação... Rina acalmou-o, mandou-o dormir, disse que talvez não houvesse razão para aborrecer-se...

— *J'accorderai la petite...*

Totonho agradeceu, suspirou, sentado na cama. Pelo menos se sentia mais calmo, depois de ouvir a voz de Rina. E uma outra voz o chamou, pela porta entreaberta:

— Acordado, vovô?

Vi quando Luciana cruzou o corredor em direção do quarto de Totonho; descalça, de *baby doll* azul esvoaçante sobre a pele morena; os cabelos negros, ela os soltara e corriam pelas costas. Pôs a mão no ombro do velho, que levantou os olhos e não pôde deixar de admirar a beleza da neta, beleza enxuta de efebo, de ginasta e de bailarina.

— Vamos, vovô, não fique assim... Está sentindo alguma coisa?

Seus pés nus, de unhas vermelhas, afagavam a *moquette*.

— Estou bem, Luciana. Vá dormir, você viajou o dia inteiro.

— Não se preocupe comigo, eu descansei em Roma.

— Em Roma?

— Dei uma circulada por lá, com uns amigos. Vamos, descanse. Amanhã vamos ver vovó.

Abraçou-o, afagou-o novamente, beijou-o na testa. Levantou-se:

— De quem é aquele retrato na lareira do escritório?

— Ah! De um escritor americano que morou aqui, lá por volta de 1925. Scott Fitzgerald. Eu o conheci em Paris, numa de minhas viagens.

— Você conheceu Fitzgerald, vovô? Esta é a maior!

— Você já leu alguma coisa dele?

Era de pasmar que ela tivesse lido; a geração de Luciana não tem tempo de ler. Pois lera. Melhor que Totonho, que só lera recentemente, um livrinho de contos, em francês. Luciana beijou-o novamente e saiu do quarto. Olhei-a com ar de pedinte. Ela murmurou: “Vem, Brinquinho!”. Saltei para sua cama, me aconcheguei a Luciana. Totonho, insone, reacendeu a lâmpada de cabeceira e retomou os escritos de Moreira Telles, que lhe despertavam entusiasmo, o mesmo entusiasmo despertado pelo colega de faculdade que sonhava ser escritor e acabou diplomata. Naqueles cadernos estava uma vida frustrada. Como o diplomata mata o escritor! — pensou. Quem sabe a revista revelaria na velhice o escritor que Moreira Telles não foi na mocidade? Mais uma razão para ficar em Paris. E com este pensamento generoso tranqüilizou a consciência.

Luciana não podia esquecer a imagem da avó, enquanto regressava de táxi, da casa de saúde. Calada, quase sem pestanejar, recordava o instante em que entrou no quarto, sorrindo na esperança de um movimento de Veva. Veva, sentada na cama, apoiada num monte de travesseiros, com as mãos engelhadas, desabadas no lençol, fugindo da camisola sem mangas, tinha os braços descarnados, cheios de veias azuis, onde se espetavam agulhas ligadas a litros de soro. À cabeceira, único vestígio do passado, a oleogravura de Santa Genoveva que a acompanhava sempre. Luciana colocou-se diante da avó, iniciou um gesto em direção a ela, aos olhos, um deles mais aberto que o outro; e o olhar baço de Veva passava através da neta

e se perdia num horizonte fantasma; e os seus lábios cinzentos e fechados de ostra de vez em quando se fendiam e espumavam numa das comissuras. A enfermeira a enxugava. Das rugas da boca fugia-lhe um crisar ininteligível. Totonho tomou a mão inerte da esposa, olhou para a neta e perguntou com voz comiserada:

— Sabe o que ela está dizendo?

Luciana sacudiu a cabeça, esgazeada.

— Não adianta ficar aqui, minha querida. Venha, vamos embora.

Veva emagrecera. Por debaixo das rugas do queixo uma pele bovina descia até o peito, até onde se achatavam os seios de cadela velha escondidos na camisola.

No táxi de volta, Luciana permaneceu quieta muito tempo. Perguntou:

— Que é que ela dizia?

— Ela diz de vez em quando que quer morrer. Já nem se percebe. É só o movimento da boca. O doutor perguntou se eu entendia. Eu traduzi para ele. Ele disse que é assim mesmo. Veva não percebe nada mais.

— Nada?

— É o que os médicos dizem. Que não podem fazer nada além do que já fizeram. Um médico brasileiro veio ver sua avó e achou que deviam ter feito nela uma traqueotomia, para que ela se alimentasse de sucos, além dos soros. Porque os soros não alimentam o cérebro. Achou que os outros estavam errados. Os outros acham que ela nem deve voltar para o Brasil neste estado.

Luciana só então olhou o avô:

— Que merda, hem, vovô!

Pôs a mão na boca:

— Desculpe, vovô. Saiu sem querer.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Nancy Mitford, autora do livro *Esnobismo e viagens*, aparecido na Inglaterra, faz um cumprimento dirigido, em parte, às brasileiras. O livro levou a autora a ser chamada de “ser

delicioso” pelo romancista Evelyn Waugh, o autor de *O Bem-amado*. “Uma das inglesas mais impregnadas do espírito e das maneiras de Paris”, teve o livro lançado na França — e o volumezinho causa inquietações entre as mulheres daquém e da-lém Mancha.

— As francesas são realmente elegantes? — pergunta Miss Mitford.

A autora repete uma observação de todo turista recém-chegado: não vê francesas elegantes nas ruas de Paris. A Champs-Élysées, sob esse aspecto, é uma decepção. Ali há apenas turistas americanas, enquanto as lojas estão abertas, e turistas americanos, à cata de mariposas, depois de fechadas as lojas. Nas *terrasses* dos bares, jovens lêem Balzac e Simenon e de vez em quando suspendem a leitura para olhar a paisagem. Não se vestem com elegância. Apenas uma concentração turística mantém alguma elegância noturna: é o pequeno formigueiro que vai do Colisée ao Lido. No Faubourg St. Honoré, na Rue Royale, podem-se ver algumas elegantes: podem ser *lobrigadas* enquanto descem rapidamente dos caros automóveis, para as compras, para os *coiffeurs*. Até o Boulevard des Italiens fica o que o *Paris tel qu'on l'aime* chamou o *Domaine de la parisienne* — mulher que não se deixa ver flinando a pé, mas sempre se esfumando entre um Rolls Royce e uma *boutique*. E na Rive Gauche? Embora haja caído de moda o existencialismo indumentário, embora as estudentezinhas confraternizem mais com o sabonete e o *torchon* umedecido, o desleixo feminino é de bom-tom: cabelos escorridos, rostos despintados, calças compridas roídas, sapatos e sandálias em frangalhos e, quando muito, toque de elegância, a camisa do namorado vestida pelo avesso, em vez da blusa.

A grande elegante parisiense, descobriu Miss Mitford, é invisível. Chama à casa os costureiros e modistas, come apressadamente num fundo de restaurante (se não tem tempo de voltar ao *ragoût* caseiro), embuça-se no camarote da Ópera e nem mesmo desfila nos intervalos. Só quem transpõe os grandes portões do Sixième e da Avenue Foch pode ver uma elegante francesa — mas esses são os *happy few*, que acabam deparando com uma velhota soterrada em rendas e jóias, e cheirando a lavanda e naftalina.

“Os anglo-saxões não compreendem exatamente a elegância francesa e o que ela seja. Imaginam que a primeira fran-

cesa a aparecer é capaz de agarrar um pedaço de trapo, arrumá-lo engenhosamente e ter um ar elegante ao colocá-lo às costas. Isto é verdade talvez em relação às camponesas italianas; não, porém, entre as parisienses. Vestir-se em Paris não é uma técnica, mas uma arte, que não se pratica facilmente nem barato. As parisienses não são camponesas e sim cidadãs da cidade mais civilizada do mundo.”

Dito isto, onde estarão as elegantes? Para Miss Mitford, na Inglaterra as mulheres são elegantes até os dez anos de idade e perfeitas nas grandes ocasiões — e isto me faz lembrar um amigo que me dizia serem as inglesas o contrário dos casulos: primeiro dali saem as borboletas e logo viram lagartas. Para Miss Mitford, as americanas vestem-se geralmente bem, mas carregam na dose de juventude, “da imaturidade”. De fato, basta um passeio pelas vitrinas de New York para se observar que a moda americana se divide em duas: a das jovens secretárias que querem casar com seus patrões e a das ex-secretárias que já mataram os maridos.

Então, para Miss Mitford, no mais alto pedestal da elegância está uma mulher, a latino-americana vestida em Paris. O que agradeço pela parte que toca ao Brasil — e a mim em francos franceses.

É Luciana; chegou, despejando os pertences aqui e ali: a bolsa numa cadeira, os sapatos chutados pelo chão, o capote em cima da mesa, a blusa que se arrasta — e eu atrás dela, até parar embaixo do dunquerque, a saia desplumada pela cabeça a desenovelar os cabelos, como uma palmeira em furacão. Só o *soutien* e um *slip* minúsculo — e nesse instante o coronel chega também.

— Vovô! Espiando meu *strip-tease*?

Totonho pára, entre deslumbrado e rigoroso. Luciana, como se não o visse, vai à bolsa, tira dois cigarros; numa coreografia lenta, coloca os dois nos lábios, pede com um gesto que o avô os acenda, e ele obedece, de mão trêmula. Luciana dá um passo de baile, põe um dos cigarros na boca de Totonho. No chão a bolsa deixou cair uma *pillbox*. Ela a apanha, ri para o avô:

— Antigamente isto era para as enxaquecas. Hoje serve para evitar ser mãe solteira.

— Luciana! — o grito de Totonho foi enorme, a ponto de eu me esconder debaixo do dunquerque.

— Bobagem, vovô!

E correu para o quarto.

No dia seguinte, Totonho contou a cena a Moreira Telles, transmitiu-lhe os seus temores. O amigo retrucou:

— Inveja, Seu Antônio, inveja! No nosso tempo havia namoro no portão, trepada na empregada, medo de doença, de gravidez, semanas de angústia, medo de casar na polícia, medo do irmão da descabaçada. Hoje, a sulfa, os antibióticos e a pílula, mais do que Karl Marx, estão reformando a sociedade. Na nossa adolescência era a gota militar, a prenhez, o aborto, o casamento obrigatório, a surra, o repúdio paterno da mãe solteira... A vitória começava quando se vislumbrava uma perna, um decote; e era total pelo que estava no código: sedução, engano ou fraude. Hoje essa garotada sabe mais do que nós, logo se protege mais.

Nesse instante chegou Luciana. Vinha da rua. Atirei-me em suas pernas. Ela me afagou, beijou Moreira Telles e Totonho no rosto, foi à bandeja e serviu-se de um uísque. Moreira Telles falou a Totonho:

— Quer ver uma coisa?

E perguntou para Luciana:

— Menina, alguma vez você já foi a um *strip-tease*? Gostaria de convidar...

Ela se voltou, rindo. Bebeu um gole, que umedeceu seus lábios:

— Se já fui? Vou lhe dizer, titio: eu já fiz.

— Luciana!

— Ora, vovô! Que é que tem? Resolvemos fazer, na casa duns amigos. Foi lindo!

Moreira Telles se lembrou de Roger Peyrefitte: ele conta, no *Les ambassades*, um concurso de nádegas realizado por um grupo de diplomatas durante uma festa em Atenas. As candidatas exibiam seus dotes pelo rasgão duma cortina. Venceu, segundo o livro, uma mexicana. No entanto, ele bem sabia que não: nos originais, a vitoriosa era outra, mas o embaixador do Brasil, em hábil gestão junto ao *cher collègue* francês, conseguiu mudar a nacionalidade da premiada.

Luciana olhou para o avô estupefato:

— Você sabe o que eu vim fazer aqui, vovô? Não vim vigiar você, não. Vim matar os meus fantasmas. Vim fugindo duma dor-de-corno. Fui chutada por um gostosão. Mas já está passando, não ligue não.

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

“O vandalismo está sob os vossos olhos”; é um vandalismo “encorajado, subvencionado, nacionalizado”; “O vandalismo possui seus jornais, suas igrejinhas, suas escolas”; “O vandalismo dá prêmios de arquitetura”; “O vandalismo vai à corte e é recebido pelo rei”. Quem escreveu tudo isto, lembra o Sr. Jean Legaret, Presidente do Conselho Municipal de Paris, chamava-se Victor Hugo, há cento e quarenta anos. Suas palavras, assegura o Sr. Jean Legaret, são atuais.

No Théâtre des Ambassadeurs, à tarde, personalidades fazem conferências. É a vez do Presidente do Conselho e ele confessa enfrentar um terrível problema, o da conservação de Paris e de todos os seus monumentos arquitetônicos ante a sanha que denominou “Arquitetomania”. A arquitetomania deita abaixo os tesouros parisienses, antes que o Ministro da Cultura, André Malraux, possa protegê-los; e em seu lugar erige “horrores”, como a Maison de la Radio, os mil apartamentos pré-fabricados, feitos de vidro *ray ban*, a estação de Montparnasse fechando o horizonte. E o próprio edifício da UNESCO, que os parisienses tradicionalistas jamais engoliram, apesar da glória de Le Corbusier, cujos restos mortais o mesmo Malraux reverenciou na Cour Carrée do Louvre, chamando-o de Pai de Brasília. O edifício da Place Fontenoy é uma composição dos maiores arquitetos do mundo, misturada aos afrescos de Miró e aos jardins japoneses. A UNESCO, por falta de espaço, meteu-se agora terra abaixo, como o Métro (assim me falou um parisiense) porque os arquitetos modernos odeiam o chão horizontal onde possam plantar uma casa sem travessuras; precisam de buracos, colinas, precipícios, para estender por ali seus planos inclinados, suas escadas sem corrimões, suas janelas impraticáveis e seus lagos subterrâneos.

O presidente Legaret aterroriza-se: descobriu até um “perito em motivações sociais”, que lhe falou da funcionalidade da arquitetura da nova Paris, onde os edifícios históricos devem ser preservados, sim, mas debaixo de um quadro de outros edifícios de vidro e alumínio, paisagem nova-iorquina de aquário servindo de escrínio para o Hôtel Soubise, para a Madeleine, o Arco do Triunfo (em cujo vão já não se vê, olhando-se do Carrousel, a perspectiva encantadora, mas uma grua monstruosa cortando o céu, onde antes a bandeira francesa dançava nos dias de glória, como um modelo de Dior vestindo a République). O Sr. Legaret encontrou um urbanista a lamentar que Paris não houvesse sido totalmente destruída, como Hiroshima, único meio de salvá-la para o futuro, sem os ratos da Comuna e os percevejos de Juliette Greco; e imaginava, como paliativos às dificuldades do tráfego, uma pista de cimento a ser construída à altura do primeiro andar das casas, uma Via Triunfal que seccionasse a fachada da Notre-Dame, do Louvre, de St. Eustache, afogando-os todos como os arranha-céus afogam a catedral de St. Patrick em New York. Haveria de criar-se, para tais arquitetos, uma Cidade só a eles reservada, erigida no deserto, onde pudessem brincar. “Como Caracas”, diz o conferencista; e o ouvinte brasileiro ficou esperando que dissesse “Como Brasília”. Não disse mas de certo pensou, e de certo todos pensaram na nossa capital, materialização de uma piada teatral de Jules Romains, a Donogoo-Tonka, agora ressuscitada pela Comédie Française; e como a Alphaville do cinema francês.

O vandalismo arquitetônico de Paris repousa sobre três postulados indemonstrados e indemonstráveis, diz o conferencista Legaret: a falácia de que no ano 2000 Paris terá 20 milhões de habitantes; o de que Paris deve conservar todos os seus atributos atuais e adquirir novos, notadamente para se tornar a Capital da Europa; e o terceiro, segundo o qual se se afastam de Paris algumas de suas funções, os ministérios e as administrações centrais, está condenada a ser uma Cidade Museu e a tornar-se um deserto. Admitindo o postulado do aumento da população, forçosamente chega-se aos outros: Paris deve crescer “em altura”, à moda americana, para poder conter a administração francesa, as assembleias nacionais e internacionais, a burocracia, as pernas de Line Renaud, atração diária de quinhentos mil turistas — hoje.

“A arquetetomania quer um plano”; “Mais vale um plano que nenhum”. Muito ao contrário, mais vale nenhum plano do que um plano mau. A História não tem plano.

E aqui fico a pensar se o Rio, por exemplo, se transformou num deserto ao perder seus ministérios e suas assembléias, ou se Brasília passou a sê-lo, por tê-los ganho. — Nossos “planificadores” nos deram já a medida dos seus sonhos. A realização do quarteirão Sully-Morland, em Maine-Montparnasse, é disto uma imagem. Mas a confessada finalidade é refazer tudo. Um desses “renovadores” proclama: “É preciso arrasar todo o centro de Paris (à volta do Louvre, do Palais Royal, de Marais) e ali construir a cidade futura ao redor de uma avenida triunfal”. Outro declara-se “zangado porque Paris não foi destruída por uma bomba atômica, como Hiroshima”. O que se quer, através de uma operação de urbanismo, é modificar a vida do homem francês, e mais especialmente do parisiense.

A solução para salvar Paris, segundo o Sr. Legaret, é a construção de outra cidade, a cem quilômetros daqui, “uma cidade que se tornará a Washington ou a Brasília francesa, sede dos poderes públicos”. “A imaginação dos arquitetos e dos artistas poderá então entregar-se a si mesma e ser tão audaciosa quanto possível.

— Muito facilmente se quer fazer dessa questão em torno de Paris do ano 2000 uma querela de Antigos e Modernos. É inexato. O amor do passado não é retrógrado. O orgulho do presente que se quer substituir aos séculos escoados será considerado amanhã como ultrapassado. Nenhuma época tem o direito de se julgar exclusiva.”

— *Il a des idées!* — foi a exclamação de Rina.

Jérôme Bonnefoi, convocado para corrigir as traduções do Moreira Telles (que não confiava nos méritos literários do seu francês) compareceu com a carapinha zulu e as calças de circo, o riso prognata de crioulo alegre. Gostava de justificar a aceitação de trabalhos desimportantes enquanto esperava sua grande oportunidade na vida: “Tenho vendido meus sonhos para pagar minhas realidades e as realidades para pagar meus

sonhos". Sua ambição se bifurcava: derrubar a gente do alto da montanha ou chegar até lá. Em suas horas de raiva explodia: "Neste mundo infecto, onde você lançar uma bomba, tem razão!" E, noutras ocasiões, imaginava-se dono do mundo, um Pelé, um Sammy Davies... Cumprimentou desembaraçadamente o coronel, as senhoras, o Telles, recebeu o material a traduzir, cruzou as pernas, aceitou um *cognac* e começou a dissertar.

O coronel naturalmente conhecia o Musée de l'Homme? Amontoado de coleções antropológicas, belezas de peças a contar a aventura intelectual do antropóide... Mas se Paris possui um Museu do Homem, porque não criar um Museu da Mulher? Ao perguntá-lo, o poeta olhava para Totonho, rindo, a testa franzida, a tentar transbordar o entusiasmo no interlocutor. E respondia: Paris, capital feminina, devia criar um Musée de la Femme! Aqui, de Santa Genoveva a Agnès Sorel, de Agnès Sorel a hoje, tudo se inventou e se cultivou para a mulher: a moda, o perfume, a jóia, a gastronomia, a etiqueta... Logo, o Musée de la Femme! No teatro, sim: no Folies, no Moulin Rouge: uma revista fabulosamente rica, cujos anúncios dissessem: *Cherchez la femme!* E a *femme* se apresentaria, de Eva à última invenção de Vadim: *La femme et la danse, La femme et le parfum, La femme et les saisons, La femme et le pantin, La femme de trente ans, La femme du boulanger, La femme du prochain, Les femmes savantes*, as Frinéia, as Mesalina, as Ninon, as Pompadour, as Alphonsine Du Plessis, as Cléo de Mérode, as Otéro, as...

— E Cosette! — interrompeu Moreira Telles.

Cosette? Que Cosette? Moreira Telles contou: a história se acha num livrinho de Alexander Woolcott, *While Rome burns*. Cosette, flor de Paris, era *vedette* cobiçada da *belle époque*, com direito a retrato na capa da *Illustration française*. E também o sonho dos mil cadetes da Ecole Militaire de Saint-Cyr. Mas Cosette cobrava cinco mil francos! Os cadetes decidiram fazer um dia, um *sweepstake* de Cosette, a cinco francos cada um. O jovem ganhador fardou-se, sob a inveja e os aplausos dos demais, e, quando estava para ir, o comandante da Escola chamou-o, disse-lhe que nele estava depositada a honra do Exército Francês, deu-lhe dois beijos no rosto e o cadete lá se foi. Tudo correu perfeitamente e, no dia seguinte, o cadete, ao acordar no quarto de Cosette, estava ele pró-

prio tão maravilhado que nem ousou acordar a mulher: vestiu-se com cuidado e ia sair pé ante pé, quando Cosette despertou, deu-lhe bom dia, e perguntou como é que um simples cadetezinho tinha conseguido cinco mil francos. O rapaz não resistiu, contou a história da loteria. Cosette comoveu-se: disse-lhe que era o acontecimento mais lindo de sua vida; e desejava que o seu amor de uma noite guardasse dela não apenas a saudade de sua beleza, mas a certeza da beleza de seu coração: abrindo a gaveta da mesinha de cabeceira, devolveu-lhe os seus cinco francos.

Todos riram e o que menos riu foi Jérôme, ansioso para prosseguir no seu número. Mas Moreira Telles filosofou:

— Cosette devia figurar no Museu da Mulher. Mas aqui está a diferença entre a francesa e a brasileira: se Cosette fosse brasileira, não restituiria cinco francos: seria amável o bastante para receber os novecentos e noventa e nove cadetes perdedores. *Allons, continuez votre idée, mon cher, et pardonnez-moi de vous avoir interrompu.*

Bonnefoi confessou: tinha o Musée de la Femme todo em notas, os quadros, os cenários, e até as canções. Queriam ver? Disparou escada acima, reapareceu empunhando um violão e dedicou a Totonho a primeira audição de sua *Reine du strip-tease*:

*Sous le regard des feux changeants
Et d'un public qui s'électrise
Tu répétais aux seules gens
Ta performance de strip-tease.
Y'avait des mains crispées aux verres
Et des mâchoires en plein' crise
Des yeux de sang, des pieds sans terre,
Quand tu sortais de ta chemise!*

*Ah! Combien d'hommes solitaires
Mordaient le geste de ton cou
Et que de doigts célibataires
Tâtaient de loin ton ventre doux!
Et l'hypnotisme de ta chair
Rendait chacun tellement fou
Que pour s'payer l'art du mystère
Ils t'ont cachée sous mille bijoux.*

*C'est comm' un' voie lactée de gemmes
Qu'on te voyait, noyée dans l'or,
Sous une auréole de je t'aimes
À recouvrir ton seul trésor,
Jusqu'au moment où tout' les crèmes,
Les éventails faits d'oiseaux morts,
Tous les rideaux tombants et blêmes
Ne pouvaient plus cacher ton corps.*

*Alors, déesse des lachés,
Des sans-amour et des sans-toit,
Vierge des rêves de péchés,
Putain intacte, amour sans foi,
Pour prolonger un'fin de vie
Dont aucun Homm'ne s'ra jaloux,
Il ne te reste à fair', chérie,
Que le strip-tease de tes bijoux.*

— *Voilà! Qu'en pensez vous?*

Totonho divertia-se — mas temia o custo de montagem do espetáculo. E afinal, ficaria bem financiar um projeto tão fescenino? Bonnefoi tinha um monte de idéias à espera de capital. Que tal a criação de javalis em fazendas brasileiras, como incentivo ao esporte da caça grã-fina e para elaboração de uma culinária nobre, melhor do que os churrascos gaúchos frugais e primitivos? E que tal a pesquisa de medicamentos que permitissem ao indivíduo comer sem engordar, beber sem os males do álcool? Substâncias que, adicionadas aos molhos franceses, ou ingeridas às refeições, liquidassem com as mazelas dos lipídios, do colesterol, extinguissem as perspectivas do enfarte e do derrame, estimulassem a potência... Quem inventasse tais drogas, pílulas ou gotas, seria maior do que Pasteur, Sabin, Salk!

— Foi aí que se perdeu o Doutor Fausto! — exclamou Moreira Telles.

E que tal uma tinta de escrever especial, tremenda invenção: capaz de desaparecer de modo que uma promissória assinada hoje estaria em branco à hora do vencimento? *Il a des idées! Il est marrant!* Imaginou uma cruz de papagaio com pombo-correio para levar mensagens à viva voz, pássaro tão lindo para recados de amor quanto exato nas ordens de guerra e nos movimentos da bolsa... Um dos sonhos de Bonnefoi

era o de, num laboratório de psicologia experimental, ensinar macacos a produzir o fogo, com pedras e gravetos — para observar o que chamava o instante de Prometeu, isto é, o momento do relâmpago que iguala a Besta ao Criador. Que sucederia então? Descobriria o macaco a proteção contra o frio? O alimento cozido? A arma contra o inimigo? A propriedade da terra? O domínio do próximo? Incendiaria cidades? Fundaria uma civilização símia? Ou apenas imitaria o homem a fumar charutos, do outro lado das grades do zoológico?

Bonnefoi falava, Rina e Luciana riam, ele se sentia admirado!

— *Imaginez-vous...*

Imaginem uma *boîte de nuit* com o nome de Chez Guevara: Garçonnettes de bermudas e camisas cáquis, barbas postiças e charutos na boca, a servir as mesas tremelicando rumbas, a preparar bebidas à base de rum! Cada freqüentador, à entrada, homem ou mulher, receberia uma barba e um charuto!

Luciana ria claro, soprando para o alto a fumaça do cigarro:

— Esse cara é doido de pedra!

Bonnefoi, vendo o êxito do seu número, continuou discorrendo sobre a utilidade do cruzamento de abelhas com vagalumes, resultando em insetos produtores de mel dia e noite. Luciana olhou o relógio de pulso, fez um sinalzinho para Rina, que se levantou. Totonho franziu a testa, intrigado.

— Nós vamos sair, vovô. Vamos falar mal de você e do tio Telles. *Au revoir, Monsieur Bonnefoi.*

Totonho remexeu-se na cadeira, inquieto com essa amizade que lhe roubava Rina. Eu, não: feliz quando Luciana estalou o dedo:

— Vem, Brinquinho!

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

Dom Pedro II exerceu um simpático poder, que não partia da letra da lei, mas de si mesmo. Sua amizade com o Conde de Gobineau é uma demonstração de habilidade, durante anos seguidos: tão grande habilidade que impediu o autor

do *Essai sur l'inégalité des races* de apontar, como exemplo de sua tese, a gente brasileira, que ele execrava. Fê-lo, sim, em cartas particulares; nunca em livro.

George Raeders, professor dos descendentes de Pedro II, tradutor de Eça de Queirós, José de Alencar e beletristas menores, escreveu ensaios gentis sobre Portugal e Brasil. Teve acesso à correspondência entre Pedro II e Gobineau, lendo-a nos arquivos do Castelo d'Eu, onde a arrumara Alberto Rangel; e nos da Universidade de Estrasburgo, e ainda nas coleções de cartas guardadas pela família grega Dragoumis, amiga do Conde. De tudo resultou um livro, *Le Comte de Gobineau et le Brésil*, onde procura atenuar a aversão que nos votava o aristocrático diplomata.

Desdobra-se. Não o consegue. Consegue deixar entrever que Dom Pedro II sabia, desde logo, que o Ministro de França a chegar ao Rio vinha carregado já da mais alta dose de má vontade. Na Pérsia e na Grécia, seus postos anteriores, nutria-se de idéias sobre diferenças raciais; ao sair de Atenas, lutou para evitar o Brasil; falhando as manobras, partiu para o Rio deixando na França a mulher e filhos. Pôs os olhos inaugurais em cima de um preto... na ópera *L'Africaine*, que viu em Lisboa. Naturalmente uma africana branca maquilada com graxa de carvão; aquela história de amor de uma negra pelo navegador Vasco da Gama, posta em música pelo judeu Meyerbeer, servia para agradar lisboetas mas horrorizou o conde apreciador dos arianos de Wagner. Novamente a bordo, rumo ao Rio, irritava-o a presença de atrizes francesas “muito feias”, que vinham perder a cabeça dos freqüentadores do Alcazar e da Rua do Ouvidor. Em Dacar e Gore ainda chega a descer do navio — mas não põe o pé em terra pernambucana. Desde a Bahia, os negros, escravos ou não, lhe repugnam. Desde aí começam a seguir para a Europa as cartas sarcásticas, furiosas, queixosas, todas fragmentos dum *post scriptum* do *Essai sur l'inégalité des races*.

Ao contemplar a Guanabara, refreia o entusiasmo, para preferir Constantinopla. Sente-se infeliz. Em sua residência, fecha-se a escrever as *Nouvelles asiatiques*, a gemer saudades da Acrópole e a maldizer o Brasil: “Quando a natureza física não está impregnada da natureza moral, dá poucas emoções à alma e aí está porque as cenas mais perturbadoras do novo mundo não saberiam jamais igualar os menores aspectos do

antigo". Admito que as florestas da América sejam admiráveis e que as praias da Oceania sejam maravilhosas, porém nada de humano aí palpita e a musa da história está bem ausente dessas ilhas e desses continentes metidos em nossos pés e onde a geologia não descobre senão lagartos desconhecidos e animais de que bendizemos os céus de não ter mais de temer o reencontro."

Ah, os animais brasileiros, tradicionais assustadores dos franceses! Baratas, mosquitos, sapos, serpentes, vampiros... A caçada de um destes Gobineau a descreve... "Ontem, quando estávamos em casa do Cônsul-Geral da Holanda, o Senhor de La Martière (diplomata, secretário de Gobineau), saltou sobre sua cadeira dando um grito horroroso. Ao mesmo tempo viu-se no ar um pássaro enorme. Era um morcego da espécie chamada vampiro, que suga de noite o sangue dos cavalos e jumentos e, quando pode, o dos homens que dormem em campo aberto. Eles os abanam com suas grandes asas e as vítimas perdem o sangue sem despertar e sem nada perceber. Nós, porém, não dormíamos, de modo que não havia o menor risco; aliás, o grito do Sr. de La Martière teria despertado os mortos. Caçamos o animal, que foi morto. Tinha pela menos o tamanho de um pé e dentes como os de liliputianos na juventude".

De sua janela em Botafogo, contempla a baía: "É um país singular e belo, mas que não fala senão à vista e não diz grande coisa ao coração. Uma natureza besta a ponto de se chorar". Ao terceiro dia no Rio, Gobineau é atacado de febre. Trazia-a da Ásia, mas não custava nada atribuí-la ao país antipático. Acorda às sete da manhã e "abre o mosquitoeiro fechado com o maior cuidado toda noite para ficar ao abrigo das baratas e dos camundongos". O ar "é mais úmido do que o de Paris", o clima "parece o de Corfu", "um calor úmido e torpe".

Não havia, entre a gente do Rio de 1869, muitas pessoas que pudessem conversar com um sábio. Para os jovens, a sociedade dos jovens se dissolvera para ir à guerra com o Paraguai; para gente madura, sobrava uma elite escravocrata e ociosa, de poucas letras. O secretário Montmorency fazia música de piano com gosto, o que encantou o conde melômano. Mas o conde acabou brigando com o secretário, e lá se foi a música. Gobineau não se interessou pela musicalidade dos

salões do Império, musicalidade pianística já então sob o signo de Chopin e das modinhas italianizadas. Era um wagneriano e a sociedade fluminense repelia Wagner. Em casa da consulesa da Holanda consegue ouvir alguma música razoável, algum Beethoven, algum Mozart, por entre a enxurrada da *Norma* e da *Sonambula*. Não prestigiou os clubes musicais em formação. Não prestou atenção a um americano, judeu e afrancesado, apontado como rival de Liszt e que, tomado de amores pelo país, inventou no Rio um concerto de trinta pianos e seiscentos músicos, e compôs, arrebatado pelo fervor patriota resultante das vitórias contra o Paraguai, umas *Variações sobre o Hino Nacional Brasileiro* — e acabou morrendo na Corte, recebendo enterro apoteótico. Haveria o racista Gobineau de dar atenção a Louis-Moreau Gottschalk, judeu a fazer a América a seu modo, vendendo pianos e seduzindo sinhazinhas mestiças?

Talvez fosse ao teatro? “Toda a vida do Rio se passa num horroroso teatro da rua do Ouvidor, chamado Alcazar, onde se representa a *Bela Helena*, *Orfeu nos infernos*, a *Grã-duquesa* e para onde cada navio traz uma velha atriz da província francesa e que não deixará de revolucionar a cidade”. Já Schlichthorst, o mercenário austríaco que viveu no Brasil à época da Independência, observara: no Rio de Janeiro “todas as francesas são parisienses”, como o pintor Manet notara que no Rio “todos os portugueses se chamam Pinto”. Gobineau refere-se a uma dessas atrizes, que voltou à França depois de ter depenado os brasileiros, “levando consigo coisa de 350 mil francos em diamantes”. Tratava-se de Mademoiselle Aimée, para quem os poetas rimavam odes e ditirambos. “Todavia fui ao Alcazar com Madame Posuo e meus secretários. Fiquei lá vinte minutos; é abaixo de qualquer descrição. Quando o disse ao Imperador, ele me retrucou com ar indignado: “Oh, como é que o Senhor faz tal coisa?” “Palavra, Majestade, retrucou o conde, senti-me muito à vontade ao ver o vício sem seduções”. “Ele riu e conversamos largamente sobre os méritos negativos da raça latina”.

E os prazeres da mesa? Nada diziam também a Gobineau que, no entanto, francês, não seria desatento ao garfo. Descreve um jantar de oitocentos talheres, dado em Juiz de Fora, por um fazendeiro ao Imperador: “Vinhos do Reno, vinho de Champagne, vinho de Bordeaux, tanto quanto se quisesse, mas

naturalmente com a desordem que se pode imaginar. Comi um pedaço de presunto com bolo de Savóia (pão-de-ló), uma ameixa recheada, farinha de mandioca, queijo da região, peru, três pastilhas e, graças à Imperatriz que mo enviou e ria às gargalhadas, um pedaço de omelete. Quanto ao pão, vi-o de longe, mas não o comi”.

Amores? Nenhuma aventura, que se saiba. A esposa ficara na França, a confidente na Grécia; o Conde era homem de costumes severos, mais severos ainda diante de uma sociedade mestiça: “Dona Josefina da Fonseca, mais cor de chocolate do que nunca, e soterrada de diamantes”, descreve.

Encontrou no Brasil três prazeres: o de escrever; o da escultura, violino d’Ingres cultivado de tanto contemplar estátuas gregas e persas; e a leitura, elo que com ele estabeleceu o Imperador, seu prestador de livros. De suas mãos recebeu *I promessi sposi* de Manzoni, os poemas de Longfellow e sua tradução da *Divina comédia* (“um livro tão belo quanto o original”), julgamento de mau crítico, as obras de Goethe, o *Amigo Fritz* de Erckmann-Chatrian, os romances de Paul Féval (tão em moda que Machadinho o traduziria), as obras de Ponson du Terrail (“elas me revoltam”). E os brasileiros? Jamais deitou os olhos em baiano ou mineiro, poeta ou prosador; nem Casimiro, nem Gonçalves Dias, nem Álvares de Azevedo, nem Varela. Fala apenas da *Confederação do Equador*, porque Dom Pedro o recomendou e porque o autor era o *cher collègue* Visconde de Araguaia. Nada de Alencar, nada de Machado, nada de Macedo, nada de Manuel Antônio de Almeida. No entanto, em pouco tempo o Imperador o consideraria como *très fort en portugais*, forte a ponto de ler Camões e utilizá-lo futuramente em suas narrativas.

O posto no Brasil era um castigo, um insulto aos seus méritos. Dez anos antes escrevera a obra definitiva: o *Essai*; e agora atiram-no a um país de *messieurs et de nègres*... Odeia o clima, odeia a sociedade, odeia o gênero de vida do fluminense, odeia a corte. “Essa gente não tem nada de que se ocupar, pois os negócios políticos são inexistentes”; “Tudo isto se atola na sua imbecilidade própria”. Só se salva o Imperador.

O Imperador não esperou que o sábio solicitasse a audiência de entrega das credenciais. “No próprio dia da minha chegada, às seis horas, o Ministro dos Negócios Exteriores enviou um de seus secretários para me apresentar seus cumprimentos

e me dizer que o Imperador desejava ver o Senhor de Gobineau no dia seguinte, às duas horas e que o Ministro de França lhe apresentaria mais tarde, em outro dia, suas cartas credenciais; nada de uniforme, nada de oficial. O Senhor de Roquette (secretário de Gobineau) quase caiu para trás. Desde que o Brasil existe, ninguém ouvira falar de semelhante coisa". No dia seguinte, Gobineau comparece ao Palácio, tendo mandado antes as cartas da Condessa de Barral, que trouxera de Paris para a família imperial. O Imperador, "grande figura, muito nobre e muito acolhedora", diz-lhe que não o recebe como diplomata: havia muito tempo já o conhecia de seus relatos de viagens e como escritor. Fá-lo sentar-se e ao secretário Roquette, que quase desmaia: nunca imaginou que se sentaria alguma vez junto ao Imperador. Falam de Agassiz, dos livros de Gobineau. O Imperador diz que conhece as idéias do Ministro: "Discutiremos isto a fundo". Devolveu-lhe a carta que a Barral mandara à Imperatriz, para que ele próprio a entregasse, em outro aposento.

— O Senhor sabe que deve vir ver-me quantas vezes quiser e que estarei sempre encantado de vê-lo.

Pronto. Estava conquistado. O inimigo dos negros e mulatos, o escritor que odiou os brasileiros não escreveria nenhum livro contra o Brasil. Escreveu cartas horrendas à família, às amigas gregas. E relatórios. Mas a amizade de Dom Pedro II impediu Gobineau de manifestar de público sua aversão e de aplicar contra nós a filosofia antropológica. Um dia o Imperador lhe perguntou:

— Enfim, que acha dos brasileiros?

— Vossa Majestade me permite ser totalmente sincero?

— De certo.

— Pois bem, um brasileiro é um homem que deseja apaixonadamente ir viver em Paris.

— O Senhor tem toda razão.

No entanto o Conde escreveria mais sinceramente à esposa: "Não há mais uma só família brasileira que não tenha sangue negro e índio nas veias; isto resulta em naturezas raquíticas e, se não sempre repelentes, pelo menos sempre desagradáveis de ver". Em outra carta diz: "A exceção do Imperador, não há ninguém neste deserto povoado de patifes". E, para a confidente grega: "Sinto-me desolado de que ele (Dom Pedro) seja Imperador. Tem talento e mérito demais para

isto". E adapta para as circunstâncias um apólogo extraído das *Mil e uma noites* para os *Três anos na Ásia*: "Sindbad, o Marinheiro, tendo conseguido chegar à costa, avistou grandes montanhas cobertas de florestas espessas e, no meio dum vale, uma bela e grande cidade cujos monumentos lhe pareceram numerosos e muito imponentes. Ele se dirige à cidade e julgai seu espanto quando percebeu que toda a multidão que vira de longe encher as ruas não era mais do que uma multidão de macacos! Havia grandes e pequenos, velhos e jovens; mas todos macacos extremamente feios, a fazer caretas atroz e a circular da direita à esquerda, alguns apressados, outros não; todos lúgubres. Depois de muito errar de um lado para outro, Sindbad chegou por fim ao alto de um quarteirão onde percebeu um grande palácio que julgou dever ser o do Rei desse povo e, tendo entrado nos jardins onde os macacos passeavam e nada fizeram para retê-lo, penetrou num dos apartamentos e, depois de atravessar muitas galerias, teve uma surpresa agradável ao ouvir o som duma voz humana; e, de fato, dirigindo-se para o lado de onde vinha a voz, entrou numa sala onde viu finalmente um homem! E esse homem lia o Corão. De modo que não somente encontrara um ser de sua espécie mas um ser com quem podia entender-se. Suponho, minha madrinha, que com a inteligência aguda que vos distingue... haveis adivinhado que Sindbad estava no Brasil, que os macacos eram brasileiros e que o Rei era o Imperador".

Durou um ano o tormento de Gobineau. De vez em quando, salvava-o a amizade de Dom Pedro. Gobineau chegou quando o povo mestiço se cobria de vitórias no Paraguai; e regressou à França para ver a derrota de Sedan; o aprisionamento de todo o exército francês e mais o Imperador dos franceses. "Vossa Majestade sabe qual era a minha opinião sobre a situação da França; mas eu pensei que tivéssemos talvez cinquenta anos diante de nós; não tínhamos senão alguns meses". Mas isto não lhe deu matéria de reflexão sobre a desigualdade das raças.

Entre a chegada ao Brasil e a volta à França, um acontecimento transborda o rancor do diplomata.

Ele saía do Teatro Provisório, "onde, entre parêntesis, a Restori me havia aborrecido. Trazia pelo braço a consulesa da Holanda, minha única relação neste país". No meio da multidão, a consulesa, mulher baixinha, quase foi esmagada.

Gobineau, o Ministro da Bélgica, o Secretário Marlière tiveram de protegê-la até a chegada da carruagem. Quando isto aconteceu, um sujeito saltou-lhes à frente, rindo no rosto do conde. Um mulato!

— Cuidado! O senhor vai machucar uma dama! — avisou Gobineau.

O outro desatou a rir e zombar, dando três empurrões no conde. Este, impaciente, quando o importuno tentou atingir-lhe a cabeça, agarrou-o pela barba, “com intenção muito precisa de passar da barba à gravata e muito simplesmente estrangulá-lo. Confesso que lamentarei toda a vida não o ter feito...” “Larguei o mau brasileiro. Não me consolarei jamais da ocasião perdida de exterminar um mau gaiato; eu, que sonho com isto constantemente, penso que exagerei meu cavalheirismo por uma mulher que não me é coisa alguma. Resumindo: larguei-o. Ele gritava como um pelicano... O fato é que lhe arranquei um bom pedaço da barba”.

— O senhor sabe com quem está falando? Eu sou o genro do senador X! — gritou provavelmente o mulato. — E o senhor? Quem é?

— Eu sou o autor do *Ensaio sobre a desigualdade das raças*! — devia ter urrado Gobineau.

Gobineau desafia o importuno para um duelo; mas, de fato, o importuno pertencia à mais brasileira das classes, a dos genros; o sogro senador chegou a pôr fora de casa o Secretário Montmorency, que o visitara na qualidade de padrinho do conde desafiante. A briga vai para o Senado; o Senado toma o partido do genro, é claro. O Ministro do Exterior não toma providências. Gobineau se dana, diz que da próxima vez matará o agressor.

— Pode considerar minha advertência como oficial.

— Então, Senhor Conde, o senhor nos responsabiliza?

— Perfeitamente. Se o senhor não quer morte d’homem, trate de fazer com que eu não tenha que recorrer a ela. Meu Deus, não desejo absolutamente matar brasileiros...

“Isto não é verdade”, acrescenta Gobineau na carta em que conta a sua bravura à amiga grega; “se eu tivesse estrangulado o Sr. Dr. S..., isto seria, durante minha vida inteira, uma lembrança deliciosa”. O escândalo estava feito. A sociedade divertia-se. À chegada de Gobineau ao teatro ouvia-se:

— Pessoal, não empurra! O Ministro da França está por aí!

Dom Pedro II pediu ao amigo que este solicitasse remoção do posto. Lá se vai Gobineau, depois de delongas. Um ano após, é o próprio Imperador quem passeia pela Europa e pede ao governo republicano francês que destaque o amigo para acompanhá-lo. O Conde de Gobineau vai receber o “Senhor Pedro de Alcântara” na fronteira da Espanha, em Hendaia. Para espanto geral, de diplomatas e nobres, o Imperador toma o amigo pelas mãos, abraça-o, deixa de lado a comitiva e os que o acolhiam, pergunta pelos filhos do conde, insiste para que se encontrem de novo, após regressar da Inglaterra. Dom Pedro pede ao Governo Francês que deixe o Ministro da França em Estocolmo acompanhá-lo à Rússia — e assim Gobineau acompanha o Imperador a São Petersburgo, à Turquia, à Grécia, e tira com ele retratos diante das pirâmides do Egito. Daí por diante a amizade prossegue nas cartas. São ao todo cento e oito cartas de Gobineau, oitenta e três de Dom Pedro. Dez anos se passam; em Turim, Gobineau, já velho, morre. Havia dito numa carta: “É uma grande infelicidade que o meu respeito por Sua Majestade me impeça de escrever sobre esse país. Teria valido a pena...” Quando o Imperador, incógnito, visita o Tirol, encontra no trem um filósofo bigodudo. Dom Pedro era louco por artistas, poetas, pensadores. Conversam. Dom Pedro pergunta ao filósofo se já havia lido o *Essai sur l'inégalité des races* do amigo Gobineau. Recomenda o livro. O filósofo toma nota. Não é espantoso que o imperador de macacos negros e mulatos tenha levado Friedrich Nietzsche a encontrar a obra em que se apoiou para inventar o racismo alemão? Não é desastrosamente curioso que o neto de Marco Aurélio, como o chamou Victor Hugo, tenha involuntariamente contribuído para que surgissem as bases do nazismo?

Nesse mesmo ano de 1869, o Teatro Alcazar apresentava uma chulice musical que horrorizou Gobineau. Chamava-se *Les pompiers de Nanterre*.

— Como é que o senhor fez tal coisa? — perguntou Dom Pedro a Gobineau quando este lhe contou a incursão no mundo do *bas fond* do Rio.

Les pompiers foi o grande êxito do ano; sua musiquinha frascária, cantada pela francesa Pauly, passou à rua; um português carnavalesco, tocador de bombo, adotou-a, saiu com

ela a bater o seu instrumento; chamava-se Zé Pereira, a música tomou seu nome e é até hoje a *ouverture* do carnaval carioca; é mais uma dádiva da França ao Brasil.

Bonnefoi se divertia ao corrigir a versão francesa das notas de Moreira Telles. Arregalou os olhos quando leu que “o atual embaixador da França no Brasil, Soubillou, no seu último relatório secreto, nos cobre de insultos, faz um resumo a seu modo da história brasileira — resumo que Gobineau poderia ter assinado — e afirma que Pedro II foi destronado porque, amante da liberdade, libertou os escravos”.

— *C'est vrai ça?*

O quê? A atitude dos brasileiros para com o Imperador ou o relatório Soubillou? Segundo Moreira Telles, o Quai d'Orsay está cheio desses relatórios, de iras de diplomatas franceses contra a nossa sociedade, a nossa maneira de ser, a nossa...

— Deixe que falem! Terão melhor quando se mudarem para Brasília!

Bonnefoi ria-se. Queria saber: na opinião de Moreira Telles, qual o defeito característico do povo francês. Moreira Telles preferia dizer: pecado. Não o da luxúria, que tanto acompanhou a imagem dos franceses, sobretudo das francesas; não o da soberba, que os torna tão especialmente arrogantes diante do estrangeiro, até ouvirem a primeira réplica em bom francês; não a irritabilidade, de que já reclamava Mozart em carta ao pai; não o do ódio, pois no íntimo adoram os alemães e detestam os americanos e ingleses que salvaram a França; não a inveja, pecado brasileiro, que nos leva a não guilhotinar ninguém mas a desejar o câncer do adversário victorioso ou do amigo feliz... A avareza, que coloca dois sujeitos de colarinho e gravata a se dizerem maldosas frases de espírito por causa de um franco e leva a *fille de joie* a anunciar que *le service n'est pas compris*... Outro: a ingratidão, pecado dos independentes. Mas para que filosofar sobre estas coisas? — finaliza Moreira Telles.

Jérôme Bonnefoi repetia:

— *Le français arrive au plaisir sans connaître la joie.*

Moreira Telles gostava de um resumo feito pelo martinicano:

— *Les français sont plus avarés que les juifs, plus empoulés que les anglais, plus orgueilleux que les espagnols, plus logi-*

ques que les portugais, plus jacobins que les allemands, plus flatteurs que les italiens, plus crasseux que les bulgares, plus dissimulés que les arabes, plus parleurs que les brésiliens.

— Brinquinho, você é um cachorro muito safado!

O coronel o disse e estirou-se numa das poltronas da sala, enlevado dentro dos vapores do álcool. A noitada devia ter sido estupenda, a julgar pela alegria do amo, o bico em assobio por debaixo do bigode, o olho impávido, o corpo inteiro numa espécie de dignidade que o vinho oferece. Quando corri para ele, festejando-o da orelha ao rabo. Totonho me afagou na cabeça e procurou sentar-se. De passagem, serviu-se de *cognac*, dois dedos no grande copo de cristal. Olhou-o de encontro à luz, premiou-se, sugou leve o líquido, deixou-o balançar entre os dedos e entre a língua e o palato. Suspirou fundo, repensou em Rina, de cujo perfume vinha embebido, como vinha embebido da própria pele da mulher. Que mulher! Que mulher!

— Você também tem lá sua cachorrinha, não é verdade?

Sacudi o rabo, agradecido e afirmativo, mas sofrendo uma ponta de injustiça: Totonho não me fazia compartilhar de sua assiduidade no apartamento de Rina. Veio-lhe Rina ao pensamento, nua, coleante e perigosa, acolchoada e sábia de mil segredos. Uma felicidade assim, pensou o coronel, precisa ser vista. Não pode ser escondida. Ele a proclamava, levando seu amor ao Bar Anglais, ao do Ritz, fazendo-a subir pelo seu braço as escadas da Ópera, revelando-lhe os mistérios das adegas do Lapérouse e do Lasserre. Não era bastante. Precisava mostrá-la ao Bento, à besta do Bento, para ver o amigo morder-se de inveja. E fizesse a inveja explodir no Clube Campinheiro, para os caipiras amigos. Isto, convidaria o Bento! E o Bento haveria de proceder como anos antes, na Dadá da Rua Guaianases... Recordou: foi uma noite opípara no Restaurante Jacinto, com o Totosão a contar histórias, o rubicundo Jacinto a se desdobrar nos requintes da *lasagna* e no melhor Chianti de São Paulo, as gargalhadas, as anedotas, os diversos cálices de Strega — enquanto o parente e amigo sugava devagar o copo de chope. E o coronel teve uma idéia:

— Se fôssemos à Dadá?

Bento resmungou: voltaria para o Hotel d'Oeste. Nada disto, nada disto! Todos! Uma rapaziada, como nos velhos tempos! E uma rapaziada com a Dadá, instituição da vida noturna paulista, único teto onde podiam esbarrar perrepistas e

democráticos, e se sucederem na mesma mulher, sem insultos, e até com cerimoniosa cortesia! E foram, o coronel arrastando o Bento, os outros amigos falando alto ao descer a Avenida São João.

Chegaram a propósito: havia uma mesa vaga, o *garçon* conduziu os “rapazes”, o coronel bradou que queria *champagne*, do melhor, nada de cerveja! Antes de reaparecer o *garçon*, surgiu Dadá, preta, enorme, riso enorme para a freguesia. Antes de ver Totonho, descobriu Totosão e partiu para ele, braços ao alto:

— Tosão de Ouro!

O abraço foi violento, com palmadas, beijos nas faces, nos cangotes. E Tosão revelou: Dadá tinha sido sua irmã de criação, na Fazenda Sete Quedas. Crianças, brincaram juntos, colheram juntos pêssegos e bichos-de-pé. Veio o *champagne*. Dadá incorporou-se à mesa, convocou as meninas livres, que se empoleiravam cada qual entre dois marmanjos.

— Você se lembra do Bento, Dadá?

Se se lembrava? Como não? O Bento, quando jovem, esticava um bigode de pontas taurinas, sustentava um colarinho engomado até o queixo e circulava por entre as companhias de teatro napolitano. Mas cultivava uma paixão pela filha dum Alfredo Bicudo, quatrocentaço de Ribeirão Preto. Edith, chamava-se. Esbelta, olhos parados, boca úmida e altiva. Terminado o curso no Largo de São Francisco, o Bento ousou pedir Edith em casamento. E o pai Bicudo só faltou rachá-lo a bica-das. Pois um rapazote sem tradição de família paulista, nem ao menos membro da Bucha na Faculdade, morador de república de segunda ordem, cantarolador de cançonetas e entusiasta do mulato Carlos Gomes!

— E Edith, que fim levou ela?

Todos conheciam a desgraça do Bento. Repudiado, decidiu consolar-se a seu modo: meteu o diploma de bacharel na gaveta, bateu-se para Nápoles como tenor menor de uma companhia que fazia a América, isto é, satisfazia a colônia italiana de São Paulo. Embarcou como profissional, para entoar a *Marechiare* e a *Sole Mio* sob o nome de Benito Silvano; e foi porque havia no grupo uma Margari de beijos profundos e carícias maternas — que era o de que o triste precisava. Per-correu a Itália e o corpo de Margari durante dois anos. O

velho Silva cansava-se de esperar pelo filho. E um dia — escândalo dos escândalos! — entre as partituras de piano importadas pela Casa di Franco, da Rua de São Bento, para contentar a clientela saudosa de São Paulo, uma trazia o retrato de Benito Silvano na capa, *Gran successo!*, e se chamava *Cuore sbagliato*. E no retrato Campinas inteira reconheceu o Bento; e em vez de incorporá-lo entre as glórias locais, repudiou-o como um traidor das virtudes citadinas, entre as quais havia a que estabelecia que arte é para salão de família, não para palco de funâmbulos. O Dr. Silva bateu-se para Nápoles com toda a família. Numa festa da Piedigrota, quando Benito Silvano, de gorro à cabeça e faixa vermelha na cintura, se atirou à *tarantella*, o pai emergiu a calva luminosa no meio da turba e bradou:

— Malandraço!

Arrancou o tenor dos braços da soprano, no melhor estilo de barítono. Bento regressou, o pai morreu, deixou-lhe um sobrado e daí por diante o ex-tenor passou a vida no *poker* do Clube, nas rinhas de galo, nas idas ao Rio e a São Paulo quando surgia alguma boa temporada lírica. Vidinha de curtos recursos, mantinha a amizade incômoda e sincera de Totonho.

— E Edith? Que fim levou?

Bento respondeu:

— Pois vou contar pra vocês e vejam se não é de passar. Passaram-se uns trinta anos sem que eu pusesse os olhos nela. Tinha casado, herdou do pai, o marido multiplicou a fortuna, não tiveram filhos, e de repente — bumba! — lá se vai o marido, de tanto multiplicar dinheiro. Uma manhã, estava eu no Hotel d'Oeste quando me anunciaram uma senhora à minha procura. Desci: na sala havia uma mulher maior do que esta mesa, coberta de luto e de jóias, como a Rainha da Noite da *Flauta Mágica*. “Bento, será que você não me reconhece? Mudei tanto assim?” Pela voz reconheci Edith. Lentejoulada como um boi de bumba-meu-boi. “Sim, Edith, claro que me lembro... Em que lhe posso ser útil?” Por um segundo pensei que ia me passar uma rifa de caridade, um convite para chá beneficente, coisas de que se ocupava, segundo os jornais. “Bento, agora que sou viúva... viúva e rica... quem sabe a gente podia retomar o sonho da mocidade?” “Gorda assim, Edith? Você está louca?” E lá se foi ela choran-

do, mundo de banhas e jóias, capital e juro de minha paixão perdida! Como rimou minha tia, Mademoiselle Alex:

On s'enlace

Puis un jour

On s'en lasse:

C'est l'amour.

— Que grande burrice, Bento! Se tivesse agarrado a Edith, hoje você estava pagando este *champagne* para todos nós!

Bento voltou-se para Dadá:

— Mande servir uma cerveja para mim, por favor.

— Você vai morrer de tanto caráter! — explodiu Totonho.

Ele, Coronel Ramalho, sabia a importância da riqueza: quando, depois da Revolução de 30, o governo decidiu financiar o café para queimá-lo, pôde ir ver aquele espetáculo digno de Neros suburbanos, as montanhas enormes de café de onde se desprendia a fumaça, vulcões colossais incendiados depois do plantio, do cultivo, da safra, da colheita, do beneficiamento, da torração! Podia assistir ao espetáculo sem afligir-se, porque seu dinheiro não estava só nas fazendas mas nas fábricas ao redor de São Paulo, as fábricas cuja fumaça era outra, desprendendo-se das chaminés como de charutos milionários.

Agora, quem sabe? Bento, mais velho, talvez quisesse rever a Itália dos seus amores líricos e a Paris que não conhecera... Que acha, Brinquinho? Sacudi a cauda, pus a pata no joelho de Totonho. O coronel já remergulhara nas recordações da pensão da Dadá, fragmentos de saudade semi-apagados pelas nuvens da arteriosclerose. Naquela noite levara para o quarto uma Arlette, única francesa do grupo, e com ela adestrara numa hora de conversação francesa a mímica internacional.

— Você veio pra cá pra ser coco, minha filha?

— *On ne sait jamais! Il y a des copines qui se marient très bien à San Paolo!*

Rina... Rina, por exemplo... Pois não chegou a pensar em Mireille certa vez? Que sucesso faria Rina em São Paulo, *en vraie Madame Ramalho!* Que pasmo no Clube, em Campinas inteira, no Jockey, nos quatrocentos anos da capital! No palacete da Alameda Pamplona! Lá estariam os cronistas do

Estadão e das *Folhas* a estampar o decote de Rina, a narrar os vestidos, os vinhos e os *menus* de Rina, os convidados de Rina, os convidados para se deslumbrarem, e o sereno da festa a disputar a glória de um convite... Ah, o Bento precisava conhecer Rina, vitória das vitórias amorosas de Antônio Rimalho! Bem que lá na Avenida Paulista já temiam... Não é, Brinquinho? Temiam que o velho fizesse uma burrada de velho. Se Veva morresse ali, ele era bem homem de casar-se com Rina, com separação de bens, é certo, por causa da idade — mas passando-lhe em vida o que pudesse, para castigar a parentela egoísta, que a essa hora andaria tramando a sua interdição... Para isto viera Luciana. Para espionar, não é, Brinquinho? Só você é meu amigo, cão fiel meu salvador, só você não quer arrancar um pedaço do meu bolso, das minhas terras, das minhas ações, como fez a onça com um pedaço do meu braço! Você e Bento, meus amigos... Quanto a Luciana, foi fácil dominá-la, comprá-la. Com trapos de Dior e frascos de Nina Ricci? Não, não... Matriculando-a em não sei que escola da Rive Gauche e deixando-a na alegria das sandálias, dos *blue jeans*, dos cabelos compridos, a descobrir Paris com os milhões de descobridores, os que sonham com um êxito e os que fingem arte, as últimas encarnações de Villon e Lucien de Rubempré, os esperançosos e famintos, os que trauteiam Brassens e Ferré, e se sacodem no Bus Palladium, os que se beijam no fundo das *caves* ou em plena Concorde, mimis e rodolfos filhos de papais ricos, despachados para o New Jimmy's a fim de não interromperem o biriba dos pais, filhos de pais nenhuns que se viram e se entregam, os criptopicassos, os vangoghs ignorados, os passageiros desse imenso Bateau Lavoir a navegar no Sena em direção ao nada e ao tudo... O segundo gole de *cognac* desceu fácil, generoso; o seu perfume dourado recordou o último beijo de Rina, no elevador do apartamento. Totonho nem pensara na maldade de ir até lá deixando-me preso naquela solidão cheia de entra-e-sai dos primos de Ludmilla, dos iugoslavos do sótão, das australianas ginastas, dos fecundos congoleses, do *trottoir* ibero-marroquino do Le Tilsitt, do La Flamme, do Monte Carlo, do Savoie, do Chez Dupont... O terceiro gole deslizou na garganta de Totonho; sua mão deslizou até a minha cabeça...

— Ah, se eu tivesse trinta anos, Brinquinho!

O telefone tocou, Totonho estendeu um braço mole, falou mole:

— *J'écoute...*

Era assim que ouvira os franceses dizerem. A voz de Moreira Telles veio do outro lado:

— Imagine, Totonho! Sabe quem morou aí também no seu edifício?

— O Fitzgerald?

— Mais: Pío Baroja!

Para o coronel, o nome não dizia nada.

— Quem?

— Baroja, escritor espanhol! Aí esteve depois da guerra da Espanha, como exilado. Acabo de ler, nas obras completas dele.

— Ah!

— O 14 Tilsitt passará à história: Fitzgerald, Baroja, a *Revue franco-brésilienne*! Temos que inaugurar uma placa, na fachada! Que tal?

— Bem... Bem...

— Vamos fazer um número especial da revista... e criar prêmios... O Prix Tilsitt! O Fitzgerald! O Baroja! Que tal?

— Ótimo... ótimo...

O coronel envelhecia e começava a destilar idéias generosas, como um país em decadência... Quem sabe de tudo isto viria o aplauso internacional... a *Légion*... Quem o interditaria então? E sonhava, nos braços do *Courvoisier* e nos braços de Rina, um fantasma de Rina que corria para ele... Ouviu a porta abrir-se, no *hall*; o perfume juvenil de Luciana entrou com a voz de Luciana:

— *Bonne nuit, Jérôme!*

— *Bonne nuit, Lucienne!*

A neta amparou o avô até o quarto, voltou ao seu, atirou-se no leito, depois de fechar a porta sem ouvir o seu ganido através da frincha.

Na manhã seguinte, o coronel acordou com aspirinas e sais efervescentes, variação de sua fórmula: "Levanto-me com os bons propósitos da sacarina; e me deito com o remorso do

sal-de-frutas". O Telles chamou-o por telefone para lembrar um compromisso de almoço com um admirador do Brasil, o Colonel Julien, que se tornara empresário de espetáculos folclóricos depois de deixar o exército. Homem precioso, no dizer do Moreira Telles: ia trazer a Paris um grupo de danças brasileiras, talvez útil para o lançamento da *Révue*.

— Levo a neta?

— Leva, o homem convida.

— E Rina?

— Também. O homem quer ser amável. É muito raro encontrar um francês disposto a tanta despesa. Provavelmente vai-lhe pedir alguma coisa.

— Dinheiro?

Quando Totonho abriu a porta do escritório, para ver se descobria entre os livros informações sobre aquele Baroja de que o amigo lhe falara, tropeçou num monte de embrulhos entreabertos.

— Que diabo é isto? — perguntou à neta.

— Uma amiga de vovó mandou.

— Que amiga?

— Madame Teixeira. Conhece?

— Se conheço! Você caiu nas garras dela?

— Não. Falou comigo por telefone, disse que vinha me visitar, para me dar conselhos, para cuidar de você...

Totonho temia essa Madame Teixeira, casada com um Teixeira sem profissão e que enganava o marido em todas as direções, em troca de convites; e que o olhava, como um *collie*, sempre com olhos decotados, e beijava as amigas no rosto com dois beijos sem conteúdo — como lambidos no selo da carta onde seriam mandados.

— Fuja dela! Agarrou sua avó, quando chegamos, descobriu parentescos não sei de onde, queria aconselhar Veva sobre modas, como devia vestir-se para ir ao teatro, às embaixadas...

Madame Teixeira, que a procurara pelo telefone e mandara flores, invadira o apartamento, com o seu melhor riso de dentes de miolo de pão, queria ver o *trousseau* de Veva:

— Porque, minha querida prima, com o seu *rang*, não deve aparecer em lugares como uma qualquer!

E arrastou Veva aqui e ali, para compras e mais compras, ajudando também a embaixatriz, encantada com uma patriciã

tão precisa na pronúncia dos verbos irregulares, no emprego dos “*yy*”, dos “*on*” e “*en*” — e conhecedora de meio mundo. No Théâtre des Champs-Élysées, em pleno concerto, Madame Teixeira fazia questão de chamar os amigos, com adeusezinhos e gritinhos por cima das cabeças:

— *Gérard! Gérard! Me voilà, mon cher!*

E explicava para os Ramalhos que aquele era o Gérard Sousay, o cantor, seu íntimo.

— *Et voilà notre cher Boulez! Pierre!*

Atirava um beijo para o autor do *Marteau sans maître*, que agradecia com uma martelada de cabeça. E no intervalo, atracou um homenzinho de óculos de aro de ouro pelo braço:

— *Vous connaissez Paul? Non? Paul Landowski, le musicien, frère du Christ du Corcovado...*

E como o homenzinho estranhasse, abrindo a boca em pasmo, Madame Teixeira corrigiu-se:

— *Pardon, c'est Marcel Landowski que je vous présente. Son père, Paul Landowski, est le fameux sculpteur, le père de la statue du Christ. Donc, Marcel et le Christ de Rio sont frères!*

E Marcel:

— *Mais moi, chère madame, je suis fils légitime.*

Tudo isto Totonho contou à neta e perguntou:

— Você não disse que sua avó está no hospital?

— Disse. Ainda assim ela falou que tinha prometido mandar estas coisas, pra você escolher. Que saco, hem?! Que saco e que Vanzetti!

Pratarias: castiçais, bules, cinzeiros, estatuetas, floreiras — que Madame Teixeira comprava em Portobello, em Londres, cruzava com eles a Mancha e tratava de vender a mercadoria aos brasileiros que não podiam ir a Londres. Assim mantinha-se em Paris, porque seu problema era ficar:

— No Brasil só ponho os pés como visita!

E como visita carregava sua matalotagem de moambas: pratos, vestidos de diversos feitios e tamanhos, roupas de baixo, perfumes.

— Você disse que nós estamos em casa?

— Disse que íamos entrar numa boca livre com um cara amigo do tio Telles.

— Ela é capaz de surgir, para filar o almoço!

— Acho que não. Perguntou o nome do careta e quando eu falei que era um Colonel Julien, ficou puta da vida: “Como é que vocês têm coragem de sair com gente tão sem importância!”

— Pois vamos embora, antes que seja tarde.

Totonho deu o braço a Luciana, com orgulho; desceram a escada, joviais, acenaram para um táxi, lá se foram para o Feijoada, *bistrot* onde já os esperava o anfitrião, e mais o Telles, e Rina que com ele viera dentro de sua nuvem de perfume. Não trouxe Brigitte, que azar!

Apresentações, olhar longo do olho gordo do Colonel para os olhos de Luciana, beijo de Telles nas faces de Luciana, aperto de mão do Colonel no *cher collègue*:

— *Je sais que vous avez bravé un ocelot. Et bien: quand j'étais au Brésil, j'ai mangé un ocelot! Ah, le brave chien!*

Afagou-me com seus dedos de salsicha, concentrou-se no *menu* como se examinasse uma carta de Estado-Maior.

— *Pas mal, pas mal...*

Telles tinha medo de oferecer ou sugerir feijoadas a franceses, porque uma vez ouvira de um Brillat-Savarin, como o são todos: “*D'abord j'ai cru que c'était de la merde; à la fin, je regrettais que ce n'en fût pas*”.

Lieutenant na Primeira Grande Guerra, o Colonel Julien perdera dois dedos e um pedaço do assento em Verdun. Visitara o Brasil como integrante da Missão Militar — e daí sua adoção da feijoada e da cachaça. Na Segunda Guerra, crivaram-no de estilhaços e passou tempos num campo de concentração, de onde emergiu avesso a dietas, afirmando que só há três coisas que emagrecem: dor de corno, câncer e miséria. Ostentava suas condecorações com orgulho e cultivava o prazer da mesa, empunhando garfo e copo com os três dedos restantes. Telles foi contando que o amigo era fiel a restaurantes e cozinheiros: quando recebia um convite, juntava a mão no queixo, olhava o alto e cogitava:

— *Voyons...*

Sua maneira de consultar de memória o *Guide Michelin*. E se decidia como quem parte para uma carga:

— *La Truite Vagabonde!*

A escolha do número de estrelas do restaurante variava com o número de estrelas que atribuía ao convidado. Fazia recomendações:

— *Pas trop d'appéros. Ça tue la vraie dégustation. Jamais de whisky avant le repas: ça anesthésie le palat. La table est une noce: il faut y aller vierge. Un bon vin blanc, ou bien un blanc-cassis. C'est tout.*

Na Feijoada, como em qualquer bom restaurante, saudavam-no como um herói: apertos de mão, *accolade* do dono, nervosismo da moça do vestiário. Depois de alongar mais uma vez os olhos para Rina, perguntou:

— *Antoine est là?*

Antoine era o cozinheiro: se Antoine não estivesse, o Colonel não comeria. Mas Antoine meteu a cabeça forrada do gorro branco por detrás da janela da cozinha e apertaram-se as mãos como antes de um duelo. Havia sempre uma agitação para o preparo da mesa, porque o Colonel não gostava de esperar e achava que a reserva criava uma expectativa perigosa para o cozinheiro e o cliente; por isso, preferia dar incertas, como os comandantes nos quartéis. À mesa, foi contando que, terminada a guerra, fizera-se empresário de grupos de bailados folclóricos, acabava de contratar um grupo brasileiro, tinha certeza do sucesso. Não acrescentou que o Brasil lhe deixara, além do pendor pela feijoada, o pendor pelas mulatas. Umas e outras autênticas: seria incapaz de comer uma feijoada em Paris. Voltou-se para o *maître*:

— As ostras?

O *maître* juntou os lábios em beijo e estalou-os.

— *La terrine?*

O *maître* lançou os olhos no alto e suspirou num breve êxtase.

— *Les artichauts?*

O *maître* ergueu uma sobancelina, mirou os anjos, cantolou como no *can-can*:

— *Oh, là, là!*

Pediui meia dúzia de *claires*, de *belons numéro deux*, de *marennnes*, de *portugaises*, um *bouquet* de camarões, alguns ouriços para começar, a fim de compor a natureza morta para o primeiro *Pouilly fumé*. E indagou, como quem indagasse notícias de um parente:

— *Le faisan?*

Tinha avistado, pela janelinha, o faisão enforcado, e sabia que Antoine o preparava como Stradivarius preparava um Stradivarius. Antoine preparou regamente o faisão, camuflando-lhe o *faisandé* com trufas e molhos, servindo-o inteiro, a cauda pirotécnica, a cabeça em riste na bandeja de prata. E quando se tratava de suas famosas *truites aux amandes*, vinham envoltas em papel de alumínio como bombons, dessorando um líquido que se misturava à guarnição de misteriosa maceração de cogumelos e alcaparras. Quanto à *daurade au fenouil et aux aromates*, sabia transformar o peixe num turíbulo de incensos. Para cada obra-prima da cozinha, apenas mencionada, o Colonel receitava um vinho, com data e tudo, a humilhar os conhecimentos de Totonho; e, em dado momento, não tendo mais convivas participantes do seu prazer, obrigou o *maître* a provar o molho, um naco do faisão. Enquanto mastigava comedido, desfilava para os outros os êxtases passados: uma vez comeu em Nancy, na Praça do Palácio, uma truta tão importante quanto as fontes de Jean Lamour; e receitava uma *quiche lorraine* do Zimmerkeller, junto à catedral de Estrasburgo; e que não perdessem o Enclos de Ninon, para saborear um *marcassin aux marrons*; e não deixassem de ir ao Louis XIV; e ao Chez Benoît, perto do Pont Neuf, com os seus imortais *hors-d'oeuvres*, rivais dos de *Raffatin et Honorine*, e o *pied de porc* igual ao dos Halles. Contou suas sucessivas visitas ao genial Fernand Point, dono do Pyramides, de Vienne, que alimentou as bocas mais ricas do mundo e cujas bochechas sanguíneas o Colonel beijou babando molho e exclamando:

— *Vous êtes le Mozart de la casserole!*

Moreira Telles tinha estado no Pyramides e comentou:

— Fernand Point deixou uma gloriosa coleção de autógrafos de freqüentadores: reis, marajás, sultões, gênios, magnatas, heróis, poetas... No livro não há o nome de um só brasileiro. No Brasil não se come: quando alguém come um pouco melhor, manda publicar o *menu* nas colunas sociais.

Diplomado *Chevalier du Tastevin*, o Colonel contou haver subornado uma vez um empregado dos Rothchild com mil francos para conseguir uma garrafa daquela adega tão preciosa quanto o Bank of London. Quando comia, citava endereços, recitava receitas, salmodiava cardápios, trauteava a *Marselhesa* durante a *bouillabaisse*; seus olhos se umedeciam de saudade,

sua língua buscava nos cantos dos lábios a espuma do presente e do passado; às vezes, se lhe falhava a memória, franzia a testa, concentrava-se, recolhia no além os farelos de sua *madeleine* proustiana e sorria para a recordação que lhe recuperava o garfo perdido. Voltou-se para o *garçon*:

— *Le plateau de fromages?*

Nele meteu o nariz seletivo e aspirou em desfile todos os pecados, *madeleines* de Madalenas. Selecionou-os, bicou-os, intercalando o vinho tinto forte. Ensinou: é preciso mastigar cada naco de queijo e pão com um gole de vinho, para formarem uma pasta na língua e nos dentes, pasta que desprende uma aura na boca, ao ser comprimida de encontro à abóbada; essa aura deve ser enriquecida com outro gole, enquanto a pasta desce suavemente goela abaixo; isto feito, um pedaço de pão puro alimpa a cavidade bucal e a prepara para outro queijo; e cada nova degustação deve obedecer a um *crescendo* da intensidade dramática dos queijos, começando nos ingênuos *demi-sels* para chegar à maravilha olfativa dos *livarots*, dos *maroilles*, dos *munsters*.

— Que não esqueçam as *crêpes suzettes*!

Isto por amor ao *flambé*, ao espetáculo de incêndio. A cauda do faisão, o fogo do *cognac*, as labaredas do licor lhe recordavam as explosões de Verdun e das Ardenes, que o Colonel apagou com *finés* sucessivas às vezes embebendo nelas o açúcar do café, em *canards*. Até que tudo se concentrou na brasa do charuto, que ele sugava pela ponta molhada no Remy Martin. A conta, ele a pediu com energia, pagou com império, desprezando na mesa lautos trocados, distribuindo notas a todos. Na rua, respirou fundo e marcou:

— *Demain nous irons au Vert Galant!*

Totonho quis saber as impressões de guerra do Colonel.

— *La guerre? On y mangeait très mal.*

Quando saboreava o faisão e seus molhos, olhou Rina, que pasmava para o malabarismo com que concoctava as coisas do prato. O Colonel contemplou-a e confessou, ao primeiro mastigo:

— *C'est tout à fait comme faire l'amour.*

E me atirou um osso do divino faisão. Prometeu ao seu colega, o Colonel Ramalô, um artigo lapidar para a *Révue*. Sobre as excelências da feijoada carioca? Sobre a fraternidade democrática do Bola Preta? Ia ver. Que o ajudassem a anun-

ciar o conjunto folclórico a apresentar-se no Théâtre des Nations.

E, despedindo-se de Luciana:

— *Vous mangez comme un oiseau-mouche, mademoiselle.*

Colette Gouvion, jornalista francesa, acaba de dizer aos seus compatriotas uma coisa que lhes doerá no fervor patriótico: os franceses comem mal. Só uma francesa poderia ter tal audácia. Um estrangeiro receberia como revide o mais alto desprezo dos demais, em nome de Taillevent, de La Reynière, de Savarin, de l'Escoffier, de...

Então, de que valem mais de dois mil anos dessa cuidadosa química, essa arte poética, dessa sinfonia de gostos, cores e perfumes? Para imaginar o quanto os franceses a têm em conta, basta olhá-los à mesa, ver o ritual com que se sentam, a liturgia do desdobrar do guardanapo, a concentração sobre a lista de pratos, a conspiração com o *garçon* e o *maître*. Nenhum francês vai à mesa para dizer imediatamente, para o lado e com indiferença, o que deseja comer. Antes, reflete, sopesa e preliba. Depois, troca sugestões com o acompanhante. Se o acompanhante é feminino, até lhe pega na mão, para sugerir o aspargo ou o vinho, como a tirá-la para dançar. Em seguida, espera. Curnonsky chegou a declarar: a arte de comer é a arte de esperar. A espera já é feita de primeiras impressões sobre o que foi encomendado, sobre almoços e jantares pretéritos. Um bom francês à mesa fala de cozinha; e não raro tira do bolso um caderninho para anotar o endereço de um restaurante, de um vendedor de vinhos, de uma receita — ou indicá-los. A mesa foi feita para propósitos amáveis, já afirmava o Fisiólogo do Gosto: nada de controvérsias que estraguem o molho ou esfriem a carne; nada de discussões que subam o sangue, efeito que só deve ser provocado pelo vinho; nada de esforços mentais além da frase de espírito, útil para melhorar o bocado levado à boca. E observem-se os gestos, de duas ordens: ou ligeiros, elogiativos, entre o pão, o prato e o copo; ou comedidos, como os de um juiz ou um jogador de xadrez.

E vem a Sra. Gouvion dizer que os franceses comem mal! Em que se baseia para destruir o *bon bec* de Villon? Num país

em que os *best-sellers* são os guias culinários, o *Michelin* e o *Julliard*, onde a sobrinha-neta de Toulouse-Lautrec se ocupa de panelas como o antepassado se ocupava de tintas, e onde, a cada semana, aparece um novo tratado da mesa! Surgiu há pouco o *Guide des spécialités gastronomiques de France* de Jean D. Arnaboldi, que leio com prazer canino... No entanto, a jornalista é implacável: “a França é assim. Quando lhe falam de cultura, ela cochila. Quando lhe falam de política, amarra a cara. Quando lhe falam de comida, brande os garfos”. No entanto... no entanto os franceses comem mais dez por cento além das três mil e duzentas calorias diárias normais; sofrem da “doença da pletora”, morrem de gota, de diabetes, de arteriosclerose, quando não de cirrose do fígado. Os óleos, azeites, manteigas, as carnes de porco, a salsicharia, os trezentos queijos, as proteínas empanzinam o povo francês, como se faz aos gansos para fabricar o *pâté*. O açúcar e a cerveja garantem a obesidade dos alsacianos, como a *choucroute* a dos lorenos, como o pão a dos bretões e dos *auvergnats*. Em Paris, nas cantinas, os homens automaticamente escolhem *menus* absurdos: ninguém prefere uma salada crua quando há um *pâté*; preferem-se as conservas aos alimentos frescos; ninguém rejeita amanteigados, os *escargots*, os *ragoûts*, as *crêpes*, as *mayonnaises*, as terrinas. Às segundas-feiras, cada francês confia ao colega o que comeu no sábado e no domingo. Segundo especialistas — é ainda a apavorada senhora quem escreve — “a totalidade dos franceses tem noções mais claras sobre a eletricidade ou a mecânica do que sobre a nutrição”. A ciência da alimentação, para Madame Gouvion, deve ser aprendida pelas crianças nas escolas primárias e, para tanto, devem-se criar professores competentes. “Isto implica em que a nutrição seja reconhecida como disciplina aparte dentro das ciências biológicas.” Quanto a bebidas, afirma que um preceito do professor Gounelle devia ser incluído nas cartilhas: “A água é a única bebida indispensável”.

Terminada a leitura, Totonho exclamou para si mesmo: *Quelle emmerdeuse!*

Há algum tempo, o *Paris-Soir* fez uma *enquête* incômoda para a economia francesa e sobretudo parisiense: andou ouvindo gente contra a gorjeta. Houve protestos. Gente que recebe pelo *service* alegou não ganhar em salário o bastante para a abolição do *pourboire*; gente que cobra o *service* nas contas aventou que, ao contrário, deviam ser acrescidas de quinze por cento; gente que ilumina cadeiras nos cinemas e teatros lembrou que a supressão do *service* arredondaria demasiado os preços das localidades, o mesmo acontecendo com a abolição das gorjetas de vestiário. Gente dos *toilettes*, viúvas de guerra, *gueules cassées*, alegou que em cima, nos bares, haveria aumento do café e dos brioches, até para quem não usasse os serviços subterrâneos. Um bando de gente, sobretudo senhoras de certa idade, vive de gorjetas em Paris, terra das gorjetas. O estrangeiro imagina ser esse hábito alguma coisa de feio e vexatório. Não é. A maioria das pessoas que recebe gorjetas tem-nas como retribuição por um serviço, não como esmola. Não há humilhação em quem recebe, nem espontaneidade em quem dá. A gorjeta é uma paga — e quem não entender assim acaba saindo-se mal.

Acompanhei certa vez ao Louvre um bando de brasileirinhas alegres, curiosas, dessas a quem todos em redor perdoam o falar alto e o chilrear em sinfonia. São demasiado graciosas, cuidadas, espontâneas para que o parisiense, o povo mais ranzinza do mundo, tenha coragem de ranzinzar — de *rouspéter*. Em dado momento, envolveram o velho porteiro encarregado de abrir e fechar as portas para evitar o que mais teme o povo francês, *le courant d'air*. As brasileirinhas entraram como uma corrente de ar, festiva, embriagadora; o homem, calvo, gordinho, vermelho, desses que fazem tudo para parecer caricaturas de Daumier, estava buleversado. Desmanchou-se em informações, concordou em que a arara que se encontra no dedo do anão do *Naissance d'Henri IV* de Devéria devia ser uma arara brasileira, aconselhou obras, catálogos — tão estupendo foi o homenzinho que lhe empurrei na mão, disfarçadamente, uma notinha com o retrato de Victor Hugo, coisa cinco vezes maior do que a moedinha habitual. O velhinho amarrou a cara, apontou os rostos das meninas sorridentes e explicou, ofendido:

— *Je l'ai fait pour mon plaisir, Monsieur!*

Só agora vejo os riscos por que passei nessa ocasião — agora ao ler o sucedido com um turista americano num terraço de bar dos Champs-Élysées, numa dessas tardes frias e calmas em que é grato ver passar o mundo diante do mundo, do Triunfo à Concorde. De repente, os circunstantes escutaram uma exclamação furiosa:

— *Ça, alors!*

E tiveram tempo de ver o *garçon* fazer o que francês algum faz, a não ser para educar os filhos ou para provocar duelo: ergueu a mão e plantou-a na cara do freguês. Houve ao redor um levantar de cidadãos insultados, chamaram o *gardien de la paix* mais próximo; agressor e agredido seguiram para o Commissariat; escreveram-se declarações, abriu-se processo, o processo seguiu para a Justiça e a Justiça impôs ao *garçon* pena de um ano de prisão, com direito a *sursis*, por haver esbofeteado o próximo; e censurou o próximo pelo feio crime de ter dado a um *garçon*, para uma despesa de um franco e meio de cerveja, uma gorjeta de dez francos. Uma gorjeta é uma gorjeta, não uma munificência — ainda mais que, afirma o *garçon*, não era a primeira vez que aquele *ricain* lhe dava dez francos de gorjeta por uma cerveja de franco e meio! Que pensam que ele, *garçon*, era? Pobre, porém honrado, *pas un pédale, alors!*

A fauna domingueira da Place des Vosges se subdivide. Há sujeitos louros e damas cacarejantes, a descerem de ônibus de plexiglass com a Rolleyflex em punho, prontos para se immortalizarem diante do Pavillion du Roi e das trinta e seis fachadas com que Henrique IV forneceu aos nossos antepassados o joguinho de armar fachadas bonitas. Chegam. Mas logo depois das primeiras fotos descobrem a monotonia da arquitetura e tratam de meter-se por dentro do Coconnas, salvação dos turistas, filial do Tour d'Argent, onde é possível ver Marc Chagall ou Françoise Sagan comendo, e onde os *menus* são impressos como a servir de atestados de presença... Essa fauna pouco se importa se o guia declama as glórias da Praça: excelente mesmo é a *poule du Roi Henri* — a *poule* que o bom rei queria que todo burguês tivesse aos domingos na panela.

E lá está: na panela e nas mandíbulas de quem pode pagar quarenta francos por ela e mais do dobro pelo *Mouton-Rothschild*.

Existe a fauna infantil, a jogar futebol de suéter, luvas, calças compridas, cachecol e botas peludas em volta da estátua de Luís XIII sem lhe dar a menor importância. E tampouco sem se importar com a proibição de Richelieu, morador ali naquela janela, que interditou os duelos em Paris, os deliciosos duelos de d'Artagnan e de Cyrano, esses duelos onde a nobreza francesa ia desaparecendo... Pois foi debaixo da janela onde agora o goleiro engoliu um frango que Montmorency-Bouteville e Deschappelles resolverem terçar floretes com Bussy d'Amboise e o marquês de Beuvron, sob a barbicha autoritária de Richelieu. Resultado: Bussy morre, os outros fogem; Bouteville e Deschappelles são presos, Richelieu manda decapitá-los um pouco mais longe, na Place de Grève. Essa praça, hoje a do Hôtel de Ville, também tem suas gaiatices amáveis: ali se davam festas populares, entre as quais uma em que se suspendia um saco cheio de gatos num mastro, no centro duma fogueira — e tocava-se fogo à lenha. Um prazer, igual ao do esquiteamento, a roda, a decapitação a espada e a machado, tudo praticado conforme o crime e a qualidade do criminoso, a praça em cujo palácio, depois incendiado, Robespierre ao ser preso levou um tiro no queixo, de um soldado chamado Merda.

Voltemos à dos Vosges. Fauna mínima a dos pintores, pois a fauna compradora prefere as gravuras, de todas as fachadas, com todas as luzes, com todas as assinaturas.

A melhor fauna da praça é a dos fantasmas. Dali daquela porta escapava-se à noite o rei, o Vert Galant, para gozar Paris, ou ali entrava, sem nunca ali ter morado. Diante destas fachadas, por ocasião do casamento de Luís XIII com Ana d'Áustria e de sua irmã com o futuro Felipe IV de Espanha, houve esbórnia a valer: desfile de mil e trezentos cavaleiros, sopração de cento e cinquenta trombetas, oitenta oboés e mais sanfonas e violinos, enquanto quatro mil foguetes subiam do alto da vizinha Bastilha. Daí data a praça ter caído em moda. Era chique morar nesse quadrado cheio de equilíbrio e beleza. Era chique passear debaixo das arcadas... Ora, aqui no número 4 há um fantasma ilustre, o marquês de Favras, enforcado porque conspirou o rapto de Luís XVI. O número 6 é a

residência daquele marechal de Lavardin, que se encontrava dentro da carruagem de Henrique IV quando Ravaillac a invadiu, punhal em punho. Aqui morou o príncipe de Guéménée, e aqui morou Marion Delorme, bela entre as belas... Será que Totonho, que neste instante segura a mão de Rina, por cima da mesa do terraço do Coconnas, sabe disto? Aqui, dois séculos depois, os dedos de um gênio, aproximando-se de uma escrivaninha alta, de usar-se de pé, lançou no papel o nome do fantasma que o acariciava: *Marion Delorme*... Era Victor Hugo, em sua casa de fantasmas, amando seus fantasmas.

Aqui moraram dois poetas, ambos no segundo andar: Théophile Gautier e Alphonse Daudet, aquele mesmo Alphonse cuja descendência veio ligar-se, mais tarde, à dos Hugo, o que levaria o sangue do poeta carbonário a ser o sangue do *camelot du roi*. Duas casas adiante está a porta do marquês de Dangeau, que recebia os acadêmicos às terças-feiras. Como poderia imaginar que, século e meio depois, o vizinho do 12 seria três vezes recusado pelos sucessores de suas visitas, cujos nomes história alguma nunca registrou? Esta casa, como a de número 14, recebeu pinturas de Le Sueur, de Mignard, o retratista dos olhos cansados de Molière, que se podem ver em Chantilly e em Chartres. As pinturas do 14 lá se foram para o Musée Carnavalet.

O número 1 é o pavilhão real: o número 1 Bis deu nascimento a um dos maiores postos de expedição de correspondência do mundo: Madame de Sevigné, que contou em cartas para a filha toda a história de seu tempo — marquesa mais conhecida hoje pelos confeitos que se vendem para os batizados e pelas casas de chá. Ao número 5, propriedade do Marechal de Castelnau, compareciam duas figuras para um papo extraordinário: um falava por aforismos, outro por deduções, e ambos falavam de matemática, Pascal e Descartes. E não haverem inventado ainda o magnetofone e o microfone oculto! O número 7 era a residência de Sully; no 9 morou a imortal Rachel, judia nascida na Suíça, cantora de cafés vagabundos de Lyon, estudante do Conservatoire, e cuja voz e gestos ressuscitaram Racine e Corneille na Comédie. Morreu aos trinta e sete anos, a mesma idade de Marion Delorme. Adiante morava a marquesa de Rambouillet; e logo depois, se se abrissem as janelas, poder-se-ia ouvir um vozeirão tão glorioso quando o de Rachel: o de Bossuet, ensaiando o seu *Madame se meurt*,

Madame est morte. No 21 morava Richelieu, até ser nomeado ministro, quando tratou de construir o Palais de seu nome, deixado de herança a Luís XIII (o que batizou o edifício de Palais Royal). O número 23 foi residência de Marie Touchet, ex-amante de Carlos IX, e de sua filha Marie, amante do marechal de Bassompierre.

E agora voltemos depressa porque naquela janela, no segundo andar e através das árvores e através do vidro úmido, vejo um rosto familiar... Não, não: sem barbas, a testa alta, o queixo curto, quase parecido com Napoleão na mocidade... Conheço-o de outra imagem, sobre o rochedo de Guernesey, invectivando os homicidas da liberdade, como Daumier o pintou no desenho famoso, ao surgirem as *Contemplations*, um rosto barbado e hirsuto, revoltado como o mar da Mancha — o mar verde que Rodin prendeu no bronze torturado de Papa Hugo. Pobre homem órfão cômico de seu valor e querendo afirmá-lo para os demais, incrédulos e pasmos...

As escadas ilustres de Paris rangem ao peso de seus fantasmas. Estas escadas rangeram para Victor Hugo, que vinha buscar a paz, a paz não encontrada em sua França conturbada, enganada por aquela caricatura de Napoleão que ele ajudara a subir ao poder, acreditando ser um o fantasma do outro. Nada humilha mais o grande homem do que a vitória do medíocre que o engana; no entanto, essa humilhação faz parte de sua grandeza. Ali está a máscara do homem, por Daunot; é um fantasma com luz de carne; há os desenhos do poeta jovem, retalhos de paisagens fantasmagóricas onde pousaram seus olhos; e seus olhos ficaram ali, aqueles espantosos olhos capazes de captar uma realidade e transformá-la em desenho de letras, povoada por seres cotidianos que ele sabia engrandecer... Gavroche, Cosette são gente com que povoou Paris; Quasímodo passou entre as gárgulas da Notre-Dame; e quando aquela pena de pato trazia do tinteiro uma gota negra, podia pingar no papel um ai de criança ou um relâmpago. Victor Hugo morou em dez ou doze casas de Paris até na avenida que hoje tem seu nome; mas a casa do número 6 se anima de toda a sua vida, a da metrópole e a do rochedo, a infância em Besançon e a velhice na Etoile. Sente-se ali o milagre de que foi capaz como ninguém, o de inventar gente de papel e tinta que se tornava carne e osso, o de reconstruir os esgotos de Paris, o Pátio dos Milagres, o alto da Igreja, as barricadas, as

ruelas do Marais, tudo cheio de sua gente; e essa gente o foi buscar e o levou nos ombros, no centro da praça; e o carregou e o velou debaixo do Arco; e deitou o seu fantasma e os seus ossos em todas as estantes. Lá está, na estante de Totonho Rarmalho, que o declamava quando moço e agora nem sabe que o seu fantasma está ali; só os olhos de Rina. Ele toma as mãos dela, por cima da mesa:

— *Je t'aime, Rina...*

— *Sois sage.*

No seu francês frouxo, ele contou então o que encontrou entre os papéis guardados na Samambaia, num velho número do *Journal illustré*, de 1887, onde se contava que, dez anos antes, o Imperador do Brasil, visitando Paris, não escondeu o desejo de conhecer Victor Hugo e, rompendo a etiqueta, lá se foi, *sans chambelain ni maître de cérémonies*, bater à porta do poeta.

— *Monsieur Victor Hugo, rassurez-moi, je suis un peu timide...*

Victor Hugo fê-lo sentar-se a seu lado.

— *Un fauteuil partagé avec Victor Hugo, c'est la première fois que ça me fait l'effet d'un trône.*

Falando de outros soberanos, o imperador pediu a Papa Hugo que não desdenhasse de seus colegas reais, tão cercados, enganados que não podem ter idéias...

— *Vous êtes unique...* — disse o republicano.

Dom Pedro pediu que o poeta lhe apresentasse a neta, para quem escrevera *L'art d'être grand-père*. Vieram os netos.

— *Jeanne, je vous présente l'empereur du Brésil.*

— *Voulez-vous m'embrasser, mademoiselle?*

A menina enlaçou-se em seu pescoço.

— *Est-ce que tu voudrais te donner le luxe d'étrangler un empereur?* — brincou o avô. — *Sire, j'ai l'honneur de présenter mon petit-fils Georges à Votre Majesté.*

Dom Pedro voltou-se para o menino:

— *Mon enfant, il n'y a ici qu'une majesté: la voici.* — e apontou para Victor Hugo.

O poeta ofereceu o *Art d'être grand-père* ao visitante, colocando a dedicatória: "*À Dom Pedro de Alcantara, Victor Hugo*". Contou-lhe como vivia, desde a hora de levantar-se, o trabalho, o passeio de "omnibus", que acreditava que um imperador não pudesse fazer.

— *Pourquoi pas? Cela me conviendrait parfaitement, l'impériale!*

E lhe disse que reinava sobre um povo jovem, sobre o qual exercia o direito de esclarecer, de melhorar. Corrigiu-se:

— *Pardon, je n'ai pas de droits; je veux dire le pouvoir que je tiens des hasards de la fortune et de la naissance.*

— *Sire* — disse Victor Hugo — *vous êtes un grand citoyen; vous êtes le petit-fils de Marc-Aurèle.*

Despediram-se. Dez anos depois, Dom Pedro visitava novamente Victor Hugo; o Império francês caíra, era a República, o poeta estava, para sempre, no Panthéon.

— Foram as únicas visitas que algum chefe de Estado brasileiro fez a algum poeta — comentou Totonho ao fim da narrativa. — O curioso é que meu pai era republicano; eu também sou, mas sinto uma curiosa atração por Pedro II. Vou escrever sobre ele, na *Révue*.

Rina olhou-o, Totonho estava comovido. Rina afagou-lhe a mão:

— *Tu es un drôle d'enfant.*

— *Je t'aime, Rina.*

— *Sois sage, Tonton.*

A emoção de Totonho não era dedicada apenas ao Imperador e a Rina, ao Imperador que morreu em Paris, na Rue de l'Arcade, num hotel modesto; a Rina, a quem o republicano seria capaz de entregar seu império; mas também porque aproximava da figura do Imperador o seu chefe político, que se exilara em Paris, barbado como Dom Pedro, barbado como ele próprio depois de 1932, o ex-presidente Washington Luís, que ele também gostaria de exaltar como um outro neto de Marco Aurélio. Mas isto seria difícil de explicar a Rina. Talvez, mais tarde, quando ela abrisse os salões da Alameda Pamplona. Por enquanto, contentou-se com levá-la ao Hotel Bedford e amá-la no quarto que morreu Dom Pedro II; e ao Hotel Vernet, e amá-la no quarto em que viveu exilado Washington Luís.

Além da Grande Armée fica o único pedaço de Paris que Totonho odeia: a Défense.

— Não é mais Paris: é uma infame imitação de New York! Há duas cidades que nunca deveriam ter arranha-céus: Paris e Campinas!

Os ódios de Totonho se concentram naquilo que não pertence ao seu passado e à sua saudade: os balcões de fórmica que substituíram os de zinco, os *hot dogs*, os *drugstores*, a coca-cola, o *franglais*...

— Paris se atola em americanismos, mais do que qualquer cidade brasileira.

O gelo com água, a mostarda americana, e o *ketsup* na *cuisine*, a *girl*, o *strip-tease* em vez do nu artístico... Totonho se arrepia à imagem daquela *girl* que substituiu a mulher de sua mocidade, a *midinette*, a *garçonne* de cabelos cortados *à la homme*, a do cigarro de longa piteira; seu sonho procura a *jolie môme*, a *Nini peau d' chien*, a Valentine Chevalier, a atriz como a Réjane (não essas "do cinema, que só representam deitadas"), a Damia, a Yvonne Printemps... A Paris transformada, com o paredão da Gare Montparnasse à guisa de edifício a obstruir o horizonte, e esses novos paredões de vidro e alumínio nascendo fantasmagoricamente atrás do Arco do Triunfo... Não podia compreender que não é Paris que se transforma, mas as pessoas, que já não se encontram a si mesmas na sua Paris; por isso mesmo, Rina, com seus *v'oui, v'oui*, os *tiens!*, os *hé bens!*, a sinceridade do braço passado no seu, o olhar úmido e profundo no seu, a boca em momice infantil para pedir e agradecer, a festa de carícias às exclamações de *mon Tonton!*, a coragem de com ele aparecer em público, lhe devolvia um passado e o tornava presente, vivo e perturbador — apenas toldado por uma preocupação: o dia de levar Veva de volta ao Brasil.

— *Que vas-tu faire, Tonton?*

Coçava a cabeça, cofiava o bigode... Se pudesse despachar Veva com Luciana... Se pudesse convencer os médicos da possibilidade de transportar a esposa — e se os médicos pudessem convencer disto os parentes de São Paulo... Sentia que, após o primeiro emissário, a neta, viriam outros para bisbilhotar; talvez já estivessem em Paris; talvez já andassem mexendo advogados para interditá-lo, para pôr termo "àquela loucura".

— Papai está de miolo mole! — dizia a filha nos salões do Jardim América.

— Enlouqueceu completamente! — dizia o filho no Jockey Club.

— Sempre foi assim! — afirmavam os Pereira Rego, em coro.

Lévy, o solícito procurador, veio primeiro com conselhos de discrição, de comedimento, por causa das más línguas e por causa da saúde; com reticências que pareciam ameaças sopradas pelos parentes... Não, em lugar de comedimento, deveria mostrar a todos a missão que o destino lhe reservara, de corrigir a idéia que os franceses faziam dos brasileiros, e fazê-lo graças à revista; enquanto lhe sobrassem forças — porque dólares não faltavam! — levaria avante o plano — e ninguém se metesse com sua vida particular. Para demonstrar a decisão patriótica, marcaria a criação da revista com uma grande recepção, de abalar a nata da literatura e da inteligência francesas. Quando em São Paulo soubessem que o Ministre de la Culture, o de l'Education, os Académiciens, os Messieurs du Goncourt, alguns notáveis Sorbonnards, os editores de jornais e livros tinham estado nessa festa de cultura e civismo, a onda de maledicência e as ameaças desapareceriam. A *Légion d'Honneur* viria; e o próprio governo, ao sabê-lo, através de uma condecoração nacional atestaria a sua lucidez e o seu patriotismo. Para tanto, precisava contar com o embaixador, que enviaria ao Brasil a notícia da espontânea atuação intelectual do ilustre paulista; o diabo é que a embaixatriz sempre se mostrara amiga de Veva, poderia estranhar sua recepção com a esposa enferma, poderia mesmo desaconselhá-la ou sabotá-la... Moreira Telles se encarregaria de contornar as resistências de Dona Belinha, distribuidora de piadas *tous azimuths* (como ele dizia).

— Um azar, meu caro Antônio. Certas princesas daqui aceitam comparecer a uma recepção, mediante um pequeno *cadeau*, um cheque ao portador destinado aos Petits Lits Blancs ou a qualquer outra instituição beneficente. Mas nós ainda não temos tais requintes. Mande-lhe uma jóia, como lembrança de sua amiga. Uma jóia antiga. Calha bem.

— Você acha?

Seguiu a jóia, do Jansen, com flores e um cartão: “Sei que Veva gostaria que sua amiga querida usasse este pequeno enfeite de estimação”.

— Meu caro Moreira Telles, pela primeira vez na vida dou uma jóia a uma sexagenária que não é, não foi e nem será minha mulher!

Quando a embaixatriz, encantada, telefonou, desmanchando-se em desculpas e pedindo notícias de sua querida Veva — estava dado o sinal de partida para a recepção. Convocaram-se correspondentes de imprensa, que trataram de mandar ao Brasil comunicados sobre a revista; vieram de volta ofertas de colaboração, de belettristas sequiosos de ampliar suas glórias municipais; instituições literárias aprovaram votos de louvor; o embaixador prometeu redigir um artigo de apresentação, “contanto que a matéria da revista fosse conveniente, e não dessas patacoadas que *Le Monde* publica a nosso respeito”... A primeira colaboração espontânea ofereceu-a um acadêmico, em carta em letrinha redonda, a lembrar que a Cúpola Brasileira não podia estar ausente, e que ele uma vez tivera o prazer de saudar o ínclito patrício na ante-sala do Ministro da Fazenda. Multiplicavam-se as traduções, as discussões — e as visitas de brasileiros e franceses, sempre regadas a *Chigny-des-Roses* e *Dom Pérignon*, que Monsieur Pétrissans fornecia às caixas e Pilar via desaparecer nas goelas dos freqüentadores do 14 Tilsitt.

Inerte no quarto branco, Veva olhava o vazio e repetia: “Eu quero morrer... eu quero morrer...” A enfermeira afagava-lhe a mão pendida e consolava:

— *Ça va, ça va... vieille poule!*

DO CADERNO DE NOTAS DE MOREIRA TELLES

De todas as mulheres de Paris, a Gioconda é a mais cara. Dizem que era homem, um *bel ragazzo*, ao qual Da Vinci roubou o sorriso imortal. E o esboço que se pode ver no Château de Chantilly parece confirmar a suspeita, de tão efebo que torna a Mona Lisa. Olhá-la no Louvre custa cinquenta centimos nos dias úteis. É grátis aos domingos. Seu seguro elevou-se a milhões para atravessar o Atlântico, ser apresentada ao Presidente Kennedy, recolher dólares na Exposição de New York. Darryl Zanuck quase a contratou. No palácio real, onde mora

de novo (apesar de ter sido uma vez raptada por um Arsène Lupin medíocre), desfilam diariamente milhares de pessoas para vê-la. Passam desabaladamente pela sala de arte assíria, pelas pedras do Ammurabi, pelas cabeças de deuses e filósofos; nem olham para o vôo da Vitória, deixam para depois a Vênus, ignoram a imponência dos retratos de Philippe de Champaigne. Vão direto a ela, pasmam ou fazem que, dizem-lhe uma banalidade, uma tolice metida a espírito e, dever cumprido, regressam a Dallas ou a São Marcos do Sapucaí — depois de marcarem um tico de visto no *Masterpieces of the World for Everybody* ou no *Maravilhas do Universo*.

Everybody adora a Gioconda. Também olho o seu olho atravessado, olho de quem espera outra pessoa que vem por outra porta; olho a sua pele quase ocre, previsão do *Italian style* de maquilagem, pele que o tempo fendeu em pequenas gretas; e os seus cabelos desabados, cheios no alto, repartidos e como seguros por uma rede, e caídos em caracóis desfeitos sobre as espáduas; e o sombrio pescoço, novamente ocre até o início do talvegue, de um seio mais apetitoso ao *gourmand* que ao *gourmet* de hoje; e o peplo de hábeis dobras marrons, a deixar de fora só as doces mãos provavelmente acariciadoras das barbas de Da Vinci; e o fundo, a paisagem de escarpas e rios sob um céu azinhavrado de tempestade. Trato de mirar-lhe o sorriso, como é de praxe, o glorificado sorriso onde se descobriram irônicas promessas de amor, negações de assentimento, zombaria de quem ouve precisamente as tolices que lhe dizem, resignação ante as mesmas tolices, indiferença diante da multidão de admiradores. Vou dizer uma barbaridade, com o direito que me assiste de julgar essa dona intrigante e má: não gosto da Gioconda. Não o digo para situar-me em posição de original ou de pedante: não gosto dessa mulher por causa do seu ar pimpão, ar de quem sabe estar posando para Leonardo da Vinci. Há, da pintura para o espectador, do modelo para o pintor, do pintor para o retrato, um não sei quê de desafio, espécie de capelinha em que todos decidem ser formidáveis: Mona Lisa, Leonardo, visitante, turista. Gostaria que essa dama fosse mais modesta e, em vez do sorriso, lhe caísse o queixo, por se saber tão bem retratada e por quem; gostaria que o Gênio, ao ver a debochada comissura, furasse um olho da tela com o pincel. Descubro também em seus olhos certa miopia, do gênero que algumas senhoras usam para criar mis-

tério; e me vêm ganas de desenhar-lhe óculos, a lápis. Recordo a caricatura americana que a pôs diante do Mestre, posando, o quadro já na última pincelada, no momento em que ele pede, como profissional do lambe-lambe: "Agora dê um risinho".

Não posso colocar-lhe os óculos: Mona Lisa traz, no verso da reprodução que corre mundo, o aviso: "Toda a modificação, transformação ou alteração (de qualquer maneira e por qualquer processo) da presente reprodução realizada pelos Estabelecimentos Braun & Cia. é formalmente interdita e provocará processo judicial contra seus autores". No entanto, nenhuma outra pintura sofreu até os nossos dias tantos vexames, tantas pilhérias, tantas caricaturas. Nos cinemas de Paris, inundados de filmes de publicidade comercial, há um que mostra a Gioconda em plenas cores, com o famoso sorriso; de repente seus lábios se abrem e ela fala: "Para despertar um belo sorriso, ofereça os caramelos marca tal..." E suas suaves mãos se desdobram e empunham para a platéia o pacotinho de caramelos.

Mas isto é pecado vulgar contra a Dama. Vingança mesmo dos que não gostam da Gioconda (ou desejam popularidade e escândalo graças a ela), está na Galerie Mathias Fels. Vingança e consagração, sucesso crescente desde que Marcel Duchamp a pintou com uns belos bigodes. Lá estão a Gioconda Motociclista, de Augé; a Gioconda Pára-Brisas, de Léa Lublin, com limpador de pára-brisas e esguicho d'água; a Gioconda Puzzle, de Del'Pezzo; a Gioconda Comestível, de Jan Voss; o Cão de Sorriso Giocondesco, de Ferro; e o mais sinistro de todos os quadros, a Gioconda Centenária, de Baj, uma velha encarquilhada, impertigada, solene, velha de romance que persegue meninas casadouras, e circundada de medalhas, inclusive a *Légion d'Honneur*. Há ainda a Gioconda de Gnoli, de costas para o espectador; a de Filliou, em que Mona Lisa se torna porteira; a de Biasi e Lurdes Castro, quadro em que a Gioconda se foi embora, restando apenas a paisagem... Tanto êxito alcança a exposição que foi filmada em documentário e apresentada nos cinemas da Champs-Élysées, como complemento do filme *Juliette des esprits* de Fellini; e ali a melhor de todas as Giocondas é Giulietta Massina, criação de Fellini, esse Da Vinci.

Defronte do Tabac de l'Étoile, vislumbrado da janela do 14 Tilsitt, por entre os gerânios, Rina, Luciana e Jérôme, preenchendo envelopes dos convites da recepção, vêem um espanhol que descarregou o violão na testa dum desafeto. Grave crime, mesmo para espanhóis. Manda a etiqueta parisiense que se brigue apenas de dedo apontado no nariz do adversário, sem tocá-lo; e assim os contendores lembram D'Artagnans a se darem estocadas de insultos — e ganha quem deitar o melhor insulto ou ferir melhor a dignidade do próximo naquilo que o francês mais teme, o *ridicule* — e sem intervenção da polícia. Em tais momentos, o *flic* assiste e catalisa. Segundo Rina, assim se insultam, numa língua que não cultiva o grosso e redondo palavrão:

— *On voit bien que vous n'avez pas connu votre cher père!*

— *Et celui qui dit ça a l'audace de porter la Légion d'Honneur!*

— *C'est au Lycée Henri IV que vous avez appris tant de sottises?*

— *Oui, je suis un ancien combattant! Et je me suis battu pour que vous me foutez la paix!*

— *Oui, cocu, mais divorcé! Et toi?*

— *Vous êtes un plagiaire qui plagie même l'inédit!*

— *Et penser que le Général a sauvé un tel français!*

— *Un bel argument en faveur du contrôle de la natalité?*

Mais, vous même, mon cher!

— *Tu n'es qu'un champion olympique de natation dans la merde!*

Que contorsões de espírito para dizer o que o brasileiro diz vernáculo e sucintamente com palavras duras como pedradas! Ou os espanhóis da Avenue Wagram, que desenham um insulto como uma verbena de tourada, uma bandeirilha de sílabas, a merecerem um “Olé!” Agora o espanholzinho de costeletas fofas vai sendo levado pelo braço: o *flic* que o acompanha, orgulhoso de o chamarem de *gardien de la paix*, tenta enxugar o sangue que escorre da testa do preso; mas o ibérico repele a ajuda e desfila entre os compatriotas como se viesse de Lepanto. E continua a invectivar contra a *porca madre* do guitarrista — o qual também se considera preso e vitorioso, e vai ao lado da vítima, arrastando os restos do violão ataviado em fitas.

Haveria um ensaio a escrever, por algum erudito, homem do povo e filólogo, leitor de clássicos e de grafites de mictórios, com a ajuda de um cão: a “Sociologia do Insulto”. Como se insultam os sumérios, os egípcios e por quê? Qual o primeiro insulto? Da boca do Senhor, do Anjo, de Adão, de Eva, de Abel, de Caim? Como, em plena batalha, Homero desfia hexâmetros de insultos ditos por Diomedes e Aquiles contra os troianos e vice-versa, transformando o verso sujo em epopéia? E que dizer do fenômeno místico pelo qual o nome de Deus passa a secreto, de tabu a blasfêmia, de pecado a injúria? Como teriam os ingleses chegado ao *By Jove!*, ao *Christ!*, e os italianos ao *Dio cane!* e à *Porca Madonna*? E que mistérios da alma levaram palavras nobres a se tornarem pejorativas, a ponto de se dizer infernal o sublime, bárbaro o requintado, barato o caro — ou quando o homem elogia o amigo batendo-lhe nas costas e exclamando que sua mãe não é honesta? Como é que a palavra escatológica se torna pontuação, pocha, pô, ou interjeição, *merde*? E porque, em romeno popular, a mais suave carícia para a qual um homem pede consentimento a uma mulher, carícia como se limpasse a bundinha dum recém-nascido, se diz assim: *Ti vuol smerdá...?*

O pesquisador teria de mergulhar na etimologia, penetrar fonemas de tribos primitivas, remexer autos de processos onde a palavra teve como revide um crime, e anais parlamentares onde suspendeu a sessão, e a História, onde guerreiros consagraram a pátria com um punhado de excremento na boca, e a Literatura, e o Teatro Nobre, e o teatro vulgar onde o autor escreve as iniciais N... d... D...! e o ator profere a praga fatalmente hilariante...

Lá vão os dois espanhóis, um sangrando e agarrado, porque ferido e enfurecido, outro quieto e vingado, ostentando, desmantelado, o seu tacape lírico; mas ambos ainda se entre-dizendo coisas que o policial de Feydeau não entende no idioma de Cervantes. Como aprenderam, em criança, que tais palavras enodoam; como as cultivaram, na rua, na escola; como as treinaram, repetindo-as no banheiro, até as transformarem em didascálias numa espécie de subnecessidade fisiológica; e como as levaram um dia à polêmica literária ou à mesa de álcool? Os dois espanhoizinhos vão desaparecendo atrás da Place de Ternes, prisioneiros mas desafogados. Cada um lavou a própria alma. atirando na do outro o que a imundiçava. Exa-

tamente como seus antepassados, para humilhar o maometano dominador, polígamo e sodomizador de prisioneiros cristãos, gritavam-lhe o supremo insulto de *macho*: *Hodo a tu Diós!* Que relação há entre os conceitos de honra, brio, corpo imaculado e fechado, dignidade e as espantosas invenções verbais para demoli-los? O *garçon* do Le Tilsitt, também espanhol, também presente ao entrevero, conta a cena a um grupo curioso: um dos espanhóis, comunista, chamou o outro de chagal imperialista; o outro, devoto de San Tiago de Compostella, revidou afirmando que o contendor era uma hiena revisionista. Como chegam a tamanha baixeza as hienas e os chagais? Mas se a consciência é uma secreção da matéria (para o comunista) e se o homem deve estender a outra face à bofetada (atitude do cristão), que ofensa há em ser chamado de chagal ou de hiena, se um determinismo não deu melhor sorte à hiena e ao chagal, e se o livre arbítrio permite que chagal e hiena perdoem o semelhante? Que diabo de materialismo é esse, que se indigna quando alguém diz uma asneira como essa de chamá-lo de chagal ou hiena? E que diabo de devoção é essa, que lança contra o semelhante a injúria de sua baixa origem, cuja humildade pode levar o crente ao céu? Urge que se escreva uma Sociologia do Insulto, pensava Jérôme Bonnefoi, tantas vezes chamado de negro, como seus irmãos eram cachorros.

CAPÍTULO

3

As últimas páginas das biografias sempre me meteram medo.

MOREIRA TELLES

Messieurs Bandeira et Bezerra! — anunciou enfaticamente o *huissier*, lendo os nomes nos convites.

Ante a pronúncia, com a acentuação na última sílaba de cada nome, os franceses se voltaram, de olhos arregalados.

— *Çà, c'est du propre!*

— *Ils exagèrent, ces brésiliens!*

— *Avez-vous entendu leurs noms? Nous sommes en plein vaudeville!* — cochichou alguém.

O Coronel Ramalho estendeu a mão a cada um dos recém-chegados, que logo se dirigiram também à Embaixatriz, ao Embaixador, a Moreira Telles.

E dizer-se que quase não se realizava a recepção! Quatro dias antes, já distribuídos os convites, assentado o cerimonial e o serviço com os eficientes Rossell, a voz de Madame Teixeira clangorou no telefone:

— Primo Totonho? Imagine, que desgraça!

— Qual, prima?

Totonho esperava várias. Seu coração zabumbou.

— O Cavallaro! O nosso grande Cavallaro!

O Cavallaro? Que Cavallaro? Que grande Cavallaro? Pois o único, o pintor, o famoso! E a prima cacarejou os pormenores, de arrepiar: Cavallaro sentiu qualquer coisa na garganta, os médicos decidiram fazer uma biópsia, mandaram-no para uma clínica lá para os lados da Rue de la Trinité, imagine!

— Uma clínica sem recursos, clínica de pequenos socorros! Cavallaro internou-se, recomendaram que não bebesse álcool, por uns três dias, para não complicar a anestesia geral. E ele teve um espasmo! E a clínica, imagine!, não dispunha nem ao menos de balões de oxigênio! E Cavallaro morreu sufocado! Já contei ao Moreira Telles! Sabe o que foi que ele me disse? “É por estas e outras que a medicina francesa não ganha um Prêmio Nobel há mais de trinta anos!” Que horror, primo!

O coração do coronel batia, quase explodia no peito... Não podia deixar de ir ao enterro... Afinal, comprara alguns quadros de Cavallaro...

— Quando é o enterro?

— De hoje a três dias.

— De hoje a três dias? Na véspera da minha festa?

— Aqui é assim. O morto espera até que o médico do Commissariat mande enterrar. Enquanto isto, colocam saquinhos de gelo em volta.

Moreira Telles explicou depois: uma velha determinação legal, para evitar enterros de gente ainda viva. Os amigos compareceram juntos à clínica, onde se gruparam uns raros brasileiros e franceses amigos do pintor. O corpo, acinzentado e violáceo, jazia na saleta do porão da clínica, em cuja porta, do lado de fora, havia uma chave pendurada. Quem quisesse visitá-lo, bastaria tomar a chave, abrir a porta. Mas o pequeno grupo preferia espalhar-se no jardim, à espera do *corbillard* e dos *croque-morts*. O coronel ficou por ali, longe do morto. Os amigos franceses se encarregaram de tudo; o embaixador, quando lhe lembraram que o corpo de Cavallaro devia ser mandado para o Brasil, coçou a cabeça, afirmou que o governo não arcaria com as despesas e ele próprio não estava em condições de adiantar dinheiro... Gostaria de fazê-lo, porque até ganhou dois quadros do patrício... Mas não po-

dia, absolutamente não podia... Totonho prontificou-se, oferecendo seus préstimos ao ouvido do embaixador.

— Aprecio muito o seu gesto, meu caro. Mas deixemos isto. Já assentaram o enterro... O senhor já imaginou a maçada do embalsamamento, a estripação do cadáver? Além disso há outros problemas: essa história do espasmo, da falta do oxigênio... Se alguém acusar os médicos, poderão sugerir uma autópsia, e olha a embaixada enrascada! Haverá uma missa de corpo presente, o enterro, nada de discursos...

Os convidados à festa de Totonho estavam na missa, no cortejo, circunspectos, comentando a tristeza da sorte do pintor, agora que o consagravam. Alguns sussurravam que o valor dos seus quadros subiria no Brasil. No seu *atelier* havia vários óleos sem assinatura, e coube ao cônsul autenticá-los e lacrá-los, para ficarem sob a guarda do juiz, até que decidisse o destino da herança, a ser em grande parte consumida pelos impostos franceses... Na igreja, os acompanhantes se arrumavam de acordo com as ordens de um camareiro, à frente do altar se eram importantes, no fundo da nave se não tinham títulos. Em seguida, o corpo partiu, seguido de automóveis velozes até o cemitério ensombreado de árvores. Esta maçada vai estragar a minha festa! — pensava Totonho. Mas teve a certeza de que isto não aconteceria quando o embaixador se despediu e lhe apertou a mão, afirmando:

— Amanhã estamos lá, meu caro!

E um outro pensamento relampejou, logo repellido com decência, ao ver baixar à sepultura o corpo do pintor: “Bem que podia ter sido Veva!” Para apagar a crueldade, decidiu ir visitá-la e até levar-lhe flores, mesmo sabendo que o gesto não lhe causaria nenhum abalo. Mas ficou, no fundo de sua alma, bruxuleante como uma velazinha que vento algum da consciência apagaria, um farrapo de sonho, uma nova vida ao lado de Rina, vida deslumbrante, fim de vida apoteótica: amado, condecorado, glorificado... Bento precisava ver tudo isso!

Seu coração batia como um tam-tam de tribo.

O pintor Antônio Bandeira e o diplomata Bezerra de Menezes apertaram-lhe a mão, a da embaixatriz, do embaixador

e se misturaram aos primeiros convidados na sala a tinir de reverberações dos candelabros e dos espelhos, por entre rosas vermelhas multiplicadas ao infinito.

Embaixo, no saguão da *porte-cochère*, a organização Rossell improvisara um vestiário, com longos cabides e uma dama uniformizada a pendurar os agasalhos e distribuir etiquetas numeradas aos convidados. Como o elevador além de arcaico era exíguo, alguns subiam as escadas. À porta do apartamento, um *huissier* encasacado e ornado de colar de prata recolhia os convites onde lia os nomes, ou perguntava discretamente, para anunciar com voz audível:

— *Monsieur et Madame la Marquise de Beauregard! Monsieur le Ministre de l'Éducation de Nicaragua et Madame Somoza y Somoza! Monsieur le Secrétaire Jean Dumont!*

O Secrétaire Dumont saudou o Coronel Ramalho e lhe comunicou que representava o Ministre de la Culture, infelizmente ausente em razão de outros compromissos.

— *Madame Bourdillon! Son Excellence l'Ambassadeur Moreira Telles!*

Rina surgiu, ao lado de Moreira Telles; e sua presença eletrizou os cristais, que por sua vez eletrizaram os olhares. Totonho precipitou-se, já esquecido de que o Ministro da Cultura não viria; e viu-a — oh, céus! — desvencilhar-se de um *manteau* e de um *manchon* feitos de pêlo de onça, o que levou Totonho a beijar-lhe ambas as mãos, sussurrando:

— *Merci, merci, merci...*

Porque ela poderia ter deixado o agasalho embaixo, no vestiário improvisado, mas preferia ostentá-lo como uma homenagem. Nada mais requintadamente francês, pensou Totonho, como faziam as grandes favoritas nos bailes de Versailles quando se enfeitavam com um raio do Rei-Sol. De dentro da onça ela desabrochou o colo, os ombros, a silhueta sob uma arquitetura de vidrilhos e plumas negras de Balenciaga; e uma nova auréola de seu perfume expandiu-se tanto que Moreira Telles encastou no olho o monóculo num gesto soberbo. Totonho apresentou-a aos embaixadores como redatora principal da futura revista. Rina mereceu um olhar escandalizado da embaixatriz, que nem por isso deixou de lhe invejar o decote. Moreira Telles, de *chevalier servant*, capitalizava as miradas de inveja e as transferia, com um sorriso, para o amigo Totonho.

— *Le colonel est tombé sous les griffes d'un ocelot français* — comentou um invejoso.

— *Est-ce qu'il y aura une plus glorieuse destinée?* — retrucou outro.

Do fundo do corredor surgiu Luciana em *blue jeans* e sandálias, a leve camisa vermelha voando sobre os cós das calças. Rina percebeu a irritação do coronel, provocada pelo traje desapropriado da neta; mas, antes que ele o demonstrasse, sussurrou-lhe ao ouvido:

— *Voyons, mon ami! Sois sage!*

E Beauregard, envolvendo Luciana numa gula que o nome confirmava, proclamou, com os olhos erguidos e os lábios em bico, que ela estava linda, absolutamente linda, perturbadoramente linda, um turbilhão de beleza como só as brasileiras sabem ser! Isto dito assim, em voz alta, no meio de um salão, por um experiente parisiense de cabelos ondulados e flor nascente na lapela, era uma consagração graças à qual Luciana já poderia merecer citação nos noticiários de correspondentes de jornais do Rio e São Paulo; e, para os franceses ao redor, tanto significaria a extrema cortesia francesa como a pitada de ironia condescendente. Esse jogo, Beauregard sabia jogá-lo com destreza quase sublime: era capaz de exclamar para o escritor:

— *J'ai lu votre bouquin! Superbe!*

E o *superbe* soava em volta dele aos ouvidos franceses como uma agulhada molieresca e ia aos ouvidos brasileiros como um ingresso nas edições La Pleiade. A um deles conferiu:

— *Vous êtes un consacré!*

A frase o imortalizou no Institut de France e grudou-se no apelado como uma tatuagem.

Luciana, sabedora das regras do jogo da ironia, falou para o avô, num português alto para quem quisesse entender:

— Eu queria que metade desse elogio fosse dito por um cara com a metade da idade desse careta!

E salpicou dois beijos nas faces de Beauregard, que suou de prazer como se estivesse sendo condecorado por De Gaulle.

— *Leurs Altesses Olga et Teodora Troubetzkova!*

Por que não? Uma idéia respeitável de Totonho: salpicar em sua festa uns nomes impressionantes, como outrora os embaixadores brasileiros faziam com a Princesse Bibesco e mais

recentemente com o Conde de Tolstoi: chamar as vizinhas do *entresol*, fazê-las sair de suas vidazinhas de meio pão com manteiga e meia vela para ícone, arrastá-las com seus bastões e suas rendas azedas, seus camafeus iguais e seus cabelos de cotão, circulá-las como verdadeiras parentas de Nicolau Segundo, aí estava com que embasbacar vários franceses — e o que levaria vários brasileiros a beijar-lhes as *mitaines* fedendo a miço de gato. Realmente, todos se precipitaram para beijar os ossos daquelas relíquias e conduzi-las a um sofá onde pousaram como frágeis antiguidades. Para elas se lançou o Conde Serge Tolstoi, também convidado para dar à reunião um transiberiano aspecto cultural. Mas, a fim de conseguir o estupefaciente presença das grã-duquesas, o coronel teve de empregar especial talento diplomático, passando duas notas de cem francos à prima Ludmilla para que esta convencesse as locatárias a saírem da toca. Devidamente instruída, Ludmilla cobrou preço mais alto:

— *Et moi, tu ne m'invites pas, papa?*

Totonho remexeu-se dentro de si mesmo. Devia ter consultado o experiente Moreira Telles mas agora o mal estava feito... Como não? Convidaria, sim! Isto até dava um ar eclético à recepção! Com duas condições!

— *Lesquelles, papa?*

Primeira: nada de o chamar de tu diante das outras pessoas. *D'accord*. Segunda: nada de nomes feios e gírias francesas. *D'accord*. *D'accord*, em termos: Ludmilla também tinha condições: vestido e sapatos novos. *D'accord*. Totonho, generoso, deu-lhe mais: um perfume capaz de suavizar-lhe as peludas axilas eslavas. Pediu-lhe também que cuidasse das velhinhas, durante o sarau. *D'accord*.

E Ludmilla Popova foi anunciada, contemplada, avançou para a respeitosa saudação de Totonho, do embaixador, do Conde de Tolstoi, o *comantalevú* de Belinha, todos encantados com as profundas olheiras, a voz de contralto, os cabelos lisos abertos ao meio, as pernas promissoras da Rainha da Avenue Wagram. Quanto aos seus patrícios do sexto andar, o coronel decidiu ignorá-los, por temer o avanço de toda uma equipe

socialista nas bandejas dos *garçons*. Não esqueceu entretanto os Yoyo, embaixador e embaixatriz do nosso país irmão, para dar uma pinturesca atmosfera à sala. Jérôme Bonnefoi, encarregado de levar o convite, explicou a Son Excellence: tratava-se de uma recepção a caráter, e por isso deviam vestir suas roupas de gala nacionais, turbantes, panos da costa, batas, tão próximos dos trajes da Bahia. E assim desceram, o embaixador inaugurando óculos de aro de ouro, mais condizentes com a vestimenta, a embaixatriz ataviada numa túnica branca e emplumada de fazer inveja a Zizi Jeanmaire. O Embaixador Yoyo iluminou os óculos ao ver o embaixador brasileiro; já se conheciam, houve uma saudação efusiva, entretratando-se de *chers collègues*, para indignação de Madame Teixeira, que explodiu para um dos adidos militares:

— Isto está virando baile do High Life!

Exagero... Quando surgiu o presidente do Banco da Colômbia, homem poderoso com quem o Banco Pereira Rego, de São Paulo, tinha transações cafeeiras mediante as quais os dois cafés conquistavam igualmente mercados, Madame Teixeira compreendeu a força do primo e resolveu explicar à Embaixatriz Yoyo a origem dos nossos balangandãs. Pormenorizadamente, em francês cultivado, as figas, os amuletos, os fetiches, embora a Embaixatriz Yoyo só falasse umbunda. Mas a festiva presença do casal assegurava um encanto novo, que Moreira Telles comentava:

— A impressão é como dos nossos índios diante de Catarina de Médicis!

E corrigindo-se:

— Falta o inédito. O General De Gaulle já teve maiores alegrias, no Brasil.

— *Il y a plus de quarante ans que je ne bois du champagne!*
— confessou uma das grã-duquesas.

A última vez ainda foi para brindar o governo Kerensky.

— *Le Colonel Albert Julien!*

O coronel precipitou-se, fungando o ar. Quase mudou de direção ao ver o *garçon* cruzar em sua órbita. Tinha, porém, uma surpresa, que comunicara ao Moreira Telles, por prudência. Depois de cumprimentar Totonho, os embaixadores, Luciana, Rina, voltou à porta e reentrou seguido de oito negros fugidos de desenhos de Debret. E explicou: sua organização de espetáculos contratara um conjunto folclórico brasileiro

para uma *tourné* na Europa — e ele não queria perder a oportunidade de trazê-lo à festa da *Revista franco-brasileira*. Ali estavam, quatro baianas de risos modelares e decotes vertiginosos, um bailarino dengoso, três passistas-ritmistas com seus atabaques. Entraram, esfuziantemente, explodindo os tambores, ordenhando a cuíca, dançando e cantando em uníssono: *« Ei, você aí, me dá um dinheiro aí! »*

Os convidados abriram espaço; os músicos se instalaram perto do piano; os bailarinos ocuparam o tapete; suas mãos se erguiam até o candelabro, suas vozes tiniam nas paredes.

— *Bravo! Bravo!*

A embaixatriz Yoyo foi a primeira a lançar-se ao apelo da raça, enquanto Madame Teixeira apenas tamborilava os dedos no braço da poltrona. O Embaixador Oliveira, após um primeiro franzir de sobrancelhas, desanuviou-se raciocinando que o mais sábio seria navegar a favor. A Marquise de Beauregard sorria deixando entrever o seu assentimento. Quando perguntaram ao marido o significado das palavras cantadas, Beauregard traduziu com esmero; ao que o interlocutor, o secretário Dumont, aplaudiu:

— *Voilà de la sincérité!*

Bonnefoi estacou à porta e hesitou entre o cordão carnavalesco, de comprometimento tribal, e a discreta atitude civilizada. Optou pela civilização, deixou-se anunciar, foi apresentado como um dos secretários da revista, desviou os olhos do olhar de Luciana e passou a contemplar as dançarinas baianas. Convidados continuavam a chegar em turbilhão e, antes de serem clangorados pelo *huissier*, empolgavam copos e taças. Havia na copa mais um auxiliar, recomendado do Embaixador. Chamava-se Aristóteles, era servente e contínuo da representação brasileira na UNESCO. Preto maneiroso, vestia-se de gangola branca durante o expediente, nos escritórios, mas ao chegar e sair envergava terno escuro, a gravata pérola e assim o tomaram, nos corredores da Place Fontenoy, por algum embaixador africano. Recebia e devolvia cumprimentos dos *chers collègues* e dos funcionários. Para completar o fim do mês, aceitava trabalhar como *garçon* nas recepções brasileiras. Segundo o embaixador Oliveira, a presença de Aristóteles era sempre útil, para evitar o desperdício de uísque e *champagne*, o desaparecimento de garrafas que costumavam sumir debaixo dos sobretudos dos copeiros, ao fim das festas. Aristóteles ti-

nha outro método: não levava garrafas; mas preocupava-se com igualar o nível dos copos, distribuindo socializante justiça. Para tanto, na copa, depois de verter as doses e completá-las com gelo e Perrier, comparava as alturas e ia bebericando copo por copo, em diminutos goles, até que todos na bandeja apresentassem um mesmo nível. Só então a levava aos salões ou entregava aos *garçons*. Graças a uma sábia equidade, a Excellence bebia a mesma quantidade do brasileiro-de-passage; e ele, Aristóteles, recebia seu quinhão. Acontece que o quinhão subiu-lhe à cabeça tanto quanto à dos demais; e de repente Aristóteles explodiu entre os espelhos, no auge da fraternidade, bradando o *Me dá um dinheiro aí* com maior eficácia do que a de Madame Yoyo. O coronel deveria intervir? Não, seria melhor uma boa reprimenda mais tarde, terminada a função.

— *Vous ne dansez pas, Monsieur?*

Em público, Rina lhe conferia o *vous*.

— *Non, pas à mon âge.*

A clientela do turismo oficial sorria, em oficial embevecimento, embora sem juntar-se, para não se atribuir um ar de equipe: o redator de programas radiofônicos de músicas brasileiras explicava a letra da música aos não-iniciados; conferencista-sociólogo arregalava os olhos e os exhibia, assim arregalados, ao adido cultural, para que este transmitisse o entusiasmo ao embaixador; dois ou três homens de finanças suspenderam a troca de informações da Bourse para avaliar até onde valeria a pena investir em projetos servidos por tão opulentas mulatas; a senhora representante do “Son et Lumière”, sempre desejosa de fazer na Guanabara alguma coisa sobre a chegada de Villegaignon ou de Santos Dumont, ensaiava um remexer de ombros no ritmo da música e aplicava um olhar repleto de *son et lumière* para o torso nu do tocador de atabaque. Outros convidados, menos folclóricos e mais realistas, seguiam para a sala de refeições, onde o *buffet* misturava os requintes do Rosell às inesperadas contribuições brasileiras: as cascatas de camarões, os minúsculos acarajés, os bolinhos de bacalhau, os *vol-au-vents* recheados de palmito, as empadinhas que assustaram Paul Claudel (que exclamou, ao vê-las na Embaixada do Brasil em Washington depois de ser por elas perseguido no Rio: “*Encore des ampadignes?*”), a confeitaria prodigiosa do casamento dos cocos e castanhas-do-Pará e de

caju com ovos, abacaxis, massas de amendoins, heranças do Algarve e das Ilhas do Cabo Verde aculturadas, empolvilhadas, enfarinhadas, pastas de aipim crivadas de incensos tropicais, aglutinações preparadas com mãos negras e colheres-de-pau de sinhás-donas. Quando se descobriu aquela apoteose de salgados e doces, a emergir de braçadas de orquídeas entre-meadas de penas de faisões, os queixos caíram — e imediatamente começaram a trabalhar. Explicava-se, aqui e ali, o que eram as bebidas de tonalidade esverdeada, opalina, leitosa, as batidas que o coronel decidira servir em taças de *champagne* e nas bandejas de prata: Madame Teixeira declamava receitas; um dos franceses destacou um pedaço de casca de abacaxi da *pièce montée* dos camarões e triturou-a com regalo; outro colhia ao mesmo tempo cocadas e bolinhos de bacalhau e os abocanhava com eficiência. E tamanho foi o alegre tumulto da mesa que o grupo folclórico murchou a dança, entre aplausos frouxos, e resolveu participar do festim. Totonho ergueu a quinta taça de *champagne* para acalmar o descompassado coração. Olhou Rina, que contemplava o tumulto de longe, sentada numa das cadeiras da sala; e lhe enviou um sorriso de oferta, como a colocar aquela festa a seus pés. E ela ainda não vira nada: por cima do coração atropelado de Totonho, debaixo do jaquetão azul, mais um estojo a esperava com um *pendentif* de brilhantes encomendado ao Cartier:

— *Pour une reine!*

Cercada de admiradores, Luciana os scandalizava com seu ar quase andrógino; e os homens de meia-idade a cobiçavam com esse curioso pendor que certos machos experientes demonstram pelos seios e quadris pequenos depois de fartar-se de lautos quadris e seios amassados nas pensões da mocidade. O riso de Luciana tremeluzia os candelabros, a pálpebra de Beauregard pendurava-se de longe no lábio de Luciana, uma pálpebra amolecida pela bebida e certa de inspirar sentimentos arrebatadores. A Marquise, a seu lado, conhecedora desse estado, conteve-o com zombaria:

— *T'as déjà oublié ton impuissance!*

Mas, sabendo como se modificaria essa impotência, tornando-a pelo menos gozo solitário, enquanto ela própria lucrava as adolescentes cobiçadas pelo marido, instigou-o:

— *Fais-la venir près de moi.*

De cenho atento e obsequioso, o embaixador ouvia ponderações políticas de um jornalista recém-chegado.

— *Gorge d'ange* — traduziu Madame Teixeira para a Embaixatriz Yoyo que degustava o doce melado. — *Oh, nous avons les morceaux-du-ciel, les mères-benites, les pieds-de-negrillons, les...*

E Madame Yoyo batia a cabeça, abria uma larga bolsa e metia dentro dela salgadinhos e doces em miscelânea para os meninos lá em cima.

O sucesso resplandecia nos olhos de Moreira Telles — sucesso mundano, literário, como ele sempre sonhara, e que só agora, graças ao amigo Ramalho e à *Revue franco-brésilienne*, estava ao seu alcance... Porque até então, apesar das alegrias e doçuras da diplomacia, ele se sentia roubado pela vida... Como estudante do Largo de São Francisco e jornalista novato do *Correio paulistano*, escrevera certa vez um artigo que chamou atenção do Barão do Rio Branco: era uma recordação dos episódios do Amapá que, em 1895, lançaram a França e o Brasil em vésperas de guerra. A recordação, ele a fora buscar num velho número da *Illustration*, onde se contava o *affaire de Mapa*: quando ali se descobriram jazidas de ouro, franceses da Guiana, brancos, negros e índios de Belém, gente vinda das Antilhas, todos queriam, afinal, participar do Eldorado. Os buscadores de ouro, à falta de policiamento, entraram em sucessivos conflitos; e, segundo a narrativa francesa, *des aventuriers brésiliens* decidiram apossar-se da região. Na França correu mesmo a notícia de que, por detrás da invasão, havia dinheiro do governo brasileiro. O invasor era um negro chamado Cabral, que se enfeitou com o título de governador-geral do Amapá e expulsou os que ali estavam antes, prendendo outro negro, um sexagenário feio, tocador de flauta, Trajan Cipriano Benoit, que se dizia representante da França. Para manter sua soberania nos arredores da colônia que os prisioneiros da Ilha do Diabo e o Capitão Dreyfus civilizavam, chegou a Amapá um aviso de guerra, o *Bengali*, comandado pelo Capitão Lunier e com um destacamento de infantaria de marinha. O bravo Lunier, revólver à cinta, desce à terra com seus homens, e intima Cabral a pôr em liberdade o prisioneiro Trajan; em vez disso, Cabral, no melhor estilo e com a agilidade dos *capoeiros*, "*ces dangereux bandits capables de tenir tête à une dizaine d'hommes*", perigosos bandidos capazes de

enfrentar dez homens, deu uma cabeçada no peito do capitão francês, tomou-lhe da cintura o revólver e desfechou um tiro a queima-roupa no adversário. De regresso a Belém, Cabral, recebido como um herói nacional da última invasão francesa ao Brasil, exibia a arma de Lunier e o pobre Trajan, que passou a tocar flauta na corte do vitorioso, cuja profissão anterior era a de vendedor de cachaça aos negros do porto. Quanto à opinião pública brasileira, segundo a revista, exigia uma indenização da França, pelo massacre dos brasileiros do Mapa. E terminava: “É chegado o tempo, para a honra francesa, de agir no interesse de nossos nacionais da Guiana, e falar e agir com energia”. O jornalista novato Moreira Telles escreveu o apreciado artigo “A última invasão francesa”, que o conduziu ao Itamaraty. Mas seus sonhos literários continuavam e ele os levou, com o amigo Antônio Ramalho, ao Teatro Municipal, para assistirem a uma demonstração estético-nacionalista de um bando de meninos malucos chefiados por um que se dizia futurista, Mario Raúl de Moraes Andrade, outro que se dizia valeriano, Guilherme de Almeida, outro que pintava quadrados, Emiliano Di Cavalcanti, outro que entrou no palco calçando um chinelo, Heitor Villa-Lobos, outro que se dizia amigo de todos os franceses do após-guerra, Oswald de Andrade, e outros berradores menores. Moreira Telles, ao lado do amigo campineiro, se contorcia de riso e urrava de indignação na platéia do teatro. Terminada a “Semana”, lascou artigo no *Correio*: aquilo era lá Arte? Então eram essas macaquices que a França nos exportava após a guerra? Onde andava o vasto Victor Hugo, o grego Lecomte de Lisle, o revolucionário mas gramatical Anatole? Até Coelho Neto elogiou o moço, e o chamou de Teseu das Letras, a libertar Ariadne, a Arte Pura, das chifradas do Minotauro de incultura do Labirinto do Largo do Arouche! Daí por diante, lentamente, bom diplomata e cronista ameno, haveria de chegar à Academia... Mas, oh, diabo! Aqueles velhos que repeliram Graça Aranha (que escrevia romances caipiras em que caipiras e alemães imigrantes conversavam em bom português...), de repente começaram a adotar os “modernos”, um a um, instalando-os no casarão acadêmico ofertado pela França... e Pancrácio Moreira Telles se viu mais do que repudiado: viu-se esquecido, só lembrado quando algum Imortal aparecia no posto diplomático e precisava de cicerone artístico-sexual. Ao bom e fiel Antônio

Ramalho confiou as memórias do melhor ano de sua mocidade, o ano em que viu surgir *La garçonne* de Victor Margueritte, *Knock* de Jules Romains, *Barneboth* de Valéry Larbaud, o *Fermé la nuit* de Paul Morand, *Le diable au corps* de Radiguet, o último *Aiglon* da velha Sarah Bernhardt, o primeiro aparecimento de um rosto divino, o de Greta Garbo, na *Légende de Goesta Berling*, o surgimento do menino Serge Lifar de mãos dadas com o protetor Diaghilev e, para sua total indignação verde-amarela, o maior plágio de música brasileira já feito até hoje, o de Darius Milhaud, apresentado no Théâtre des Champs-Élysées num bailado de Jean Cocteau... Ah, como sonhou, desde então, dirigir uma revista literária na França, para pôr os pingos nos "ii"... E agora ali estava o amigo Ramalho, generoso, a lhe dar meios para puxar a orelha da auto-suficiência francesa e — quem sabe? — obrigar os acadêmicos a virem buscá-lo, a ele, como fizeram a Getúlio Vargas!

Moreira Telles tinha discurso engatilhado, a pedido de Totonho que temia elevar o seu francês em altas vozes. E, a um sinal do amigo, bateu palmas convencionais até que o tinir dos copos e o zunzum das falas amainou um pouco.

— *Excellences, Mesdames et Messieurs...*

Em caprichado francês explicou: ali se reuniam, graças ao simpático mecenato de um generoso e inteligente brasileiro-amigo da França, amigos franceses e brasileiros para uma comunhão cultural...

— *C'est bon, ça...* — deglutiou o Colonel Julien, provando um caramelado.

Essa comunhão, continuava o orador, traria o benéfico resultado de vir, em futuro próximo, preencher uma grave lacuna: a de dar a franceses e brasileiros uma publicação que resumisse os ideais comuns... *ceux que nous, les brésiliens, avons appris de votre Histoire, de votre Civilisation, de vos Génies, de vos Artistes!*

Bravos e aplausos. Moreira Telles continuou: seu amigo Antônio Ramalho, patriota como os que mais o fossem, decidira criar a *Révue* — e pedia a ajuda de todos e do talento

de cada um. Novos bravos. Uma coincidência feliz dir-se-ia inspirar o nascimento da *Révue* debaixo deste teto, um teto predestinado entre tantos tetos predestinados de Paris: pois no prédio morou um escritor americano apaixonado pela França e que hoje seus compatriotas redescobrem: Francis Scott-Fitzgerald aqui andou à procura de alegria de viver; e outro, o espanhol Pío Baroja, tangido pela brutalidade obscurantista, aqui veio buscar a liberdade que tanto amava. Voltaram os bravos, embora pronunciados com ar intelectual de quem não está suficientemente informado. Então, continuava Moreira Telles, aquela escada e aquele elevador tinham trazido aos hóspedes ilustres do 14 Tilsitt outras glórias das letras e das artes da França e do mundo, a *lost generation* americana, os republicanos espanhóis, e seus amigos franceses. Para início de um novo intercâmbio entre a França e o Brasil, a Revista se propunha campanhas sérias, das quais dava exemplos: a ida ao Brasil das três mais famosas damas de Paris, a Vênus de Milo, a Vitória de Samotrácia, a Gioconda. Quanto à Pucela, por que não colocar em Brasília, ao lado dos Candangos de Bruno Giorgi, uma réplica da de Fremiet, que se encontra na Place des Pyramides, ou da de Paul Dubois, da Place St. Augustin? Na Universidade de São Paulo se instalaria uma cópia da Torre Eiffel, inaugurada com discurso do professor Antônio Cândido, exemplo da civilização francesa no trópico; e no Fundão, uma herma de Augusto Comte, igual à da Sorbonne, com discurso do embaixador Paulo Carneiro, bravo sentinela do Positivismo. Via o sonho de obter que os judeus de todo o mundo, graças a uma campanha da *Révue*, encomendassem a Marc Chagall os vitrais da Catedral do Rio, dádiva de semitas e católicos em confraternização ecumênica, porque o Rio é a cidade sem preconceitos, e então o mestre da Sinagoga de Jerusalém, como ali fizera com as tribos de Daví, ergueria na cidade do Santo crivado de flechas, os índios e suas flechas, os negros e sua poesia, os portugueses e suas cruzeiras, os franceses e suas espadas, tudo subindo céus acima, entre folhagens e papagaios, do mar da baía ao Cristo, Nosso Senhor dos Favelados, obra de um francês! Essas promoções espetaculares abririam caminho a um programa permanente, de edições de livros, de divulgação musical, de Johnny Halliday a Pierre Boulez, de Françoise Hardy a Mignone, de Carmen Miranda a Lucienne Boyer. O intercâmbio de professores levaria as juventudes dos dois países a

recitarem igualmente o *Pátria* de Bilac e os *Cadets de Gascogne* de Rostand; e nos restaurantes brasileiros se comeria um *gigot* como em Paris um vatapá; e nos cinemas dos Champs-Élysées haveria filas para ver cangaceiros sem legendas, como na Cinelândia as filas disputariam Godard e Fuñes; teatros brasileiros trariam o nome de Aimée, teatros franceses o de Duque, Gaby; Cavallaro teria quadros no Louvre, Picasso iria presidir o júri da Bienal de São Paulo; e ruas francesas se chamariam Essomericq, Paraguaçu, Ararigboia; e ruas brasileiras se chamariam Thevet, Duguay-Trouin, Duclerc, Gobineau, Arago, Expilly. Que lição de fraternidade para o mundo! Que a *Révue Franco-Brésilienne* aqui floresça, sob o chão fértil e o ar puro do 14 Tilsitt! Aplausos, taças retinidas, saudações de taças erguidas, cumprimentos de mãos enérgicas em pacto de honra, abraços nacionais de umbigo a umbigo — tudo para o orador e o Coronel, cujo olho esquerdo não escondia uma lágrima. Madame Teixeira beijou o Cousin, Ludmilla se confessou *bouleversée*. O Secrétaire Jean Dumont apertou a mão de Moreira Telles:

— *Quel programme!*

— *Voyons, mon cher! Il faut rigoler un peu!*

— *Alors, ce n'est pas sérieux?*

— *Tu parles!*

O embaixador Oliveira sentia-se esmagado; só lhe restava, diante de tamanho programa, apadrinhá-lo, propô-lo ao Itamaraty como coisa sua. Beauregard lembrou-se de que prometera a Légion para Totonho, *ce brave Totogno*.

— *Tu l'auras, ton crachat!*

Do alto de sua esfusiante alegria o Coronel me contemplou, quando meti o focinho pela porta. Senti que ele me agradeceria. Leve-me para Brigitte!, pediam meus ganidos. Teve de afastar-se para deixar passar a grã-duquesa Teodora com urgências de banheiro após o terceiro *champagne*. Pilar amparou-a.

— *Merci, merci!* — repetia o Coronel à efusão dos cumprimentos.

O acadêmico ali mesmo meteu-lhe uns originais no bolso:

— Aqui está minha contribuição: *Balzac et le café brésilien!* Li para uns amigos franceses que gostaram do meu estilo.

O estilo era da tradutora, o que desmente Boileau quando disse que o estilo é o homem.

Quando meti o focinho na porta, o coronel me olhou com o olhar agradecido: afinal, o meu heroísmo levava Totinho àquela consagração. Pena não ter tido mais cedo a idéia de fundar em Paris uma revista cultural; pena não ter usado antes a prestígioosa amizade de Moreira Telles, que também lamentava o êxito um tanto tardio — mas um êxito de vingança contra os que o afastaram da *carrière* e lhe fecharam as portas da Academia. Vingava-se, até mesmo em pequenas frases, que causavam o pasmo dos maldosos amigos franceses. Apontando o acadêmico balzaquiano, murmurou para um grupo:

— *Il se sent Chamfort, je le sens Roquefort!*

E quando surpreendeu alguns franceses a rir da efervescência nacional, murmurou para si mesmo:

— Deus ainda não nos passou a limpo.

E divertia-se a contemplar o jogo francês da ironia: colocar um estrangeiro dentro da roda humana, como um peru, e fazê-lo derreter-se de gozo, desabar em gluglus de vaidade, dizendo-lhe ser ele encantador, inteligente, artista, elegante, civilizado, espirituoso, até coroá-lo, desabá-lo num tiro de misericórdia de elogio:

— *Mais, vous êtes un vrai français!*

Ao redor, os outros aprovavam, provocavam — e tinham no canto do lábio o riso que Molière pôs no palco e Voltaire no canto do próprio lábio.

Taça na mão, óculos iluminados, Moreira Telles circulava, numa, noutra pequena chusma já entupida de camarões. Numa, o Coronel Julien deitava erudição, interpretando costumes que vira *là-bas*: o abraço brasileiro, de barriga empinada, umbigo contra umbigo, tapas nas costas, olhos nos olhos, era um vestígio ancestral da mútua verificação: cada abraçante desejava apalpar para saber se o amigo abraçante estava armado. Telles indignou-se:

— Falsa interpretação, falsíssima! Vejamos, *mon colonel*: quando um general francês condecora outro, planta-lhe um beijo em cada bochecha. Querera isto dizer que são homossexuais? Nada, pura amabilidade! *En général vos généraux sont gèneveux!*

Luciana sentia apertar-se o cerco dos Beauregards, a insistência do convite para que dali fossem visitar suas coleções de opalinas. Pedia que a Marquise não insistisse, a Marquise vol-

tava com aveludada voz de barítono. O Marquis acompanhava o jogo:

— *Allons, Luciène, tu ne connais pas la force de frappe de ma femme!*

Explodiu:

— Desistam, seus gagás! Eu gosto de sacanagem, eu trepo, mas com quem eu quero! Agora mesmo vou daqui pra Nanterre, para falar de amor e de como virar pelo avesso a sua sociedadezinha de calhordas! Tchau!

Procurou Jérôme com os olhos, encontrou-o, gritou-lhe:

— *Tu viens?*

— *Où, ça!*

— *Nanterre, avec les copains.*

— *Non, je reste.*

— *Merde!*

Ao passar junto de Rina, Totonho, que não ousava aproximar-se demais, para manter as conveniências, ouviu-a dizer a Bonnefoi:

— *Le pauvre, il fait l'amour comme un mari...*

Loucas, essas francesas! Que amiga lhe confidenciaria tais segredos de alcova? Meu patrão não sabia que não existem mais segredos de alcova, que passaram do padre ao psicanalista, do psicanalista ao salão. Tomou outro copo, da bandeja que circulava. Ao contato do gelo na boca, lembrou-se da jóia no bolso do paletó, -dentro do estojo. E prelibou o grito de encantamento, de amor, de gratidão que daria Rina.

Rina olhava o grupo dançante ao som dos atabaques e do piano:

— *Faut tout de même reconnaître qu'ils sont marrants!*

— Meu pai — contou o Coronel — teve aqui uma aventura com Liane de Pougy, antes de ela se casar com o seu príncipe grego, é claro. Como vocês sabem, Liane terminou seus dias como freira, num convento de Lausanne, sob o nome de Marie-Madeleine de la Penitence. E ao receber a notícia, ele comentou, na sua roda de Campinas: “Sensação terrível, a de ter dormido com uma mulher que está num convento. Suas confissões nos levam ao inferno!”

— *Eh bien, il l'a aimée avant sa laideur...*

Valeria a pena ouvir o que dizia o Embaixador Oliveira? Moreira Telles já o catalogara numa anedota que passava por verdade: certa noite, numa recepção nos Champs-Élysées, Oli-

veira se viu arrastado à roda em que Couve de Murville, Malraux e Peyrefitte conversavam; o primeiro contou uma experiência diplomática com Adenauer; o escritor relembrou seu encontro com Mao Tsé-tung; o Ministro da Educação contou seu incidente com Molotoff. Quando terminou e terminaram os risos, Oliveira achou ser sua vez e começou:

— *Un jour, chez avec Bias, à Juiz de Fora...*

O Président du Conseil, solene, pediu que o *huissier* gritasse o *Attention, Excellences, Mesdames et Messieurs*; e, em nome da Municipalité, felicitou o Coronel pela iniciativa da revista. E, relembando os tradicionais laços de amizade franco-brasileiros, continuou o discurso, o mesmo feito para o governador Carlos Lacerda e para o conjunto folclórico Mercedes Batista meses antes.

— *À propos* — lembrou Moreira Telles no ouvido do escritor Richard Cailloux (sempre com viagem ao Brasil na alça de mira, paga pelo Brasil, naturalmente): — você sabe que Anatole France esteve no Rio, foi recebido na Academia, e quem o saudou foi *l'Aigle de La Haye*...

— *Un oiseau parlant? Vous en avez beaucoup!*

— *Non*, Rui Barbosa, nosso grande Rui. O discurso está guardado na Biblioteca Nacional. Eu o recomendo. É a mais curiosa página de palavras francesas compondo um texto em português. Dizem que, no fim, Anatole France exclamou que não sabia que o português era tão parecido com o francês! E Afrânio Peixoto, outro escritor brasileiro, saudando Stefan Zweig, falou da presença do austríaco no Brasil como *un aconteciment*.

— *Mais regardez, ma chère, regardez...* Ele vai uma vez por semana ao Marché aux Pucés, ao Village Suisse, aos antiquários — e conseguiu reunir a mais incrível coleção de objetos falsos que eu conheço... Móveis imitando vários estilos de Luíses, faianças setecentistas ainda quentes do forno, Gobelins da Avenue Wagram, cristais da Rue de Paradis, quadros pintados nas águas-furtadas da Butte e ontem mesmo assinados Utrillo, peças únicas fabricadas em série em Besançon...

— Mas o vinho dele é bom.

— *C'est la seule chose qu'on ne falsifie pas ici. Ça coûterait trop cher.*

O Conde de Tolstoi havia descoberto Ludmilla. O Coronel Julien havia descoberto uma bandeja de caviar. Um dos folcló-

ricos lamentou para Totonho a ausência da nossa batida de maracujá, da boa, para embasbacar esses gringos. Os olhos de Rina brilhavam: o *champagne* era o seu colírio.

Totonho a possuía no L'Hôtel, no quarto em que morreu Oscar Wilde, no quarto de Mistinguett, cheio de espelhos e plumas; no hotel *minable* da Butte, de cuja janela ela proclamara: *La Butte, c'est notre Acropole!* No Ritz, porque ela queria dar-se a esse luxo e no Lutécia porque o *Larousse Gastronomique* estampa uma fotografia colorida de uma das especialidades do *maître*. No Hotel Belfort. Em Besançon, no hotel freqüentado pelo Aga Khan; em Chantilly, no da entrada do castelo; em Versailles, com as janelas abertas para a estátua do Rei Sol; em St-Germain en Laye, diante do fantasma de Henrique IV. No convento de Foucherolles, entre instrumentos de tortura medievais, agora adornando as células *à louer*; quanto a mim, nunca mais tivera Brigitte, desde que Rina passou a vir ao 14 Tilsitt. Suas unhas tampouco me acariciavam mais. Comecei a odiar Rina.

Eu passeava por entre as pernas dos convidados:

— *Alors, monsieur, on m'a dit que vous êtes un écrivain très estimé chez vous?*

— *Comecicomeça* (O acadêmico).

— *Mon compatriote est un consacré!* (plagiou Moreira Telles).

— *Merci, merci...* (O acadêmico).

— *Tout de même, c'est très réussi: il y a les Tolstoi, les Rochefoucauld, les Beauregard, pas mal d'ambassadeurs exotiques, des hommes d'affaires, des tas de vice-vips, des locomotives à charbon, des tubes ignorés, des dégueulasses de toujours. Et le champagne est potable.*

— *Notre bourgeoisie est fière de notre aristocratie. Chaque bourgeois français se croit issu d'une branche aristocratique. On dirait qu'on a couché ensemble à Versailles.*

— *Aux Tuileries, c'est sûr!*

— *Vê si tu te comporta sem dá vexame, Claudionor.*

— *Et votre pauvre femme, comment va-t-elle?*

— *Mal, mal... Si n'éte pá la revue, je ne ferré pá cette fête...* (Totonho).

— Daladier propôs a Hitler e Chamberlain, em 1938, a criação dum estado judeu no Amazonas (Moreira Telles).

— *Voilà le fameux chien, le chasseur d'ocelots!*

— *Monsieur, au Brésil il n'y a pas d'ocelots! Nous sommes civilisés!* (Embaixador Oliveira. Era um protesto contra o papagaio de Léry, a onça de Biard, o caranguejo de Expilly, o sapo da Delarue-Mardrus, a zebra de Lorrain, as cobras da Guérin...)

— *Matière théâtre, l'attaché ne fréquente que celui d'opérations.*

— Se o senhor não gosta de vinho, que diabo veio fazer em Paris? (Moreira Telles).

— Vi no Rio os três grandes da arte francesa: Barrault, Labisse, Boulez. E basta.

— O problema é escolher entre dois muros: o da esquerda e o da direita. O pior é que mesmo no meio da rua somos atropelados.

— O ensino de assuntos brasileiros nas universidades francesas está em boas mãos. Já me entendi com o embaixador de Portugal, que está tratando disto no Quai d'Orsay (O Embaixador Oliveira).

— *En Russie on enferme le contestataire à l'Hôtel Dieu.*

— *Celà prouve que Dieu existe, là-bas.*

— O negócio é o seguinte, seu Coronel. Tem uma das dançarina do conjunto que tá esperando... Num dá um jeito dela ficá aí, como cozinheira, arrumadeira...?

— Esperando? Quem é o pai?

— Num si sabe. Foi a bordo.

— *Madame, est-ce que vous touchez l'organe tous les jours?* (o Embaixador Oliveira à organista Sylvia Routroux.)

— *Nous, les américains, du Nord comme du Sud, nous ne sommes que des emmerdeurs d'indiens.*

— *L'Histoire garde beaucoup plus de massacres d'innocents que de coupables* (Moreira Telles para o jornalista de *Le Monde*. O jornalista foi para um canto e tomou nota. Usaria a frase, sem menção da fonte).

— *L'Histoire c'est une affaire de traitres.* (Erlanger)

— *Vous parlez de vous-même tellement bien qu'on dirait que vous êtes votre meilleur ami* (Rina).

— *Ma femme est une dame que fait beaucoup de pions.* (Beauregard)

Jérôme Bonnefoi olhava a turba sacolejante, os negros num último esforço de autenticidade antes que a civilização os devorasse, os brancos no afã de negar seus complexos raciais; pen-

sou no passado, desde as praias da Martinica à escola que lhe meteu na cabeça os primeiros verbos irregulares, a viagem para vir a ser ao menos um marginal na grande cidade, a corajosa descoberta de sua originalidade, a luta para exhibi-la aos outros, e pouco a pouco a certeza de que o aceitavam, primeiro como um exotismo, depois como “um deles”...

Totonho experimentou contar nossa aventura da onça a um grupo que me vira deslizar da porta entreaberta para debaixo do grande sofá; mas o grupo discutia música e preferia colher informações sobre os nomes dos instrumentos que o grupo folclórico percutia. Mariazinha da Silva, pianista à espera de um piano e de duas centenas de ouvidos que a descobrissem, dava explicações e nem mesmo deixou Totonho terminar a primeira frase da história já arqui-sabida e ensaiada: *Un soir, j'étais à la véranda de ma ferme...* Mariazinha cortou curto:

— *Oui, c'est le chien que l'ocelot voulut manger...*

Passei com a orelha humilhada enquanto Totonho se prometia jamais comprar as entradas para o recital de Mariazinha. Para a pianista interessava mais, no momento, o grupo ao seu redor, que incluía Casadesus, Auric, Sauguet, arrastados à reunião por Magda Tagliaferro, aos quais se juntou o biólogo Jean Troughou, de bigodes à Vercingétorix e gestos de bailarina, e em cuja casa uma tarde Tristan Bernard compareceu e souou a campainha, vindo um mordomo atender:

— *C'est pour le maître?*

— *On, non, c'est pour le visiter!*

Os atabaques ressoavam os cristais dos candelabros e Monsieur Dupont surgiu à entrada, sussurrou ao *huissier* que desejava falar a *Monsieur le Colonel*; o *huissier* levou a mensagem ao ouvido de Totonho, que cruzou o salão e, à entrada, ouviu o vizinho novo do segundo andar, um americano, que reclamava o barulho e ameaçava chamar o Commissariat. De longe, arreganhei os dentes para Monsieur Dupont, que dissimulava o braço de alumínio atrás das costas. Pois não havia ele até recebido uma gorjeta especial, para ajudar no vestiário? O coronel foi grandioso: Dupont dissesse ao imbecil do inquilino que fizesse o que entendesse mas preferia convidar o americano a vir beber, se a festa o incomodava. Beber e dançar!

— *Avec les nègres?*

— *Dites à cet américain que les nègres du Brésil n'ont pas de préjugés!*

E partiu, impávido, para contar o caso ao Embaixador Oliveira. Não chegou até o fundo da sala; Richard Cailloux se atravessou no caminho, para felicitá-lo pela idéia da revista, pela excelência do caviar e do *champagne* e lembrar que uma palavrinha dele ao embaixador apressaria mais uma sonhada viagem ao Brasil, para conhecer a Amazônia, rever os amigos e escrever uns artigos interessantes... Totonho prometeu, continuou andando, cumpriu a promessa; mas o Embaixador Oliveira estava desapontado: outro escritor francês Paul Mousset, tinha sido esquecido no aeroporto do Galeão; outro tinha perdido a bagagem; outro, Albert Camus, tinha comido pimenta demais em casa de poetas cariocas e voltara a Paris com hemorróidas antibrasileiras; outro, uma dama devota de Proust, depois de circular pelos salões do Rio e de São Paulo, de deixar um rastro de despesas extras no Copacabana Palace Hotel e no Jaraguá, depois de usar o Rolls-Royce de Assis Chateaubriand e de ver as antiguidades de Dona Ana Amélia, depois de camarões na Barra da Tijuca e champanhota de quatrocentos anos em Louveira, depois de entrevistas com a imprensa e declamações de amizade na Alliance Française, voltou a Paris e proclamava nos salões literários a nossa *manque de finesse*, a nossa *sauvagerie* e porque o Imposto de Renda lhe descontou pelo que lhe pagamos por duas conferências sobre *Proust et le Brésil* — por sinal as mesmas lidas, dois anos antes, em Coimbra, com o título *Proust et le Portugal*. O embaixador se queixava dessa permanente clientela: o presidente da Confédération des Traducteurs queria vir ao Brasil para ensinar como se protegem os tradutores — e lá estava, naquele momento, protegendo-se com um vasto prato de peru à brasileira com salmão e *mayonnaise* misturada com farofa; mais adiante, Serge Lifar contava como dançara Villa-Lobos no Municipal do Rio, de tal modo que ao flecharem o pássaro que ele interpretava, a flecha se prendeu no alto do cenário enquanto ele, o pássaro, agonizava e morria antes de ser atingido; pois ainda assim sonhava voltar, queria estabelecer uma verdadeira escola de *ballet* onde se praticassem os passos da Pavlova com os de frevo; e lá estava Pierre Seghers, em cuja espinha corria um frio cada vez que nos seus escritórios anunciavam a visita de mais um *écrivain brésilien*, frio só desaparecido quando o

écrivain mostrava prestígio bastante para trazer uma carta da Embaixada com a encomenda de algumas centenas de exemplares do livro sugerido, e que então era impresso exatamente naquele número de exemplares, os quais o *écrivain* distribuía, aflito para ganhar duas linhas de notícia do *Figaro* ou um artigo de jornalista fácil, seguindo o resto da edição para o Brasil, com cada exemplar dedicado a um colega, cada qual roído de inveja ou generoso a ponto de divulgar o sucesso; e Jean Sablon, que ali naquele momento conversava com o neto de Mistinguett e lhe contava como descobriu a música de Ari Barroso e foi morar em Santo Amaro até que as saudades da França o trouxeram de volta para ficar para sempre tatuado na alma, o coração a bater como um pandeiro, e a rememorar de lágrima à vista o velho tempo em que comovia as meninas da Escola Normal com o *Vous qui passez sans me voir*. Sablon vendeu a casa de Santo Amaro com a condição de o novo dono tomar conta de seu cãozinho brasileiro. E mais: havia Pierre Monbeig, o geógrafo, devastando uma montanha de fios d'ovos, e sempre precisando visitar o Brasil, de tão larga geografia; e o professor Mazza, que irritava a gente da Casa de Machado de Assis porque conhecia mais Machado de Assis que toda a Casa; mas sempre desejava conhecer mais, e portanto viajar mais; e o professor Cantel, colecionador de folhetos de cantadores do Nordeste; e o comandante Léauy, especialista em rochas fossilizadas que os missionários catavam até o Itamaraty encontrar um portador ou até lhe mandar passagem para ir buscá-las; e Michel Simon, sempre ávido de novos sambas para transmitir pela rádio; e o representante da *Révue des deux mondes*, sempre desejoso de publicar um artigo sobre o Brasil desde que lhe comprassem a edição... Fauna enorme porque, segundo as observações do Embaixador Oliveira, cada francês nos quer ensinar alguma coisa. Totonho ouviu e o achou mesquinho; e então, num rasgo, procurou Richard Cailloux que, nesse instante, retratava precisamente o balzaquiano que o atropelara:

— *C'est un Narcisse qui se regarde dans sa merde.*

Deu-lhe boas notícias: Cailloux iria ao Brasil, a convite dele, Totonho, como emissário da *Révue*. Cailloux chamou-o de Grand Seigneur.

Para que a recepção ficasse marcada no calendário da estação cultural e mundana, era preciso interessar algumas da-

mas, as *locomotives*, as descobridoras e protetoras de poetas e cançonetistas, de esquiadores e senadores, fazedoras de ministros e generais, promotoras beneficentes, exigentes sexagenárias amorosas. Pelo menos uma, a Marquise de Beauregard, compareceu com o seu melhor sorriso de *bulldog* de luxo e seu sussurrar de barítono conspirador, a procurar sua próxima presa. De longe lambeu com os olhos os de Ludmilla; mas estes estavam mais propensos a contemplar os fundos olhos azuis do Conde, encantados de saber que *Mademoiselle* era hóspede de duas grã-duquesas e achando que poderia perfeitamente ser seu *Cousin*. O Embaixador Yoyo deparou de repente com o *collègue* que o saudava quando se encontravam na UNESCO, o Aristóteles a repassar as niveladas bandejas de *whisky*; teve um arregalo de espanto, logo transformado em revolta: na sua lógica ainda tribal, viu naquele negro um escravo de brancos brasileiros e então, no mais perfeito umbunda, convocou a Embaixatriz Yoyo. Deviam retirar-se, em protesto! Arrepanhou a bata, bateu no ombro o pano-da-costa e partiu para a porta, acompanhado da mulher; Moreira Telles de longe percebeu a retirada, disparou atrás dos Yoyos. Queria saber porque se iam. Yoyo, em cólera, balbuciou sua afronta. Moreira Telles explicou: nada disto, no Brasil não há escravos há muito tempo: consultasse o colega os boletins da UNESCO, indagasse de outros diplomatas, e — por que não? — fosse ele próprio ao Brasil! Estava desde já convidado! O coronel o convidava! E madame Yoyo! Mas Yoyo não entendia porque Aristóteles servia como *garçon* enquanto outros participavam da festa; Moreira Teles chamou Aristóteles que, bêbedo, entendeu ser o instante de demonstrar sua ampla liberdade, igualdade, fraternidade e arrastou Madame Yoyo para dentro do samba. Refeito e serenado, Yoyo compreendeu que devia demonstrar seu erro e fazer-se perdoar. Enveredou direto para a Marquesa de la Rochefoucauld, de mãos abertas para enlaçá-la; Madame Teixeira viu o gesto e, antes que ele se consumasse com desagradáveis conseqüências, entrou de permeio:

— *Mon cher Ambassadeur! Je vous cherchais! Venez danser avec moi!*

E recebeu a primeira umbigada de Son Excellence. Recebeu-a e, para surpresa sua, sentiu as excelências de Son Excellence a lhe calcar o ventre. Recuou súbito, o que o negro respeitou; mas subiu por dentro das veias de Madame Teixeira

uma pergunta sem resposta, repetida como um latejo: “Por que não?” Yoyo parecia ter ouvido e a agarrou como a uma árvore. Por cima de seus ombros, Madame Teixeira compôs para a Embaixatriz Oliveira um franzir de rosto e um alçar de sobancelhas, como a dizer: “Que posso fazer? É tudo pela pátria!” E, no ouvido do parceiro articulou como uma lição, para ele, no seu mau entender de francês, entender no perfeito francês dela:

— *J' habite 35 Rue de Passy, au troisième étage, gauche. Venez me voir un de ces jours.*

O parceiro agradeceu:

— *Merci, Madame. Ma femme ira elle aussi, elle en sera enchantée.*

Havia um colar de olhos ao redor do pescoço de Rina. Por delicadeza para com Totonho (assim ele o entendeu), não aceitou dançar: preferiu deixar-se cobiçar e passear no salão as pupilas iluminadas de *champagne*. Quatro ou cinco franceses desdobravam à sua volta o tilintar de espadas de palavras com que costumavam chamar a atenção das mulheres sobre si: Rina lhes oferecia um sorriso, uma fatia de sorriso a cada um, como para crianças.

— *Aucun espoir, n'est-ce pas?* — disse um deles.

— *Aucun* — gorjeou ela.

— *Vous êtes amoureuse?*

— *Je suis une licorne blessée ou une mante religieuse. Choisissez.*

Sentou-se no sofá, fez um gesto para que os outros a imitassem. Seus dedos da mão esquerda tombaram e me procuraram. Estendi a cabeça. Acariciou-me de leve, com as pontas das unhas. Um dos homens me olhou:

— *Le chien, c'est le seul heureux ici.*

Eu? Feliz, eu? Por que não trouxeram Brigitte, por que não me levaram para junto dela, ao invés de me condenarem a assistir àquele festival de jogos de amor? Se é possível a alguém ser infeliz em Paris, eu o era. Mais do que ninguém, mais do que a pobre Veva que lá estava, no leito da casa de saúde, sem perceber nada mais deste mundo e no entanto a murmurar: “Eu quero morrer, eu quero morrer...” Como se as suas inconscientes palavras tomassem outro significado, como se *eu* as falasse, *eu* as latisse, *eu* as ganisse para ninguém ouvir... Todos estavam interessados em suas felicidades e as recebiam,

na torrada do caviar, na mão que busca outra, na frase que atinge ao alvo com a delicadeza de uma língua de cão, no ar impregnado de desejo. Eu sentia suas unhas, deixava virem seus dedos até perto das comissuras, fechava os olhos e esperava com as ásperas papilas úmidas à respiração do fôlego curto que sua pele as tocasse. E o que me invadia era o seu perfume, o perfume de Brigitte, perfume de ausência. As vozes, todas, o quebrar dos risos, o bater do atabaque como um coração gigantesco, o estalar das notas do piano de encontro aos cristais, o tecido de cheiros de gente e de comida, de cigarros e de hálito de álcool, tudo só me dizia que eu estava só, irremediavelmente só, arrastado para um círculo do inferno que se chama Etoile e queimado ali como um herói desconhecido. Por que me trouxeram? Por que não fugi ao rosar da maldita onça, deixando-a estraçalhar meu patrão? Estaria hoje vagando pelas estradas ao redor da Samambaia, feliz por falta de imaginação e por ignorância, catando meus prazeres no lixo da cozinha, numa ou outra cadela perdida e sarnenta, e mesmo na mão de Luciana ainda inocente que me tomasse só por um brinquedo, Brinquinho... Para quantas mulheres Totonho disse a mesma frase, na mesa, na cama: "*Il n'y a de l'amour qu'à Paris...*". O pobre Moreira Telles, nas suas notas de literato ambicioso e frustrado, não mostrara outra coisa, o que no íntimo o obrigava a permanecer no meio daquela gente que ele julgava avara, mesquinha e suja; Moreira Telles sabia-o, suas raívas eram um modo disfarçado de amar.

O coronel queria saber se Rina estava contente:

— *Ça vous plaît?*

— *V'oui, v'oui!*

Aqueles olhos... Ele antecipava o deslumbramento de vê-los no momento de se incendiarem diante do colar. Quando eu voltaria a ver os olhos de Brigitte?

Os olhos de Rina... Olhando-os, enquanto ela contemplava os convidados, a agitação da sala, Totonho sentiu nascer-lhe por dentro uma certeza, alguma coisa de puro e egoísta: a certeza de ser feliz. Primeiro, teve desejos de mostrá-lo, quebrando as regras da discrição e partindo para a mulher, para beijá-la em público. O medo do ridículo policiou-o. Talvez, com um pouco mais de *whisky*, de *champagne*... Mas a sensação de felicidade, de extraordinária felicidade — aquela mulher, o dinheiro farto, a família distante, a glória de ser útil e

adulado, o aplauso que receberia quando nascesse a revista, Paris adotando-o como uma de suas personagens, Paris que é uma imensa bandeja com todos os prazeres imagináveis — resumiu-se num fio de pensamento: era o auge de felicidade de um septuagenário... E depois? Valeria a pena pensar no depois? O depois como o depois de Veva? O auge, o auge mesmo seria dentro de mais uns minutos, quando todos se retirassem, menos Rina. Então carregaria aqueles olhos até a cama, para que eles olhassem o corpo a que pertenciam, ela própria desvelando-o com a ajuda dele, dos lábios dele; e naufragaria nele, teria o rosto tão perto daqueles olhos que os veria como um só, turvo de gozo; e teria a pele tão inundada da pele de Rina que comunicaria ao seu ventre, aos seus seios um arrepio generoso e total... E depois? Depois daquele auge? Teria outro mais? Há quem abandone a vida por amor, por ódio, por egoísmo e altruísmo, por ambição de poder, por bravura ou covardia — mas todos os suicídios são a fuga duma desgraça. O de Werther, o de Vigny, os dos condenados de Nuremberg, o do homem em bancarrota, o do homem enganado, o do homem desenganado... Haveria um suicídio por felicidade? Olhando Rina a lhe sorrir de longe, Totonho sorriu da idéia e pensou que seria gentil dizê-la, a ela, quando estivessem sós. Compôs a frase:

— *Tu m'as fait tellement heureux qu'il ne me reste que mourir...*

Pífio, como um plágio de canção francesa. Gostaria de dizer assim, depois do amor, se ela entendesse:

— Não posso ser mais feliz do que acabo de ser. Por isso me mato.

Não um pacto de morte entre amantes: ele só, num êxtase. Teria alguém se suicidado assim? Se conseguisse dizê-lo a Rina, ganharia dela um novo riso, momice além do auge:

— *Je t'aime parce que tu es bête.*

Diria, sim:

— Vou me suicidar para mostrar a você o meu amor; vou me deixar matar, como se uma onça com todas as desgraças nos dentes e nas garras me assaltasse.

Sem salvador, sem mim. Diria a ela. E ela retrucaria:

— *Eh bien, mon ami, j'attends.*

Sorrindo, sorrindo, os cabelos desfeitos no travesseiro, a seu lado. Na gaveta, os soporíferos de Veva.

— *Regarde.*

Totonho deixava-se embalar pela imaginação, reforçou-a com mais um *whisky* que Aristóteles lhe estendeu. E ante a dentadura estupefata do negro, confidenciou-lhe sinceramente:

— Ninguém é mais feliz do que eu, rapaz!

E cerrou os olhos para mergulhar na própria felicidade.

Pouco a pouco os convidados, devidamente alegres e fartos, despediam-se, desciam as escadas, entupiam o elevador, depois de apertarem a mão de Totonho com efusivos parabéns, pela reunião e pela revista. Oscilante, ele agradecia, deixava-se beijar pelas senhoras. Sentia-lhes os cheiros, os suores excitados. Os homens se inclinavam, depois de apagarem o *gauloise* ou o Craven. No fundo do apartamento a Pilar enxotou o bando do Rosell mais o pastoso Aristóteles, que despiu o jaleco branco e vestiu o paletó de embaixador. Telles abraçou o amigo, cumprimentou-o pelo êxito — que a ele próprio se devia, pensou. Não precisava mais proteger a presença de Rina. Totonho não mais acalentou suspeitas; eu tampouco, pois jamais senti o silvestre perfume de Rina misturado ao Tabac Blond de Moreira Telles. Descobri-o, sim, oh, não!, talvez me enganasse o faro de mau rafeiro, breve traço no ar quando... o perfume de carne cor-de-rosa e prado primaveril, que súbito farejei como um inspetor Maigret... Qual, pura dor de corno de cão esquecido.

Totonho apalpou o estojo, respirou fundo o escasso ar em redor, ao redor das narinas famintas e secas, balançou nas pernas, entrou no escritório cujos armários se entupiam de papéis para a revista e de guardados de Veva, objetos comprados e escondidos para irem adornar a Samambaia. Andei a seu lado. Rina vestia a pele da onça com uma graça felina, porque sempre as mulheres envergam o pêlo e a alma de um animal, onça, zibelina, raposa, antílope...

— *Je suis heureux, Rina, je suis heureux. Je voudrais mourir devant toi, pour te montrer...* Para mostrar que não posso ser mais feliz do que agora... *Tu comprends?*

— *Tonton, tu es saoul.*

— Juro, juro...

Ele fez um gesto com a mão, em direção ao bolso, e ela o interpretou como um gesto de amor de ópera, *Ils sont des ténors, ces latins...* Rina deteve o gesto:

— *Tonton, je pars.*

Cansada, talvez. Ele adiaria a confissão de suicídio para outra ocasião, sem álcool.

— *Très bien.*

— *Pardon, tu n'as pas compris. Je pars, pour de bon...*

Teria ele entendido?

— *C'est l'adieu. Il fallait finir...*

Olhou-a quase sem vê-la.

— *Pas trop de mots. Je pars avec cet homme. Viens, Jérôme.*

Só então deu com Bonnefoi, que se levantava da poltrona ao fundo. Ela tuteava-o, estendeu-lhe a mão; o outro, com a rosada palma da mão negra, tomou-a como a de uma criança.

— *Tâche de comprendre. Je t'en prie. Adieu.*

Sua imagem começou a derreter-se. Jérôme não disse uma só palavra. Cruzaram a porta, a mão de Totonho abandonou o estojo no bolso — e pareceu que o objeto de repente batia no seu peito como um soco. Corri atrás deles, latindo. A porta de fora bateu. A opressão que Totonho sentia explodiu:

— Rina!

Correu no mesmo caminho, ouviu-me latir o seu desespero, associar-me-a ele. Olhou-me com ódio de doido. Por que eu o trouxera até Paris, até ela? Por quê? Desferiu-me um pontapé, o primeiro de sua vida, o único. Um ganido. Sentou-se no grande salão, olhou em volta à procura do mundo que ainda havia pouco estava ali. Fora, as luzes da Avenida se misturavam, através dos vidros, ao chispar dos lustros nos espelhos. Abriu a janela, recebeu a golfada fria, viu a silhueta do Arco do Triunfo, pálido fantasma lambido pelos faróis. O ar soprou nos seus olhos lacrimejantes, vindo daquele muro tatuado de nomes e corpos. Gritou em vão, soluçando:

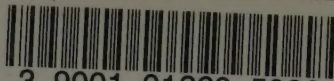
— Rina!

O som diluiu-se entre as folhas dos castanheiros. As pessoas mergulhavam na caverna do *métro*, na lata do *pissoir public*. Os ombros desabaram. Voltou. Ergueu-me do chão, abraçou-me como se me salvasse duma fera imaginária. Enrolou-me no *Figaro* apanhado no porta-jornais. Desceu, nem viu como os Dupont o cumprimentavam depois de tantas gorjetas

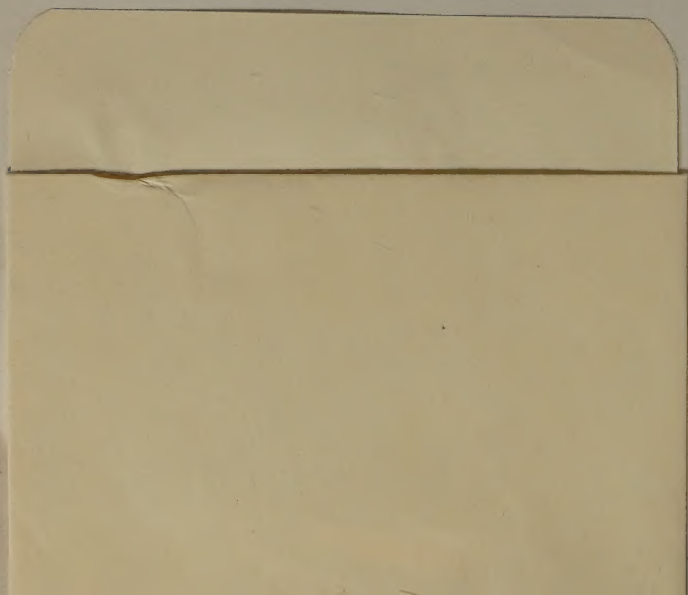
dos convidados. Carregou-me pela Tilsitt, pela Champs-Élysées, sem olhar a via-láctea que o iluminava. Suas idéias fragmentadas inventaram: poderia enterrar-me ou ao menos abandonar-me junto ao túmulo da Du Plessis, a *Dame aux Camélias*, no cemitério de Montmartre, onde passeara com Rina em visita sentimental. Arrastou os pés, buscou o cais. Os lampiões da Ponte Alexandre III constelavam a noite, o Sena, em cuja pele oleosa deslizavam peixes de luz. Fomos. Abraçou-me. Seus lábios espumavam o nome de Rina, as lágrimas corriam-lhe do bigode, pingavam em meus pêlos. Atirar-se ali como qualquer suicida por amor? Da amurada, lançou-me à água. E depois de mim o estojo. Fugiu mais rápido, para não pensar, perdido na luminária, olhando-a dentro dos olhos como uma enorme Légion d'Honneur em cacos. Voltou, rolou, trôpego, em direção às Tuileries, cruzou um vulto negro a assobiar como Jérôme, ouviu o eco de Veva, longe, longe, querendo morrer e sem saber querer. Talvez devesse tomar as mãos de Veva, chorar dentro delas. O vento despetalou os castanheiros, como uma revoada de andorinhas, as de Campinas, no sol da tarde... Bento, olhando-as... O Batalhão Antônio Ramalho desfilava no Arco do Triunfo... Verdade que haviam dito, muito tempo atrás, muito mesmo, que Bento tivera uma secreta e impossível paixão por Genoveva? Noutro bolso do casaco o cabograma de Bento, aceitando o seu convite: chegaria amanhã. Quantos mal-entendidos enovelam o mundo... Por que não sentar-se no chão, na grama, feito criança no jardim da Samambaia? O vento afugentou as andorinhas, elas bailavam... A voz de Rina na Sainte Chapelle: "*Tu pleures, comme Saint-Louis... Regarde...*" Ele se emocionou e pediu: "*Aime-moi, aime-moi...*" Sua voz dizia assim, para o vento; e em volta nuvens de bronze se ergueram; estavam antes deitadas no jardim, reclinadas, impudicas, as nuvens de bronze de Maillol, enormes, nuas, de seios imponderáveis e púbis em oferta, e eram as ninféias dele, Totonho, a farândola desde a primeira negrinha, desde Gilberte, no coro da capela, tropel de fauno caricatural de Mallarmé e Debussy do trópico interpretado por um Lifar-Macunaíma... Jeanne, Mireille... Nunca soube, Mireille morreu num campo de concentração, Rose explodiu num bombardeio de Rouen... Louise, a Pucelle, a Vitória, a Gioconda, a Vênus, a ninfa de Fontainebleau, Ludmilla, Roberte, Rina... todos os seus amores, até Rina, onça que se lançou nos seus

braços e o dilacerou com suas unhas acariciantes... Rina mostrando-lhe Paris do alto de Montmartre: *C'est tout ce que le Bon Dieu a créé de beau après le Paradis...* Rolaram umas outras, festival lúbrico de ondas escuras no mar estrelado, cresceram em tormenta, ventres verdes, mamas azinhavradas, torsos fartos, nádegas, coxas, pernas, dançavam no ar, roçavam-se amavam-se, penetravam-se, abarcaram o Carrousel, o jardim, a Avenida, cirandaram em torno do obelisco, esconderam o Arco. Ele quis dizer que as amava, todas, moveu os lábios, doeu-lhe dentro, o peito. Deu um último ganido, igual ao meu.

Composto e impresso nos
Estab. Gráficos Borsoi S.A.
Indústria e Comércio, à
Rua Francisco Manuel, 55
— ZC-15, Benfica, Estado
do Rio de Janeiro



3 9001 01269 5030



como Henry James quanto aos norte-americanos europeizados em tantas de suas novelas. Realiza um exame ágil, brilhante, bem-humorado, repleto de *trouvailles* e *boutades*, em torno dos ingênuos deslumbramentos — e dolorosas decepções — dos que buscam Paris como centro de vida civilizada e culta.

Guilherme Figueiredo traz para as páginas do seu novo e esplêndido romance, um rico e complexo mundo de paixões e interesses, grandezas e mesquinhas, sonhos e ilusões, desastres, êxitos e conflitos. Mas o faz, sempre, através de contagiante verve, de uma linguagem agilíssima, viva, capaz de captar as mil e uma nuances dos dramas e problemas em que se envolvem os seus inúmeros e bem marcados personagens.

Mas através de sua sátira — ou da caricatura de traços fortes ou airosos, conforme as circunstâncias — ressuma, a todo o momento, o leite da ternura humana, aninham-se a poesia e o perdão pelas fraquezas do semelhante, esplende a compreensão pelos que, vivendo a comédia da vida, nem sempre se apercebem do quanto podem ser trágicos ou ridículos.

Não hesito em afirmar: 14 TILSITT, PARIS é um belo e excepcional romance de nossas letras. Um romance que somente uma literatura já adulta tem condições de produzir.

MÁRIO DA SILVA BRITO

A sedução de Paris, todo o envolvente charme da Cidade Luz,
e os dramas e conflitos que em seu cenário se desenrolam,
pulsam nas páginas deste novo livro de

GUILHERME FIGUEIREDO.

14 TILSITT, PARIS

é um romance satírico, a que não falta porém forte e avassaladora poesia, que analisa criticamente o comportamento de brasileiros na França e dos franceses em relação ao Brasil e aos nossos compatriotas. É um livro esfuziante, cheio de verve e de envolvente ação.

Mais um lançamento de categoria da
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA